

Tóxicas

PRETTY LITTLE LIARS

DE

SARA SHEPARD

Star Books Digital

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Star Books Digital

TÓXICAS

Título original

TOXIC

Copyright © 2014 by Sara Shepard

A presente obra é disponibilizada por Star Books Digital, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Digitalização

Star Books Digital

Para Volvo

Se você nos envenena, não morremos?
E se você agir errado conosco, não devemos nos vingar?
—William Shakespeare

MOVA-SE, ALI

Você já jogou xadrez com alguém realmente bom? Talvez com sua prima em uma tarde chuvosa? Ou com aquele cara bonito no acampamento depois de apagar as luzes? O jogo parece fácil, mas especialistas de xadrez formulam suas dezenas de estratégias de movimentos com antecedência. Dessa forma, eles podem lhe atingir com ataques furtivos, deixando-o pensando, *O que aconteceu?* Você pode se sentir manipulado quando o jogo está acabado. Surpreendido. Como se você fosse o maior idiota do mundo.

Um certo alguém fez isso com quatro belas meninas em Rosewood — várias vezes.

Era uma vez, uma menina cuja mente era como um jogo de xadrez sem fim. Mesmo quando ela parecia derrotada, ela sempre tinha um plano. Todo mundo era seu adversário — especialmente as pessoas que a adoravam mais. Tudo o que ela queria era que as suas peças fossem as únicas no tabuleiro no final do jogo.

E ela não iria parar até que ela ganhasse.

Uma semana após o incêndio em Poconos que quase a matou, Alison DiLaurentis estava sentada com seu namorado, Nicholas Maxwell, no chão de uma casa vazia da cidade em Rosewood, Pensilvânia, uma cidade suburbana da Filadélfia em que ela passou vários anos de sua vida. O quarto estava escuro, e os únicos itens nela era um colchão, cobertores de flanela amarrotados, uma velha TV que alguém tinha abandonado, e a comida que Nick tinha roubado do minimercado *Wawa* mais próximo. O ar cheirava empoeirado e azedo, o que lembrou Ali da Reserva de Addison-Stevens, o hospital psiquiátrico onde ela havia ficado presa por anos. Ainda assim, ele funcionaria por um tempo. Apenas era muito bom estar livre.

— Aumenta — disse ela, apontando para a televisão.

Nick ajustou a tv. Eles estavam roubando energia elétrica e a tv a cabo do transformador principal do complexo — para uma criança rica, Nick era ótimo em roubar coisas. A tela mostrava uma transmissão ao vivo de policiais procurando através de uma pilha de escombros na casa de férias da família de Ali nas montanhas Pocono. Ali sabia muito bem o que eles estavam procurando: *ela*. Ou, mais especificamente, seus ossos.

— Nós ainda estamos procurando — disse o chefe de polícia a um entrevistador. — Não havia nenhuma maneira de a Srta. DiLaurentis sobreviver

àquela explosão.

Ali riu. *Idiotas.*

Nick olhou para ela, preocupado. — Você está bem? — Ele pegou a mão dela. — Podemos assistir outra coisa, se você quiser.

Ali puxou o capuz que Nick tinha roubado sobre sua cabeça, ainda constrangida com as queimaduras evidentes em seu rosto. Elas iriam se curar — Nick tinha arranjado que uma enfermeira viesse uma vez por dia, mas ela nunca seria tão bonita como ela era antes. — Não mude — ela exigiu. — Eu não quero mais surpresas.

Ela já tinha sido surpreendida o bastante. Seu plano infalível de incinerar as velhas amigas da sua irmã, junto com Melissa Hastings e o corpo de Ian Thomas, dentro da casa da montanha da sua família e, em seguida, deslizar para a noite, para nunca mais ser vista novamente, tinha saído pela culatra. Spencer Hastings, Emily Fields, Aria Montgomery e Hanna Marin haviam escapado da casa praticamente ilesas. De alguma forma, os policiais haviam encontrado a carta que Ali tinha deslizado sob sua porta — estava na grama do lado de fora da casa. A carta confessava *tudo* — que ela não era Courtney, sua irmã gêmea, mas sim a *verdadeira* Ali, uma menina falsamente presa em um hospital psiquiátrico. Que ela matou Courtney na noite de sua formatura da sétima série. Que ela matou Ian Thomas e Jenna Cavanaugh. E que ela tinha enganado as meninas para elas confiarem nela, e que ela iria matá-las também.

Por acaso, a repórter na TV, uma idiota de aparência cerosa com um batom fúcsia feio, estava repetindo o que a notícia estava chamando de Os Segredos Obscuros DiLaurentis — toda aquela carta. — Se ela tivesse sobrevivido, a senhorita DiLaurentis estaria indo para a prisão pelo resto da sua vida por todos os crimes que ela cometeu — disse ela gravemente.

Nick mordeu a unha do polegar. — Eu gostaria que a carta não tivesse sido tão definitiva.

Ali revirou os olhos. — Eu lhe disse para escrever tudo isso. Pare de se preocupar. — Nick tinha sido o único a escrever a carta para as meninas, e não Ali. Ela implorou para ele, dizendo que ele era melhor com as palavras *e* poderia imitar a letra dela. Nick sempre foi um otário para a bajulação. A escrita dele era uma peça-chave de um plano que ela esperava que ela nunca tivesse que executar, um plano que ela nem sequer gostava de pensar.

Ela olhou para Nick agora, e ele a olhou com avidez. Mesmo em seu estado

feio — ela também tinha um nariz quebrado e hematomas horríveis, e estava faltando um dente de trás — havia tanto amor e devoção em seus olhos. Ela pensou no dia em que ela o conheceu na Reserva. Não foi muito tempo depois que sua irmã fez a troca fatídica em seu sexto ano, enviando Ali para o novo hospital psiquiátrico em seu lugar. Ali tinha estado em sua primeira sessão de terapia de grupo, sentado em um círculo com aberrações mentais de boa-fé.

— Eu não deveria estar aqui — ela queixou-se ao terapeuta, um idiota chamado Dr. Brock. — Eu sou Alison, não Courtney. Minha irmã me enganou, e agora ela está vivendo a minha vida.

O Dr. Brock olhou para ela com seus olhos tristes e imbecis. — Seus médicos do Radley disseram que tiveram problemas com isso. Mas você é Courtney. E não há problema em ser Courtney. Espero que possamos trabalhar nisso juntos.

Ali havia ficado agitada durante o restante da hora. Após a sessão terminar, alguém tocou a mão dela. — Eu sei que você está dizendo a verdade — disse uma voz suave atrás dela. — Eu estou do seu lado.

Nick Maxwell tinha olhado para ela com fervor. Ali tinha notado ele durante as refeições; ele era alguns anos mais velho, com cabelo ondulado e ombros fortes. Toda garota tinha uma queda por ele. Ali também tinha ouvido falar que ele estava no hospital por causa de um transtorno de personalidade limítrofe. Ela estava tão entediada durante as sessões de terapia individuais que ela tinha lido partes do *Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais* no consultório de seu terapeuta; pessoas com transtorno de personalidade limítrofe eram impulsivas, imprudentes e extremamente inseguras.

Ora, ora, ora. Ali *prosperava* na insegurança. Talvez Nick fosse um cara bom de se ter ao seu lado.

E assim ela o colocou em suas rédeas. Eles planejaram tudo, tomando cuidado para não serem vistos juntos para que ninguém pudesse ligá-los depois que tudo acontecesse. Eles desenvolveram um vínculo tão profundo e poderoso, que Nick comparou com Romeu e Julieta. Ali achava que era fofo ele ter um lado piegas.

Agora ela devia tanto a Nick. Se não fosse por ele, ela não teria sido capaz de derrubar Ian e Jenna. Ela não teria sido capaz de perseguir as antigas melhores amigas da sua irmã, fazendo o papel de A. Se Nick não a tivesse resgatado de Poconos, ela poderia ter morrido naquela explosão ou a polícia teria pego ela. Ali não teria um teto sobre sua cabeça agora. Esta casa da cidade era uma das muitas propriedades que a família de Nick possuía em todo o país, e ela e Nick a tinham

escolhido porque tinha estado desocupada por meses. A maioria das outras casas da cidade estavam em execução hipotecária; outras não tinham sido vendidas ainda. Dias inteiros haviam se passado e eles não viram um único carro passando por ali.

Havia novas imagens na tela da TV. Primeiro era um vídeo que ela tinha visto algumas vezes dos seus pais no Aeroporto Internacional da Filadélfia, fugindo enquanto repórteres perseguiam eles. — Vocês estravam em contato com a sua filha? — gritavam os repórteres. — Vocês tinham alguma noção de que ela era uma assassina? — O pai de Ali se virou e olhou para a lente da câmera com os olhos vagos. — Por favor, deixe-nos em paz — disse ele com uma voz cansada. — Estamos tão horrorizados com esta situação como todo mundo. Agora só queremos um pouco de paz.

Idiotas, Ali pensou. Ela odiava a família dela quase tanto quanto ela odiava as amigas da sua irmã.

Depois, falando no diabo, aquelas vadias apareceram. Era uma conferência de imprensa. Spencer ficou em linha reta e orgulhosa na frente de um microfone. Emily tinha as mãos nos bolsos. Hanna estava de mãos dadas com o namorado, Mike Montgomery. E Aria estava perto de Noel Kahn como se eles estivessem grudados por velcro.

Noel. Ali olhou para ele duramente. Por um longo tempo, Noel tinha compartilhado seu segredo. Mas não mais.

Ela virou-se para Nick, seu ódio flamejando. — Nós temos que pegá-las de novo.

Ele se encolheu. — *Sério?*

Ali baixou os ombros. — Você acha que eu vou deixá-las saírem ilesas disso?

Nick parecia em pânico. — Mas você quase morreu na semana passada. Isso realmente vale a pena? Quero dizer, eu tenho uma conta bancária indetectável. Podemos usá-la para escapar para qualquer lugar que queremos. Você vai se curar, vamos relaxar e, talvez, depois de um tempo, a vingança não importará mais.

— *Sempre* vai importar — Ali disse firmemente, com os olhos em chamas. Ela se aproximou de Nick. — Você disse que faria qualquer coisa por mim — ela rosnou. — Você estava mentindo?

Um olhar assustado passou pelo rosto de Nick. — Tudo bem. O que você quer fazer?

Ali se virou para a conferência de imprensa. Spencer tinha começado a falar. —

Todas nós estamos apenas tentando superar isso e continuar com nossas vidas — disse ela, em voz alta e clara. — Há coisas mais importantes no mundo para a imprensa se concentrar em vez de nós. Nós lamentamos por Courtney DiLaurentis e sua família. Nós até lamentamos por Alison; que ela descanse em paz.

Ali revirou os olhos. — Elas são *tão* idiotas.

— O que vocês vão fazer agora? — um repórter gritou para as meninas.

Emily Fields veio ao microfone ao lado. Ela parecia estar se sentindo mal, como se ela fosse vomitar. — Nós teremos a oportunidade de viajar para a Jamaica nas férias de primavera — disse ela com a voz trêmula. — Eu acho que é uma coisa boa nós sairmos de Rosewood por um tempo.

Nick fungou. — Eu não me importaria de ir para a Jamaica.

Algo estalou nela. — Você pode conseguir passaportes para nós? — perguntou Ali.

As sobrancelhas de Nick fizeram um V. — Provavelmente. *Por quê?*

Ali pegou suas mãos, formando uma ideia em sua mente. — Ninguém vai estar procurando por nós lá. Temos que sair daqui, assim como você quer. *E* temos que pegar essas meninas, assim como eu quero.

— Como? — perguntou Nick com cautela.

— Eu não tenho certeza ainda. Mas eu vou descobrir isso.

Nick parecia incerto. — Você não pode deixar que essas meninas vejam você.

Há policiais em outros países. Eles ainda podem te prender.

— Então eu tenho que encontrar alguém para me representar.

— Quem vai fazer isso?

Os olhos de Ali correram de um lado para o outro enquanto ela ponderava as opções. Uma luz acendeu. — *Tabitha.*

Tabitha Clark era outra paciente na Reserva, uma garota doce, atormentada, muito magra e loira que idolatrava Ali e era um gênio em imitar as vozes e os gestos de Ali. Ela parecia ainda mais como um clone de Ali do que Iris Taylor, que tinha sido colega de quarto de Ali. E ainda melhor, Tabitha tinha queimaduras nos braços de um incêndio. As meninas veriam aquilo, fariam a conexão com Poconos e enlouqueceriam.

— Ela saiu da Reserva — disse Ali, saltando de pé. — Ela vai fazer qualquer

coisa para mim. Entre em contato com ela. Diga que vai ser tudo pago. Faça parecer como se fossem umas pequenas férias divertidas. Você faz isso?

Nick beliscou a ponte de seu nariz. — Ok. — Ele deu-lhe um olhar de advertência. — Mas você tem que prometer que depois da Jamaica, iremos para as Bahamas. Ou talvez Fiji. Nós desapareceremos... *de verdade*.

— É claro. — Ali o puxou para seus braços. — Obrigada. Você é o melhor namorado de todos.

Nick beijou a ponta do seu nariz. Em seguida, ele fez uma careta e fechou a mão em torno de seus pulsos. — Depois da Jamaica, você vai ser a minha prisioneira — disse ele com uma voz profunda, resmungando. — Eu não vou ter que dividir você com ninguém. Com nenhuma família. Nenhum amigo. Você vai ser a minha prisioneira... para sempre.

— Estou à sua mercê — disse Ali em um sotaque falso e estridente. Mas por dentro, ela riu. Como se Nick jamais fosse controlá-la.

Ali estava à mercê de Nick, no entanto — era o seu dinheiro e astúcia sabe-tudo que conseguiria os bilhetes e passaportes falsos para a Jamaica. Mas ela também sabia que Nick iria ficar por ela se a Jamaica não saísse de acordo com o plano. E quando as coisas davam errado e eles tinham que se rearranjar, pensar em novos planos para enquadrar as meninas, e levá-las a segredos ainda maiores do que os que elas já estavam guardando, ele ajudava em cada passo do caminho. Quando ela e Nick tiveram que voltar para Rosewood, em vez de fugir para outras ilhas do Caribe, e plantaram Nick com papéis-chave na vida de cada uma das meninas para orquestrar suas quedas, ele tinha feito isso com tanta boa vontade e dedicação. Ali colocou Nick em atuação após atuação, posicionando-o como um traficante de drogas, um barman, até mesmo arrastando-o para a Islândia e forçando-o a conquistar Aria e roubar uma pintura. E o Nick — doce, sensível, com transtorno de personalidade limítrofe — cumpriu uma e outra vez, de modo tão obediente, tão amoroso. Seu pequeno soldado perfeito.

Nós vamos embora depois que elas estiverem na prisão, Ali convenceu-o. E então, mais tarde: *Nós vamos embora depois que elas morrerem. E se elas não morrerem, bem, nós dois vamos afundar juntos.*

Mas até mesmo isso era uma mentira branca. No fundo, Ali tinha outro jeito de cobrir seus rastros, um plano por precaução que Nick não sabia. Tudo começava com a carta que ele tinha escrito para as meninas por ela, e terminava com o vídeo dele matando Tabitha sozinho. Havia outras coisas, também. As coisas que ela tinha

feito quando Nick não estava olhando, usando um alicate e estremecendo de dor, usando uma caneta com vazamento e sua imaginação. Uma tentativa desesperada, só no caso de ela ser empurrada para seus limites mais desesperados.

A única coisa que importava era que aquelas vadias morressem. Só então ela iria ter terminado.

1

A GRANDE CHANCE DE HANNA

Em uma manhã quente de segunda-feira em meados de junho, Hanna Marin entrou na Poole, uma antiga sorveteria no centro de Rosewood. O interior não havia mudado desde que Hanna tinha estado ali pela última vez — confeites dentro do vidro, piso preto e branco quadriculado, banquetas de ferro forjado e mesas, e um balcão comprido de mármore. Os proprietários ainda ofereciam os mesmos sabores de sorvete, incluindo o Phillies Fundae, um sundae em homenagem ao time de beisebol Philadelphia Phillies. Só de sentir o cheiro celestial de cones de waffle, sorvete de biscoito e creme fez o estômago vazio de Hanna roncar.

Suas velhas amigas Aria Montgomery, Spencer Hastings, Emily Fields estavam em uma cabine debaixo de um grande cartaz de uma menina com estilo dos anos 50 comendo delicadamente uma banana split. Fazia duas semanas que Hanna tinha visto as meninas, mas ela e as outras tinham recebido uma mensagem de Emily perguntando se elas poderiam conversar hoje. Era bastante óbvio sobre o que Emily queria conversar. Hanna não tinha certeza, porém, se ela estava pronta.

— Oi, Han — Spencer deslizou para o lado para dar espaço para ela. As outras também disseram oi.

Hanna jogou a mochila de couro no banco e sentou-se. Por um instante, o silêncio pairou sobre elas. Spencer bebeu um copo do famoso café feito na hora da sorveteria, seu cabelo loiro caindo em seu rosto. Aria pegou uma tigela de sorvete.

Emily abriu uma embalagem do chocolate Charleston Chew.

— Então — Hanna finalmente disse, — quais as novidades?

Todo mundo riu sem jeito. Hanna esperava que nada novo tivesse acontecido com elas. Os últimos meses tinham sido um turbilhão — e um inferno. Em primeiro lugar, uma mandadora de mensagens diabólica que se chamava A havia retornado, atormentando cada uma delas com os seus segredos. Depois de tudo isso, A as tinha acusado do assassinato de Tabitha Clark, uma menina que elas tinham brigado enquanto estavam na Jamaica nas férias de primavera do primeiro ano. A polícia tinha conseguido provas falsas mostrando todas as quatro batendo

em Tabitha até a morte.

Era claro quem estava por trás disso: Alison DiLaurentis, a irmã gêmea da antiga melhor amiga delas. Há duas semanas, as meninas rastrearam Ali até uma casa antiga e abandonada em Rosewood. Mas Ali e seu namorado, Nick Maxwell, tinham prendido as meninas no porão e bombeado um gás nocivo e sufocante. A polícia tinha salvado todo mundo na hora certa, e Nick tinha sido preso.

Mas Ali? Ela fugiu, sem ser vista. Sem deixar vestígios.

Aria olhou para Spencer. — Foram boas as férias de vocês?

Spencer deu de ombros. A família dela havia ido para casa deles em Longboat Key, Flórida, durante duas semanas, e ela tinha acabado de voltar. — Eu ganhei de Amelia no tênis. — Ela olhou para Hanna. — Como foi em Cabo com a sua mãe?

— Não foi tão ruim — Hanna murmurou. Inesperadamente, a mãe dela apareceu do nada depois de Hanna ter sido liberada do hospital e anunciou que as duas estavam indo para o México. — E eu não vou para trabalhar — Ashley Marin tinha até mesmo acrescentado — um enorme choque, pois a mãe dela participava de conferências até no chuveiro. Elas passaram a semana se bronzeando, bebendo margaritas e dando notas aos surfistas gostosos. Tinha sido, na verdade, mais ou menos... *divertido.*

Aria fez um beicinho. — Que inveja de vocês terem ido a algum lugar. Eu fiquei presa aqui esse tempo todo.

Emily levantou um dedo. — Eu fiquei presa também. Pensando em Ali. — Ela baixou os olhos.

Hanna estremeceu com o nome de Ali... mas era inevitável. Elas eram obrigadas a voltar a pensar nisso.

— Eu não consigo parar de pensar nela — Emily admitiu. — Como não havia nenhum traço dela na casa? — Equipes forenses tinham varrido a cena do crime depois de encontrar as garotas e Nick, e apesar de terem encontrado toneladas de fotos de Ali — Nick tinha armado um santuário de Ali — eles não encontraram nenhuma única impressão digital. Os policiais voltaram a pensar que Ali tinha morrido em Poconos.

— Bem, nós sabemos o que vimos — Hanna murmurou; aquela noite ainda a assombrava. Ali tinha parecido... enlouquecida. Ela levantou uma arma na cabeça de Emily. A arma tinha desaparecido... e a próxima coisa que Hanna se lembrava era dela e das outras deitadas em leitos hospitalares. Vivas. O que tinha acontecido

entre isso?

Aria pigarreou. — Alguém soube de Iris?

Todas as meninas balançaram a cabeça. Iris Taylor tinha sido a companheira de quarto de Ali na Reserva, ela tinha recentemente passado algum tempo com Emily, dando-lhe pistas sobre onde Ali tinha estado e no que ela tinha estado envolvida. Depois de ajudar Emily, Iris tinha sido sequestrada por Nick e Ali, e o FBI a tinha encontrado quase morta na mata. Iris estava se recuperando agora em um hospital local.

— E quanto a isso? — Emily disse, empurrando a edição daquele dia do *Philadelphia Sentinel* para o meio da mesa. Nick, usando um macacão laranja de prisioneiro, aparecia na página. MAXWELL AFIRMA QUE TRABALHOU SOZINHO, dizia a manchete.

— Ele está sendo julgado pela morte de Tabitha — Emily parafraseou. — E vejam só: A polícia encontrou um modelo atual de um Acura sedan estacionado no bosque atrás daquele barraco. As impressões digitais de Nick estavam por toda parte.

Os olhos de Spencer se iluminaram. — Havia um chaveiro Acura na casa modelo do meu padrasto depois que ela foi destruída. Isso explica de onde veio o chaveiro, afinal.

Hanna puxou o jornal para perto dela. — O que Nick disse sobre Ali?

— Ele está insistindo que Ali morreu no incêndio em Poconos — Emily disse. — E ele nega que Ali teve alguma coisa a ver com a morte de Tabitha, ou a perseguição a nós, ou de estar lá naquela noite na casa.

— Então ele está levando a culpa por tudo? — Hanna fez uma careta. — Que louco faria isso?

— Bem, ele era um paciente da Reserva — Spencer lembrou. — Talvez ele esteja sob o feitiço de Ali.

Aria revirou os olhos. — Como alguém pode estar sob o feitiço dela?

Um olhar desconfortável atravessou o rosto de Spencer. Ela tirou seu celular e colocou-o no centro da mesa. — Nick não é o único.

Hanna olhou para a tela. OS ALI CATS, dizia um anúncio no topo. UM SITE

DEDICADO AO APOIO DE ALISON DILAURENTIS. ALISON É UMA MULHER FORTE, DETERMINADA, INCOMPREENDIDA, E ESPERAMOS

QUE UM DIA O MUNDO CONHEÇA A VERDADEIRA ALISON. OUÇA-NOS RUGIR, ALI!

Os olhos de Aria se arregalaram. — O que é isso?

— Um fã clube — Spencer explicou com a voz rouca. — Eu vi há uma semana. Eu estava torcendo que acabasse, de qualquer forma.

— "Uma mulher forte, determinada e incompreendida?" — Emily fez uma careta. — E "um dia o mundo vai conhecer a verdadeira Alison"? Será que eles pensam que ela está viva?

Spencer balançou a cabeça. — Parece mais uma coisa em memória dela. Há postagens sobre festas onde todo mundo se veste como Ali — e ouçam isso — eles *reencenam* a cena do incêndio em Poconos. Só que Ali sai viva. Alguns deles escreveram *fan fiction* sobre o que Ali fez em seguida. Eles estão realmente *vendendo* na Amazon.

Hanna estremeceu. — Isso é horrível.

Aria dobrou o guardanapo de papel em triângulos cada vez menores. — Talvez devêssemos entrar em contato com um deles. Talvez eles saibam alguma coisa.

Spencer fungou. — Eu tentei isso. Mas todos eles têm nomes em códigos. E de qualquer maneira, o que você acha que eles nos diriam?

— Essas pessoas podem ser *perigosas* — Emily disse, preocupada. Aria olhou para o jornal novamente. — Eu gostaria que pudéssemos conseguir fazer Nick admitir que está mentindo.

— Como? — Hanna cruzou as mãos. — Não é como se pudéssemos ir à prisão e arrancar isso dele.

— Talvez haja uma forma de enganá-lo e fazê-lo confessar. — Emily sugeriu.

— Ou...

— Ou podemos deixar isso para lá — Spencer interrompeu.

Todo mundo ficou em silêncio. Hanna a olhou de boca aberta. — Você está falando sério? — Spencer tinha estado sempre à frente na cruzada vamos encontrar-Ali. Ela sugeriu que elas conseguissem uma sala privada para tentar descobrir quem o ajudante de Ali era. Ela não queria abandonar a ideia de descobrir onde Ali estava, mesmo depois que as meninas foram presas.

Spencer brincou com a sua pulseira de prata Tiffany. — Isso arruinou quase dois anos das nossas vidas. Eu estou apenas... cansada, sabem? E eu não recebi

nenhuma nova mensagem. Vocês receberam?

Emily murmurou um não; assim como Aria. Hanna relutantemente balançou a cabeça, também. Ela continuou esperando uma nova mensagem em sua caixa de entrada, no entanto. — Isso não significa que devemos desistir — ela disse com a voz fraca. — Ali está *lá fora.*

— Mas o quão útil é Ali sem Nick ao seu lado? — Spencer pressionou. — Ela provavelmente deve estar desesperada.

— Um dos Ali Cats pode ajudá-la — Emily lembrou.

— Eu suponho que seja verdade. — Spencer virou o celular em suas mãos. — Mas eles parecem malucos, não é? — Ela amassou o guardanapo. — É uma droga Ali estar andando livremente. É uma droga que Nick tenha levado toda a culpa, mas ei, se ele quer apodrecer na cadeia, é a escolha dele. Mas precisamos viver nossas vidas. — Ela olhou para Hanna. — Falando nisso. A escola de verão não começa hoje?

Hanna assentiu. Rosewood Day tinha expulsado ela e as outras depois que elas foram acusadas de assassinato, mas agora as meninas foram autorizadas a se formar se elas completassem seus requisitos do curso. O Instituto Fashion de Tecnologia, a faculdade que ela tinha sido aceita, chegou a dizer que iria guardar um lugar para ela no outono, contanto que suas notas finais fossem aceitáveis. As outras meninas tinham recebido ofertas semelhantes — exceto Aria, que havia escolhido ter um ano de descanso. — Eu tenho história daqui a meia hora. — Ela olhou para as outras. — Quando é que vocês começam?

— Eu tenho que repetir química, mas começa amanhã — Emily respondeu.

— Tudo o que eu tenho que fazer é apresentar o meu portfólio de Arte e minhas notas finais — Aria disse. — A maioria das minhas aulas estava acabando antes de sermos expulsas da escola.

— As minhas também — Spencer disse. Em seguida, ela se levantou. — Bem, vamos lá, Han. Você não deve se atrasar.

As outras meninas também se levantaram, dando abraços apertados umas nas outras. Elas saíram para o dia brilhante, prometendo ligar umas para as outras depois. E então, a reunião terminou, e Hanna estava sozinha na rua. Ela não sabia o que pensar sobre tudo o que tinham discutido. Por mais que ela quisesse seguir o conselho de Spencer e apenas deixar Ali para lá, era aterrorizante pensar que Ali estava lá fora... livre. Tramando. Conspirando.

Um grito agudo de um semi-trailer soou ao virar a esquina. Risos ecoaram de um beco. De repente, os braços de Hanna arrepiaram, e ela teve aquela velha e incômoda sensação de que alguém estava observando.

Não há ninguém aqui, ela disse a si mesma com determinação.

Ela protegeu os olhos e caminhou os poucos quarteirões para a Rosewood Day Preparatória, um edifício composto e alastrado de pedra e tijolos que outrora pertenceu a um barão ferroviário. Era incrível como o lugar parecia diferente agora que era verão. A bandeira régia de Rosewood Day azul e branca, com o logotipo de Rosewood Day, estava ausente do mastro. A fonte de mármore em frente ao ginásio estava seca. Os balanços e a cúpula de escalada no campo de jogos do ensino fundamental não estavam cheios de gritos de crianças pequenas, e nenhum dos ônibus escolares amarelos onipresentes cobriam as calçadas.

Hanna abriu a porta principal do ensino médio. Os corredores estavam desertos, e os pisos pareciam que não tinham sido varridos desde que o ano letivo regular acabou. Cada cartaz publicitário de eleições de classes, próximos bailes, ou campanhas de caridade tinha sido removido das paredes, deixando para trás manchas desbotadas de concreto pintado. Nenhuma música clássica entre-classes soava do sistema de alto-falantes. Alguns dos armários estavam abertos e vazios como cavernas escuras e escancaradas. Hanna pressionou uma porta levemente; ela guinchou assustadoramente em suas dobradiças.

Uma sombra se moveu no final do corredor, e Hanna congelou. Em seguida, uma risada profunda espiralou de outra direção. Ela virou-se a tempo de ver uma figura subir fantasmagoricamente as escadas. Seu coração começou a bater forte. *Mantenha-se calma. Você está sendo paranoica.*

Ela foi na ponta dos pés para a ala de história e olhou para sua sala de aula. O ar cheirava a suor, e só as filas de trás estavam ocupadas. Um menino usando um boné sujo do Phillies traçava algo na mesa de madeira com a extremidade pontiaguda de uma chave. Uma menina com dreadlocks estava de bruços, roncando. Um garoto no canto com os olhos vagos estava lendo o que parecia ser a *Playboy*.

Então ela ouviu uma tosse e se virou. Um menino com má postura e um gorro de tricô que ela não reconhecia estava de pé muito perto dela. Havia um sorriso estranho no seu rosto.

— O-Olá? — ela gaguejou, seu coração acelerando novamente. — Posso ajudar?

O menino sorriu preguiçosamente. — Você é Hanna Marin. — Ele apontou para ela. — Eu *conheço* você.

Então ele passou por ela e entrou na sala de aula.

Seu celular começou a tocar, fazendo com que Hanna gritasse e pressionasse seu corpo contra os armários. Mas era apenas Mike Montgomery, seu namorado. — Você está na escola ainda? — ele questionou.

Hanna fez um som de *um-hum*, ainda sentindo seu pulso acelerado nas têmporas. — É um pouco como *A Noite dos Mortos Vivos*, no entanto. Quem são essas crianças? Eu nunca os vi antes.

— Foi do mesmo jeito quando eu tirei a carteira de motorista no verão passado. Eles mantêm as crianças da escola de verão escondidas no armário de utilidades durante o ano. Eu gostaria de poder estar aí e mantê-la segura. Talvez eu devesse pegar o primeiro ônibus de volta.

Hanna riu trêmula. Desde que ela disse a Mike que Ali estava de volta à cena, ele se tornou de fato o seu guarda-costas. No outro dia, antes de ele ir para o acampamento de futebol em New Hampshire, ela gritou que havia uma aranha em sua varanda, e Mike tinha mergulhado nela como um super-herói. Ele também tinha sido vigilante sempre que ela recebia uma mensagem, verificando sua expressão de preocupação ou medo. Ele perguntou a ela um milhão de vezes se ele realmente deveria ir para o acampamento durante o mês inteiro. *Você pode precisar de mim,* tinha sido a desculpa dele.

— Você não vai pegar um ônibus — Hanna exigiu agora, vendo mais algumas pessoas passando. E tudo bem, tudo o que eles estavam usando eram sapatos feios e não eram geralmente crianças com quem ela andava, mas eles não pareciam com zumbis. — Eu posso lidar com alguns esquisitos.

Então ela desligou. Segundos depois, o celular dela apitou novamente. *Boa sorte no seu primeiro dia de aula!* sua mãe escreveu. *Vamos jantar hoje à noite para comemorar!*

Hanna sorriu. Durante anos, ela se apoiou em seu pai, mas isso tinha mudado de uma vez por todas no dia em que ela foi presa pelo assassinato de Tabitha e seu pai disse a ela que se associar com ela era "destruir a sua campanha política". Por incrível que pareça, a mãe dela tinha tomado as rédeas, e ela estava realmente tentando muito estar presente. Ontem à noite, elas tinham até mesmo ido para a Otter, a boutique favorita de Hanna, para comprar um novo look "de volta para a escola de verão" — o minivestido listrado e as botas cinzas até o tornozelo que Hanna estava usando hoje.

Parece legal, ela mandou uma mensagem de volta. Em seguida, ela entrou na sala de aula, seus saltos estalando ruidosamente, seu cabelo ruivo saltando sobre os ombros. O sol entrava pelas longas janelas tão agradavelmente que de repente ela sentiu uma sensação contente de bem-estar. E daí que ela teve que repetir a aula de história com um monte de gente em recuperação? Pelo menos ela iria se formar. A imprensa e a cidade não a odiava mais, ou pensava que ela era uma assassina. E ela ainda tinha suas amigas, um namorado incrível, e agora, pela primeira vez, uma mãe que realmente se importava. Talvez elas devessem deixar essas coisas de Ali para lá e apenas desfrutar de suas vidas.

Os únicos lugares sobrando estavam na fila da frente, então Hanna sentou, arrumou o vestido em torno dela, e esperou que o professor chegasse. Seu telefone tocou novamente. A chamada era de um código de área que ela não reconheceu, o que sempre a deixava tensa.

— Hanna Marin? — soou uma voz, uma vez que Hanna disse um alô hesitante. — Meu nome é Felicia Silver. Eu sou a produtora executiva de *Burn It Down*. É a verdadeira história sobre a sua experiência terrível com Alison DiLaurentis.

Hanna conteve um gemido. Isso soava como um outro *Pretty Little Killer*, o filme feito para a TV que documentava a *primeira* luta de Hanna e as outras com Ali. Deus, esse filme era horrível. Cada parte dele: os cenários, o roteiro, a garota desmazelada que havia sido escalada como Hanna. Por um tempo, tinha sido exibido todas as semanas. Hanna costumava ter que suportar crianças citando cenas no vestiário e no almoço. Será que o mundo realmente precisava de mais um filme sobre a sua vida?

— Eu sei que você está pensando "aquela coisa feita para a TV era uma porcaria". — Felicia estalou uma goma de mascar enquanto falava. — Mas este vai ser diferente. Nos cinemas. Com atores sérios e um ótimo roteiro. *E* nós estamos filmando aqui em Rosewood, por que queremos obter o ambiente certo.

— Hum — disse Hanna, surpresa. Ela não tinha visto nenhum carro de filmagem ou equipamento de cinema.

— De qualquer forma, a razão de eu estar ligando é por causa de você, Hanna — disse Felicia. — Eu vi você nos comerciais com o seu pai. A câmera te ama.

Hanna corou. Antes de seu pai a deserdar, eles filmaram alguns anúncios da campanha juntos, incluindo um anúncio ao serviço público de "Não beba e dirija". Hanna não queria se gabar, mas ela achou que acertou em cheio, também.

— Quero oferecer-lhe um papel no filme — Felicia continuou. — Seria uma

publicidade incrível para nós e uma experiência divertida para você, esperamos. Estávamos pensando em você como Naomi Zeigler, alguém pequeno, mas ainda crucial. Ela tem um grande papel nas cenas do navio de cruzeiro.

Uh, certo, Hanna quase zombou — ela tinha *vivido* aquelas cenas. Mas então ela percebeu o que Felicia tinha oferecido. — Você quer que eu tenha um papel de verdade?

— Isso mesmo. Aqui está a sua chance de mostrar ao mundo que você deixou esse absurdo para trás, e que agora você é uma atriz fabulosa. O que você diz?

A mente de Hanna revirou. Ela queria dizer a Felicia que talvez elas *não tinham* deixado o absurdo para trás... mas Felicia provavelmente acharia que ela estava louca. Ela *deveria* fazer isso? Spencer sempre foi a menina do drama, estrelando em cada peça da escola, memorizando monólogos Ibsen por nenhuma razão, e sempre querendo fazer exercícios de improvisação durante festas do pijama. Mas era tentador. Será que este filme teria uma estreia no tapete vermelho em Hollywood? Será que ela *iria*?

Ainda assim, ela não tinha certeza. — Eu não sei — disse ela lentamente. — Eu vou ter que pensar sobre isso.

— Na verdade, nós temos que saber agora — disse Felicia, de repente soando impaciente. — Vamos, Hanna. Vai ser uma experiência incrível. Hank Ross está dirigindo. E adivinha quem está interpretando você! Hailey Blake!

A boca de Hanna caiu aberta. Hailey Blake era uma estrela jovem, bela, reluzente e superfamosa que tinha sido uma presença na consciência de Hanna durante anos, começando com o seu papel como Quintana em *Abracadabra,* o programa favorito de Hanna da Disney. Depois disso, ela passou a fazer uma série de filmes adolescentes legais. Mais recentemente, ela recebeu um Teen Choice Awards e compartilhou um beijo no palco com seu colega de cena, o cara sexy de *Bitten*, um filme quente de vampiros. E se este filme era bom o suficiente para

Hailey...

— Eu acho que eu posso dar-lhe uma tentativa — ela ouviu-se dizer.

— Fabuloso! — Felicia exclamou. — Eu vou enviar-lhe os detalhes.

Hanna desligou, ainda em transe. Ela ia estar em um filme... *com Hailey Blake.* Um filme *de verdade,* com uma estreia no tapete vermelho. Estreias em tapetes vermelhos também significava festivais de cinema em Sundance e Cannes, não era? E tudo isso significava entrevistas com Ryan Seacrest e todas aquelas pessoas do E!

Talvez ela poderia fazer uma participação especial no *Fashion Police*! Ela *e* Hailey, juntas!

De repente, seu futuro desfraldou à sua frente, brilhante e reluzente. Pela primeira vez, algo realmente positivo poderia sair do pesadelo de A.

2

ARTISTA TORTURADA

Aria Montgomery dirigiu o Subaru ruidoso, bravejador e enferrujado da sua família para uma vaga do estacionamento em Old Hollis, um bairro artístico resplandecente com calçadas irregulares, casas vitorianas prosaica-chiques, e jardins fora de controle (alguns dos quais não crescia nada mais do que plantas de maconha). O sol jorrava através da rua arborizada em listras brilhantes e largas. A bicicleta de uma criança foi deixada em um gramado, e do outro lado da rua estava um estande de limonada abandonado com um cartaz que dizia SÓ INGREDIENTES ORGÂNICOS!

— Oi! — a mãe de Aria, Ella, falou quando Aria entrou pela porta da Galeria Old Hollis, onde ela trabalhava desde que a família se mudou de volta da Islândia, há dois anos. O cabelo escuro de Ella foi puxado em um coque bagunçado, e ela usava uma saia de gaze comprida e uma blusa com nervuras que mostrava seus braços tonificados. Pulseiras balançavam em seu pulso, e enormes brincos turquesa oscilavam de suas orelhas. Ela abraçou Aria apertado, exalando um forte cheiro de óleo de patchouli. Ella na verdade tinha estado abraçando muito recentemente. Ela tinha estado lançando longos olhares significativos também. Aria tinha a sensação de que seu mais recente ataque sobre A realmente tinha deixado sua mãe apreensiva.

— Quer me ajudar a montar essa exposição? — perguntou Ella, apontando para um monte de pinturas contra as paredes ao redor da sala. O artista, um cara velho e de orelhas peludas chamado Franklin Hodgewell, tinha feito exposições na galeria um zilhão de vezes antes, e suas obras das paisagens do leste da Pensilvânia, bandos de gansos e insetos Amish eram grandes e verdadeiras vendas. — Quero dizer, só se você quiser — Ella acrescentou rapidamente. — Se você tiver outra coisa para fazer, tudo bem também.

— Não, eu posso ajudar. — Aria pegou uma pintura de um celeiro e colocou-a em um gancho. — Eu posso ajudar com o coquetel, também, se quiser.

— Se você quiser — disse Ella provisoriamente, dando-lhe um longo olhar.

Desde o ataque de Nick, Aria passou quase cada minuto na galeria. Havia razões legítimas. Uma, ela tinha um emprego aqui, embora suas horas fossem somente parte do expediente. Duas, era bom estar perto da sua mãe forte, estável e reconfortante. E três, ela não tinha nada melhor para fazer.

Ela sabia que sua mãe achava que era estranho. E ela sabia a pergunta que Ella estava morrendo de vontade de fazer: O que a Aria *vai* fazer neste verão... e no próximo ano? Suas amigas tinham se inscrito em faculdades, e se elas completassem seus créditos acadêmicos, elas ainda seriam capazes de se matricular no outono. Aria tinha planejado tirar um ano sabático e viajar pela Europa, mas agora a ideia de ir para um país estrangeiro sozinha parecia assustadora. Talvez tenha sido porque a última vez que ela tinha ido para o exterior, para a Islândia, ela tinha sido envolvida em um escândalo internacional de arte e ela conheceu Nick, o namorado louco de Ali, disfarçado de um vigilante sexy chamado Olaf.

Ela considerou desanimadamente se inscrever para um retiro artista em Oregon, mas o prazo de inscrição foi na semana passada. Em seguida, ela brincou com a ideia de ter aulas de arte na Universidade de Artes na Filadélfia, mas no primeiro dia ela tinha desistido.

Ela se sentiu... presa. E assustada. Parecia que sempre que Aria fechava os olhos, o rosto de Ali brilhava em sua mente. Ela parecia tão assustadora na última vez que ela a viu, como um cadáver oco. A imagem a assombrava tão completamente que, na esperança de expurgá-la de seu cérebro, ela tinha pintado o retrato de Ali em uma enorme tela na parte de trás da galeria. Ela pintou duas versões de Ali, na verdade: uma da Ali mais recente, a menina que ela viu no porão do prédio em ruínas próximo ao escritório do pai de Hanna; a segunda, um retrato da antiga Ali, a garota inatingível, superpopular do início do sexto ano. Aria tinha usado um velho esboço de Ali que ela tinha feito no dia que Ali derrubou o cartaz da Cápsula do Tempo no pátio de Rosewood Day e anunciou que ela ia pegar um pedaço da bandeira da Cápsula do Tempo. Isso foi antes da troca das gêmeas acontecer. Antes de Courtney DiLaurentis se aproximar das quatro meninas e pedir-lhes para serem suas melhores amigas.

Assim que terminou de ajudar Ella, Aria entrou na sala de trás e se atreveu a examinar ambas as pinturas de Ali mais de perto. Normalmente, ela tinha problemas com retratos — ela tinha pintado uma tonelada de Noel Kahn, seu talvez-ex-namorado, e nenhum deles capturou o bastante da sua essência. Mas os retratos de Ali fluíram dos pincéis de Aria, cada traço calmo e preciso. Bastava olhar para as telas que ela quase podia sentir o cheiro podre da respiração de Ali e sentir

um arrepio quando ela examinava seus olhos arregalados e furiosos. Quando Aria se virou e olhou para a Ali da sexta série, o sorriso condescendente da menina a fez se sentir tão pequena e insignificante como no dia que Aria tinha sentado sozinha na parede em Rosewood Day para esboçá-la.

Ela saiu da sala e fechou a porta. Até mesmo gastar muito tempo com os retratos de Ali a assustava.

Ela olhou ao redor da galeria principal procurando algo para fazer, mas não era o seu turno, e os dois assistentes de plantão, Bernie e Sierra, estavam entediados por si só. De repente, uma figura fora da janela chamou sua atenção. Seu coração pulou em sua garganta.

Noel.

— Eu volto em um segundo — ela murmurou para a mãe dela, correndo para fora da porta.

Noel estava na metade do bloco no momento que Aria chegou na calçada. — Ei! — ela gritou. — Noel?

Ele se virou. Os hematomas no seu rosto de quando Ali e Nick o haviam prendido em um galpão de armazenamento atrás de Rosewood Day na noite do baile tinham curado, e seu cabelo escuro tinha crescido um pouco, enrolando abaixo das orelhas. Quando ele viu Aria, porém, sua expressão tornou-se cautelosa.

Ela se encheu de mágoa. Quando eles estavam juntos, Noel sempre ficava tão feliz em vê-la, mesmo que ela o interrompesse no meio da prática de lacrosse. Ele sempre corria em direção a ela com seus braços estendidos. Será que Aria queria que ele fizesse isso agora? Não. Sim. *Não.* Tinha sido ela quem havia dito a Noel que eles não podiam ficar juntos — ele mentiu para ela por anos sobre saber a verdade sobre Ali e até mesmo sobre visitá-la na Reserva. Mas, ultimamente, ela começou a pensar melhor nessa decisão. Todos cometemos erros. Talvez ela pudesse perdoar Noel.

E *Deus*, ela sentia falta dele.

— O-oi — disse Aria nervosamente enquanto ela se aproximava. — Obrigada pela mensagem. — Ela tinha enviado para Noel algumas mensagens ultimamente, apenas dizendo oi, na esperança de abordar uma conversa. Finalmente, Noel tinha escrito de volta um simples *oi*. Talvez fosse um sinal.

Noel enrugou a testa por um momento. — Oh. Certo. Sem problema.

Um silêncio doloroso se seguiu. Aria fingiu estar interessada em um adesivo na

parte de trás de um Honda Civic passando. — O que você está fazendo neste bairro, de qualquer maneira? — ela perguntou por fim. *Diga que você veio me ver,* ela torceu.

Noel arrastou os pés. — Eu estou tendo aulas de Inglês em Hollis para que eu possa pular a exigência do curso no próximo ano. Mais alguns dos nossos colegas estão tendo. Mason, Riley Wolfe...

Aria começou a rir. — Lembra da época que você me dizia que achava que Riley parecia um duende?

Noel pareceu triste. — Hum, eu tenho que ir.

Aria o agarrou. — Espere — ela baliu, odiando o quão desesperada ela soou. — Hum, talvez pudéssemos tomar um café ou algo assim? Ou, há aquela arrecadação de fundos no Country Club, talvez pudéssemos ir juntos? — Um grupo de senhoras da sociedade em Rosewood estavam dando uma festa para beneficiar jovens desfavorecidos e problemáticos de Rosewood, e toda a cidade foi convidada. Era meio irônico, já que a rica e privilegiada Rosewood na verdade não tinha muitos jovens desfavorecidos ou problemáticos. Ali tinha sido quase a única.

Noel se virou. — Estou ocupado nessa noite.

— Ah! — Aria encolheu-se com o quão alegre sua voz saiu. — Bem, talvez um filme em algum momento?

Ele manteve os olhos no chão. — Na verdade, eu acho que eu só preciso de um pouco de espaço agora, Aria. Sinto muito.

Aria piscou. — Claro. Ok. — Um sentimento de dor percorreu seu peito. Ela pensou em quando ela tinha visto Noel no hospital depois de seu ataque. *Eu acredito em você,* ele disse, referindo-se a elas terem visto Ali. *Eu sempre vou acreditar em você.* Ele parecia tão amoroso e preocupado. Mas isso foi há duas semanas. Era como se ele tivesse esquecido o que aconteceu.

— Bem, até mais — foi tudo o que ela conseguiu dizer agora.

— Até mais. — Noel acenou. A poucos passos de distância, ele pegou seu celular e clicou na tela.

Ela contou até dez, mas Noel não se virou. Sua garganta ardia, e ela podia sentir que as lágrimas estavam iminentes. Os sinos que Jim, o dono da galeria, havia comprado em uma viagem para a Índia tilintaram quando ela voltou para dentro.

Ella baixou a tela em suas mãos. — Aria? — sua voz falhou. — Era Noel? Você está bem?

— Eu só... — Aria abaixou a cabeça e passou por ela. A humilhação estava provavelmente clara em seu rosto, mas ela não queria falar sobre isso.

Ela desapareceu na sala dos fundos, fechou a porta e trancou-a, em seguida, deixou as lágrimas caírem. Ela olhou para as pinturas de Ali através de sua visão turva. Isso tudo era culpa dela. Tudo era culpa dela.

Ela agarrou a da Ali da sexta série, enfurecida por sua expressão zombeteira. *Você vai estar sempre na palma da minha mão,* Ali parecia provocar. Com movimentos espasmódicos e apressados, Aria colocou a tela sobre um cavalete e agarrou suas tintas a óleo do peitoril da janela. Ela esguichou um pouco de tinta preta em uma paleta de madeira e fez largas barras de obsidiana com seu pincel mais gordo, cobrindo o cabelo brilhante de Ali, a pele impecável, e aquele sorriso detestável. Ela pintou e pintou até que toda a tela estava preta, exceto por um pequeno triângulo em torno do olho de Ali. Um único olho azul olhou para Aria. Mas até mesmo isso era bastante Ali. Bastante.

Então Aria pintou sobre ele, também.

3

AS COISAS ESCRITAS

Segunda à noite, um manobrista em uma camisa branca e calças vermelhas estendeu a mão quando Spencer Hastings saiu do Range Rover de seu padrasto. — Bem-Vinda ao Four Seasons, senhorita — disse ele em uma voz suave. — Você precisa de ajuda com alguma coisa?

Spencer sorriu. Ela adorava hotéis de luxo. — Eu estou bem — disse ela, virando-se para ver sua mãe; seu padrasto, o Sr. Pennythistle; sua meia-irmã de quinze anos de idade, Amelia; sua irmã mais velha, Melissa; e o namorado de Melissa, Darren Wilden, descerem do carro ao lado. Pareciam um anúncio da Brooks Brothers, os homens em ternos escuros, as senhoras em vestidos de coquetel preto de bom gosto — até mesmo Amelia, que geralmente estava vestida como uma boneca Garota Americana.

A família foi em direção ao grande salão de baile, onde iriam participar de uma festa em homenagem aos Cinquenta Filadelfianos Mais Proeminentes. O Sr. Pennythistle estava na lista porque a sua empresa de construção civil tinha proposto muitos novos desenvolvimentos nos subúrbios. Spencer não era uma fã dos planos de habitação do seu padrasto — voltado para esposas submissas que fazem biscoitos — mas era incrível ver o seu nome em uma grande placa e na revista *Philadelphia*. E depois dos meses infernais que ela teve, uma festa a fantasia com danças e bebidas poderia livrar a sua mente dessas coisas.

— Coquetel? — uma garçonete com uma bandeja de martinis disse ao grupo.

Spencer olhou para a mãe. A Sra. Hastings assentiu. — Somente um.

Spencer sorriu e pegou uma taça da bandeja. Para seu deleite, o Sr. Pennythistle balançou a cabeça antes que Amelia pudesse pedir.

Então Spencer virou-se para Melissa, a ponto de perguntar se ela gostaria de uma bebida, também. Melissa estava carrancuda para algo em seu celular.

— O que foi? — perguntou Spencer, aproximando-se.

O rosto de Melissa enrugou de preocupação. — É um artigo falando sobre como existem inúmeros falsos As em todo o país.

Darren fez uma careta. — Eu lhe disse para parar de ler essas coisas.

Melissa virou para longe, olhando para a tela pequena. — Diz aqui que um grupo de meninas em Ohio recebeu tantas mensagens de A que uma delas matou a garota que estava fazendo isso.

— Uau. — Spencer se inclinou para olhar também. Havia uma barra lateral com os Ali Cats, o fã-clube psicopata de Ali. OS MEMBROS DOS ALI CATS TÊM MANTIDO VIGÍLIAS EM LOCAIS DIFERENTES, REZANDO PARA QUE ALISON DILAURENTIS AINDA ESTEJA VIVA. "A MÍDIA TEM MOSTRADO ESTA HISTÓRIA APENAS DE UMA PERSPECTIVA, ASSIM COMO ELA SEMPRE FAZ", DISSE UMA MULHER QUE PEDIU

PARA PERMANECER ANÔNIMA. "MAS ALISON É UMA PESSOA CORAJOSA E É A ÚNICA VÍTIMA DO ESTIGMA, PRECONCEITO E INTOLERÂNCIA. TENHO VERGONHA DE TODOS AQUELES QUE NÃO CONSEGUEM VER ISSO.

Uma sensação oleosa a encheu. *Uma vítima de preconceito e intolerância? O que aquela mulher estava fumando?*

Era tão frustrante. Spencer tinha dito a suas amigas que ela queria deixar Ali para lá — antes dessa bagunça, ela tinha sido aceita em Princeton, e ela tinha recentemente ouvido falar do comitê de admissões de Princeton que havia uma boa chance de que ela ainda pudesse ser aceita, desde que ela fosse bem em seus exames finais. Mas dizer que vai esquecer Ali era mais fácil do que fazer; Ali não parava de aparecer. E esses Ali Cats — era uma loucura. Como eles poderiam adorar alguém que tinha *assassinado* praticamente metade de Rosewood?

Assim que Spencer tinha descoberto os Ali Cats, ela sentiu uma vontade de retaliar. Abatê-los não parecia ser uma opção — eles tinham o direito de formar qualquer grupo esquisito que eles quisessem. Em vez disso, ela criou um site para outras pessoas que tinham sido vítimas de bullying, um fórum seguro para as crianças compartilharem suas experiências e sentimentos. Até agora, ela tinha tido uma quantidade de visitas decente; ela tinha quase duas mil "curtidas" no link do Facebook do blog. Cada nova resposta comovente de um bullying que ela recebia no Facebook, Twitter ou e-mail apenas reafirmava quão necessário um site como este era. Havia tantas pessoas que tinham sofrido com o bullying, algumas com custos bem mais altos do que Spencer. Talvez colocar essas histórias para fora iria impedir que isso acontecesse, de alguma forma. Ou pelo menos retardaria.

— Eu gostaria que as pessoas encontrassem outra coisa para se obcecar —

disse Melissa com raiva, deslizando seu celular de volta na bolsa.

Spencer assentiu. Ela queria falar com sua irmã sobre Ali ainda estar viva, mas até agora Melissa não parecia aberta para a conversa. Spencer podia entender. Melissa provavelmente estava farta de pensar nisso, também.

Então os olhos de Melissa brilharam. — Oh meu Deus, olha Kim de Wharton! Temos de dizer oi!

Ela apertou a mão de Darren, e eles foram para a multidão. Spencer olhou ao redor do salão mais uma vez. Alguém riu atrás dela, e de repente ela sentiu uma picada estranha na pele de seus braços. Este lugar estava muito lotado, e mal havia seguranças. Parecia um lugar perfeito para Ali se esconder.

Pare de pensar nela, Spencer repreendeu em silêncio, alisando o cabelo e tomando mais um gole do martini. Ela se desviou para o bar. Apenas uma banqueta estava livre, e Spencer sentou nela e pegou um punhado de nozes mistas de uma tigela pequena. Ela olhou para seu reflexo no espelho comprido atrás do bar. Seu cabelo loiro e seus olhos azuis brilhavam, e sua pele estava com uma cor dourada da semana que ela passara na Flórida. Mas estava praticamente sendo desperdiçado aqui — todo mundo tinha mais de quarenta. Além disso, Spencer não queria se meter em outro relacionamento. Todos os caras sempre davam a ela problemas e desgostos.

— Com licença, você é Spencer Hastings?

Spencer se virou e olhou para os olhos de uma jovem mulher em um terno listrado cinza e saltos marrons. — Sim, mas eu esqueci o seu nome — disse ela, imaginando que a mulher era uma das colegas de trabalho do Sr. Pennythistle. Ele tinha um elenco rotativo de empresários ao longo de coquetéis.

— Isso é porque eu não te disse ainda. — A mulher sorriu. — É Alyssa Bloom. — Ela colocou o copo de vinho branco em cima do balcão. — Meu Deus, minha querida. Você já passou por tanta coisa.

— Oh, bem, você sabe. — Spencer sentiu o rosto corar.

— Como você se sente por tudo realmente ter *acabado*? — disse Alyssa Bloom.

— Você deve estar tão emocionada, eu acho.

Spencer mordeu o lábio. *Não acabou,* ela queria dizer.

A Sra. Bloom tomou um pequeno gole do seu vinho. — Eu estou supondo que você já ouviu falar sobre os fãs de Alison? Como é que eles chamam a si mesmos?

— Ali Cats — Spencer gemeu automaticamente.

— E os imitadores de A que estão por todo o país? — A mulher fungou. — É terrível. Não é a lição que as pessoas deviam estar aprendendo.

Spencer assentiu. — Ninguém deveria ter que passar por aquilo que eu passei — ela admitiu. Foi a resposta que ela deu muitas vezes para as crianças que escreveram para o blog dela com as suas histórias.

O olhar nos olhos da mulher indicou que ela queria que Spencer dissesse mais. Mas, de repente, Spencer se sentiu paranoica. Quem era essa Alyssa Bloom? Ultimamente, Spencer tinha recebido uma grande quantidade de ligações de jornalistas insidiosos, com pegadinhas para atraí-la para uma conversa só para levá-la a dizer algo estúpido.

— Desculpa, o que é que você faz? — Spencer soltou.

A Sra. Bloom enfiou a mão no bolso do casaco e entregou-lhe um cartão. Spencer olhou para ele. *Alyssa Bloom,* dizia. *Editora. Editora Harper Collins, Nova York.*

Spencer ficou sem palavras por alguns momentos. — Você trabalha no mercado editorial?

A Sra. Bloom sorriu. — Isso mesmo.

— Isso significa que você publica livros? — Spencer queria se bater por parecer tão idiota. — Eu sinto muito — ela voltou atrás. — É só que eu nunca falei com um editor antes. E, na verdade, eu sempre me vi como uma escritora. — Ela pensou nisso desde que ela surgiu com a ideia de uma série de livros com Courtney anos atrás. Era sobre fadas jogando hóquei que se transformavam em supermodelos, e Spencer e Courtney tinham escrito quase a metade do primeiro romance. Bem, *Spencer* tinha escrito. Courtney havia dirigido da linha secundária.

A Sra. Bloom se inclinou em um quadril. — Bem, se você tiver alguma ideia, eu adoraria ouvi-la. Eu adoraria falar sobre seu blog em algum momento, também.

Os olhos de Spencer se arregalaram. — Você já ouviu falar do meu blog?

A Sra. Bloom assentiu. — Claro. O Bullying é um grande tema, e você começou algo muito interessante. — Então o celular dela tocou, e ela disparou para Spencer um sorriso estreito. — Desculpe. Eu tenho que atender. — Ela apontou para o cartão na mão de Spencer. — Ligue-me algum dia. Prazer em conhecê-la.

Em seguida, a editora girou para longe, o celular dela pressionado em seu ouvido. A mente de Spencer começou a correr. Princeton teria que aceitá-la se ela escrevesse um livro. Até mesmo Melissa não tinha feito isso.

— Posso arranjar-lhe alguma coisa?

O barman estava sorrindo para ela de trás do balcão. Spencer sentiu seu espírito levantar ainda mais alto. De repente, tudo parecia tão brilhante e novo. Possível. *Incrível.*

— Você pode me arranjar outro martini. — Ela deslizou o copo vazio na direção dele. Mas que diabos? Ela tinha acabado de pegar um cartão de uma editora de uma grande editora.

Isso era totalmente um motivo para comemorar.

4

LARANJA É O NOVO ROMÂNTICO

Na terça-feira de manhã, Emily Fields estava sentada em uma mesa alta em uma sala de aula de química em Rosewood Day. Havia uma tabela periódica pendurada na parede, junto com um pôster que descrevia as disposições dos elétrons de várias moléculas básicas. Bicos de Bunsen estavam alinhados em um armário de vidro, e as gavetas ao longo do fundo mantinha frascos, provetas e outros equipamentos de laboratório. A professora, uma mulher de cabelos crespos chamada Sra. Payton a quem Emily nunca tinha visto antes — ela suspeitava que o pessoal regular de Rosewood Day não iria colocar o pé no lugar durante o verão — estava em pé no quadro, girando um anel de prata no dedo ao redor repetidamente. Todos os alunos, exceto Emily, estavam conversando, enviando mensagens de texto, ou vasculhando suas bolsas, e uma menina estava até mesmo sentada no parapeito da janela, com um lanche Chick-fil-A inteiro espalhado no colo.

— Agora, se vocês olharem para o próximo item no plano de estudos — disse a Sra. Payton com uma voz vacilante, ajustando os óculos de aro de metal no nariz, — ele fala sobre o trabalho no laboratório. Vai ser muito importante nesta classe, pelo menos trinta por cento de sua nota, então eu sugiro que vocês levem a sério.

Vários garotos da equipe de remo bufaram. Vera, a parceira de laboratório de Emily, cuja jaqueta militar estava desbotada e rasgada, mas tinha uma pequena etiqueta na parte de trás que dizia DOLCE & GABBANA, olhou para a professora com os olhos endurecidos. Hanna tinha avisado Emily sobre o quão louca a escola de verão era... — Eu não reconheci, tipo, *ninguém* — ela disse de forma dramática.

Emily não achou que foi *tão* ruim assim. Hanna estava certa sobre duas coisas, no entanto. Um, Rosewood Day parecia estranha sem o seu barulho e agitação normal. Emily nunca tinha notado quão rangentes as portas eram, ou que havia tantas longas sombras sinistras em torno dos cantos, ou que muitas das luzes do teto piscavam. E dois, ninguém se preocupava particularmente em passar nessa classe.

Vocês não percebem a sorte que temos por conseguirmos nos formar? Emily queria gritar para seus colegas de classe. Mas talvez você não aprecie esse tipo de coisa até que

isso seja tirado de você.

Em seguida, Vera bateu no braço de Emily. — *Ei*. Como foi quase, tipo, *morrer*?

Emily desviou o olhar. Às vezes, ela se esquecia que seus colegas sabiam tudo sobre ela. — Hum...

— Eu me lembro de Alison — Vera continuou. — Ela me disse que eu parecia um troll. — Ela enrolou e desenrolou os punhos. — Mas ei, pelo menos ela está morta, certo?

Emily não sabia o que dizer. Era sempre um choque que seus colegas se lembrassem de Ali, também — Emily tinha passado tanto tempo obcecada por ela que às vezes parecia como se Ali fosse uma invenção da sua imaginação, desconhecida e irreconhecível para todo mundo. Mas, na verdade, seus colegas tinham conhecido *ambas* as Alis: Courtney, sua velha amiga, e a sociopata Ali verdadeira, que tinha tentado matá-las duas vezes.

E quem ainda estava, definitivamente, viva.

— Então, aqui estão os seus livros — disse a Sra. Payton, entregando uma pilha para a fila da frente e pedindo-lhes para passá-los para trás. — Alguém gostaria de ler a página de introdução para a classe?

Um bando de garotos riu, e a Sra. Payton parecia que ia chorar. *Coitada*, Emily pensou. Será que ela não sabia que a coisa de leitura em voz alta parava no ensino fundamental?

Sentindo uma onda de simpatia, ela levantou a mão. — Eu leio.

Ela virou para a primeira página e começou a ler em voz alta e forte. Rosewood Day tinha lhe dado um presente, permitindo que ela voltasse para aqui, e o mínimo que ela podia fazer era pagar de volta.

Mesmo que isso significasse que todos na classe agora estivessem rindo dela também.

Algumas horas mais tarde, Emily parou na calçada de sua família, desligou o motor do Volvo wagon de seus pais, e abaixou-se sob a porta da garagem, que estava entreaberta, provavelmente necessitando de reparo novamente. A porta da garagem dava para a sala de estar, que cheirava a potpourri. A primeira coisa que Emily viu foi sua mãe sentada no sofá, um cobertor envolto em torno de suas pernas e um projeto de tricô no colo. A TV brilhava azul contra o rosto dela. Era um show no HGTV sobre a construção e customização de uma casinha de cachorro.

A Sra. Fields virou-se e a viu. Emily congelou e considerou fugir correndo. Mas, então, sua mãe sorriu. — Como foi seu primeiro dia de volta? — ela perguntou com a voz fraca.

Emily lentamente relaxou. A aceitação e simpatia da sua mãe ainda era inesperada: Duas semanas atrás, os pais dela não estavam falando com ela. Emily nem mesmo tinha sido autorizada a visitar sua mãe no quarto do hospital quando ela teve um leve ataque cardíaco.

Era louco o quão rápido as coisas podiam mudar.

— Foi tudo bem — disse Emily, sentando no sofá listrado. — Então, hum, você precisa de alguma coisa? — O cardiologista aconselhou a Sra. Fields a relaxar nas próximas semanas. As irmãs de Emily, Carolyn e Beth, estavam aqui, ajudando, mas ambas haviam ido para programas de verão em suas respectivas faculdades ontem.

— Talvez um pouco de ginger ale. — A Sra. Fields soprou-lhe um beijo. — Obrigada, querida.

— Claro — disse Emily, levantando-se e dirigindo-se para a cozinha.

Seu sorriso caiu assim que ela virou as costas. *Déjà vu*, ela pensou. Emily tinha perdido a conta de todas as vezes que a sua família a tinha deserdado e então, depois de uma tragédia, a acolhido de braços abertos. Após o ataque de Nick, quando ela abriu os olhos no hospital e viu toda a sua família ali, ela quase caiu na gargalhada. Eles poderiam realmente passar por isso de novo? Mas seu pai tinha se inclinado e dito com uma voz sincera, — Nós nunca vamos te abandonar, querida. — Seus irmãos a tinham abraçado apertado, todos chorando. E a mãe dela havia dito, — Nós te amamos muito.

Emily estava grata que eles mudassem de ideia de novo, é claro. Mas ela também se sentia cansada. Será que mais alguma coisa iria acontecer para fazê-los abandoná-la mais uma vez? Ela devia se preocupar em se apegar? E Emily não se atrevia a falar que ela acreditava que Ali ainda estava viva — sua família pensaria que ela estava louca.

Era triste não ter mais a sua família como sua fortaleza. Algo grande estava faltando em sua vida, um buraco que ela precisava preencher. Mas ela não sabia o que iria satisfazê-la. Encontrar Ali? Definitivamente. Mas ela tinha a sensação de que não era inteiramente isso.

— Ah, eu esqueci de dizer — a voz da Sra. Fields veio da sala de estar. — Há uma correspondência para você na mesa da cozinha. Quem você conhece da

Penitenciária Ulster?

Emily quase deixou cair o ginger ale que ela tinha retirado da geladeira. Ela caminhou até a mesa, que estava coberta por uma toalha de mesa desenrugada com estampa de galinha. A carta estava debaixo do porta-guardanapos em forma de galinha. Havia um envelope amassado e branco, com o nome de Emily bem no topo. Como esperado, o selo sobre ele dizia PENITENCIÁRIA ULSTER em letras borradas.

Sua mente dispersou em várias direções diferentes. Ela com certeza conhecia alguém na Penitenciária Ulster. Só que, essa pessoa não estava falando com ela... ou *estava*? Emily olhou para a caligrafia no envelope. Poderia ser? Emily tinha um cartão postal no andar de cima do aeroporto internacional de Bermuda com os mesmos *E*s cheio de entrelaçados e *F*s pontudos. *Nós vamos nos encontrar algum dia,* o amor da sua vida, Jordan Richards, havia escrito.

Isso não poderia ser de Jordan. De nenhuma maneira.

A presença de Jordan voou de volta para ela. Seu cabelo longo e escuro e seus olhos verdes comoventes. Seus lábios em forma de arco, a maneira como ela cheirava a tangerina, o vestido de ilhós que ela usava quando Emily a viu pela primeira vez sobre o convés do navio de cruzeiro. Tinha sido tão bom beijá-la e abraçá-la, e tinha sido tão fácil falar com Jordan sobre a sua vida, suas preocupações, seus medos. Mas Jordan tinha um passado duvidoso: Ela estava sendo procurada pelo FBI porque ela roubou carros, barcos e até um avião em sua vida de *bad-girl*. A tinha chamado a polícia para pegar Jordan, mas Jordan escapou do FBI no último momento. Emily manteve contato com Jordan depois, desesperada para manter uma conexão, mas de alguma forma as suas mensagens do Twitter tinham levado a polícia para o esconderijo de Jordan na Flórida. A pior parte foi que Jordan culpou sua prisão pela tolice de Emily. Mas Emily sabia que A — Ali — tinha levado os policiais até essas mensagens do Twitter. Ali estava por trás de tudo.

Emily nunca havia amado alguém como ela amava Jordan, nem mesmo a garota que ela tinha pensado ser Ali. Mas por causa do passado perturbador de Jordan, Emily não tinha compartilhado seu relacionamento com muitas pessoas. Suas amigas sabiam, obviamente, assim como Iris, a antiga colega de quarto de Ali da Reserva. Mas não havia nenhuma maneira de que ela pudesse contar aos seus pais. Eles não iriam entender.

Seus dedos tremiam quando ela abriu o envelope. *É uma piada*, ela disse a si

mesma. Alguém entrou em contato com ela, fingindo ser Jordan. Talvez tenha sido a própria Ali.

Ela desdobrou um pedaço de papel pautado.

Querida Emily,

Estou escrevendo para você da prisão. Levei um tempo para trabalhar com os meus sentimentos, mas eu assisti a sua experiência horrível na TV. O meu advogado me contou sobre isso, também. Eu me sinto horrível pelo que você passou. Eu também entendo por que você estava tão desesperada para fugir e por que você tentou se comunicar, mesmo sabendo que era perigoso. Eu te perdoo pelos tweets, e sei agora que você nunca quis me machucar. Eu adoraria que você viesse me visitar aqui se você quiser. Temos muito o que conversar. Mas eu entendo se você seguiu em frente.

Com muito amor,

Jordan

Emily leu a carta três vezes antes de absorvê-la. Era a letra de Jordan. O tom de Jordan. Tudo de Jordan. O nariz de Emily ficou picante e quente. Ela se atrapalhou com o celular no bolso e discou o número que Jordan tinha escrito na parte inferior da folha de papel da Penitenciária Ulster. Quando uma mulher com uma voz cansada atendeu, Emily falou com uma voz trêmula e silenciosa para que sua mãe não pudesse ouvir. — Eu gostaria de marcar uma visita.

Ela deu o nome de Jordan. Como previsto, Jordan tinha listado Emily como uma das visitas que ela estava disposta a ver. Emily estava tão tomada pela emoção que ela quase não conseguia falar. Era incrível: Dez minutos atrás, ela não tinha sequer cogitado a possibilidade de que Jordan iria estar de volta em sua vida. *Isto* parecia com a satisfação que ela precisava.

Ela desligou, seu sorriso se estendendo de orelha a orelha. Mas quando seu celular tocou novamente, ela se encolheu, alarmada com o timing. UMA NOVA MENSAGEM DE TEXTO, dizia a tela.

O coração de Emily começou a acelerar. Ali estava à espreita do lado de fora da janela, ouvindo? Mas o quintal estava silencioso e imóvel. Nada mudou no milharal; não havia sequer tráfego na estrada.

Ela olhou para o celular. ALERTA DA VERIZON WIRELESS: VOCÊ JÁ USOU 90% DOS SEUS DADOS MÓVEIS DO MÊS.

Emily abaixou seu celular e passou as mãos ao longo do comprimento do rosto. Talvez, apenas talvez, as outras estivessem certas: Ali *não estava* de olho nela.

E talvez Emily devesse tentar viver a sua vida, como elas tinham dito. Ela devia tentar ser livre.

5

UMA ESTRELA NASCE

— Você tem a pele incrível.

Hanna fechou os olhos quando uma maquiadora chamada Trixie passava blush sobre suas bochechas. — Obrigada — ela murmurou.

— E olhos muito bonitos também — acrescentou Trixie, sua respiração cheirando como doce de violeta.

Hanna deu uma risadinha. — Você trabalha por comissão ou algo assim?

— Não. — Houve um som de clique afiado quando Trixie fechou um compacto. — Eu apenas estou dizendo a verdade.

Era quarta-feira, e Hanna estava sentada no mesmo estúdio em West Rosewood onde ela e seu pai tinham filmado o comercial sobre dirigir bêbado. Agora, o local estava movimentado com diferentes conjuntos de interiores, um milhão de luzes, cabos e microfones, e toneladas de escritores, diretores e membros do elenco. Era o terceiro dia da produção de *Burn It Down*, e eles estavam filmando uma cena onde Spencer e Aria recebiam um cartão postal assustador da Nova A sobre a Jamaica. A grande cena de Hanna como Naomi Zeigler estava chegando em breve.

O diretor, um homem corpulento chamado Hank Ross que aparentemente era *o* cara no ramo dos filmes — Hanna não tinha visto o seu mais recente thriller de conspiração, mas ela iria definitivamente dar uma olhada — de pé. — Corta! — ele gritou. — Eu acho que nós conseguimos!

Hanna assistiu em uma tela de vídeo enquanto Amanda, a garota que interpretava Spencer, e Bridget, a menina que interpretava Aria, relaxava. Hanna concordou com o diretor: As meninas tinham acertado em cheio, encarnando perfeitamente as personalidades e os maneirismos de suas melhores amigas e habilmente transmitindo o quão assustador a situação com Ali tinha sido sem recorrer ao ridículo ou ao melodrama. Todas as atrizes neste filme eram incríveis, na verdade. A mulher que interpretava a mãe de Spencer tinha até ganhado um Globo de Ouro.

Então Hank notou Hanna atrás dele e lhe deu um grande sorriso. — Está tudo indo bem?

— Está tudo ótimo. — Hanna sorriu, ajustando sua peruca loira e curta. Ela foi desenhada para parecer exatamente com o corte de fada de Naomi, e ela realmente parecia incrível em Hanna. Essa não era a única coisa incrível. Quando Hanna chegou no set, Hank tinha dado a ela um roteiro de poucas falas, enfiado uma câmera em seu rosto, e pediu-lhe para "ser natural". Se tinha sido um teste, Hanna sabia que ela tinha arrasado quando ela viu o sorriso cheio de dentes de Hank depois que ela disse aquelas suas falas. — Sim, a câmera te ama — ele disse generosamente.

Então tinha sido mostrado a ela o seu trailer — seu *próprio* trailer de filme de estrelas, completo com uma pequena cama para cochilos, uma futilidade com três tipos de lisonjeiras opções de iluminação, e uma geladeira para as duas águas de coco que ela havia trazido depois de ler na *Us Weekly* que Angelina Jolie bebia água de coco também. A assistente de produção a tinha levado para o guarda-roupa, onde um figurinista falador a colocou em um vestido de retalhos fabuloso e botas com tachas. A roupa era legal demais para a verdadeira Naomi, mas Hanna parecia tão bem que ela não iria criticar.

Ela mal tinha tido tempo para memorizar suas falas para a primeira cena — uma cena rápida onde ela e Jared Diaz, um menino reconhecidamente lindo que interpretava Mike, deram um ao outro olhares desconfiados sobre o convés do cruzeiro. Mas ela superou isso, também. Talvez fosse fácil entrar no personagem de Naomi já que ela a conhecia há tanto tempo.

Ou talvez fosse porque ela possuísse um dom natural e sua próxima parada era definitivamente Hollywood.

Hank levantou de sua cadeira e foi falar com as atrizes do outro lado da parede. Hanna pegou sua bolsa de couro com franjas pendurada na parte de trás de uma das cadeiras e tirou o celular dela, ansiosa para enviar algumas atualizações. Primeiro, ela verificou seu Twitter: Duzentas pessoas tinham retuitado sua postagem sobre o quão incrível os banquetes eram. Sua meia-irmã, Kate, repostou o tweet com uma série de pontos de exclamação. A *verdadeira* Naomi Zeigler, que Hanna tinha certeza que tinha visto a notícia de que ela a estava encenando no filme, respondeu com descurtidas em todos as postagens.

Hanna compôs uma nova mensagem para Spencer, Aria e Emily. *Vocês realmente deveriam estar aqui,* ela escreveu. *Vocês poderiam conseguir um papel.*

Spencer respondeu depois de um momento. *Eu não acho que estou pronta para reencenar o meu pior pesadelo,* ela escreveu. *Mas estou feliz que você esteja se divertindo. Quebre uma perna!*

Aria enviou uma mensagem de congratulações também, e Emily disse que de jeito nenhum ela iria ficar na frente de uma câmera — isso lhe daria urticária. *Mas ei, eu te disse que Jordan me escreveu da prisão?* Emily adicionou no final da sua mensagem. *Vou visitá-la em poucos dias!*

Hanna sorriu. Ela estava feliz que Emily tivesse algo incrível acontecendo em sua vida, também. Todas mereciam coisas boas.

Ela escreveu para Mike em seguida. *Nasce uma estrela!*

Ele respondeu de volta. *Há meninas bonitas aí? Tire fotos!*

Hanna riu e olhou em volta. Havia toneladas de garotas bonitas no elenco, nos bastidores e até mesmo no bufê. De repente, ela parou os olhos na única pessoa do elenco que ela ainda não conhecia. Seu cabelo longo e escuro era inconfundível. Era Hailey Blake. *A* Blake Hailey.

Os olhos de Hailey se arregalaram quando ela viu Hanna do outro lado da sala. — Oh meu Deus. Oh, meu Deus — disse ela, empurrando seus estilistas para o lado e correndo até ela. — É você! Hanna Marin!

Hanna tentou responder, mas Hailey agarrou suas mãos e andou adiante. — Eu estava morrendo de vontade de conhecê-la durante todo o dia, mas eu tinha uma *coisa* hoje de manhã que eu não poderia ficar de fora. — Ela revirou os olhos e murmurou as palavras *dormi demais*. — De qualquer forma, é tão impressionante que você está aqui! Você está amando isso? Todos têm sido bons com você? Se alguém não foi, eu vou chutar a bunda dele.

A boca de Hanna caiu. A persona pública de Hailey era a de uma garota doce, mas em pessoa, ela era magra como uma lâmina, o cabelo escuro era cortado em camadas desordenadas, e ela usava um par de botas até as coxas que Hanna nunca poderia usar sem parecer uma vadia. E o que era isso de chute na bunda?

Hailey virou-se para um dos assistentes de Hank, um cara pálido feito vampiro chamado Daniel. — Ei. Hanna tem alguns minutos livres antes da nossa próxima cena?

— Bem, eu ainda estou trabalhando nela. — Trixie correu com seu kit de maquiagem. — Eu precisei pegar uma cor de blush diferente. — Ela levantou um compacto cheio de pó rosa.

Hailey fungou. — Essa nova cor é horrível. Ela já parece fantástica. — Ela uniu os cotovelos com Hanna. — Vamos.

Daniel deu a Hanna um olhar estranho. — Eu teria cuidado, se eu fosse você — ele disse, seus olhos fundos e amplos.

— Oh, *por favor*. — Hailey revirou os olhos e puxou Hanna através do set. — Eu juro que todo mundo que trabalha com Hank tem uma vagina — ela sussurrou em voz alta para Hanna antes de elas estarem fora do alcance da voz. Hanna olhou para trás, desculpando-se com Daniel, esperando que ele não achasse que ela quem tinha dito.

Elas cruzaram o palco, subiram um lance de escadas, e caminharam por um corredor estreito que dava para alguns navios de cruzeiro. Na metade do corredor, Hailey abriu uma porta com seu nome na frente. Dentro havia um quarto com papel de parede cor de rosa peludo, um sofá em forma de lábios franzidos vermelho, uma minigeladeira, uma bicicleta ergométrica SoulCycle, e uma estante cheia de revistas velhas. Hanna olhou para a penteadeira, onde haviam dispostas fotos de três caras diferentes. Cada um era mais bonito do que o outro. Ela tinha certeza de que tinha visto um deles no filme de sucesso mais recente de Jake Gyllenhaal.

Hailey notou seu olhar. — Meus três namorados. Adoráveis, não são?

Hanna franziu o cenho. — Você está namorando todos ao mesmo tempo?

— Ah, sim — disse Hailey. Ela tirou um maço de Parliaments de uma bolsa de veludo em cima da geladeira. Acendendo um, ela caiu sobre o sofá em forma de lábios e exalou fumaça azul. Então ela estendeu o maço para Hanna. — Quer um?

Hanna hesitou, ela não tinha fumado desde que ela era a melhor amiga de Mona Vanderwaal. Ela pegou um, mas não acendeu.

Em seguida, o celular de Hailey tocou o sinistro tema de duas notas de *Jaws*. — Ah, desculpe — disse ela, olhando para a tela. — O que você quer agora, mãe? — ela gritou ao telefone. Ela fez uma pausa, e então suspirou. — Eu disse que eles estavam mentindo sobre isso. Em quem você vai acreditar, em mim ou neles?

Hanna caminhou para a porta, imaginando que Hailey queria privacidade, mas Hailey sinalizou para ela voltar, fazendo um gesto de que ela terminaria em breve. — Você está sendo uma vadia hoje — ela gritou ao telefone. — Seu psiquiatra precisa rever seus remédios.

Então ela desligou e sorriu para Hanna. — Desculpe por isso!

Hanna ficou boquiaberta. — Era realmente a sua mãe?

Hailey deu de ombros. — Ela pega tanto no meu pé, às vezes.

Hanna piscou com força. Se ao menos ela tivesse a coragem de falar com seu pai assim.

Hailey deu outra tragada no cigarro. — Então. Hanna Marin. Eu assisti a todas as suas entrevistas.

Hanna sentiu o rosto ficar vermelho. — Você *assistiu*?

Hailey deu de ombros. — Eu tinha que descobrir quem você é já que eu estou interpretando você. — Ela se inclinou para frente. — Você é a mais equilibrada do grupo. Definitivamente a mais legal. Eu me sinto tão sortuda por encenar você.

Hanna baixou os olhos. Ela certamente não se *sentiu* legal ou equilibrada nos últimos meses, nos últimos dois anos, na verdade. — Eu sou a única quem deve se sentir sortuda. É um sonho você estar me interpretando.

— Você realmente acha isso? — Hailey apertou a mão ao peito. — Você é tão, tão doce!

Hanna estava prestes a dizer que Hailey provavelmente ouvia falarem essas coisas o tempo todo — ela tinha ganhado um zilhão de People Choice Awards, afinal de contas. Mas Hailey pulou do sofá e se aproximou de Hanna, de repente bombeada com mais entusiasmo ainda. — Nós devíamos realmente conhecer uma a outra. Talvez você pudesse me mostrar os arredores de Rosewood? Ou espera, não estamos tão longe de Nova York, não é? — Ela apertou as mãos de Hanna com força. — Eu posso nos levar a qualquer clube em Manhattan. Toneladas de seguranças me devem favores.

— Tudo bem — disse Hanna ofegantemente, tentando imaginar os olhares invejosos nos rostos de todos quando ela entrasse em um clube com *a* Hailey Blake.

— Devíamos levar Jared, também. — Hailey parecia animada. — Ele é gostoso, você não acha? E *tão* legal. Eu poderia perfeitamente juntar vocês dois.

Demorou um momento para Hanna perceber que ela estava falando de Jared Diaz, o menino que interpretava Mike. — Hum, eu já tenho um namorado — disse ela, rindo. — O verdadeiro Mike.

De repente, alguém exalou por trás delas. A porta de Hailey agora estava aberta, e Daniel, o assistente do diretor, estava no camarim. Hanna quase gritou. Havia algo definitivamente assustador em sua pele quase translúcida e lábios finos, e no jeito que ele tinha deslizado silenciosamente até o quarto de Hailey. Hanna se

perguntou como alguém como ele poderia ter conseguido um emprego tão bom.

— Senhoritas? — disse ele, estreitando os olhos para a fumaça girando. — Nós realmente precisamos de vocês lá embaixo para a cena do cruzeiro.

O rosto de Hailey se irritou. — Já? Meu contrato diz *especificamente* o tempo de descanso. Vou ligar para o meu agente para reclamar. — Ela pegou o celular dela, então revirou os olhos e o largou. — Oh, tanto faz. Eu vou deixar vocês se safarem dessa vez.

Ela apagou o cigarro no chão. Daniel foi na frente descendo as escadas, e Hailey apertou a mão de Hanna. — Lembre-se sempre, você é o talento — ela sussurrou. — Não deixe que eles te empurrem ao redor. Eles que devem servir você.

Hanna não pôde deixar de rir.

Hank estava esperando por elas na parte inferior da escada. — Bem na *hora* — disse ele, encarando Hailey. — Marissa quer colocar uma roupa diferente em você. Ela está procurando por você há um tempo.

— Eu disse a Daniel que eu estava no meu camarim — Hailey estalou. — Não é minha culpa que ele não lhe dá mensagens.

Hank ignorou isso, voltando-se para Hanna. — Você estará no meio da multidão, querida — ele disse com uma voz muito suave. Ele apontou para o outro lado da sala para o que parecia ser exatamente o convés do Cruzeiro Eco completo com as grades de bronze, um tiki bar no canto, e tendas de veludo roxo ao longo das paredes. Havia até mesmo uma banda de reggae distraidamente mexendo em seus instrumentos.

Hanna disse adeus a Hailey, que ainda parecia irritada, e se sentou em uma mesa próxima, com Penelope Riggs, a menina que interpretava Riley. As únicas instruções para Hanna desta cena foram para fazer parecer que ela e Riley estavam tendo uma conversa e para atirar olhares fulminantes para Hailey/Hanna de vez em quando. Em momentos, Hailey reapareceu em um vestido de verão praiano que parecia exatamente como algo que Hanna usaria. Ela ficou ao alcance da voz de Hanna, e Hanna podia ouvir Hailey repetindo um monte de exercícios vocais como *muh-muh-muh* baixinho. *Que profissional*, Hanna pensou. Talvez ela devesse fazer exercícios vocais, também.

Hank desapareceu por trás da parede de câmeras. — E, ação! — ele gritou, e o cinegrafista se moveu até Hailey. A banda começou a tocar. Hanna virou-se para Penelope e imitou uma conversa em voz baixa, mas sua atenção estava realmente

em Hailey do outro lado da sala. Ela queria ver como Hailey interpretaria ela nesta cena.

— Você não vai acreditar, Hanna — disse Bridget/Aria enquanto corria até Hailey, com os olhos arregalados e seus maneirismos perfeitamente parecidos com os de Aria. Ela apertou as mãos de Hailey. — Sabe Graham, o meu parceiro da caça ao tesouro? Ele era o namorado de Tabitha.

— Oh meu *Deus* — disse Hailey exageradamente, com a boca aberta. — Você tem que se livrar dele!

Hanna tentou não tremer. Por que Hailey estava usando essa voz estranha de Valley Girl[{1}]? Sua voz não soava assim, não é?

— Eu não consigo me livrar dele — Bridget argumentou. — E se ele suspeitar que algo está acontecendo? Talvez eu deva dizer-lhe a verdade.

— De jeito nenhum — disse Hailey, inclinando um quadril. — Aria, isso é a última coisa que você deve fazer.

Então ela fez movimentos vigorosos de mastigação, como se estivesse realmente mastigando com força um enorme chiclete. Hanna se sentiu enjoada. Ela nem mascava chiclete.

— Corta! — Hank gritou poucos momentos depois, reaparecendo no set. Hanna achou que ele ia dar a Hailey alguns conselhos sobre a encenação de Hanna — ela meio que precisava. Mas em vez disso, Hank caminhou para a banda, falando em voz baixa com o vocalista.

Hailey virou-se e deslizou para a mesa de Hanna, com os olhos brilhando. — Então — ela falou. — Eu não faço você mara-vilhosa?

Ela parecia tão satisfeita consigo mesma. E apesar de Hanna estar meio ofendida por, bem, *tudo* que Hailey tinha acabado de fazer, ela não podia se imaginar dizendo isso.

Então Hanna sorriu. — Você foi ótima — disse ela em voz baixa.

— Ok, todos em seus lugares! — Hank interrompeu, correndo de volta para o seu posto. — Vamos de novo!

As câmaras levantaram mais uma vez. A banda começou a tocar "Three Little Birds" e os festeiros circularam alegremente ao redor. Hanna fingiu falar com Penelope, ao mesmo tempo mantendo seu olho em Hailey enquanto ela fazia a cena *exatamente da mesma maneira*, mastigando chiclete e tudo. Uma sensação horrível brotou na boca do estômago de Hanna. Se Hailey continuasse assim, Hanna seria a

chacota de Rosewood — e do Instituto Fashion de Tecnologia — uma vez que este filme saísse. As pessoas iriam fazer imitações dela mascando chiclete, de Hanna como Valley Girl. E se eles realmente pensassem que ela era assim?

Ela virou a cabeça para olhar ao redor do resto do set, esperando por alguma distração. De repente, um flash de cabelos loiros passou rapidamente na parte de trás da sala. Hanna deu uma segunda olhada. Houve um outro flash loiro. O coração de Hanna começou a bater forte. Havia algo nos movimentos da pessoa que a encheu de nervosismo.

Ela meio que se levantou. A menina que interpretava Riley lançou lhe um olhar estranho. — O que você está fazendo?

— Corta! — Hank gritou novamente. Todo mundo parou a atuação. Hanna pensou que ele iria repreendê-la, mas ele foi até Bridget. Aproveitando a oportunidade, Hanna levantou da cadeira e se empurrou pela multidão. Ela tinha que ver quem era a loira.

Ela teve que passar em torno de um monte de adolescentes, árvores falsas, mesas bistrô, uma grande estátua de um mergulhador e vários grandes vasos de plantas para chegar à parte de trás. Então ela olhou ao redor da multidão de extras. Nenhum deles era Ali. Pontos se formaram na frente dos olhos de Hanna. Ela tinha imaginado?

Mas uma das portas de saída estava se fechando. Hanna correu para ela, quase tropeçando em um cabo de luz. Ela quase colocou a mão na maçaneta quando alguém agarrou seu braço. Ela virou-se, com o coração batendo forte.

Era Jared, o cara que fazia Mike. — Hanna, certo? — Seus olhos se voltaram de um lado para o outro. — Tudo bem?

Hanna olhou para a porta. — Eu-eu preciso ir lá fora por um segundo.

Jared balançou a cabeça. — Não é por essa porta. Um alarme soará. Hank vai pirar.

Hanna olhou para a porta novamente. SAÍDA DE EMERGÊNCIA, lia-se em letras grandes e brilhantes acima dela. — Mas alguém acabou de passar por aqui e nada aconteceu — ela protestou fracamente. Sua cabeça estava subitamente nadando.

Jared deu um tapinha no braço de Hanna e guiou-a para longe da porta. — Respire fundo, ok? Eu trabalhei em um monte de filmes, e os primeiros dias podem ser definitivamente cabeludos. Eu tenho visto pessoas com muito mais experiência

com pânico muito pior do que você.

— Mas eu não estou... — Hanna interrompeu-se. Ela não estava em pânico. Ela estava perfeitamente calma e centrada antes de Ali aparecer no meio da multidão.

Só que, *tinha* sido Ali? Como alguém poderia passar por uma saída de emergência sem disparar o alarme?

Você imaginou isso, ela disse a si mesma quando o falso-Mike a escoltou de volta à cena. Mas ela espiou atrás dela mais uma vez para ter certeza de que Ali não estava lá.

Ela não estava, é claro. Mas Hanna ainda tinha a sensação estranha de que ela estava perto. Observando.

6

E AGORA, INTRODUZINDO A MAIS NOVA PRODÍGIO DE ROSEWOOD

Aria se sentou no arejado escritório do seu pai, indiferentemente separando um pedaço de tira de queijo Monterey Jack. Byron andava ao redor da sala, fazendo a sua reorganização anual das estantes, um ritual em que ele puxava todos os seus tomos da parede e os arranjava de uma maneira nova, o que era compreensível apenas para ele. Seu novo bebê, Lola, balbuciava feliz de um aparelho saltitante com tema de selva no canto, uma versão metálica de "Cabeça, ombro, joelho e pé" tilintava através dos pequenos alto-falantes.

A esposa de Byron, Meredith, zapeava os canais. Finalmente, ela se estabeleceu em uma exposição de celebridades na Bravo, o que era totalmente não-Meredith — Aria sempre tinha pensado que ela seria o tipo de pessoa que odiava canais com realidade. Ela se virou para Aria e abriu um grande sorriso. — Eu ouvi dizer que a sua amiga Hanna vai estar em um filme!

— Uh-huh — Aria murmurou, esperando que Meredith não perguntasse a pergunta óbvia que se seguia — por que *ela* não estava no filme, também. Aria estava feliz que Hanna se sentia confortável o suficiente para atuar no filme — *uma* delas deve começar a esquecer este pesadelo. Mas Aria era uma garota que ficava por trás das cenas — quando ela e suas amigas eram mais jovens, ela costumava dirigir filmes artísticos, geralmente fazendo de Courtney/Ali a estrela. E de qualquer forma, ela tinha tido tempo suficiente na frente de uma câmera com todas aquelas entrevistas torturantes sobre Ali.

Quando o show mudou para os comerciais, Meredith mudou de canal de novo, desta vez parando em um noticiário local. Aria se virou — agora que sua briga contra Ali era notícia velha, os repórteres estavam novamente falando de coisas insignificantes como brigas na prefeitura ou se coloca uma nova loja GAP nesta esquina ou naquela. Mas então Meredith exclamou alegremente. — Oh! Que legal!

— Huh? — Aria se virou. Na tela havia uma faixa onde se lia REUNIÃO PARA OS JOVENS DE ROSEWOOD. Então apareceu uma foto do lado de fora

do Country Club de Rosewood; Aria costumava passar muito tempo lá, porque o pai de Spencer era membro.

Uma mulher com cabelo loiro claro retido em uma faixa preta apareceu na tela. O nome *Sharon Winters* apareceu abaixo de seu rosto. — Nós tivemos um monte de tragédias acontecendo nesta cidade, mas é hora de transformá-las em algo positivo — disse ela. — Na próxima sexta-feira, nós estaremos fazendo uma arrecadação de fundos para todos os jovens desfavorecidos e problemáticos de Rosewood e seus arredores. Minha esperança é que todo mundo apareça e apoie a causa.

Meredith olhou para Aria animadamente. — Você não recebeu um convite para isso?

— Talvez — Aria murmurou, olhando para a tira de queijo nas mãos.

Byron parou para olhar para a tela. — Hmm. Talvez todos nós devêssemos ir.

— Você está brincando? — gritou Aria. O pai dela geralmente odiava grandes festas.

Byron encolheu os ombros. — Eles deveriam fazer uma festa para você depois de tudo que você passou. E você pode levar Noel.

Ele sorriu para ela alegremente. Aria olhou para o chão. — Noel está ocupado nessa noite — ela murmurou, pensando em sua conversa do lado de fora da galeria no outro dia.

Seu celular tocou, e o nome de Hanna apareceu na tela. Aria olhou para a mensagem. *Eu acabei de ver a Ali.*

O sangue de Aria gelou. Ela levantou-se e saiu da sala, discando o número de Hanna.

Hanna atendeu imediatamente. — Do que você está falando? — Aria sussurrou.

— Eu sei que parece loucura — Hanna sussurrou de volta. — Mas ela estava no set — ela estava em uma cena de multidão que eu estava. Eu olhei do outro lado da sala e vi uma cabeça loira... e eu tive uma sensação. Era ela.

Aria afundou no assento da janela na sala de estar. — Mas você não tem certeza.

— Bem, não, mas...

Aria pulou nervosa e começou a andar ao redor. — Vamos tentar pensar sobre isso logicamente. Ali poderia realmente entrar em um set de filmagem? Lá não há

um monte de seguranças?

— É... — Hanna parecia incerta. — Mas ela é uma mestre em invadir e escapar.

— Mas por que ela correria o risco de se misturar com as pessoas que poderiam reconhecê-la? E ela estaria diante das câmeras.

— É verdade — disse Hanna. Ela exalou alto. — Tudo bem. Talvez tenha sido minha imaginação. Quer dizer, tem que ser isso, não é? Ali não seria tão estúpida.

— Ela não seria — Aria assegurou.

Mas quando ela desligou, ela entrou na cozinha e olhou fixamente para fora da janela de vidro colorido em cima da pia. Além da extensão plana de grama havia um declive longo e gradual levando aos bosques densos e escuros. Ali tinha ateado fogo nessas madeiras no ano anterior, quase matando Aria e as outras e dizimando o celeiro da família de Spencer. E se Hanna estivesse certa? E se Ali estava em algum lugar por perto, pronta para atormentá-las novamente?

Ela olhou para o celular, pensando que era o momento perfeito para receber uma mensagem de A. Neste momento, o celular dela tocou. O aparelho caiu de suas mãos para o chão de madeira. Um número 610 piscava na tela.

Demorou um momento para Aria perceber que era a mãe dela da galeria. — Aria? — disse Ella quando Aria respondeu. — Você está sentada?

— Uhum... — disse Aria incertamente, com o coração começando a acelerar mais uma vez assim como quando ela se sentou à mesa do café. Talvez Ella tivesse visto Ali?

— Você não vai acreditar nisso — a voz de Ella precipitou-se, — mas nós recebemos um telefonema de um colecionador muito rico de Nova York hoje. O Sr. John Carruthers.

— Espere, o John Carruthers? — Aria perguntou. Havia um perfil dele na revista *Art Now* — ele tinha comprado recentemente dois Picassos em um leilão porque sua esposa queria um para cada um dos quartos de seus filhos. Ele era o colecionador que cada artista e galerista queria conquistar.

— Sim — Ella gritou. — Seu assistente ligou e me fez descrever as pinturas que temos. Eu quase caí da cadeira. Então ele me pediu para enviar algumas fotos. Ele desligou, mas ele ligou de volta um pouco mais tarde dizendo que o Sr. Carruthers estava interessado em comprar uma. E adivinha? É uma das *suas*. — O-o quê? — Aria disparou de pé. — Você está brincando!

— Não! — Ella gritou. — Querida, você foi descoberta!

Aria balançou a cabeça. — Eu não posso acreditar — ela murmurou.

— Bem, você deve — Ella insistiu. — Você tem sido tão prolífica nas últimas semanas, e seu trabalho é fantástico. Aparentemente, o Sr. Carruthers acha que você é luminosa e um enorme talento para observar. E, querida, isso não é tudo. Sabe por quanto ele comprou a pintura? Cem mil dólares.

A mente de Aria ficou em branco. Ela tentou imaginar aquela quantia em uma conta bancária, mas ela sentia como se sua cabeça fosse explodir.

— Isso é... incrível — ela finalmente conseguiu dizer. Então, ela limpou sua garganta. — Q-que pintura ele comprou? Uma das peças abstratas escuras? Um dos retratos de Noel?

Ella tossiu sem jeito. — Na verdade, não. Foi o retrato de Alison. Aquele grande no canto.

Aria se encolheu. Não era nem mesmo o seu melhor trabalho, com pinceladas rudes, o rosto de Ali tão assustador. Ella tinha enviado uma foto *dele*? E alguém tinha comprado? E se ele comprou só porque era de Ali — e porque ela era uma *Pretty Little Liar*?

Mas, no entanto, talvez ela não devesse criticar algo que foi tão generosamente apreciado. Cem mil dólares eram cem mil dólares. — Bem, isso é ótimo — ela murmurou para a mãe dela, tentando parecer calma.

— Escute, eu tenho que sair da linha — Jim, voltou e ele está na lua — disse Ella, de repente soando apressada. — Eu acho que ele vai me dar uma promoção! — ela acrescentou em um sussurro. — Mas eu vou ligar para você de volta com todos os detalhes do pagamento. Estou tão orgulhosa de você, querida. Isso vai mudar a sua vida.

E então Ella tinha desligado. Aria segurou o telefone em suas mãos, sua mente zumbindo rápido. Então ela se levantou e abriu a porta para a varanda, saiu, e inclinou-se contra o vidro frio, respirando ofegantemente. O ar fresco parecia revigorante.

Ela deixou o que Ella disse afundar-se dentro dela. Sua primeira venda. Uma pintura de *Ali*.

Aria olhou para o celular de novo. Depois de um momento, ela clicou em sua galeria de fotos, em seguida, folheou as fotos que tirara de suas pinturas recentes. Ela parou no retrato de Ali. A menina na tela era pele e osso, com as bochechas

cavadas, o cabelo entorpecido, os olhos arregalados e loucos. Depois, quando Aria a encarou, Ali pareceu... se *mover*. Um canto de seu lábio subiu em um sorriso. Seus olhos se estreitaram um pouco.

Aria deixou cair o celular mais uma vez. Mas que diabos?

O aparelho pousou virado para cima, a foto de Ali ainda na tela. Aria olhou para ela de novo, mas parecia uma instantânea em um celular. Ela pegou o celular, saiu da foto, e clicou no botão EXCLUIR.

Já vai tarde. Graças a Deus Ella estava embalando aquele retrato e o enviando para longe, muito longe. Aria não podia suportar a ideia de aquele rosto assombrá-la por mais tempo.

7

O INTIMIDADO... OU O VALENTÃO?

Spencer estava terminando o jantar com sua mãe, o Sr. Pennythistle e Amelia. Caixas de comida chinesa estavam pousadas ao seu redor, mas, típico da mãe de Spencer, eles estavam comendo na porcelana da bisavó da Sra. Hastings e usando pauzinhos de porcelana de uma loja especializada em Xangai. A mãe de Spencer tinha se vestido para o jantar, também, mudando dos jeans e camisa xadrez que ela tinha usado nos estábulos da família para um vestido cor de creme de linho e brilhantes sapatos de salto baixo pretos Tory Burch.

— Então ser selecionado para a viagem da orquestra é *realmente* um prestígio. — Amelia ajustou a faixa de couraça de tartaruga que segurava seus cachos para trás. Mesmo que fossem férias de verão, ela também estava vestida com uma camisa branca e uma saia plissada cinza que não parecia muito diferente de seu uniforme de St. Agnes. — O diretor da orquestra me disse que eu deveria estar muito orgulhosa — acrescentou ela, olhando em volta com expectativa.

— Isso é ótimo, querida — o Sr. Pennythistle sorriu calorosamente. O mesmo fez a mãe de Spencer.

Mas Spencer resistiu revirando os olhos. Toda vez que Amelia abria a boca, era para se gabar. Ontem no jantar, ela se gabou por um tempo sobre o quão boa *dorminhoca* ela era.

De repente, ela não podia lidar com mais uma coisa arrogante da boca de Amelia. — Posso me retirar? — ela perguntou, colocando os pauzinhos em sua tigela com molho de soja.

— Sim, mas só depois de falar sobre o evento Rosewood Rallies — disse a Sra. Hastings.

Spencer caiu para trás em sua cadeira e franziu o nariz. — Nós vamos mesmo? — Por que ela precisava de um outro evento para lembrá-la de Ali? O objetivo não era superar isso?

A Sra. Hastings assentiu com firmeza. — Você é uma convidada de honra. E na verdade, eu já me ofereci para ajudar. — Ela juntou seus pauzinhos. — Vocês,

meninas, podem levar um acompanhante, se quiserem. Deve ser divertido.

Spencer sentiu o rosto corar. Um acompanhante. Sua mente vasculhou sua longa lista de romances fracassados desde o ano passado. Andrew Campbell havia se afastado dela logo após o incêndio em Poconos, provavelmente porque ele não queria ser associado a alguém cercado por tanto drama. E Chase, outro detetive de Ali que Spencer conheceu online, terminou com Spencer quando sua vida estava em perigo.

Cada menino que ela tinha chegado perto fugiu gritando... e foi tudo culpa de Ali. Spencer queria estar com alguém... mas ela também sentia como se isso nunca pudesse acontecer.

— Eu vou, se isso significa tanto para você — ela disse à mãe, pegando os seus pratos. — Mas eu não vou para me divertir.

Ela levou tudo para a pia de aço inox na cozinha. Quando ela estava enxaguando os pauzinhos, ela sentiu uma presença atrás dela e se virou. Amelia estava perto da geladeira. Spencer se encolheu, antecipando uma observação desagradável.

Mas Amelia avançou quase timidamente. — Hum, eu queria te dizer uma coisa.

Um amigo me indicou o seu novo blog. É um tanto... incrível.

A mente de Spencer congelou. — Você realmente acha isso? — ela desabafou.

— É claro. — Amelia colocou a taça sobre o balcão. — Eu acho que é muito bom você dar a todas aquelas pessoas uma voz. — E então, com um sorriso, ela se virou e voltou para a sala de jantar.

Spencer parou. Ela estava tão atordoada que ela não sabia que ela tinha deixado a torneira aberta até que a água fluiu sobre sua tigela suja.

Huh.

Em seguida, ela subiu as escadas para o quarto e sentou-se em seu computador, trazendo à tona o blog. Era surpreendente, na verdade, que Amelia sequer *soubesse* sobre o blog... mas, no entanto, ele tinha recentemente ganhado muitos seguidores, estava até mesmo aparecendo na primeira página de uma busca no Google por *bullying*.

Ela rolou através de seu e-mail. As histórias de hoje fizeram as suas próprias experiências com Ali serem insignificantes em comparação. Havia histórias de crianças sendo verbal e fisicamente atacadas por gangues inteiras de valentões. Crianças sendo ridicularizadas por sua sexualidade, como Emily tinha sido, ou por

sua raça ou religião. Uma menina contou uma história sobre como sua melhor amiga cometeu suicídio, incapaz de aguentar mais as zombarias de seus colegas de classe. *Eu sinto falta dela todos os dias,* dizia o e-mail. *E eu nem tenho certeza de que as crianças que foram más com ela entenderam o que fizeram.* Spencer pensou em Emily nessa situação, também — como elas a tinham salvado de tirar a vida dela pulando da ponte coberta. Se elas não tivessem chegado a tempo, ela poderia ter ido até o fim.

Ela verificou as estatísticas do site. Para sua surpresa, o blog tinha tido oito mil visitas nas últimas vinte e quatro horas.

No meio do caminho para baixo da lista, ela abriu um e-mail de Greg Messner de Wilmington, Delaware. Não foi Greg quem tinha sido intimidado, dizia o e-mail, mas ele tinha testemunhado outras pessoas que estavam sendo atormentadas e ele tinha ficado lá, sem fazer nada. Eventualmente, sua passividade começou a persegui-lo, disse ele. Ele deveria ter feito o que era certo, mas ele tinha tido muito medo de que o agressor se voltasse contra ele. *Seu site é inspirador*, ele disse, *e eu quero que você saiba que não apenas as crianças que foram vítimas de bullying estão lendo. Todo mundo pode usá-lo como uma ferramenta para entender o que se sente com o assédio moral.*

Spencer se recostou. Era uma perspectiva interessante. Anos atrás, ela e suas amigas tinham ficado de braços cruzados enquanto Ali atormentava crianças, também. Às vezes, Spencer tinha até participado ativamente. Ela lembrou-se de rir dos óculos tortos de Mona ou da onipresente scooter Razor de Chassey Bledsoe. Ela ajudou a escrever missivas zombeteiras na calçada em frente à casa de Mona e, uma vez, ela encheu o seu armário com tampões com as pontas pintadas de vermelho vivo.

Ela começou a escrever uma resposta. *Caro Greg, Obrigada por seu e-mail. Como você, eu era passiva em torno dos valentões, também. Na verdade, houve muitas vezes em que eu me perguntei se o que aconteceu comigo é karma. Todos nós cometemos erros. Estou feliz por o site ajudar as pessoas.*

Ela o enviou. Dentro de meio minuto, Greg respondeu. *Oi, Spencer, Muito obrigado por ter escrito para mim. Não se iluda: Você é incrível. A melhor coisa que você pode fazer é admitir seus erros e tentar ajudar os outros do melhor jeito. Você é realmente uma inspiração.*

Um formigamento correu-lhe pela espinha. Era uma coisa agradável de se dizer. Mas, então, ela apertou a mandíbula. Nada de garotos. Nada de se apaixonar por alguém da internet. De jeito nenhum.

Ela continuou a percorrer a lista de histórias, tomando tempo para ler cada

uma. Em seguida, ela chegou a uma escrita por alguém que se chamava DominickPhilly. *Ele* de novo não.

Você se acha tão incrível, mas você não é, a mensagem dizia. *Você não passa de uma impostora, e muito em breve, as pessoas vão saber quem você é.*

Sua cabeça começou a latejar. DominickPhilly tinha enviado mensagens para ela praticamente desde que ela tinha criado o blog. Ele disse que o site era patético. Que Spencer não sabia do que estava falando. Que ela usou sua história de bullying falso como um trampolim para a fama, e que ela não sabia o que era dor verdadeira. Nesta última mensagem, ele incluiu uma fotografia em miniatura de si mesmo. Spencer clicou sobre ela, inclinando-se perto para olhar para a sua cara quadrada e brava. Se os seus detalhes de perfil eram verdadeiros, ele vivia na cidade da Filadélfia, e ele tinha a idade dela. Por que ele a odiava tanto? Por que ele estava xingando este site? Ele não tinha incluído uma história sobre ser intimidado. Talvez *ele* fosse um valentão.

Potes e panelas soaram na cozinha, seguido pelos sons suaves dos dois Labradoodles da família, Rufus e Beatrice, bebendo água de suas bacias de metal. O sol tinha afundado mais no céu, e as luzes da frente de todo mundo tinha acendido, lançando um brilho dourado e quente ao longo do círculo na entrada. Spencer olhou para fora da janela para o bairro que ela amava e odiava. Seu olhar vagou para o antigo quarto de Ali. Por uma fração de segundo, ela pensou ter visto Ali lá, sorrindo para ela.

Ela piscou forte. Havia alguém na janela. Alguém loiro.

Mas então ela olhou melhor. A janela não estava nem acesa. Os St. Germains, que tinham vivido lá por quase dois anos, estavam de férias em Outer Banks. Claro que Ali não estava lá. *Você deveria esquecê-la,* Spencer pensou.

Bip.

Era o seu computador. Spencer se afastou da janela e moveu o mouse para ativar a tela. Havia um novo e-mail para um site de bullying de alguém chamado BTH087. *Por favor, leia*, dizia a linha de assunto.

Ela abriu o e-mail, grata que não era de DominickPhilly. Uma nova história de bullying foi escrita em fonte rosa, cada frase em uma linha separada, como um poema. Por alguma razão, o autor tinha escrito em negrito uma letra de cada frase. Ainda um pouco assustada, Spencer começou a ler.

Eu quero con**t**ar a minha história.

Toda a minha vida eu tenh**o** sido perseguida, e Meu coração se parte to**d**os os dias.

Por que as pessoas **e**stão atrás de mim.

Eu não sei, p**o**rque

Alguém vai dizer que eu sou uma pessoa **l**egal. Tente me conhecer, é tudo que l**h**e peço.

Você pode fazer iss**o**? Mas não. Você não quer.

M**e** ajude, por favor!

Está ficando de**m**ais para suportar!

Ninguém parece ou**v**ir, no entanto.

Supere isso, todo mund**o** diz.

Ainda que eles sejam os úni**c**os a me atormentar.

S**e**m parar, isso vai continuar.

Até um dia, quando eu já tiver o **s**uficiente.

—Até, então, quando tiver acabado.

Spencer sentiu-se ainda mais desconfortável quando ela chegou ao fim. Algo na mensagem lhe pareceu estranho, talvez até enigmático. Ela olhou para a assinatura na parte inferior do e-mail. Não era de BTH087. Em vez disso, dizia *Maxine Preptwill*.

Seu estômago revirou. Esse era o apelido que Ali e Noel Kahn tinham utilizado para contatar um ao outro quando Ali estava na Reserva.

Não, ela pensou, afastando-se do computador. Era uma coincidência. Talvez alguém soubesse sobre aquele estúpido codinome de Ali e Noel.

Ela olhou para as letras em negrito em cada frase novamente. Era um código? Ela escreveu cada uma em uma folha de papel separada. Elas começaram a formar uma mensagem. To de...

Ela continuou a escrever, em seguida, sentou-se para olhar para toda a frase. Ela colocou a mão sobre sua boca para reprimir um grito.

Tô de olho em vocês. —A

8

SEM FÔLEGO

Na sexta-feira, Emily estava sentada na sala de aula de química, abanando-se com um caderno. Rosewood Day deve ter esquecido de ligar o ar-condicionado, porque a sala parecia quente e fechada e cheirava a pés. Várias crianças já tinham saído, reclamando do calor. Outros estavam dormindo em suas mesas. Moscas zumbiam ruidosamente em torno da cabeça da Sra. Payton.

Um longo mergulho seria maravilhoso. Emily necessitava continuar com a natação de qualquer forma, no caso da UCN a querer para a equipe no próximo ano. Mas seus pais não pertenciam a um clube de verão. No ano passado, ela havia nadado em uma equipe de verão na ACM, mas ela era a quilômetros daqui. Se ela pudesse usar a piscina de Rosewood Day. Era no fim do corredor.

Cara Jordan, estou muito feliz de estar na escola de verão, não me interprete mal. Mas esta sala só cheira a suor. E eu juro que alguém tem o pior gás de todos. Socorro!

Ela estava escrevendo cartas para Jordan em sua cabeça desde que ela soube dela na terça-feira. Não que ela não pudesse escrevê-las, mas saber que havia alguém lá fora que ela pudesse conversar, alguém que pudesse ouvir cada coisa estúpida que ela tinha a dizer, levantava seu ânimo. *Mais alguns dias até eu vê-la em Nova York,* ela pensou, sorrindo para si mesma.

Quando a Sra. Payton languidamente desenhou diagramas de íons no quadro, o celular de Emily tocou no bolso. Ela puxou-o para fora e olhou para a tela.

Precisamos conversar, Spencer mandou uma mensagem. *Eu acho que Ali me enviou uma mensagem através do meu site de bullying na noite passada.*

Emily olhou em volta, como se Ali estivesse na porta, olhando para ela. Hanna ver Ali no meio da multidão em um set de filmagem era uma coisa — elas decidiram que Hanna estava confusa e sobrecarregada. Mas Spencer não era de alarmes falsos. Emily mandou uma mensagem de volta para Spencer pedindo mais detalhes. Spencer explicou o que tinha acontecido. *Tentei rastrear o endereço do IP para ver quem mandou o e-mail, mas os detalhes estavam escondidos. Eu procurei no e-mail de onde foi enviado, mas era um nome falso.* Uma quarta mensagem dizia que o nome falso estava

tão protegido que ela não poderia obter todos os detalhes lá, também.

Então, alguém está realmente tentando esconder a sua identidade, Emily digitou de volta, cada vez mais nervosa. Ali e Nick tinham configurado no passado todas as suas mensagens de A para redirecionar de volta para os seus próprios celulares, fazendo com que parecesse que *elas* mandaram para si mesmas. Talvez Ali estivesse fazendo isso de novo.

Devíamos levar a mensagem para alguém que sabe mais sobre computadores, Emily digitou, os dedos voando. *Precisamos derrotar essa vadia.*

Ela esperou que Spencer respondesse, mas a amiga não abordou o comentário de Emily, dizendo que ela tinha que ir.

Emily deslizou o celular de volta no bolso, sentindo-se impaciente. Talvez Ali estivesse planejando algo. Mas o quê? Haveria alguém que elas poderiam relatar isso? Será que alguém as ajudaria?

Cara Jordan, eu acho que Ali está de volta. E eu não sei o que fazer ou como encontrá-la.

Ela puxou o celular do bolso e digitou *Ali Cats* no Google. Vários sites de fãs apareceram, e ela leu as novas postagens. Uma menina cujo apelido era TabbyCatLover tinha listado detalhes íntimos sobre Ali, como a cor dos olhos dela, seu peso estimado, suas marcas de roupa favoritas, filmes que ela costumava gostar. Em outra postagem havia escrito um roteiro de como a vida de Ali devia ter sido no interior da Reserva, até os tipos de medicamentos que Ali havia tomado. *Ela é mais forte do que todos nós juntos,* a autora escreveu no final.

Emily não conseguia ler mais nada — até porque nenhuma das postagens dava dicas sobre Ali estar viva ou onde ela estava. Como as pessoas poderiam *apoiar* essa maníaca?

O resto da aula passou em um borrão suado, e logo a Sra. Payton os dispensou. Emily entrou no corredor úmido, em seguida, olhou para a esquerda em direção ao natatório. A porta parecia destrancada. Ela poderia dar umas braçadas?

Um minuto e meio depois, ela estava em seu carro, pegando a sacola de coisas de natação que ela sempre mantinha no banco traseiro. Ela caminhou de volta para a escola, cortando pelo vestiário das meninas e olhou para o natatório. Água azul agitava contra seus lados. Cada raia estava vazia, e a água parecia vítrea, suave e *fria*. Todas as luzes do natatório ainda estavam acesas, e até mesmo o relógio digital no muro estava funcionando.

Ela testou a maçaneta da porta. Ela girou facilmente.

Ela deixou a sacola cair em um banco no vestiário e começou a se trocar para o seu maiô. Durante o ano letivo, as paredes do vestiário estavam cheias de cartazes motivacionais, recortes de jornais e fotos da equipe, mas agora tudo tinha sido arrancado. O único cartaz sobrando era um do Rosewood Ralis, um evento de caridade na próxima semana. Os pais de Emily tinham recebido convites; sua mãe achava que era particularmente importante eles irem, porque ela achava que fazendo o bem à comunidade ajudaria toda a sua família a se curar. Se fosse assim tão fácil.

Emily puxou as alças do maiô sobre os ombros. Uma torneira pingava na pia, o barulho ecoando através do espaço vazio. Um movimento repentino tremeluziu do outro lado da sala, mas quando Emily virou-se, tudo o que ela viu foi o seu reflexo no longo espelho na parede.

Cara Jordan, eu me tornei uma bebezona. Tenho medo do meu reflexo.

Emily pendurou a toalha sobre o braço, calçou os chinelos, e entrou na área da piscina. O rádio que a equipe ouvia durante a prática estava no seu lugar habitual nas arquibancadas, o que a relaxou um pouco. Ela ligou na estação regular de rock que sua antiga treinadora, Lauren, costumava colocar, e uma música do Red Hot Chili Peppers soou pelo lugar. Isso fez tudo parecer um pouco mais normal.

Em seguida, ela enfiou um dedo do pé na água. Assim como ela esperava, ela estava fria e refrescante. Ela puxou a touca sobre a cabeça, fixou os óculos suecos nos olhos e mergulhou. *Ahhh.*

Cara Jordan, ela pensou enquanto ela nadava suavemente*, eu amo tanto nadar. E eu sei que eu deveria estar animada que a UCN pode me manter na equipe no próximo ano, mas eu não sei o que eu quero mais. Eu me sinto como uma idiota até mesmo por dizer isso, no entanto. É a minha chance de ir embora. E eu estou morrendo de vontade de ir embora.*

Ela nadou uns cem metros, depois duzentos, lançando-se de forma compacta para a parede e empurrando-se de uma forma simplificada. Emily de repente se lembrou de Jordan correndo suas mãos finas e delicadas sobre seus ombros fortes durante aqueles dias felizes a bordo do navio de cruzeiro. — Você é como uma sereia sexy — Jordan tinha sussurrado em seu ouvido, seu hálito quente no pescoço de Emily.

Qual seria a sensação de ver Jordan de novo? Onde é que as coisas iriam dar? Será que ela realmente queria namorar com alguém na prisão?

Um forte trovão soou acima. Emily parou e olhou através das claraboias. O céu estava muito escuro. A chuva começou a apedrejar o vidro. Ela deslizou sobre a água, perguntando-se se ela deveria sair. Ela ouviu mais um trovão, mas ela não

conseguia ouvir nada sobre a chuva.

Ela colocou a cabeça para baixo e decidiu nadar um pouco mais, mas depois de algumas voltas, o lugar tinha escurecido ainda mais. Os pontos brilhantes de luz do sol tinham desaparecido. E então, de repente, houve um estalo... as luzes do teto se apagaram e depois tudo escureceu.

Emily tocou a parede e olhou em volta. O relógio digital tinha desligado, assim como o rádio. Estava tão escuro no deque da piscina que ela mal podia ver as arquibancadas a poucos metros de distância.

Ela quase não viu a figura de pé em cima dela.

Então Emily se sacudiu e engasgou. Era uma menina. Ela estava vestindo um moletom com capuz escuro com zíper, jeans escuro e tênis que estavam se molhando da água batendo na borda da piscina. Ela estava bem acima de Emily, inclinando-se com as mãos sobre as coxas. Apenas olhando.

Antes que Emily pudesse dizer uma palavra, relâmpagos atravessaram o céu, iluminando o rosto da menina. Sua boca estava aberta, revelando alguns dentes faltando. Seus olhos estavam arregalados e enlouquecidos. Ela inclinou-se mais para dentro da raia, suas feições muito perto. Emily sentiu um traço leve de sabonete de baunilha em sua pele.

Um grito congelou em sua garganta. *Ali.*

— Oh meu Deus — gritou Emily, nadando para trás. Mas Ali estendeu a mão e agarrou-a antes que ela pudesse chegar longe, puxando Emily de costas para a parede com uma força surpreendente.

— Olá, Emily — disse Ali, com uma voz estranha, escarpada, parando para gargalhar. — Você realmente acha que eu iria embora para sempre? — Seu sorriso esticou mais amplamente. — Eu não tenho visitado as suas amigas, mas eu *tinha* que te ver. Você é a minha favorita!

Emily tentou esquivar-se do aperto de Ali, mas Ali estava segurando-a com força pelos ombros. — Por favor — disse Emily em um pouco mais que um sussurro.

— Por favor, me solte.

Ali franziu os lábios. — Primeiro me diga que você me ama.

— O quê? — Emily gaguejou.

— Diga que você ainda me ama! — Ali exigiu.

— N-não! — Emily gritou, espantada. Não havia nenhuma maneira de ela poder mentir sobre isso.

Os olhos de Ali se arregalaram. Um olhar perigoso atravessou seu rosto. — Ok, então. Você pediu por isso.

E então ela empurrou Emily abaixo.

Água correu para os pulmões de Emily. Ela chutou forte, tateando para a superfície, mas Ali não deixou, pressionando as unhas na têmpora de Emily e do lado esquerdo do seu pescoço. Era um plano perfeito, Emily percebeu. Ninguém estava aqui. O lugar era tão grande que ninguém poderia ouvi-la gritar. Muito mais tarde, talvez até amanhã, um zelador iria encontrar Emily na piscina, morta, e acharia que ela se afogou.

Ela lutou e chutou, arranhando as mãos de Ali e usando os pés para empurrar a parede. Mas Ali continuou segurando-a abaixo. A garganta de Emily fechou, e seus pulmões começaram a queimar. — Por favor — ela gritou sob a água, a palavra explodindo para fora dela como um grito de lamento.

Ela podia ouvir Ali rindo na superfície. As unhas de Ali cavaram ainda mais fundo na cabeça de Emily, pressionando-a para o fundo da piscina. Pontos começaram a se formar na frente dos olhos de Emily. Ela abriu a boca novamente, deixando entrar mais água. Mais um grito escapou de sua boca, seu cérebro carente de oxigênio dificilmente registrando o som.

Mas de repente ela sentiu a liberação do aperto de Ali. A figura borrada sobre ela recuou, ficando cada vez menor acima dela.

Emily atirou-se para o alto, sem fôlego. Ela agarrou os lados da parede e cuspiu água. Com sua cabeça ainda latejando, ela empurrou-se para o deque e olhou ao redor. A porta para o vestiário das meninas se fechou. Emily correu para ele, seus membros pesados, seus pulmões apertados.

Ela entrou no vestiário. — Ali — ela gritou, tateando as pias e os chuveiros e deslizando no chão de azulejos. A forma com o capuz negro correu para a porta para o corredor.

Ali. Emily moveu-se para frente, agarrando-a pela manga. Ali chutou e resistiu, com as mãos estendidas para a maçaneta. Finalmente, ela se virou e olhou para Emily, seus traços torcidos, furiosos e insuportavelmente feios. Ela abriu a boca e afundou seus dentes no braço de Emily.

Emily soltou um grito e soltou sua manga. Com uma risada, Ali a soltou. Emily

chegou a agarrá-la de novo, mas, de repente, tudo o que ela estava segurando era o moletom com capuz de Ali, com o zíper desfeito e ambos os lados livres.

Emily se lançou para a porta, mas Ali tinha batido ela com tanta força que ela se abriu para dentro, batendo na cabeça de Emily. Emily cambaleou para trás, vendo estrelas. Levou alguns segundos para ela se recuperar. Então ela correu para o corredor.

Não havia ninguém lá. Nem som de passos, nem ninguém. Não havia pegadas molhadas em nenhuma direção, tampouco.

Emily olhou para a direita e para a esquerda, sentindo-se como se estivesse ficando louca. Ali havia desaparecido no ar.

A água pingava das pontas dos seus dedos, fazendo poças no chão. Ela passou as mãos ao longo do comprimento do rosto, de repente percebendo que ela ainda estava em seu traje de banho e com a touca de natação. Então ela percebeu que ela estava congelando. Ela inspecionou os lados do pescoço, estremecendo com os pontos sensíveis onde Ali tinha apertado. Ela deu um passo para a esquerda, depois para a direita, e depois deixou-se cair no chão, terrivelmente tonta.

Ali havia escapado. *De novo.* Mas ela deixou uma mensagem, tudo bem. Em alto e bom som. E da próxima vez, Emily não tinha certeza se Ali iria deixá-la viva.

9

ELA ESTÁ DE VOLTAAA...

Hanna estava no meio de um palco vazio, estudando suas falas de Naomi, que um assistente de produção tinha impresso e destacado para ela mais cedo naquele dia. Hank, o diretor de *Burn It Down*, tinha dispensado o elenco e a equipe durante o dia porque filmar durante uma tempestade era perigoso, mas Hanna tinha decidido ficar para trás por um tempo para praticar. Ela queria ser perfeita em sua próxima grande cena. Mesmo que Hank tivesse dito que ela estava fazendo um ótimo trabalho, ela ainda se sentia meio que uma farsante. Ela estava atuando com pessoas que tinham tanta experiência... e ela só teve fama fazendo um comercial e sendo atormentada por Ali. — E é *por isso* que nós não somos mais amigas, Hanna Marin — ela disse na sala imóvel e silenciosa, entre as câmeras ociosas, equipamentos e luzes. Ela olhou para uma Hailey imaginária à sua frente. Nesta cena, ela, como Naomi, havia descoberto sobre Hanna quase ter matado sua prima em um acidente de carro. — Porque você é *louca*. E mentirosa. E não há muita coisa que uma garota possa aguentar.

Então ela imaginou a resposta de Hailey. Será que Hailey usaria aquela voz idiota de novo? Mascaria aquele chiclete imaginário? Mais cedo, Hailey tinha interpretado mais uma cena como Hanna, e foi tão terrível quanto o outro dia. Para alívio de Hanna, Hank tinha se levantado e disse, — Hailey, eu não sei se você está fazendo direito o personagem. Por que você não pensa um pouco sobre ele, e remarcamos suas cenas amanhã?

A mandíbula de Hailey tinha caído, e seu rosto ficou vermelho. Assim que o projetor de som havia retirado seu microfone, ela caminhou até Hanna. — Você acha que eu estou fazendo um bom trabalho? Porque a sua opinião é a única que importa.

Tinha sido a chance de Hanna dizer algo, mas ela se sentiu tão encurralada. Ela tinha dado a Hailey um sorriso de boca fechada e acenou com a cabeça freneticamente, não confiando em sua voz.

Hanna repetiu suas falas repetidas vezes, consertando seus movimentos e erros. Na terceira tentativa, ela até mesmo sentiu seus olhos se encherem de lágrimas. *Eu*

meio que sou boa nisso, pensou ela, sentindo-se satisfeita. Então ela recolheu suas coisas e saiu pela porta lateral.

Mesmo que fosse apenas cinco horas, o céu estava surpreendentemente um breu. O vento rodava, levantando folhas secas, e a chuva se atirava para baixo de folhas laterais. Hanna olhou para o longo beco que dava para o estacionamento. Parecia cheio de sombras, e na mesma hora ela pensou ter ouvido uma leve fungada. Ela virou de costas, olhando de um lado para o outro, mas o beco estava vazio.

Respirando fundo, ela começou a descer a rampa de metal para seu carro. Na metade do beco, ela se sentiu sendo arremessada para frente, e de repente ela estava no chão. As palmas das suas mãos arderam com o impacto, e parecia que o vento tinha nocauteado ela. Ela ficou de joelhos e olhou para cima, mas tudo o que ela viu foi o céu quase preto acima. Ela olhou para o chão novamente e suspirou. Lá, escrito na calçada, havia uma mensagem em giz. *Quebre umA perna, Hanna*, dizia. O A em *uma* estava em letra maiúscula, maior do que as outras letras.

— O que você quer?

Hanna gritou. Alguém mais *estava* no beco, com seu corpo nas sombras. Quando a figura moveu-se para a luz, Hanna percebeu que era Daniel, o estranho assistente de Hank que havia praticamente entrado furtivamente no camarim de Hailey para buscá-las alguns dias atrás.

— O-O que você está fazendo aqui? — Hanna gritou. Ele veio *do nada*. — Você me empurrou?

Os olhos de Daniel se estreitaram, e eles pareciam ainda mais redondos e ocos do que nunca. — Não, mas eu vi você cair. Você não deveria estar aqui agora, Hanna.

Hank mandou todos para casa.

Então por que você está aqui? Hanna queria perguntar, mas ela não o fez. — Eu estava apenas repassando as minhas falas — disse ela fracamente, saltando de pé. Ela olhou para o A escrito em giz novamente, com o coração batendo forte. — E eu estou indo embora agora.

— Ótimo. — Daniel estava olhando para ela com uma expressão que Hanna não conseguia identificar. — Uma garota como você não deve ficar sozinha em nenhum lugar. Depois de tudo o que aconteceu com você, eu achei que você seria mais cuidadosa.

Hanna balançou a cabeça, em seguida, entrou em seu carro. Apenas quando ela trancou as portas que ela percebeu que sua expressão tinha sido meio *ameaçadora*. Ela pensou novamente no flash de cabelos loiros na cena da multidão no outro dia. Daniel poderia tê-la ajudado de alguma forma? Um Ali Cat poderia estar na equipe de *Burn It Down*?

O celular de Hanna tocou, e ela gritou de novo. Ela olhou para ele em seu colo.

Ali acabou de me atacar na escola, dizia uma mensagem de Emily. *Venha agora!* Hanna jogou o carro na estrada, sua mente de repente mudando de marcha. Ela certamente não poderia se preocupar com Daniel no momento. Tudo o que ela podia pensar era em chegar até Emily tão rápido quanto ela pudesse.

O céu estava um cinza feio e o ar estava salpicado com baixos rugidos de trovão quando Hanna entrou no estacionamento de Rosewood Day ao lado do Volvo de Emily. À distância, ela podia ver Emily sentada em um dos balanços no campo de jogos do fundamental. Sua cabeça estava baixa, com o cabelo brilhante e úmido, e parecia que ela estava em um maiô. Um nervosismo percorreu Hanna mais uma vez.

Spencer e Aria estavam entrando no estacionamento ao mesmo tempo, e todas as meninas correram em direção aos balanços. Emily não olhou para elas, seu olhar estava fixo firmemente no chão. Seus pés estavam descalços e lamacentos. Sua pele parecia um pouco azul. Havia um moletom com capuz enrolado nas suas mãos, mas por alguma razão, ela não o vestiu.

— O que aconteceu? — Hanna gritou, caindo de joelhos ao lado de sua amiga e tocando sua mão. A pele de Emily estava fria e toda arrepiada. Ela cheirava esmagadoramente a cloro.

— Você está bem? — Spencer sentou em um balanço ao lado dela.

— Era realmente *ela*? — Aria colocou os braços em volta dos ombros de Emily.

Emily indicou uma contusão arroxeada no pescoço. — Era definitivamente ela — ela disse, sua voz cheia de soluços. — Ela tentou me matar.

Ela disse às meninas o que tinha acontecido. Com cada frase, o coração de Hanna começou a bater mais rápido. No momento em que Emily chegou à parte sobre Ali empurrando-a sob a água, ela mal podia respirar. — Eu não deveria ter nadado sozinha — Emily gemeu quando ela terminou. — Era o lugar perfeito para Ali me encontrar.

— E então ela simplesmente parou de te segurar abaixo? — Spencer repetiu.

— Isso mesmo. — Emily encolheu os ombros. — De repente, ela levantou e saiu correndo.

— E ela desapareceu? — perguntou Aria.

Emily assentiu tristemente. — Eu não sei como é possível, mas ela desapareceu de repente.

— Como ela... parecia? — perguntou Hanna, com a voz tensa.

A cabeça de Emily subiu pela primeira vez. Seus olhos estavam vermelhos e sua boca estava repuxada. — Com um cadáver. — Ela fez uma careta, e depois olhou para o capuz que ela estava segurando. — Eu consegui tirar essa coisa dela antes de ela fugir.

Hanna fechou os olhos. Talvez a menina que ela tivesse visto no set de filmagem não fosse uma invenção da sua imaginação — e talvez a própria Ali tivesse escrito aquela nota em giz fora do estúdio. Onde mais Ali tinha estado nas duas últimas semanas? Talvez ela nunca tivesse saído de Rosewood. Talvez ela tivesse estado observando-as o tempo todo.

Mais chuva começou a cair. Aria caminhou em torno dos balanços, suas botas espirrando a lama. — Tudo bem. Ok. Primeiro as prioridades. Emily, você precisa ir ao pronto-socorro?

Emily sacudiu a cabeça com veemência. — Não.

— Tem certeza? — Spencer pareceu surpresa. — Ali praticamente afogou você. Os hematomas no seu pescoço são tão grandes como ameixas. E você está realmente tremendo. Você pode estar em estado de choque.

— Eu estou bem — insistiu Emily, cruzando os braços sobre o peito.

Mas, em seguida, seus dentes começaram a bater. — Vamos levá-la para o meu carro — Hanna instruiu.

Hanna a levantou pelos braços. As outras correram para ajudar, e elas se apressaram através da chuva e entraram no Prius de Hanna, Emily se estabeleceu no banco do passageiro da frente. Hanna ligou o motor e o aquecedor. Aria encontrou um cobertor no banco de trás e colocou ao redor das pernas de Emily. Spencer tirou o casaco e envolveu-o em volta dos ombros de Emily.

Depois de alguns instantes, os lábios de Emily pareciam um pouco menos azuis. — Eu disse que eu estava bem — ela insistiu.

— Mesmo assim. Isso é uma coisa séria. Eu não sou uma fã de lidar com isso de jeito nenhum, mas não podemos lidar com isso sozinha. — Havia um olhar de aço no rosto de Spencer quando ela enfiou a mão na bolsa e tirou seu celular. Ela franziu a testa, e ela rolou através de seus contatos para procurar um número. Um som de toque metálico saiu pelo alto-falante.

— Para quem você está ligando? — Hanna exigiu.

Spencer levantou um dedo. Um olhar atento cruzou seu rosto quando quem quer que fosse atendeu. — Agente Fuji? — disse ela ao telefone. — Aqui é Spencer Hastings.

— Spencer — Emily sussurrou, tentando pegar o celular dela.

Spencer se abaixou para o lado, fazendo uma careta. *Nós temos que fazer isso,* ela murmurou.

Mas Hanna não tinha certeza sobre essa decisão, tampouco. Jasmine Fuji era a agente do FBI encarregada do caso do assassinato de Tabitha Clark. Ela parecia estar ao seu lado quando elas lhe contaram sobre A estar atormentando-as, mas depois ela tinha prendido elas pelo assassinato de Tabitha quando um vídeo falso surgiu. Claro, Fuji tinha feito as pazes depois que Nick se revelou, mas Hanna não confiava nela.

Spencer assentiu ao celular. — Escute, aconteceu algo que eu preciso discutir com você. É sobre Alison. Na verdade, Emily pode lhe contar melhor.

Em seguida, ela empurrou o celular para Emily, colocando-o no viva-voz. Emily balançou a cabeça vigorosamente, mas Spencer fez uma cara de súplica. *Fale*, ela murmurou.

Emily baixou os ombros e recontou a história. Hanna escondeu seus olhos. Era tão difícil ouvir pela segunda vez.

— Por acaso você viu para onde essa pessoa fugiu? — a voz de Fuji soou através do viva-voz quando Emily terminou.

Emily limpou a garganta. — Não. No momento que eu passei através da porta para o corredor, ela já tinha ido.

— Mas era definitivamente Alison — Aria falou. — Emily não inventaria algo como isso. Na verdade, todas nós sentimos a presença de Alison, mas nenhuma de nós têm estado inteiramente certa. Emily fez contato visual, no entanto. Alison falou com ela.

— É isso mesmo — disse Emily. — Ela disse, "Você realmente acha que eu iria

embora para sempre”?

Houve uma longa pausa. Estática estalou através do celular, e Hanna pensou que tinha perdido a conexão. Então Fuji suspirou. — Tudo bem. Nós vamos, obviamente, levar esse ataque de alguém contra Emily muito a sério. Eu vou chamar uma equipe para Rosewood Day para verificá-la agora, e nós vamos descobrir o que aconteceu...

— O que *aconteceu*? — interrompeu Spencer. — Nós acabamos de te contar!

— Meninas — Fuji disse, sua voz de repente firme, — vocês já passaram por um monte de traumas. E eu entendo completamente por que vocês acham que viram Alison aquela noite com Nicholas naquele porão quando estavam drogadas. Mas eu apenas posso lhes dizer novamente: Alison está *morta*. Ela morreu em Poconos. Quem quer que vocês viram na piscina era outra pessoa. Talvez alguém que estivesse representando ela. Talvez alguém de um desses fã-clubes de Alison. Mas não era a própria Alison.

— Como você sabe? — Hanna gritou, com o coração batendo rápido. O calor do aquecedor estava começando a fazer ela se sentir fraca. — Emily a viu. Você ignora completamente todos os testemunhos das suas vítimas, ou apenas o nosso?

Spencer beliscou o braço de Hanna, mas Hanna se sentia totalmente justificada em dizer o que ela disse. Ela estava estupidamente cansada de Fuji e de todos os outros adultos que pensavam que elas estavam apenas com medo; crianças paranoicas vendo fantasmas. Ali estava lá fora. Ela era uma ameaça real, viável e aterrorizante. Se alguém não agisse, ela ia fazer alguma coisa horrível... provavelmente, com uma delas.

— Eu estou com o moletom dela — disse Emily em uma voz baixa. Seu olhar caiu para o moletom que tinha estado em suas mãos sobre os balanços. — Ela o tirou enquanto escapava. Você não pode testá-lo à procura de um DNA?

Fuji suspirou. — Tudo bem. Traga para a delegacia. — Ela parecia irritada. — Vocês podem vir agora?

Todo mundo disse que sim, apesar do fato de o escritório de Fuji ser no fim da cidade. Em seguida, a agente desligou sem dizer adeus.

Ninguém falou. Um cortador de grama resmungava à distância. Spencer fez uma careta para o celular. — Ela é uma vadia.

Aria pigarreou. — Por que vocês acham que Fuji continua insistindo na morte de Ali? Vocês acham que ela tem provas que ela não está dizendo?

— Eu duvido — disse Hanna rapidamente. — Ela só não quer estar errada. — Ela se inclinou e pegou o moletom. Quando o calor bateu nele, Hanna sentiu um cheiro de algo azedo, suado e de baunilha no tecido. Era revoltante pensar que era o cheiro de Ali.

Então ela notou um único cabelo loiro ligado à manga. — Gente. *Olha*.

Aria notou isso também. — Tenha cuidado! Pode ser a nossa única ligação com Ali!

Hanna colocou cuidadosamente o capuz de volta no chão, mas depois seus dedos apertaram ao redor de algo que fez um som crepitante. Parecia um papel. Ela mergulhou a mão no bolso e tirou um pequeno recibo.

TURKEY HILL, lia-se no topo com tinta roxa. Esse era o nome de um minimercado local — Hanna amava seu chá gelado e caseiro. Abaixo disso estava impresso um endereço em Ashland, uma cidade a cerca de 45 minutos de distância, junto com a data e a hora de vários dias atrás. Alguns itens foram comprados, como bebidas genéricas e fast-foods. A conta havia sido paga em dinheiro.

— Minha mãe adora as outlets de Ashland — disse Emily baixinho. — O que vocês acham que Ali estava fazendo lá?

— Provavelmente não estava fazendo compras em outlets — Hanna brincou. Seus olhos se iluminaram. — Talvez seja onde ela esteja se escondendo?

— Isso pode fazer sentido — disse Spencer lentamente. — Ninguém estaria procurando por ela lá. Mas não é tão longe que ela não podia aparecer por aqui.

— Há um ônibus SEPTA que vai para lá, também, no caso de ela não ter um carro — disse Aria.

— Mas onde é que ela está dormindo? — perguntou Emily. — Em um celeiro? — ela fez uma careta.

Aria deu de ombros. — Não se esqueça que ela e Nick estavam hospedados naquela casa caindo aos pedaços próximo ao escritório do pai de Hanna. Um celeiro provavelmente parece o Four Seasons.

Todas olharam para as outras. Hanna poderia dizer que elas estavam tendo o mesmo pensamento.

— O teste de DNA pode demorar um pouco — disse Aria cautelosamente.

— Mas, se Ali visitou esse Turkey Hill uma vez, ela poderia ir lá novamente — acrescentou Emily.

Hanna acenou animadamente. Spencer suspirou. — Parece que vamos fazer uma longa viagem de carro — disse ela em derrota.

Todo mundo apertou mãos, sabendo o que estava por vir.

10

GRANDE PERSEGUIÇÃO NO MINIMERCADO

As meninas pegaram um carro para a Filadélfia para deixar o moletom, mas Spencer insistiu em levar seu próprio carro até Ashland — em parte porque a condução de Hanna estava deixando ela enjoada, e em parte porque ela só se sentia cem por cento confortável quando ela estava ao volante. Estava quase escuro quando ela entrou no estacionamento do minimercado, e seu humor estava tão sinistro e confuso quanto as nuvens baixas.

Sua viagem para o escritório do FBI na Filadélfia para deixar o moletom não tinha sido exatamente animadora. A Agente Fuji não tinha estado lá, deixando instruções com seu assistente para guardar o moletom com um cara brutamontes chamado Fred, que trabalhava nas evidências. Fred mal olhou para as meninas quando ele tinha pego o moletom com capuz delas, empurrando a coisa em um saco fechado e jogando-o em uma caixa. — Por favor, tenha cuidado! — Hanna tinha gritado. Fred olhou para ela com um sorriso em seu rosto.

Agora Spencer entrou em uma vaga do estacionamento. As janelas do minimercado Turkey Hill estavam cheias de cartazes de marcas de sorvetes e chá gelado, cigarros Marlboro e garrafas de dois litros Mountain Dew. Havia também um cartaz que dizia ROSEWOOD RALLIES em letras vermelhas no topo. UMA ARRECADAÇÃO DE FUNDOS PARA BENEFICIAR OS JOVENS CARENTES E

PROBLEMÁTICOS. Ele dava as direções para o Country Club de Rosewood e dizia que os ingressos custavam US$ 100 cada. Spencer duvidava que essas pessoas iriam gastar seu dinheiro com *isso*.

Seu celular tocou. Duas mensagens tinham chegado do site de bullying. Uma era de DominickPhilly. *Você simplesmente não consegue suportar quando você não tem toda a atenção, não é? Foi por isso que você fez esse site. Não é porque você se importa.*

Spencer sentiu uma picada. Obviamente Dominick não tinha lido o guia do blog chamado "Minha História". Spencer tinha escrito sobre Ali tão claramente e sobriamente quanto pôde, batendo nos aspectos emocionais de como ela se sentiu

ao ser atormentada dia e noite por uma valentona tão raivosa e determinada que ela realmente queimou várias propriedades em uma tentativa de matar Spencer. Ou talvez Dominick tivesse lido, e ainda assim pensava que ela era uma farsa?

A próxima mensagem era de Greg Messner, o mesmo menino que tinha contatado ela no outro dia. *Como é que você consegue ser tão valente?* ele tinha escrito. *Eu mataria por um décimo da sua força.*

Ela sorriu. Era quase como se Greg tivesse lido o e-mail horrível de Dominick e encontrou a coisa perfeita para fazê-la se sentir melhor. *Obrigada*, ela escreveu de volta. *Às vezes eu duvido de mim mesma. É bom saber que alguém se importa.*

Ela colocou o celular longe, então avistou o Prius de Hanna do outro lado do estacionamento. Suas amigas estavam sentadas nele, olhando para o minimercado.

Spencer cruzou a linha de bombas de gasolina e bateu na janela de Hanna. Hanna abriu as portas, e Spencer entrou no banco de trás. — O que está acontecendo? — ela perguntou. — Por que vocês não entraram ainda?

Hanna balançou a cabeça. — Nós decidimos vigiar o lugar por um tempo. Talvez Ali simplesmente... apareça.

Spencer mordeu uma unha. — Com o seu Prius aqui? Ali é mais esperta do que isso, pessoal. Ela provavelmente pode nos ver vindo há um quilômetro de distância. Hanna franziu o cenho. — O que você quer dizer?

Spencer sabia que não podia mais esquecer Ali, não depois que ela machucou Emily. Mas ela não tinha certeza sobre este plano. Parecia uma boa ideia refazer os passos de Ali na teoria, mas e se Ali tivesse plantado aquele recibo no bolso do moletom? Talvez ela tirou o moletom de propósito para trazê-las até aqui. Ela olhou nervosamente para as bombas de gasolina por trás delas. E se Ali aparecesse com um cigarro aceso e incendiasse todo o lugar?

— Ali é um gênio — disse Spencer em voz alta. — Ela sabe agora que achamos o recibo. Ela provavelmente nunca passaria por aqui novamente.

As sobrancelhas de Aria franziram. — Bem, nós já estamos aqui. Nós poderíamos pelo menos fazer *alguma coisa*.

Spencer olhou novamente para o minimercado. Um bando de meninos pré-adolescentes saiu pelas portas, passando em torno um cigarro. No interior, a caixa se inclinou para trás do balcão, com o queixo nas mãos. Parecia que ela poderia adormecer a qualquer momento.

— Eu acho que nós poderíamos fazer perguntas — Spencer sugeriu, saindo do

carro e caminhando em frente ao estacionamento. — Talvez alguém saiba de alguma coisa.

Ela passou pelos meninos e abriu a porta, e foi recebida por uma música de Faith Hill muito alta no aparelho de som. O ar cheirava a café queimado e burritos de micro-ondas, e havia uma placa amarela em forma de A no chão avisando que o lugar tinha sido esfregado recentemente. Um homem mais velho estava de pé em uma parede de carne seca. Claro que Ali não estava ali.

Mas ela tinha estado aqui dias atrás. Spencer tentou imaginar. Ali havia levado algum tempo, andando para cima e para baixo dos corredores, tentando descobrir o que ela queria comprar? Ou ela comprou e saiu rápido, com medo de que alguém pudesse reconhecê-la? Alguém *tinha reconhecido*? Talvez não a reconheceu, por si só, mas esbarrou contra ela, ou deu-lhe seu troco, ou segurou a porta para ela na saída?

Emily foi até o balcão, e Spencer a seguiu. A mulher sonolenta que ela tinha visto do carro estava agora reorganizando uma prateleira de chiclete Trident.

— Hum, com licença — Emily falou educadamente. A mulher olhou para cima por um breve segundo, depois voltou para o chiclete. — Eu estou querendo saber se você viu uma menina loira aqui. Da minha altura. Mais ou menos... de aparência rude. Faltando alguns dentes. Ela pode ter agido cautelosamente.

A mulher, cujo crachá dizia MARCIE e que tinha o cabelo oleoso e um rosto macio e sem rugas, cruzou as mãos. — Quando foi isso?

— Três dias atrás — Emily falou. — Por volta das três horas da tarde.

Marcie balançou a cabeça rapidamente. — Não.

O coração de Spencer afundou. — Há mais alguém que estava trabalhando aqui no momento que pode se lembrar? — Ela tentou controlar a irritação em sua voz. — Alguém que você poderia chamar?

Os olhos de Marcie se estreitaram. — Por que vocês querem saber, afinal?

— Essa menina é realmente uma boa amiga nossa — Emily falou rapidamente. — Mas ela, hum, fugiu. E nós realmente queremos encontrá-la.

Marcie olhou para elas longa e duramente, sua boca se contorcendo. Spencer se perguntou se ela as reconheceu e estava tentando entender o porquê. Apesar de todas as acusações contra elas terem sido retiradas, elas ainda eram meio notórias... e suas fotos tinham estado em todos os lugares. Talvez esta fosse uma má ideia. Marcie poderia chamar a polícia. Fuji iria repreendê-las por criar problemas.

A caixa deu de ombros. — Muitas pessoas entram e saem daqui. Uma menina

loira comprando água é o mesmo que outra.

— E quanto às fitas de vigilância? — perguntou Aria desesperadamente. — Você pode nos mostrá-las?

Marcie olhou para elas como se elas fossem loucas. — Querida, por que você acha que eu teria acesso a essas fitas? Eu acho que a administração as utiliza para observar o pessoal. — Ela se virou para sua caixa registradora. — Vão à polícia se vocês estiverem realmente preocupadas. Meninas da sua idade não deveriam ter que encontrar uma fugitiva por conta própria.

Então, ela olhou para trás, sorrindo. O Sr. Carne Seca agora estava na fila, segurando várias varas longas de Slim Jims. Não havia mais nada a fazer, além de se mover de lado e deixá-lo pagar.

— Merda — Hanna murmurou enquanto se arrastava para fora da loja. — O que vamos fazer agora?

— Eu não sei — disse Spencer, sentindo-se sem rumo.

Emily chutou uma pedra na calçada. — Seria bom que o DNA daquele cabelo no moletom fosse compatível com Ali. Então, nós poderíamos trazer Fuji aqui. Ela poderia acessar as fitas de vigilância.

Hanna colocou as mãos nos quadris e olhou para a estrada. — Talvez pudéssemos dirigir ao redor e procurar celeiros aleatórios. Poderíamos ter sorte.

— No escuro? — Spencer zombou. — Eu duvido.

— Estraga-prazeres — Hanna murmurou, entrando no carro.

As outras meninas entraram, também, deixando Spencer sozinha no estacionamento. Hanna olhou para fora da janela para ela. — Talvez todas devêssemos dormir na minha casa hoje à noite. Eu não gosto da ideia de estarmos separadas. Nós poderíamos ser alvos fáceis para Ali.

— Sim — disse Emily rapidamente. — De nenhuma maneira eu vou conseguir dormir sozinha.

— Estou dentro — Aria concordou.

— Eu também — disse Spencer. Era uma ideia maravilhosa — no caso de Ali aparecer de novo, quatro contra uma eram chances muito melhores.

Elas prometeram se encontrar na casa de Hanna em uma hora. Então Spencer recuou para o carro dela, afundando pesadamente no assento de couro. O dia inteiro pareceu desperdiçado. A única coisa que ela tinha aprendido foi que Ali

estava viva... e furiosa. E elas já sabiam disso.

Seu celular tocou alto, sacudindo-a de seus pensamentos. Spencer olhou para o número 212 desconhecido no identificador de chamadas. Engolindo em seco, ela atendeu.

— Spencer Hastings? — disse uma voz de mulher. Spencer disse que era ela. — Meu nome é Samantha Eggers. Eu sou a chefe do Conselho Nacional Anti-Bullying de Nova York. É uma nova iniciativa criada pelo Congresso no ano passado.

— É claro — disse Spencer, sentando-se reta. — Eu sei sobre vocês. — Ela pesquisou todos os programas comunitários contra o bullying disponíveis para os adolescentes ao montar o seu website. — Vocês estão fazendo uma grande coisa.

— Não, você está fazendo uma grande coisa — disse Samantha, com a voz alegre. — Eu sou uma grande fã do seu site. Você está dando às crianças uma voz. — Ela falou rapidamente. — Olha, eu estou ligando porque estamos fazendo um filme anti-bullying que será usado como uma ferramenta nas escolas de todo o país no próximo ano. Estou à procura de vozes sobre o bullying, e seu nome começou a aparecer em minha equipe.

— Sério? — Spencer levou a mão ao peito. — Quero dizer, eu só comecei meu site na semana passada. Estou muito lisonjeada.

— Então isso significa que você gostaria de fazer parte do nosso vídeo? — perguntou Samantha, levantando a voz. — Vamos filmar em Nova York na terça-feira à noite. Você não está muito longe, certo? Apenas a distância de um trem da Amtrak? Vamos cobrir os custos.

Spencer tirou o cabelo da testa. — Isso soa incrível. — Ela imaginou seu rosto nas salas de aula em todo o país, incluindo Rosewood Day. E esta era apenas mais uma maneira de impressionar a todos em Princeton.

— Perfeito — gritou Samantha.

Ela deu a Spencer os detalhes e as direções. Depois que elas desligaram, Spencer pressionou o celular entre as mãos, seu humor impulsionado novamente. *Seu nome começou a aparecer.* Ela imaginou todo mundo falando sobre ela. Louvando-a. Ela mal podia esperar para contar a alguém sobre isso, mas quem? Suas amigas apreciariam isso, é claro, e Greg passou pela sua mente, também, mas isso era uma loucura. Ela nem sequer o conhecia.

A porta do minimercado se abriu, e Spencer olhou para cima. Um homem em

calças de trabalho e uma camisa xadrez caminhou até seu carro estacionado na bomba de gasolina número três. Em seguida, seu olhar fixou nos registros lá dentro. Algo que a caixa havia dito de repente revirou-se em sua mente. *Um monte de gente entra e sai daqui. Uma menina loira comprando água é o mesmo que outra.*

Elas disseram que estavam à procura de uma menina. Elas disseram que Ali era loira. Mas elas não tinham dito o que ela tinha comprado — elas nem sequer tinham certeza do que era. Por que Marcie mencionou água, especificamente? Será que ela sabia de alguma coisa?

Ela desligou a ignição e saiu do carro de novo. Quando ela estava no meio do caminho para o minimercado, algo atrás dela fez um ruído alto e chamuscado. Ela virou-se e olhou. As luzes nas bombas de gasolina cintilaram. Uma sombra passou por trás de uma delas. Passos fracos soaram na parte de trás do edifício. E então ela percebeu um carro estacionado que ela não tinha visto antes. Era um Acura preto. Parecia tão fora de lugar aqui na terra de picapes e Subarus práticos.

Ela pensou no chaveiro Acura que ela tinha encontrado na casa modelo do seu padrasto. Elas acharam aquele carro, não foi? Ou será que Nick tinha mais de um?

Então, alguma coisa brilhou no banco da frente. Era uma cabeça de *cabelos loiros.*

O coração de Spencer acelerou. Ela se arrastou em direção ao carro, sabendo que ela tinha que ver quem estava lá dentro. A cada passo, seu peito parecia mais e mais apertado, e seus nervos crepitavam e estalavam. Finalmente, ela se aproximou do lado do carro. Ela preparou-se, em seguida, deu mais um passo em frente para espreitar pela janela da frente.

O alarme disparou, fazendo-a saltar para trás. Era um som ensurdecedor, com berros e zumbidos. Spencer cambaleou a uma distância segura, em seguida, olhou para a janela. Só que agora, a loira tinha desaparecido. Não havia ninguém no carro. Ela passou as mãos pelo rosto. Não fazia sentido. Ela definitivamente tinha visto uma cabeça loira... *não tinha*?

Parecia um sinal. Spencer se atrapalhou com a maçaneta da porta e voltou para o carro dela. Ela virou-se para fora do estacionamento do Turkey Hill, mesmo antes de o alarme silenciar.

E antes que quem estivesse assistindo-a pudesse fazer algo pior.

11

A PRIMEIRA EXPOSIÇÃO DE ARIA

Na manhã seguinte, Aria estava na sala dos fundos apertada da galeria, observando como Ella embrulhava cuidadosamente a pintura vendida de Ali em plástico bolha. Eles estavam enviando para o comprador em Nova York em um caminhão do correio que estava esperando lá fora, e eles queriam garantir que ela chegasse lá em uma única peça. Aria mal podia esperar para se livrar dela.

Ella parou. — Isto é como você imaginou que ela pareceria se ela tivesse sobrevivido, certo?

Aria brincou com um pedaço de fita da embalagem. Ella estava no quarto do hospital na primeira vez que elas protestaram para Fuji que Ali tinha sido parte do ataque de Nick, e ela também tinha ouvido Fuji descartar a teoria. Era mais fácil para sua família acreditar que Aria tinha imaginado ver Ali em vez de considerar que a menina louca estava à solta.

O olhar de Aria se moveu para os olhos assombrados de Ali na pintura. Ela não tinha certeza de como ela conseguiu capturar tão precisamente a expressão tão furiosa, louca e desalinhada de Ali — era como se algo demoníaco tivesse tomado conta de seu pincel. Por que um colecionador de arte erudita em Nova York estava tão cativado por ela? Aria pesquisou sobre John Carruthers no Google na noite passada; havia inúmeras fotos dele frequentando eventos de caridade no Museu Metropolitano de Arte, no Museu Whitney e no Museu de Arte Moderna. Um perfil do *New York Times* dizia que ele e sua família moravam em um apartamento na Quinta Avenida e na Rua Septuagésima Sétima com vista para o Central Park. Suas duas filhas, Beverly e Becca, tinham um piano FAO Schwarz em tamanho natural do filme *Big* e um autêntico mural de Keith Haring em sua sala de jogos. Ela esperava que ele pendurasse o rosto de Ali em algum lugar que as meninas nunca vissem.

E o que dizer de Ali? Certamente ela descobriu que uma pintura de *seu rosto* tinha sido vendida; o negócio tinha até tido uma menção no blog *Art Now*. Isso preocupou Aria um pouco. Ali estava totalmente furiosa por Aria estar lucrando — imensamente — com a sua imagem? Aria devia cair fora da transação?

Pare de se preocupar, ela disse a si mesma enquanto ela ajudava Ella a envolver o resto da pintura. Ela não podia deixar Ali dirigir sua vida.

Ella assobiou para o correio, que estava esperando no espaço principal da galeria, para transportá-la para o caminhão. — Então — disse ela, virando-se para Aria depois que ele saiu, — o que você vai fazer com todo esse dinheiro?

Aria respirou fundo. Quando ela veio trabalhar esta manhã, a mãe dela havia anunciado que o dinheiro tinha entrado na conta da galeria; em poucos dias, estaria em sua conta bancária, menos uma pequena taxa da galeria. — Eu vou te dar o dinheiro para você comprar um carro novo para você não ter mais que dirigir aquele Subaru, por exemplo — ela disse com uma risada.

Ella fez uma careta. — Eu posso cuidar de mim mesma, querida. Eu acho melhor você usá-lo para a faculdade.

Era provavelmente a coisa certa a se fazer. Mas as únicas faculdades que Aria estava interessada eram faculdades de arte — mas Aria precisava de uma faculdade de arte se ela já estava vendendo pinturas? — Ou eu poderia investi-lo em um apartamento em Nova York — sugeriu ela, dando a sua mãe um sorrido doce e suplicante que sempre parecia funcionar.

Ella parecia cética. Ela levantou um dedo, pronta para, provavelmente, fazer um ponto sobre como a faculdade era inestimável e que se ela passasse muito tempo após o ensino médio, ela nunca poderia ir. Mas, então, um jovem alto em uma camisa xadrez ligeiramente amarrotada e calças skinny verde-oliva apareceu na porta. Ele carregava uma bolsa de couro no ombro e tinha um par de óculos Ray-Ban apoiados em sua cabeça, e estava respirando pesadamente, como se tivesse estado correndo.

— Hum, olá? — disse o rapaz em uma voz sonora, nem muito alta e nem muito profunda. — Você é Aria Montgomery?

— Sim... — disse Aria cautelosamente, de pé ereta.

O cara estendeu a mão. — Eu sou, hum, Harrison Miller do *Fire and Funnel*. É um blog de arte que...

— Eu conheço! — Aria interrompeu, de olhos arregalados. Ela era uma visitante frequente do *Fire and Funnel*, um site de arte indie baseado na Filadélfia, e era escrito pelos olhos de um blogueiro perspicaz e intuitivo — ele parecia saber o que ia ser tendência meses antes de atingir as tendências predominantes. Ela não sabia que o blogueiro era tão jovem.

Harrison sorriu. — Bem, legal. Enfim, eu gostaria de fazer uma matéria sobre você e seu trabalho artístico. Você tem um segundo para conversar?

Aria tentou não engasgar. Ella estendeu-lhe a mão. — Eu sou a mãe dela, Ella Montgomery — e eu sou a diretora-assistente desta galeria. — Ela usou o título completamente novo que o chefe dela, Jim, tinha lhe dado ontem. — Fui eu quem facilitei a venda da pintura de Aria.

— Prazer em conhecê-la. — Harrison parecia desconfortável. — Então... está tudo bem se eu falar com Aria sozinho? Eu vou tentar colocar a galeria na história, se eu puder, no entanto.

— Minha filhinha está crescendo! — Ella falou, fingindo enxugar uma lágrima. Em seguida, ela caminhou para fora da sala. — Claro que você pode falar com Aria. Leve o tempo que você precisar.

Então ela fechou a porta tão rapidamente que o calendário Monet pendurado na parte de trás subiu no ar antes de se estabelecer suavemente de volta para baixo. Aria virou para Harrison. Ele sorriu para ela, em seguida, encostou em uma pequena mesa bagunçada no canto e vasculhou sua bolsa de couro. — Eu soube sobre a compra da sua pintura no *Art Now* ontem. Foi um grande negócio.

— Não, *isso* é um grande negócio. — Aria não conseguia controlar o tom chocado em sua voz. — Eu estou muito lisonjeada por você pensar em mim.

— Você está brincando? — O rosto de Harrison se iluminou. — Vender uma peça para John Carruthers, aos dezoito anos de idade? Isso é inédito. — Ele bateu em seu bloco de notas. — Eu sou um major da história da arte na Universidade da Pensilvânia, e eu pinto um pouco também. Um grande comprador como Carruthers tendo um interesse em você é grandioso.

Aria abaixou a cabeça. — Espero que ele não tenha comprado só porque eu estava, tipo, nos noticiários ou coisa assim.

Harrison balançou essa ideia para longe. — Carruthers compra com base no talento, não na celebridade. — Ele fez uma pausa, estudando-a intensamente. — Às vezes ele compra uma pintura se a artista é bonita, no entanto. Ele mesmo veio aqui?

Aria corou, sua mente vacilando na palavra *bonita*. — Não, foi o seu comprador e ele estava ao telefone. Eu nem estava aqui.

— Interessante. — Os olhos azuis de Harrison brilharam. Ele segurou o olhar de Aria por um momento, e seu estômago capotou. Para ser honesta, ele era bonito.

Realmente bonito.

Então ele olhou de volta para o bloco. — Tudo bem. Eu quero saber tudo sobre você. Não sobre a Alison, mas sobre você. O que você é, quais as suas influências, para onde você viajou, quais são seus planos, se você tem namorado... — Suas bochechas coraram.

Aria deu uma risadinha. Ela tinha certeza que ele estava flertando. Por uma fração de segundo, o rosto de Noel passou pela sua mente, mas então ela pensou em sua expressão estranha do lado de fora da galeria. Eu preciso do meu espaço.

— Sem namorado — ela disse suavemente. — Não mais.

— Aha — disse Harrison, rabiscando em seu bloco de notas. — Muito bom.

Então Aria contou a ele sobre seu processo criativo, os pais artísticos dela, e que ela viajou para a Islândia, embora ela tenha deixado de fora a última viagem, onde ela tinha tido complicações com Olaf/Nick. Foi fácil falar com Harrison. Ela adorava a maneira como ele olhava para ela enquanto falava, como se ela fosse a pessoa mais importante que ele já tinha falado. Ele riu de todas as suas piadas, e ele fazia todas as perguntas certas, também. Ela também gostava do quão sexy e artístico ele parecia quando ele tirava fotos de seu trabalho com sua câmera SLR com lentes longas, verificando a tela depois de cada foto para se certificar de que ele conseguiu o que queria.

— E quais são seus planos para o futuro? — perguntou Harrison, colocando a câmera de volta para baixo.

Aria suspirou. — Bem... — De repente, o que ela diria em seguida parecia tão permanente e definitivo. Ela deveria se mudar para Nova York e tentar se tornar uma artista? E se ela fizesse isso e fosse um fracasso horrível?

Seu celular tocou. O estômago de Aria balançou, se perguntando se poderia ser Fuji — elas ainda não tinham ouvido falar sobre os resultados do DNA do moletom. Mas era um número 212. CIDADE DE NOVA YORK, dizia o identificador de chamadas.

— Você se importa se eu atender? — ela perguntou a Harrison. Ele acenou com a cabeça, e ela atendeu timidamente.

— Aria Montgomery? — disse uma voz rude e feminina. — Aqui é Inez Frankel. Eu sou dona da Galeria Frankel-Franzer em Chelsea. Acabei de ver no *Art Now* sobre a venda da sua pintura. Você é incrível, menina, mas você provavelmente já sabe disso. Você tem outras peças para mostrar?

— Uh... — A mente de Aria girou. — Bem, eu tenho outras peças *concluídas*.

— E eu tenho certeza que elas são fantásticas. Olha, me envie alguns JPEGs delas, certo? Se nós gostarmos delas, e eu tenho certeza que vamos, eu quero oferecer-lhe uma exposição de três dias a partir da próxima terça-feira — nós podemos mover algumas coisas e incluí-la. Nós vamos fazer valer a pena, querida. Com muita propaganda e promoção. Toneladas de imprensa. Uma grande festa durante a abertura. Tudo será vendido — em minha galeria, isso sempre acontece.

— Como é? — Aria guinchou, atônita. Uma exposição em uma galeria? Em Nova York?

Sua outra linha tocou. Aria olhou para o identificador de chamadas novamente; desta vez era uma chamada vindo de um código de área 718: Brooklyn. — Meu nome é Victor Grieg, da Galeria Space/Think em Williamsburg — eu vi a sua história no *Arte Now* — disse um homem de fala rápida, com um sotaque estrangeiro pesado. Ele fez as mesmas perguntas sobre Aria ter outros trabalhos para vender. Então ele disse, — Nós queremos fazer uma exposição, tipo, *agora*. Quem é o seu agente?

— Eu-eu não tenho um agente — Aria gaguejou. — Posso te ligar de volta?

Ela desligou em ambas as galerias. Harrison olhou para ela com curiosidade, e Aria sorriu. — Duas galerias de Nova York querem me fazer exposições! — ela anunciou alegremente. A declaração não parecia real.

Harrison deu-lhe um olhar compreensivo. — Este é o seu início! — Ele se inclinou para a frente como se quisesse abraçá-la, depois pareceu mudar de ideia e recuou. — Então, quando é que eles querem fazer a exposição?

— Na semana que vem. A partir de terça-feira. — A realidade a atingiu. Aria olhou para os outros quadros empilhados no canto. Será que ela tinha o suficiente? Ela não podia vender os de Noel — isso seria muito estranho. Então seu olhar pousou sobre a tela toda preta, o sorriso da Ali da sexta série todo coberto. Ela não poderia usar essa, também. Ela definitivamente precisava pintar mais ao longo dos próximos dias.

Harrison sorriu. — Bem, eu vou deixar você terminar com as galerias — eu acho que eu tenho tudo o que preciso para a minha postagem. Mas ei, eu nunca gosto de perder uma exposição de uma galeria dos artistas que eu escrevo — talvez eu pudesse receber um convite?

— É claro! — Aria gritou, se perguntando se deveria perguntar-lhe se ele seria seu acompanhante. Ela tinha acabado de conhecê-lo, afinal.

Harrison parecia satisfeito. Ele se levantou, remexeu no bolso, e entregou-lhe um cartão branco. O logotipo serpeado do *Fire and Funnil* estava no topo, e abaixo estava o seu nome na cor cinza. Seus dedos roçaram os dele enquanto ela pegava o seu cartão. Aria se moveu em direção a ele, querendo dar aquele abraço depois de tudo, mas agora Harrison estava mexendo em sua bolsa. Quando ele olhou para ela novamente, ela se sentiu tímida.

Então, ela estendeu a mão. — Prazer em conhecê-lo.

— Absolutamente. — Harrison balançou sua mão, seus dedos pressionados contra os dela por um momento extra. Aria ficou satisfeita ao notar que seu estômago deu um pequeno pulo. — Vejo você em breve — ele acrescentou.

Quando ele foi embora, Aria voltou para o celular dela, ansiosa para ligar de volta para as galerias. Qual ela deveria escolher? Quem lhe daria uma exposição melhor? Ela se sentia como uma princesa que tinha muitos pretendentes para escolher. Era uma loucura pensar que momentos antes, em sua entrevista, ela estava insegura sobre como responder à pergunta sobre o seu futuro. Agora era como se tivesse sido servido a ela em uma bandeja de prata, cada detalhe se encaixando. *Este é o seu início,* Harrison tinha dito a ela animadamente.

E, de repente, parecia que era verdade.

12

NADA DIZ SEXY COMO UM ENCONTRO SUPERVISIONADO POR UM GUARDA

A Penitenciária Ulster ascendia acima de uma floresta de árvores verde escuras, cinza e sem graça contra o céu nublado. Na terça-feira à tarde, Emily dirigiu o carro através de um conjunto de portões eletrônicos em direção a uma placa que dizia ESTACIONAMENTO PARA VISITANTES. O estacionamento estava desolado, salvo por uma caminhonete Toyota enferrujada na última vaga. Uma rajada de vento empurrou uma lata de Coca-Cola através do pavimento. Mesmo sendo verão, as árvores no estacionamento da prisão estavam nuas.

Emily desligou o motor e ficou sentada por um momento. Sua cabeça latejava de todo o café que ela tinha tomado durante sua longa viagem para a prisão na Cidade de Nova York. Seu coração estava batendo rápido, também, embora ela duvidasse que fosse da cafeína. Em instantes, ela iria entrar em uma prisão. E ver Jordan.

Respiração profunda.

Ela saiu e olhou por cima do ombro para o bosque com arbustos. Durante toda a estrada, ela sentiu como se alguém a estivesse seguindo, mas sempre que ela olhava para o espelho retrovisor, ela sempre via um carro diferente — ou nenhum carro. Ali poderia estar em qualquer lugar agora, no entanto. Por que ela tinha fugido sem matar Emily? Por que Fuji ainda não tinha voltado para elas com os resultados de DNA? Quanto tempo durava o teste, afinal?

Ela pensou, também, em uma postagem de um blog que ela tinha lido esta manhã em um dos mais populares sites de Ali Cat. Na postagem, cujo nome era um andrógino NósSempreLembraremos, havia escrito: *Qualquer inimigo de Alison é um inimigo meu. Ela era uma VÍTIMA. Se você a odeia, eu te odeio. Eu acho que você sabe de quem estou falando.*

A postagem preocupou Emily. E se Ali Cat fosse mais do que loucas aberrações que adoravam uma psicopata? E se eles realmente odiavam as pessoas que não gostavam de Ali — ou seja, Emily e as outras? Ela transmitiu isso para as

outras... e, depois de alguma reflexão, para Fuji. Claro que Fuji não tinha respondido.

Ela cruzou o estacionamento e abriu uma porta de metal pesada onde dizia ENTRADA. A trava destrancou audivelmente atrás dela, e ela foi recebida por uma música country triste em um rádio metálico. Uma mulher em um uniforme da marinha olhou por trás de uma janela fechada. — Identidade — disse ela à Emily com uma voz entediada.

Emily entregou sua carteira de motorista por meio de uma pequena abertura.

A mulher a inspecionou com os olhos caídos e cansados.

— Você está aqui para ver Jordan Richards? — perguntou a mulher. Emily assentiu, com muito medo de falar.

Ela recebeu um passe com o nome dela. Houve um zumbido alto, e a mulher dirigiu Emily para uma outra sala, onde uma guarda que parecia uma versão envelhecida e endurecida de Tina Fey deu um tapinha em suas costas. Emily tinha lido um pouco sobre a prisão ontem à noite; ao contrário da prisão que ela tinha sido presa um dia em que ela foi falsamente acusada pelo assassinato de Tabitha, a Penitenciária Ulster era só para mulheres e só havia empregadas mulheres. A única outra informação que ela pôde obter do lugar foi que prestava serviços educacionais para as presas, o que significava que não podia ser *tão* ruim, certo?

Mas o ar cheirava a uma mistura de mofo e amônia. Lâmpadas fluorescentes zumbiam ruidosamente sobre a cabeça de Emily, e tudo, desde o fechar de portas, aos passos de Emily e ao som do chiclete de uma guarda furiosa tinha um eco solitário e oco. A Tina Fey endurecida fez um gesto para Emily segui-la, e elas passaram por uma série de salas com paredes sem adornos de alvenaria verde vômito. Ao passarem por uma porta, Emily sentiu o cheiro do que ela só poderia descrever como purê de batatas podres. Jordan já havia dito a ela que sua família era muito rica e que ela foi deixada sozinha por tanto tempo quando era mais nova que ela geralmente fazia pedidos para viagem no restaurante francês de cinco estrelas no mesmo quarteirão. Como Jordan iria sobreviver a isso?

A guarda apertou um conjunto de números em um teclado, e depois de mais um zumbido alto, a trava cedeu. Elas caminharam em uma grande sala sem janelas cheia de mesas e cadeiras. Havia uma fonte de água em um canto. A porta de um banheiro estava na parede oposta.

Uma menina corpulenta de cabelos vermelhos em um macacão laranja de prisioneira estava sentada em uma mesa com uma menina em uma jaqueta jeans e

um capuz bem apertado ao redor de sua cabeça. Ambas se levantaram assim que Emily chegou e correram em direções opostas. A menina do capuz passou pela porta pela qual Emily tinha acabado de chegar; uma guarda de cabelos crespos pegou o braço da ruiva e levou-a em direção a uma porta interior, presumivelmente de volta para sua cela. Mas antes que ela voltasse para o corredor, a prisioneira ruiva girou e olhou para Emily, seus olhos se movendo para cima e para baixo de seu corpo. Ela estava olhando para ela, talvez... ou verificando-a. Emily não tinha certeza se gostava de alguma das perspectivas.

— Sente-se. — A guarda de Emily apontou para uma das mesas. Emily o fez, e a guarda atravessou a sala para uma segunda porta interior. Em seguida, uma figura familiar entrou. Emily arfou. Sim, Jordan estava em um uniforme laranja de prisioneira, e sim, seu cabelo parecia um pouco gorduroso e seu rosto estava um pouco cansado, mas ela ainda era a menina bonita que Emily se lembrava.

Todos os tipos de lembranças voltaram ao mesmo tempo. As duas flutuando no barco roubado no porto de San Juan. Elas aconchegadas na cama em seu camarote enquanto o navio de cruzeiro desviava para outro porto. Como era bom senti-la beijando-a. Quanto sofrimento ela sentiu quando Jordan saltou ao mar.

Jordan encontrou os olhos de Emily e sorriu. Emily ficou em pé, incapaz de controlar sua emoção. Ela nunca pensou que veria Jordan novamente. Ela nunca pensou que Jordan iria querer vê-la. E ali estava ela. E isso era... *incrível*.

— Quinze minutos — Tina Fey endurecida disse rispidamente. — O tempo começa agora.

Jordan correu para Emily. — O-oi — ela disse com dificuldade, sua boca oscilando. De perto, ela cheirava a sabão. As mesmas pequenas sardas salpicavam todo o seu rosto. Emily queria tocar cada uma. — Você está... aqui.

Emily soltou uma risada sufocada, radiante por ouvir a voz de Jordan. — Eu estou aqui — respondeu ela, acariciando o ombro de Jordan. — Estou tão feliz em vê-la.

Os olhos de Jordan se arregalaram, e ela olhou nervosamente para a mão de Emily. — Nós não deveríamos nos tocar — ela sussurrou, afastando-se ligeiramente.

Um nó se formou na garganta de Emily, mas ela colocou as duas mãos no colo quando ela se sentou. Jordan sentou-se na frente dela, com as mãos sobre a mesa. Emily se esforçou para não agarrá-las e nunca soltá-las.

— Então — disse Emily, uma vez que ela encontrou sua voz. — Eu-eu senti

sua falta.

Jordan engoliu em seco. Uma lágrima correu pelo seu rosto. — Eu senti sua falta também.

— Estou tão feliz que você escreveu para mim. — Emily sorriu para Jordan tão largamente que suas bochechas doeram. — Quero dizer, tudo que eu faço é pensar em você.

— Eu também. — Jordan olhou timidamente para a mesa.

O coração de Emily deu cambalhotas. *Estou tão feliz que você não me odeia,* ela queria dizer mil vezes. — Você está... bem? — ela perguntou em vez disso, e então quis estapear a si mesma. Claro que Jordan não estava bem. Ela estava na prisão.

Jordan deu de ombros, torcendo a boca daquele jeito adorável que Emily lembrava. — Eu já estive melhor. Mas não é tão ruim assim. — Ela se inclinou um pouco. — E quanto a você? Eu não tinha ideia do que você estava passando, Em. Parece ter sido horrível. Você está bem agora, certo? Está tudo bem?

Agora foi a vez de Emily olhar para baixo. Um monte de gente tinha escrito suas iniciais na madeira, incluindo alguém que chamava a si mesmo ou a si mesma de FlameGirl. — Não exatamente.

Os olhos de Jordan se arregalaram. — O que você quer dizer?

Emily estremeceu. Ela não tinha planejado chegar a isso no tempo limitado que ela e Jordan tinham juntas, mas agora Jordan estava olhando para ela melancolicamente. Emily não tinha escolha além de explicar como Ali a tinha atacado na piscina. Ela deixou de fora um monte de detalhes — como a forma como Ali tinha dito *Diga que você ainda me ama!* — mas pela expressão atordoada de Jordan, ficou claro que ela captou a essência.

O queixo de Jordan caiu quando Emily terminou. Ela fez um gesto para os hematomas no pescoço de Emily. — Foi daí que *isso* veio?

Emily assentiu tristemente. Seus pais fizeram um monte de perguntas sobre as contusões, também; ela não sabia o que dizer a eles.

— Vocês foram à polícia? — perguntou Jordan.

— Nós fomos, mas eles não acreditam em nós. Eles ainda pensam que ela está morta. — Ela suspirou e olhou para o teto. As luzes da sala eram tão brilhantes que feriram seus olhos.

— Então o que você vai fazer?

Havia um gosto metálico na boca de Emily. Só reprocessar o ataque trouxe todos os seus sentimentos de frustração, medo e raiva para a superfície. Isso precisava acabar. — Encontrá-la — ela sussurrou ferozmente. — E matá-la.

Jordan empalideceu. Ela olhou através da sala para as guardas. Ambas as mulheres não pareciam estar prestando atenção, mas de repente, Emily se sentiu desconcertada. O que ela estava fazendo falando de assassinato em uma prisão?

— Eu não estou falando sério — ela recuou. — Eu apenas fico tão furiosa.

Jordan assentiu, mas ela ainda parecia preocupada. — Eu queria que você não tivesse que encontrá-la por conta própria.

— Eu também, mas eu não sei mais o que fazer.

— Só me prometa que você vai ficar segura. — Jordan estendeu a mão para pegar a mão de Emily, mas depois ela lembrou-se da regra de não tocar e se afastou. — Porque eu tenho algumas novidades. Eu tenho um novo advogado chamado Charlie Klose. Existem algumas lacunas no meu caso que ele quer seguir.

Emily levantou a cabeça. — Como o quê?

— Não leram meus direitos nenhuma vez quando eu fui presa, para começar. — Jordan tamborilou suas unhas irregulares sobre a mesa. — E eles procuraram o meu carro sem um mandado, e me maltrataram quando eu ainda era menor de idade. Coisas sérias, na verdade. Combinado com o fato de que eu estou arrependida e disposta a pagar por todos os danos que eu fiz, ele acha que eu tenho uma boa chance de sair em liberdade condicional.

A boca de Emily caiu aberta. — Sério?

Jordan sorriu animadamente. — Há ainda a possibilidade de haver um julgamento, mas ele está muito positivo. — Ela deslizou a mão para a frente e tocou a ponta dos dedos de Emily. — Em poucos meses, eu poderia ser uma mulher livre.

Emily inclinou-se ansiosamente. — E... depois? Para você e para mim, eu quero dizer? — Ela esperava que não fosse uma questão prematura de perguntar. Jordan a tinha recém-perdoado, afinal. Talvez elas precisassem levar as coisas devagar.

Jordan ofereceu um pequeno sorriso. — Eu quero que haja um eu e você, Emily. De verdade. Mas não pode ser em uma ilha, como falamos antes, não se eu estiver em liberdade condicional. Eu vou ter que ficar por aqui e me apresentar ao meu oficial de condicional. Eu quero que as coisas deem certo desta vez — quero realmente construir uma vida e começar de novo. — Ela olhou para Emily

timidamente. — Com você... se você estiver pronta para isso.

— Claro que eu estou — Emily baliu enfaticamente. Ela deixou isso entrar em sua cabeça. Uma vida. Com *Jordan*. Era algo que ela não se atreveu a esperar até dias atrás. Ela fechou os olhos e imaginou ela e Jordan acordando todos os dias juntas. Jordan estava certa: Elas não precisavam estar em um paraíso tropical para serem felizes. Só de estar com ela era um paraíso suficiente.

— Então, eu preciso que você fique segura — acrescentou Jordan, apertando as mãos dela. — Você fará isso? Por mim?

Emily assentiu rapidamente. — Claro. Eu prometo.

— Ótimo — disse Jordan.

— Tempo! — A voz parou o coração de Emily. A guarda caminhou pesadamente em direção à mesa e estendeu o braço em direção a Jordan.

Jordan olhou para Emily, sua expressão tanto faminta quanto torturada. Antes que ela pudesse parar a si mesma, Emily se atirou para frente, puxou Jordan em direção a ela e beijou-a com força nos lábios. Sua boca era suave e tinha sabor de hortelã, deliciosa como sempre. Emily fechou os olhos, saboreando os milissegundos de contato. Cada célula de seu corpo pareceu despertar.

Mas, então, a guarda puxou Jordan para longe. — Sem tocar — ela resmungou, segurando Jordan firmemente pelo braço e puxando-a para fora da sala.

Jordan acenou um adeus, se arrastando para fora da porta. Emily observou-a ir, sentindo tanto tristeza como felicidade ao mesmo tempo. O beijo ainda formigava em seus lábios. O calor do corpo de Jordan parecia irradiar dentro dela. Ela teria que segurar esses sentimentos, ela sabia, até a próxima vez. Mas não ia haver uma próxima vez — ela podia sentir isso. Jordan ia sair.

E elas iriam ficar juntas.

13

GAROTAS (POPULARES) ENLOUQUECEM

Na terça-feira à noite, Hanna estava no corredor do trem Amtrak Acela enquanto ele rangia e balançava na Estação Penn, em Nova York. As portas se abriram, e ela seguiu a fila de viajantes cansados em direção às escadas rolantes, com cuidado para não tropeçar em seus saltos agulha de dez centímetros. Ela também teve o cuidado de puxar a barra para que sua minissaia de paetês cobrisse seu bumbum. Um grupo de passageiros em ternos de negócio tinham dado olhares estranhos para sua roupa, provavelmente porque ela tinha combinado com os sapatos dramáticos, uma bolsa brilhante, e enormes óculos de sol que ela ainda estava usando, mesmo que o sol já se pôs. Ela não se importava com a aparência, porém, porque ela estava saindo da cidade com Hailey Blake, a extraordinária estrela iniciante de filmes. Hanna tentou entrar em cada conversa no trem — com o coletor de bilhetes, com a mulher mais velha sentada ao lado dela, e até mesmo com o homem que serviu-lhe uma Coca-Cola Diet no vagão da lanchonete.

Ela chegou ao topo da escada rolante, deu uma cotovelada no meio da multidão repleta de pessoas à espera de outros trens, e caminhou para a Sétima Avenida, momentaneamente esmagada pela pressa das pessoas, táxis e ônibus, e as luzes de néon. Alguém que apoiava o movimento pró-vida estava no meio-fio, segurando um cartaz falando que os batimentos cardíacos do bebê começavam no útero. Alguém passou por ela empurrando um carrinho de pretzel. Então, no meio da multidão, Hanna viu outra placa: ALI CATS UNIDOS! Ela piscou com força, tentando encontrá-la novamente através do mar de corpos.

Mas ela tinha desaparecido.

— Ei, vadia! Aqui!

A cabeça de Hanna virou para a esquerda. Uma limusine branca estava estacionada atrás de um carrinho de pretzel. Hailey, com seus cabelos loiros, acenou freneticamente pela janela traseira. — Pare de agir como uma turista perdida e entre aqui, menina louca!

Hanna correu, seu coração dando um pulo. Ainda era difícil acreditar que *a*

Hailey Blake tinha enviado uma mensagem ontem à noite que dizia: *Ei, eu vou estar em Nova York amanhã com a imprensa fazendo entrevistas — quer ir depois das suas cenas e me encontrar? Podemos ir na festa de estreia de mate ou morra!* Hanna nunca iria apagar essa mensagem enquanto ela vivesse. *Mate ou Morra* era o filme mais aguardado do verão, e ela mal podia acreditar que ela teria a sorte de estar lá.

Mas talvez Hanna não devesse pensar nisso como sorte. Ela era fabulosa e legal também. Afinal, desde que a notícia de que Hanna fazia parte do elenco de *Burn It Down* tinha sido divulgada, seu celular não tinha parado de tocar. O noticiário local queria fazer um perfil da sua vida. A revista *Main Line Living* queria exibir seu closet em um artigo sobre fashionistas na área da Filadélfia. Ela tinha uma tonelada de novos amigos no Twitter, e o proprietário da Otter, a boutique favorita de Hanna, entrou em contato com ela, perguntando se ela queria estar no desfile da coleção de outono. *Hanna,* uma modelo. Talvez ela merecesse totalmente sair com Hailey.

E ir a boates esta noite era a maneira perfeita para esquecer Ali. Depois de dar em um beco sem saída no Turkey Hill, Hanna e as outras tinham decidido rever novamente o minimercado neste fim de semana, já que todas elas tinham planos emocionantes esta noite que não poderiam adiar. Não que Hanna tivesse certeza de que havia alguma coisa para rever. Não era como se Fuji tivesse ligado de volta para elas com os resultados do DNA. E apesar de Spencer ter compartilhado o ato falho da mulher de trás do balcão da loja de conveniência, Hanna não tinha certeza de que era realmente um indício de que ela sabia de algo. Talvez ela assumiu que todas as adolescentes loiras compravam água em postos de gasolina.

E a mensagem com o A escrito em giz no estúdio? Provavelmente tinha sido tudo a sua imaginação. Aquele cartaz de Ali Cat que ela tinha acabado de ver? *Besteira.*

Ela deslizou para a parte de trás da limusine ao lado de Hailey, que estava usando um vestido curto semelhante e salto alto. Seus olhos estavam maquiados pesadamente, com um efeito de olho de gato, e seus lábios brilhavam com um brilhante gloss rosa.

— Hanna, este é o meu motorista, Georgio — disse ela, apontando para o motorista ao volante. — Ele é um modelo masculino promissor. Este é apenas o seu trabalho extra.

— Ela me lisonjeia — disse o homem ao volante com um sotaque italiano sexy. Ele não era muito mais velho do que Hanna, com cabelo ondulados e sedutores olhos escuros. Hanna apostava que ele tinha grandes abdomens, também.

A limusine se afastou da rua, e Hailey deu em Hanna um tapinha. — Então, obrigada por me encontrar! — ela exclamou. — Quando eu mandei aquela mensagem pedindo para você vir, eu não sabia se você iria aceitar.

— Você está brincando? — Hanna disse quando a limusine parou em um semáforo. — Eu nunca perderia uma oportunidade de vir para a cidade. E uma festa de estreia parece ótimo.

— Eu imaginei que nos divertiríamos mais aqui do que na chata e velha Filadélfia — disse Hailey, revirando os olhos. — Quero dizer, o que há para fazer, além de olhar para o Sino da Liberdade? — Ela bufou e soltou a trava de um compartimento no console central, revelando duas minigarrafas de champanhe e duas pequenas taças de cristal. — Vamos lá! Vamos fazer uma preliminar!

Hanna pegou uma taça e tomou um gole. Hailey ofereceu um copo a Georgio, mas ele recusou, lembrando-lhe que ele estava dirigindo. — Estraga-prazeres — ela gritou, e ela e Hanna riram.

Ruas passavam zunindo enquanto o carro percorria o centro da cidade. Hanna olhou para fora da janela, observando as lojas iluminadas e as ruas lotadas. Enquanto as bolhas de champanhe deslizavam em sua língua, seu celular tocou dentro da bolsa. Hanna verificou a tela; a primeira mensagem era da sua mãe. *Você chegou bem em Nova York?*

Hanna recostou-se no assento de couro. Ontem à noite, depois que ela recebeu o convite de Hailey, ela regalou a mãe dela com histórias sobre a atriz, pintando Hailey como uma menina doce, que tinha um divertimento bom e limpo. A Sra. Marin havia permitido que Hanna viesse a Nova York por algumas horas.

Estou na limusine agora, bebendo Perrier, Hanna escreveu de volta. Sua mãe jamais saberia a verdade mesmo.

A próxima mensagem era de Aria. *Na galeria, em pânico. Eu gostaria que você pudesse estar aqui.*

A nova amiga de Hanna olhou-a com curiosidade. — Para quem você está mandando mensagens de texto?

— Minha amiga Aria. — Hanna sorriu. — Ela tem uma abertura de exposição de arte hoje. Estamos todas muito orgulhosas dela. — Ela desejou que ela pudesse fazer uma breve parada na galeria, mas Aria tinha dito a ela que a lista de convidados era super-restrita — ela teve que mexer uns pauzinhos até mesmo para colocar os seus *pais* nela.

Hanna começou a digitar uma mensagem de resposta, mas Hailey fez uma careta. — Você vai, tipo, falar com Aria o tempo todo? — Sua voz estava alta e fraca. — Esta é a nossa noite juntas, não é?

Hanna deixou cair o celular em seu colo, surpresa. Ela imaginou que ela seria parte de uma enorme comitiva de Hailey. O quão especial era que Hailey a quisesse só para ela, no entanto?

— Você está totalmente certa — disse ela, escrevendo uma mensagem rápida com *Boa sorte! Você vai ser ótima!* para Aria e, em seguida, deslizando o celular de volta em sua bolsa Lauren Merkin.

Hailey abriu um compacto e aplicou um batom vermelho nos lábios. — Estou muito animada para queimar algumas calorias — disse ela. — Eu não sei quanto a você, mas o filme que nós estamos trabalhando é muito pesado.

Hanna olhou para suas unhas. Ela achou a experiência incrível, até mesmo as partes chatas onde elas tinham que ficar sentadas ao redor, enquanto as pessoas com as câmeras ajustavam a iluminação. — Tem alguma coisa te incomodando em particular? — ela perguntou.

— Hank e seu ajudante, obviamente — Hailey gemeu. — Aquele cara esteve em cima de mim desde o primeiro dia. Ele está, tipo, sempre insultando o meu desempenho. Você não percebeu?

Hanna fingiu estar fascinada com a Whole Foods gigante fora da janela. Se ao menos ela pudesse secretamente sugerir que, talvez, Hank tivesse razão. Mas ela não tinha ideia de como dizer isso sem soar mal.

Hailey suspirou dramaticamente depois que Hanna não respondeu. — Eu só queria que eles o demitissem e encontrassem alguém novo. Entre você e eu, eu não tinha certeza se eu e ele iríamos dar certo juntos desde o início. Eu peguei o filme, embora, porque eu pensei que seria uma boa oportunidade. Trabalhando com alguns dos atores, fazendo um papel mais sério — parecia a coisa certa a fazer. Essa é a minha filosofia de vida, na verdade — *nunca deixar passar uma oportunidade.* Você nunca sabe onde ela vai te levar. — Ela se inclinou para trás no banco de couro. — Foi como eu recebi a minha grande chance, sabe. Um caçador de talentos me viu no shopping e perguntou se eu queria fazer um comercial para Barbies. Eu fiquei tipo, *Uh, eu tenho dez anos!* Barbies são para os bebês. Mas mesmo assim eu fiz, e olha onde isso me levou.

— Totalmente — Hanna concordou, em seguida, apertou a mão de Hailey. Talvez as performances de Hailey melhorariam enquanto o filme continuasse.

Tinham que melhorar.

Então ela pensou na situação estranha no set no outro dia, depois que todos tinham ido para casa. Ok, talvez *quebrar umA perna* não havia sido destinado a ela, mas Daniel tinha sido definitivamente assustador. Ela estava prestes a perguntar a Hailey o que ela sabia sobre Daniel quando sua amiga se levantou do seu banco e gritou, — Chegamos!

A limusine parou junto ao meio-fio em um bloco sem pretensões no Lower East Side. Havia edifícios baixos em torno delas, a Ponte Williamsburg brilhava à distância, e a rua estava estranhamente iluminada sobre o tráfego, mas um baixo trovejava de algum lugar próximo e o aroma de especiarias asiáticas flutuava no ar. Um foco de luz brilhava em uma fila na frente de uma corda de veludo; hippies, drag queens, divas e modelos esculturais esperavam na calçada. Hanna olhou em torno de uma placa que dizia, de fato, pós-festa *Mate ou Morra*, mas então ela percebeu que nenhum evento tão exclusivo iria anunciar-se assim.

Hailey mandou um beijo para o motorista e girou para fora do carro, com cuidado para manter suas pernas longas e finas juntas. Ela puxou Hanna com ela, e as duas foram até o segurança, um cara parecendo intimidador com olhos pequenos, cabelo loiro pálido e uma tatuagem preta perto de seu olho esquerdo.

— Sven, meu garoto! — Hailey gritou, jogando os braços em volta do pescoço musculoso.

O segurança sorriu e levantou a corda. — Para você *e* sua amiga linda.

Hailey passou, e Hanna a seguiu, sentindo todos na fila gritando. "Quem é aquela com a Hailey?" vieram os sussurros. "De onde eu conheço ela?" "Ela deve ser famosa."

Hanna sorriu.

Elas caminharam para uma sala cujas paredes estavam cobertas de mosaicos e cujas mesas brilhantes continham várias flores frescas em grandes vasos bulbosos. Cabines pomposas cheias com pessoas vestidas fabulosamente cobriam as paredes, e bartenders corriam atrás de um bar que parecia como se tivesse sido feito inteiramente de ouro. Todo mundo que passou por Hanna era mais bonito que o outro. Todos se viraram para Hailey com enormes sorrisos acolhedores.

— Você está de volta, garota! — disse um cara que Hanna estava quase certa de que era o modelo da Armani. Ele inclinou-se para Hailey e deu-lhe beijos no ar.

— Venha para a nossa mesa — gritou uma menina com grandes e belos olhos

de corça e o cabelo preto mais lindo e longo que Hanna já tinha visto. Depois de um momento, Hanna percebeu que ela era a modelo da Victoria Secret chamada BiBi. Mike era totalmente apaixonado por ela.

BiBi puxou Hailey em direção a um banquete, mas Hailey continuou parada. — Talvez daqui a pouco, Beebs. Eu quero passar algum tempo com a minha melhor amiga aqui — disse ela, apertando o braço de Hanna. — Esta é Hanna, minha companheira de cena — e a garota mais incrível do mundo.

— Prazer em conhecê-la, querida — disse BiBi em seu sotaque francês, beijando Hanna de leve no rosto. Hanna quis responder — talvez algo sobre como Mike era o seu maior fã, ou perguntar como era usar aquelas asas de anjo da Victoria Secret — mas Hailey a puxou em direção a uma pequena área isolada marcada com VIP na parte de trás do clube. No interior, pessoas que eram de alguma forma ainda *mais* bonitas se misturavam ao redor de um bar cor de platina em forma de ferradura.

Hanna tentou manter a calma, mas seu estômago estava revirando. Ela nunca tinha estado em uma seção VIP antes. Era bom haver algum blogueiro de celebridades lá, ou talvez alguém da revista *Us Weekly*. Ela precisava que as pessoas soubessem disso.

Hailey piscou para o segurança, e ele levantou a corda VIP para as duas. Ela passeou em direção a uma banqueta vazia, e Hanna a seguiu. No caminho, Hailey pegou uma garrafa de champanhe da bandeja de um garçom. Ela puxou a rolha com os dedos, e, eventualmente, houve um *pop* festivo. Espuma derramou a partir da abertura para o chão. Hailey virou a garrafa em sua boca, em seguida, passou para Hanna. Hanna olhou em volta, sentindo-se um pouco tola, mas tomou um gole, também.

Em seguida, elas caíram nas cadeiras de veludo. Em cada lugar havia um pequeno saco de presente acolchoado. Hanna olhou ansiosamente para dentro. Havia um (grande!) frasco de perfume Bond No. 9 High Line, uma pequena caixa de chocolates Godiva, uma cópia em DVD de *Mate ou Morra* e um cartão de presente do Spa Bliss. Hanna gritou de alegria.

Hailey examinou seu saco de presentes também, em seguida, observou Hanna ansiosamente. — E então? Você gostou?

Hanna quase cuspiu um gole de champanhe. — Você está *brincando* comigo? — Ela fez um gesto ao redor. — Eu sinto como se eu tivesse morrido e ido para o céu.

— Ótimo. — Hailey parecia aliviada. — Espero que este seja o início de um

monte de divertidas noites de garotas.

Mais uma vez Hanna estava tocada. Era tão doce que Hailey quisesse fazer tudo isso por ela.

Um garçom apareceu, e Hailey pediu tudo no menu das porções de degustação. Mais champanhe foi derramado, e em poucos minutos, algumas pessoas que Hanna reconheceu — um famoso editor de revista do *Project Runway,* um designer de moda, um apresentador convidado do *American Idol*, o cara que tinha ganhado um monte de medalhas de ouro na natação na última Olimpíada, e, claro, um monte de atores de *Mate ou Morra* — parou para falar com Hailey. Hailey introduziu Hanna a cada um deles, e quanto mais champanhe Hanna bebia, mais extrovertida ela se sentia. Em pouco tempo, ela estava conversando com uma modelo sobre a beleza dos sapatos *T-straps*. Quando um cantor e compositor em ascendência chamou Hanna para dançar, ela se levantou e girou ao redor por três minutos felizes, suas bochechas quentes e sua cabeça clareada.

Houve mais danças, mais amigos, e mais champanhe, e em um momento, Hailey subiu no bar e fez alguns segundos de twerk antes de ela descer vertiginosamente. Hanna ajudou Hailey a ficar de pé, e elas caíram em seus assentos ao descobrir que sua comida havia chegado.

— *Perfeito* — Hailey gritou. — Se eu tomasse mais champanhe com o estômago vazio, eles teriam que me descolar do chão. — Então ela empurrou um monte de pratos para Hanna. — Experimente estes. Eles são todos incrível.

Hanna pegou um prato do que parecia ser rolinhos primavera. Hailey selecionou um bolinho de massa e o cortou delicadamente com o garfo. Então os olhos de Hailey se arregalaram. — Aqui — ela gritou, apontando para alguém do outro lado da sala.

Hanna seguiu seu olhar. Jared Diaz, o menino que estava interpretando Mike em *Burn It Down*, e Callum Yates, que estava fazendo Noel Kahn, apareceram entre a multidão. Ambos estavam vestidos com camisas de botão elegantes, jeans perfeitamente ajustados e tênis de couro descolados. Eles teceram através do clube como se tivessem estado aqui antes.

— Eu mandei uma mensagem para eles passarem por aqui — Hailey gritou para Hanna sobre a mesa. — Espero que esteja tudo bem?

Hanna sentiu um pouco de aborrecimento — preocupada que pudesse parecer um encontro duplo. Mas os caras eram legais. E isso era o que ela queria, afinal de contas, confraternizar com seus colegas de elenco. Fazer parte do círculo.

— Estou tão feliz que vocês vieram! — Hailey exclamou quando os meninos chegaram à mesa. Ela deu um tapinha no assento da banqueta, e Callum deslizou ao lado dela. — Jared, você se senta ao lado de Hanna!

Jared fez o que lhe foi dito, dando a Hanna um sorriso animado. Hanna, se sentindo solta e amigável por causa do álcool, deu em Jared um grande abraço e ofereceu-lhe um pedaço de rolo primavera, que ele gentilmente aceitou, usando o garfo.

— Você estava em Nova York para entrevistas à imprensa, também? — ela perguntou a Jared enquanto ele mastigava.

Jared revirou os olhos e limpou a boca. — Levou o *dia todo*.

— Oh, chore por mim. — Hanna acenou com a mão. — Estou morrendo de inveja.

Jared olhou para outro rolinho primavera, em seguida, levantou uma sobrancelha para pedir a permissão de Hanna para pegá-lo de seu prato. Ela assentiu com a cabeça. — Na verdade, todo mundo estava perguntando sobre você — disse ele.

— Eu? — Hanna tocou no peito.

Jared colocou outro rolinho primavera em sua boca, seus olhos procurando o rosto dela. Ele era tão bonito quanto Mike, embora mais na moda, meio Justin Bieber — não era realmente o tipo dela. — Muitos dos repórteres perguntaram por que você não fazia parte da coletiva de imprensa, também. As pessoas me perguntaram quem faria uma melhor Hanna Marin — Hailey ou a verdadeira Hanna. — Ele sorriu maliciosamente. — Eu disse a eles que a melhor pessoa para perguntar era a própria Hanna Marin.

Hanna olhou para a mesa. Era uma coisa boa que estava escuro no clube, porque suas bochechas estavam vermelhas. Ela podia sentir Jared observando-a com cuidado, mas não parecia que ele estava provocando-a. E se ele tivesse notado o lamentável desempenho de Hailey performando Hanna, também?

De repente, ela sentiu uma onda de coragem desinibida. Ela chegou mais perto de Jared e inclinou-se em sua orelha. — Entre você e eu? Eu faria a melhor Hanna.

Jared levantou a cabeça animadamente. — Sério?

O olhar de Hanna deslizou para Hailey e Callum, que estavam em sérias discussões sobre qual ginásio de Nova York era mais pretencioso — o La Palestra ou o Peak Performance. Ela olhou para Jared e colocou um dedo sobre seus lábios.

Não conte. Para que Jared fingisse trancar os lábios e jogar a chave por cima do ombro.

Hanna deu uma risadinha, e ele segurou seu olhar por um momento. Então, de repente, ele se inclinou e beijou Hanna na boca. Ele tinha gosto de uísque, e os seus lábios pareciam totalmente diferentes dos de Mike. Uns três segundos se passaram antes de Hanna perceber o que estava acontecendo e se afastar, mas ela já tinha percebido um flash de uma câmera.

— *Isso!* — Hailey falou do outro lado da mesa, com o celular dela levantado. — Super sexy! Façam isso de novo!

Mas Hanna já havia se ajeitado de volta. Ela limpou a boca. — O que foi isso? — ela perguntou a Jared, totalmente consciente de sua voz esganiçada.

Jared cruzou os braços sobre o peito, parecendo satisfeito consigo mesmo. — Bem, agora eu beijei *ambas* as Hannas. — Ele olhou Hailey do outro lado da mesa. — E eu tenho que dizer, vocês duas são demais.

Hailey jogou a cabeça para trás e riu. — Jared, você é uma *viagem*!

Mas as bochechas de Hanna queimaram. Ela tinha um *namorado*. E se isso vazasse? Ela deveria dizer a Mike neste instante?

Mas quando ela olhou em volta, ninguém estava prestando atenção nela. E menos de cinco minutos depois do que tinha acontecido, Jared estava conversando com Callum sobre algum clube em Los Angeles como se tivesse esquecido a coisa toda. Ela sentiu seu coração desacelerar. Talvez o que tinha acontecido não importasse nem um pouco. Não era como se Jared tivesse arrastado ela para um quarto e arrancado todas as suas roupas. Na verdade, talvez Hanna devesse se sentir lisonjeada por uma grande estrela querer dar-lhe um beijinho inofensivo.

Ela recostou-se na cadeira e colocou um rolo primavera em sua boca. Não havia absolutamente nenhum objetivo em dizer a Mike o que tinha acontecido. Ele iria surtar, afinal de contas, e sua noite seria arruinada. Tudo que Hanna queria, ela percebeu, era ter uma noite inesquecível em uma sala VIP inesquecível com pessoas inesquecíveis. Sem complicações. Sem escândalos. Sem A. Apenas... diversão.

Ela sorriu para os outros ao redor da mesa. O volume do sistema de som aumentou, e todo mundo estava indo para a pista de dança. — O que estamos esperando, festeiros? — disse Hanna, deixando cair o garfo, tomando um gole final da sua bebida, e puxando Hailey de pé. — Vamos dançar!

E lá se foram eles.

14

NOITE DE ABERTURA

No lado oeste de Nova York, no elegante bairro de Chelsea, Aria saiu de um banheiro e examinou-se no espelho longo e estreito. Seu cabelo escuro estava puxado de seu rosto, revelando sua pele limpa e impecável. Seus olhos brilhavam, e seus lábios naturalmente carnudos pareciam especialmente brilhantes com gloss. Ela tinha comprado um vestido preto elegante e sofisticado para a ocasião, junto com saltos gladiador de tiras e um monte de pulseiras cravejadas. Ela estava usando um look "menina legal da cidade sai para uma noite de trabalho em uma galeria".

Até que ela empurrou a porta do banheiro, olhou ao redor do espaço da galeria, e lembrou. Cada pintura na parede era *dela*. Muitas delas tinham adesivos cinza sobre elas marcando que elas já haviam sido vendidas.

Retratos de pessoas aleatórias de Rosewood que ela rapidamente pintou nos últimos dias estavam ao longo da parede do fundo. Abstratos coloridos alinhavam o espaço perto do bar. A "série obscura", como Aria chamava as pinturas que ela tinha feito após o ataque de Nick, ficava em outra parede. Cada pintura estava numerada, e uma lista de preços estava discretamente disponíveis mediante solicitação. Aria tinha estado quase com medo de olhar para os preços que tinham definido, mas Ella a tinha obrigado. Sua maior pintura, uma de sua mãe rindo, estava à venda por duzentos mil dólares.

Era irreal. Os convites para festas no submundo da arte no Brooklyn, telefonemas de bandas indie que queriam que Aria pintasse suas próximas capas de álbuns e o fato de que o nome dela, apenas o dela, havia se tornado uma hashtag no Twitter. Como: *Consegui um convite para a #Noite de abertura de Aria Montgomery esta noite. Que demais!*

A diretora da galeria, Sasha, vestida com calças skinny pretas e uma blusa curta e assimétrica da moda vanguardista que exibia seu abdômen imaculado, deslizou para Aria e pegou suas mãos. — Tudo está indo bem, minha querida?

— É *claro* — Aria falou, espantada com a multidão que começava a se reunir. Pareceu um sonho quando ela realmente assinou toda a papelada que permitiu que

esta galeria lhe desse uma exposição. Aria temia que Sasha fosse se irritar quando visse as outras obras de Aria, mas ela gritou de prazer quando ela desembrulhou tela após tela. — Linda — ela vibrou várias vezes.

Então Aria sorriu para seu pai e Meredith, que também vieram. Os dois estavam orgulhosamente perto do bar com copos de vinho tinto na mão. — Obrigada por colocar minha família na lista de convidados, também — ela disse timidamente.

— Sim, bem, eu teria preferido deixar entrar mais alguns repórteres, mas eu entendo que você precisa do seu pessoal com você hoje à noite de todas as noites — disse Sasha, dando-lhe um tapinha brincalhão. — Falando nisso, há, tipo, um zilhão de pessoas que querem falar com você. Agentes de arte, compradores...

— John Carruthers está aqui? — perguntou Aria. Ela soube que ele veio a uma série de aberturas, e ela estava ansiosa para conhecê-lo. E talvez até mesmo de perguntar por que ele tinha comprado o retrato de Ali.

Sasha esquadrinhou a multidão. — É... não. Acho que ele ainda está viajando. — Ela deu um tapinha no braço de Aria. — Mas não se preocupe. Há uma abundância de outras pessoas que querem o seu trabalho. Você é a nova sensação, minha querida! — Então os olhos de Sasha se iluminaram. — Oh! Eu esqueci de mencionar. Um blogueiro ficou perguntando sobre você sem parar. Deixe-me só...

— Harrison? — perguntou Aria, seu coração acelerando. Ele disse que ia tentar com muito empenho vir da Filadélfia.

— Não, uma mulher do *ArtSmash*.

Os olhos de Aria se arregalaram. O *ArtSmash* era provavelmente o maior blog de arte ao redor. Era tão popular e influente, de fato, que o site hospedava eventos de arte em torno de Nova York, Los Angeles e Filadélfia, e foi muitas vezes um patrocinador de exposições em galerias no Brooklyn e no bairro Fishtown da

Filadélfia.

Sasha sinalizou a alguém em um terno preto no bar. A mulher levantou uma sobrancelha e caminhou até elas. Ela estendeu a mão. — Esmerelda Rhea — disse ela em uma voz alta e mandona. — Eu sou do *ArtSmash*. Eu gostaria de fazer um perfil sobre você. Um exclusivo.

O estômago de Aria caiu. — Hum, isso não poderá ser exclusivo. Eu já dei uma entrevista a Harrison Miller.

A expressão de Esmerelda ficou em branco. — Quem é Harrison Miller?

— Do *Fire and Funnel*? — disse Aria, hesitantemente. — É meio indie. Mas é muito legal.

Esmerelda não pareceu impressionada. — Bem, nós podemos simplesmente dizer a este Harrison para não postar, ok? Um exclusivo com a gente vai realmente significar alguma coisa.

Aria piscou. — Mas foi uma boa entrevista. — Ela tinha lido um rascunho ontem à noite: Harrison tinha chamado a sua arte de "fascinante", "madura", "comovente" e "provocativa". Ele também havia dito que Aria era "encantadora pessoalmente, tão astuta, elegante e profunda quanto suas pinturas". — Como ela poderia rejeitar esse tipo de imprensa?

Esmerelda riu. — Você é tão novata. Isso é tão doce! — Ela deu a Aria um sorriso condescendente. — Eu lido com Harry, se você quiser.

— Harrison — corrigiu Aria.

Neste exato momento Aria avistou a figura alta e familiar de Harrison se esquivando pela porta da frente. Ele estava com a mesma bolsa de couro surrada em seu ombro, e ele tinha um olhar sério e ansioso no rosto. Ele olhou através da sala e a notou. Seu rosto se iluminou, e Aria sorriu de volta.

— Lá está ele agora — disse Aria com uma voz forte, apontando-o.

A poucos passos de distância, Harrison notou Esmerelda e empalideceu. — Oolá, Esmerelda — ele gaguejou quando ele se aproximou. Ele parecia um pouco desconfiado. — É bom vê-la novamente. Quando foi a última vez? Naquela festa no Museu de Arte Moderna?

— Mm-hmm — disse Esmerelda forçadamente, seus pequenos olhos se estreitando. *Interessante,* Aria pensou. Momentos antes, Esmerelda tinha fingido que não tinha ideia de quem era Harrison. Em seguida, ela deixou escapar um pequeno suspiro irritado. — Então. Aria estava me dizendo que você já falou com ela. Queremos ser os exclusivos, no entanto. Isso pode ser arranjado, não pode? — Ela olhou para ele com firmeza, com os olhos sem piscar.

A boca de Aria caiu aberta. Ela se virou para Harrison. Ele parecia intimidado e miserável — talvez como se Esmerelda tivesse feito isso com ele antes. Ela não era nada além de... uma *valentona*, Aria percebeu. E Aria certamente sabia como era essa sensação.

Ela levantou-se reta. — Harrison vai postar a minha história — disse ela em uma voz forte. — Minha exclusiva será com ele.

Parecia como se Esmerelda tivesse levado um tapa. — Você está falando *sério*?

— Sim — disse Aria, esperando que ela não estivesse cometendo um grande erro. Talvez ter uma exclusiva com o *ArtSmash* pudesse avançar sua carreira mais rápido, mas ela não podia deixar esta senhora empurrar as pessoas de lado.

Esmerelda fungou. — Bem, é a sua carreira que será sabotada. — Ela olhou em volta para as pinturas na parede. — E, honestamente, este material parece uma exposição de arte de um formando, de qualquer maneira. — Ela deu uma cotovelada em torno de um monte de gente entrando, quase tropeçando em alguém que estava descartando um guarda-chuva.

Depois que ela se foi, Aria se voltou para Harrison. Ele parecia espantado. — Você não tem que fazer isso. O *ArtSmash* é, tipo, *enorme*.

Aria deu de ombros. — Bem, talvez eu goste mais do *Fire and Funnel*. — Ela ofereceu-lhe um pequeno sorriso.

Harrison lambeu os lábios nervosamente. — Bem, o *Fire and Funnel* gosta de você, também.

Aria sentiu-se corar. — Estou feliz que você veio hoje à noite.

Harrison não quebrou seu olhar. — Eu não teria perdido por nada no mundo.

Eles olharam um para o outro. Então, lentamente, Harrison moveu a mão em direção a Aria. Ela sentiu os seus dedos se entrelaçando com os dela e apertando-os. Ela os apertou de volta. Ela estava muito dormente e sobrecarregada para saber como ela realmente se sentia sobre isso ou sobre Harrison, mas ela disse a si mesma para parar de pensar demais e apenas relaxar.

Em seguida, o celular dela, que estava em sua bolsa envelope, começou a zumbir. Ela olhou para ele, registrando o número familiar da Filadélfia. Era Fuji. O moletom.

— Eu-eu preciso atender — disse Aria, levantando um dedo. — Eu já volto.

Ela caminhou no meio da multidão para o corredor até o banheiro. Seu coração batia forte quando ela clicou em ATENDER e disse alô.

— Aria — Fuji gritou através do receptor. — Sinto muito ligar tão tarde. Estou com Emily e Spencer na linha, também.

— Oi — disse Emily e Spencer em uníssono.

— O-oi — Aria respondeu com a voz trêmula e o coração batendo forte.

— Eu tentei ligar para Hanna, mas ela não está atendendo — Fuji continuou.

— Eu tenho algumas notícias que vocês podem querer ouvir.

— Sobre Ali? — disse Aria ansiosamente, incapaz de controlar sua antecipação. Claro que era sobre Ali. Não havia outra razão para Fuji estar ligando. — Você finalmente obteve os resultados do DNA? — *Eles encontraram uma compatibilidade. Aquele cabelo é de Ali. Finalmente, finalmente, eles entenderam que ela ainda está viva.*

— Eu sinto muito por ter demorado tanto, mas sim, nós temos — disse Fuji com uma voz entrecortada. — O cabelo no moletom é de Spencer.

A mente de Aria ficou em branco.

— O quê? — Spencer gaguejou.

— Pode ter caído no moletom quando vocês foram examiná-lo — explicou Fuji.

— Sinto muito, meninas.

— Eu não posso acreditar nisso — disse Spencer baixinho.

— M-mas você testou o resto do moletom, certo? — Aria perguntou. — Havia algo mais nele, talvez? Células da pele de Ali? Outro cabelo? Um cílio?

Fuji suspirou. — Minha equipe analisou o moletom muito bem, mas nós não encontramos qualquer outra coisa que poderia ser testada. Vocês também devem saber que Rosewood Day tinha desativado suas câmeras de vigilância na área da piscina por causa das férias, por isso não temos nenhum registro do intruso. Para ser honesta, ninguém devia ter estado lá de jeito nenhum — inclusive você, Emily. Você tem sorte que não estão pensando em prestarem queixa por invasão.

— Mas... — disse Emily empaticamente, esgotada. — É a minha escola. Eu estava lá para uma aula. Eu não estava exatamente invadindo.

Aria afundou contra a parede. — Então você não tem provas nas câmeras de vídeo?

— Não. — Fuji parecia frustrada. — Vamos continuar a olhar ao redor e fazer perguntas, no entanto. Mas, quanto a isso ser Alison, isso é simplesmente impossível. Por favor, avisem a Hanna.

Aria ouviu o clique abafado quando Fuji desconectou a linha. Então, ela deu um passo para trás, seu dia mágico de repente arruinado.

Era isso. Elas estavam de volta à estaca zero.

15

AFASTEM-SE DAS PORTAS SE FECHANDO

— Ok, quinze minutos para ir ao ar — disse Samantha Eggers, uma mulher de queixo pontudo com óculos de armação escura, enquanto ela enfiava a cabeça pela porta. — Está todo mundo bem?

Spencer e as outras crianças do painel anti-bullying balançaram a cabeça, e em seguida, Samantha — a mesma mulher que tinha ligado para Spencer e a convidado para estar no grupo — desapareceu pela porta. Ela prendeu todos na sala verde, como ela dizia, onde eles poderiam esperar e relaxar enquanto a equipe preparava tudo. Era basicamente uma sala de conferências no edifício Time-Life na Sexta Avenida, perto da Quinquagésima, que também abrigava a *Time, Entertainment Weekly, People* e ia ao ar um programa matinal do CNN em nível popular. A sala verde era cheia de cadeiras, sofás e revistas, e uma longa mesa cheia de tigelas de biscoitos, um prato de queijo em cubos e um refrigerador cheio de refrigerantes. As janelas davam para a Sexta Avenida e uma placa de néon antiquada do Radio City Music Hall. Era para haver seis crianças no painel, mas nem todo mundo estava aqui ainda. Havia duas meninas, além de Spencer, uma delas igualmente vestida meticulosamente e pronta para o futuro como Spencer. A outra garota era asiática e a lembrou de Emily: Ela não usava maquiagem, o cabelo escuro estava simplesmente puxado para trás, e seu vestido preto liso revelava panturrilhas fortes. Dois rapazes sentavam-se em lados opostos da sala, olhando cautelosamente os seus celulares. Por suas posturas e comportamentos nervosos, Spencer se perguntou se eles tinham sido intimidados. Talvez ela tivesse falado com eles em seu site.

Ela queria perguntar, mas sua mente ainda estava na ligação de Fuji. Por que Fuji as derrubava tantas vezes? *Agora*, o que elas iriam fazer?

Todos se reuniram na porta. Samantha os levou para outra sala de conferência no andar. Estava cheia de luzes e câmeras e uma pequena área com um palco na frente de uma cortina preta. Havia um grupo de crianças da idade de Spencer sentado em cadeiras dobráveis na parte de trás. Samantha tinha dito a ela que haveria uma plateia, e ela tinha mencionado para seus leitores do blog como ela estava empolgada de estar no painel e perguntou que tipo de perguntas eles fariam

como membros da plateia. Muita gente respondeu; ela esperava que ela recebesse perguntas com metade da perspicácia hoje à noite.

De repente, alguém bateu em seu ombro. — Spencer Hastings?

Um menino alto e atlético, de cabelos desgrenhados se levantou de sua cadeira na primeira fila. Ele usava uma camisa azul clara, gravata, calça e sapatos brilhantes, e na parte de trás de uma mão havia uma tatuagem do que parecia ser um falcão em voo saindo da sua manga. Ele era um dos estranhos mais bonitos que Spencer já tinha visto.

— Eu sou Greg Messner — disse ele depois de um momento. — Eu já lhe mandei e-mails algumas vezes?

Spencer piscou. — *Você é* Greg?

Ele tocou o peito. — Você lembra de mim?

Como ela não lembraria? Este era o cara que a tinha fortificado, dizendo-lhe que a mensagem do blog dela era poderosa e edificante. Mas Spencer não tinha ideia de que ele era tão lindo. — O-O que você está fazendo aqui? — ela gaguejou nervosamente passando a mão pelo cabelo. Será que parecia crespo? Ela deveria ter usado um vestido diferente?

— Eu vi a sua postagem sobre o vídeo, e eu liguei para ver se eu poderia estar na plateia. — Greg abaixou a cabeça. — Eu queria apoiá-la.

As entranhas de Spencer capotaram. — Obrigada — ela deixou escapar, atordoada que ele se importasse tanto.

Greg sorriu e se inclinou para frente, pronto para falar mais, mas eles foram interrompidos por Samantha quando ela bateu palmas. — Ok, pessoal! Estamos prontos!

Greg deu um passo para trás e fez um gesto para Spencer ir para o palco. — Boa sorte! — disse ele, animado. — Você vai se sair bem.

Samantha a dirigiu para o grupo nas cadeiras na frente da cortina. Maquiadores esvoaçavam ao redor, passando pó para câmeras de alta definição em cada rosto deles. Spencer tentou ficar calma, mas de vez em quando ela espiava Greg na plateia. Ele estava olhando para ela a cada momento. Seu coração batia freneticamente. De perto, Greg tinha até *cheirado* bem, como o salão Aveda de homens que ela frequentava muitas vezes.

Não que ela tivesse uma queda por ele, nem nada. Ela mal o *conhecia.*

— Agora, vamos ser bastante informais — Samantha explicou, em pé na frente do grupo. — Um dos produtores irá fazer uma pergunta, e então qualquer um pode responder. A plateia pode responder também. — Ela apontou para eles, embora todos eles fossem rostos anônimos e desinteressantes, exceto Greg. — Basta serem vocês mesmos, e ter orgulho do que vocês realizaram. Lembrem-se, todos vocês são as vozes sobre as medidas anti-bullying, e nós apoiamos muito os seus esforços. De *todos* vocês.

Spencer cravou os olhos em Greg novamente, e ele deu-lhe outro sorriso encorajador. Em seguida, as câmeras começaram a rolar. Um produtor, um homem magro e grisalho chamado Jamie, pediu a todos para compartilhar suas histórias. Os painelistas estavam ao redor da sala, explicando como eles ou alguém que eles amavam havia passado por uma experiência particularmente horrível. Os dois meninos tímidos tinham sido atormentados — um por causa de sua sexualidade, o outro porque ele estava no espectro do autismo. A menina atlética, cujo nome era Caitlin, estava no painel para iniciar um programa de divulgação depois que seu irmão, Taylor, se matou depois de ser atormentado violentamente. E Spencer contou brevemente sua história sobre Ali, mas principalmente contou sobre seu site e como ela queria ajudar outras pessoas a compartilhar suas histórias.

A partir daí, Jamie pediu mais perguntas sobre a carga emocional do assédio moral que as pessoas enfrentavam, de onde o bullying se originava e como pará-lo. O painel se revezava dando respostas, e cada vez que Spencer falava, ela sentia o peso de suas palavras. Cada sala de aula iria ver isso por anos. Ela estava deixando um legado.

Quando Jamie fez uma pergunta sobre se o bullying parecia estar em ascensão na era da mídia digital, os painelistas se entreolharam. Spencer limpou a garganta. — A mídia social pode expor a sua dor em um grau elevado. No Facebook, *todo mundo* vê o que você está passando, não apenas as pessoas que por acaso estão no lugar quando quem quer que seja tortura você. Todos podem "curtir" um comentário maldoso sobre você. Pode fazer você se sentir como se fosse você contra o mundo.

Ela passou o microfone, pegando os olhos de Greg na plateia. *Legal*, ele murmurou. Sua coluna formigava agradavelmente.

Mas, então, alguém na plateia tossiu. — Isso é besteira.

As sobrancelhas de Samantha levantaram. Câmeras viraram para enfrentar o membro da plateia. — Me desculpe? — disse Jamie, apertando os olhos para a

escuridão. — Você pode se levantar para que possamos vê-lo, senhor?

Uma figura em uma jaqueta xadrez, volumosa e vermelha de um caçador levantou. Ele era um cara moreno, de rosto quadrado com as sobrancelhas curvadas e uma boca virada para baixo que o fazia parecer com raiva. Quando ele olhou para Spencer, seus olhos endureceram ainda mais. — Vocês soam como aqueles pais que culpam os jogos de videogame pela violência. A mídia social não é a culpada. As pessoas hipersensíveis são.

Todo mundo no palco murmurou com preocupação. Spencer piscou para a figura na plateia, uma peça de quebra-cabeça encaixando no lugar. Ela reconheceu seu rosto de uma imagem no perfil. Era DominickPhilly, o idiota que estava sempre detonando o seu site.

Por que diabos ele estava aqui?

Jamie colocou as mãos nos quadris. — Talvez você gostaria de falar mais sobre isso?

Dominick deu de ombros, seu olhar ainda em Spencer. — Quanto mais poder nós damos a essa coisa toda de anti-bullying, mais poder damos aos valentões. Vocês não acham que os valentões existem desde, tipo, o início dos tempos? E talvez, eu não sei, algumas pessoas *mereçam* ser atormentadas.

Todo mundo no palco ofegou. Samantha, que estava sentada à margem, saltou de pé. — Isso é impróprio. Eu acho que você deve sair.

— E quanto à liberdade de expressão? — Dominick protestou.

Os olhos de Samantha brilharam. — Estamos tentando ajudar as pessoas a passar por provações terríveis. O que *não* precisamos é de alguém invalidando os seus sentimentos.

— Há, há, há. — Dominick sorriu, revirando os olhos.

— Já chega. — Samantha sinalizou para um homem que Spencer não tinha notado no canto, e ele caminhou para a frente, indo para o corredor e pegando o braço de Dominick. Todo mundo viu quando o guarda puxou Dominick pelo corredor para a saída.

Pouco antes de a porta se fechar, Dominick se virou e olhou para Spencer e só para Spencer. — Eu espero que você esteja feliz, pequena mentirosa — ele disse ameaçadoramente.

Spencer se encolheu. — Ei — disse Greg rispidamente, levantando. Parecia que ele estava prestes a pular para fora do palco, mas Jamie acenou para ele voltar a

sentar.

— Desculpe por isso, pessoal — disse Samantha depois que a porta se fechou. — Eu acho que isso mostra que os valentões estão por toda parte, não é? — ela riu, desconfortável. — Vamos voltar ao rumo certo, ok? Vamos editar tudo isso.

Spencer foi capaz de terminar o vídeo, até mesmo de ficar focada, mas ela teve que esconder as mãos tremendo sob suas coxas. Ela podia sentir Greg sorrateiramente olhando para ela, e ela manteve um sorriso colado no rosto.

Depois de mais meia hora, Jamie sinalizou para as câmeras pararem. Ele sorriu para o painel. — Vocês foram incríveis. Acho que temos tudo o que precisamos e muito mais.

— Festa de comemoração no Heartland Brewery! — Samantha exclamou alegremente, explodindo em aplausos. — Todos vocês merecem! — Ela olhou para a plateia. — Vocês todos são bem-vindos, também.

Spencer se levantou e seguiu os outros para fora do palco. Greg pegou o braço dela no caminho para a sala verde. — Você vai para a festa? — ele questionou.

O Heartland Brewery, Spencer tinha ouvido, era o lugar onde todo os membros do elenco do *Saturday Night Live* tinham suas pós-festas. Mas quando ela pensou em ir a uma festa, seu coração começou a bater forte. Dominick tinha deixado ela instável. Ela não queria estar no meio da multidão.

Greg inclinou a cabeça, estudando-a. — Ou nós poderíamos ir a algum lugar mais calmo? — ele sugeriu. — Eu conheço um ótimo café no Village. É apenas uma viagem de metrô de distância.

— Isso soa perfeito — Spencer sussurrou. Este Greg era o mesmo cara dos e-mails: intuitivo, simpático e compreendia exatamente o que ela queria sem ela ter que explicar nada.

E era exatamente o que ela precisava.

Eles desceram as escadas de concreto para baixo do enorme edifício de escritórios para a estação de metrô. Enquanto caminhavam através de um túnel em direção ao trem F, Spencer continuou tentando pensar em algo para dizer a Greg, mas tudo o que ela podia pensar era em Dominick. Greg tinha ligado e se metido na plateia facilmente; claramente, Dominick tinha feito isso também. Mas por quê? Expressamente para gritar com Spencer? Para humilhá-la?

— Então, aquele cara era um ex ou algo assim? — Greg perguntou quando ele comprou duas passagens de metrô para eles.

A cabeça de Spencer balançou para cima. Era estúpido se fazer de desentendida; o estresse de Dominick estava provavelmente óbvio em seu rosto. — O nome dele é Dominick. Eu só conheço ele do meu blog — ele me odeia por algum motivo. Eu não sei porquê. Algumas pessoas são apenas odiadoras.

Greg caminhou em direção as escadas que levavam para a plataforma baixa. — Bem, tente esquecê-lo. Você fez um ótimo trabalho hoje à noite. Você fica tão confortável diante das câmeras.

— Bem, eu fui entrevistada tantas vezes que eu estou acostumada com isso — disse Spencer, rindo timidamente.

Eles entraram na plataforma baixa. Uma placa dizia que o trem local, que eles estavam esperando, iria vir em um trilho e o trem expresso chegaria em outro. No momento, não havia nenhum trem em nenhum dos trilhos. Os trens para a cidade estavam do outro lado da plataforma, separadas por um monte de vigas de aço e trilhos parecendo perigosos. Na maior parte, as plataformas estavam desoladas, com apenas algumas pessoas vagando para cima e para baixo, usando fones de ouvido ou olhando seus telefones. Spencer começou a andar pela estação, olhando para os cartazes nas paredes. Havia um de uma nova série dramática da HBO; alguém tinha riscado os dentes da atriz principal e deu a ela chifres do diabo.

Então ela olhou para Greg, percebendo alguma coisa. — Como você sabe sobre este lugar no Village, de qualquer maneira? Achei que você vivia em Delaware.

Greg assentiu. — Meus pais se divorciaram quando eu tinha sete anos, e meu pai se mudou para cá. Eu o visitei algumas vezes.

— Isso deve ter sido divertido.

Ele moveu sua mandíbula. — Eu na verdade cresci praticando esportes, então normalmente eu estava chateado por eu estar perdendo de praticar futebol. Por um longo tempo, eu não apreciei o que a cidade tinha a oferecer. E eu odiava a nova esposa do meu pai. Cindy.

Spencer revirou os olhos. — Meus pais se separaram, também. Mas meu padrasto é legal. Talvez seja mais fácil, porque eu sou mais velha.

— Talvez. — Greg olhou fixamente para os trilhos do metrô. Spencer odiava olhar para lá com medo de ver um rato. — Cindy costumava me intimidar, na verdade.

— Sua *madrasta*? — Spencer perguntou. — Como?

Greg levantou um ombro. — Ela era insultante e manipuladora. Mas ela era astuta sobre isso — ela agia como se ela me amasse, sempre que o meu pai estava por perto, e ela negava sempre que eu dizia a ele que ela tinha sido má. Ninguém acreditava em mim.

— Isso é horrível — Spencer sussurrou, sentindo um puxão em seu coração. — O que você fez?

Greg enfiou as mãos nos bolsos. — Eu só... aceitei, por um tempo. E então, quando eu tive oportunidade de falar, eu disse ao tribunal que eu não queria visitar mais o meu pai. Eu fui um idiota, no entanto — eu não disse ao tribunal o que Cindy estava fazendo. Eu pensei que iria destruir o meu pai — eles teriam investigado ela *e* ele. Mas ele descobriu eventualmente — Cindy ficou bêbada e confessou tudo pouco antes de ela deixá-lo. Ele pediu desculpas, mas era muito, muito tarde. — Ele arrastou os pés. — Eu sempre digo que eu ficava parado e via outras crianças sendo intimidadas, mas não é a verdade. Eu tenho vergonha de contar a minha história. Ela era, tipo, metade do meu tamanho. E *velha*.

— Isso não importa — Spencer encorajou. — Abuso emocional é abuso emocional, não importa de onde vem.

Greg balançou a cabeça lentamente. Então ele ergueu os olhos para Spencer, com o rosto um pouco manchado como se estivesse prestes a chorar. — Foi por isso que eu fiz isso. — Ele mostrou a ela a tatuagem do pássaro em sua mão. — Eu senti como se me desse... poder ou algo assim. Eu não sei. — Ele engoliu em seco. — Eu realmente nunca disse a ninguém sobre Cindy — ele admitiu.

— Bem, eu estou feliz que você me disse — disse Spencer baixinho, sentindo-se tocada.

Greg assentiu. — Estou feliz também. — Ele esfregou a tatuagem de pássaro com os dedos. — Se eu puder alguma vez devolver o favor para você, eu estou aqui.

As entranhas de Spencer saltaram e capotaram. Seria bom conversar com alguém que não fosse suas amigas. Ele acreditaria nela, ela sabia. Sobre qualquer coisa. Ela se inclinou para a frente e tocou seus lábios em suas bochechas. — Obrigada.

Greg pegou suas mãos. Ele olhou em seus olhos de forma significativa, e Spencer sabia que eles iriam se beijar de verdade. Seus lábios se separaram. Ela se aproximou. Parecia que era apenas eles dois, feridos e quebrados, mas resistentes, contra o mundo.

Uma rajada de vento subiu. Um trem para a cidade passou através do túnel, e

Spencer se afastou de Greg. Ela se repreendeu, sentindo-se ridícula. O que ela estava fazendo, beijando um completo estranho? Ela não tinha desistido dos garotos?

Os vagões do trem retumbaram ruidosamente sobre os trilhos do outro lado da estação. Os vagões pararam, e as portas se abriram. Passageiros embarcaram e desembarcaram em uma confusão, a plataforma de repente muito lotada. Spencer olhou preguiçosamente a comoção para que ela não tivesse que fazer contato visual com Greg. Um flash de loiro moveu-se ao lado de um poste dentro de um vagão.

Spencer tentou ver melhor.

Era *Ali*.

Ela estava magra, pálida e suja, como Emily tinha descrito. Ali olhou para Spencer desafiadoramente, com um sorriso no rosto. Tão destemida. Tão descarada. Mais ou menos como, *Foda-se, Spencer. Eu posso fazer o que eu quiser.*

— Ei! — Spencer gritou, correndo para a beira da plataforma. Mas ela não podia realmente chegar a Ali — ela estava bloqueada por um conjunto de pistas e trilhos.

— *Olhem!* — Spencer apontou furiosamente para a garota no vagão em frente a eles. Algumas pessoas na plataforma olharam para Spencer quando ela apontou. — É Alison — ela gritou, mas suas palavras foram subitamente engolidas por um trem do metrô correndo para a estação. Era o trem que Spencer e Greg estavam esperando, o que ia para o centro da cidade.

— Spencer? — disse Greg, tocando-lhe o braço. Ou pelo menos Spencer *achou* que foi o que ele disse — era impossível ouvi-lo com certeza.

Ela virou-se e apontou para as portas abertas através da plataforma. *Alison!* ela murmurou, esperando que ele entendesse. *Ela está no trem!*

A testa de Greg franziu. Ele balançou a cabeça, em seguida, apontou para sua orelha. Spencer gesticulou furiosamente, e Greg olhou na direção de Ali, mas mais pessoas tinham lotado o vagão. Seu rosto desapareceu de vista. — Alison! — disse Spencer repetidamente. Algumas outras pessoas olharam para cima, também, mas a maioria delas olhou para Spencer como se ela estivesse louca. Então Ali reapareceu, ainda no vagão do metrô. Ela olhou para fora da janela, com os olhos brilhantes e astutos. Um alarme soou. — Afastem-se das portas se fechando, por favor — disse um anúncio gravado.

Lentamente, horrivelmente, as portas do metrô se fecharam, selando Ali

dentro. Ela sorriu para Spencer através do vidro. E, enquanto o metrô se afastava, ela levantou alguns dedos para acenar. *Até mais,* ela murmurou.

E então ela se foi.

16

PARAÍSO PERDIDO

Pela primeira vez no que parecia anos, Emily acordou em sua cama, em Rosewood, com um enorme sorriso no rosto.

Jordan foi o seu primeiro e único pensamento.

A possibilidade de que ela poderia ser solta e que Emily poderia começar a passar o tempo com ela — tempo *de verdade*, sem se esconder — ofuscava Ali. Isso superava o telefonema decepcionante de Fuji na noite passada de que era o cabelo de Spencer no moletom. Isso ainda superava a mensagem de Spencer que dizia que ela tinha certeza que tinha visto Ali em um trem do metrô de Nova York. Tudo que Emily podia pensar era na exuberante, bonita e irresistível Jordan. Durante toda a noite.

Cantarolando para si mesma, ela percorreu o quarto e olhou para sua expressão sonhadora no espelho. *Jordan, Jordan, Jordan.* Ela definitivamente tinha que arranjar outra visita na prisão em breve. E com certeza escrever cartas para ela. E talvez comprar-lhe um presente. Mas o quê? Emily se perguntou o que se poderia dar a um preso. Um livro, talvez? Uma joia não perigosa?

Ela deslizou para baixo das escadas para a mesa do café, onde seus pais estavam assistindo TV. — Tem ovos — disse o Sr. Fields, apontando para o fogão.

— E café — acrescentou a Sra. Fields.

— Obrigada — Emily quase cantou. — Mas eu não estou com fome. — Ela estava excitada demais para se alimentar. E ela certamente não precisava de nada artificial como café para fazê-la se sentir mais desperta ou viva.

Ela afundou na cadeira, sorrindo vagamente para o porta-guardanapos em forma de galinha no centro da mesa. Será que ela já tinha contado a Jordan sobre o fetiche por galinhas da sua mãe? Ela provavelmente acharia muito engraçado. Havia tanta coisa que Emily precisava dizer a Jordan, pequenas coisas que só Jordan gostaria de saber. Talvez, em breve, Emily teria todo o tempo do mundo para fazer isso. Ela soltou um suspiro melancólico, saboreando o quão maravilhoso isso ia ser.

A Sra. Fields tomou um gole de café. — Então, nós precisamos comprar um

vestido novo para você para a arrecadação de fundos Rosewood Rallies? — ela perguntou a Emily sobre a mesa.

Emily olhou para cima e piscou. Por um momento, ela não tinha ideia do que sua mãe estava falando. — Oh, não precisa — disse ela, depois que ela se lembrou. — Eu tenho certeza que eu tenho alguma coisa no meu guarda-roupa.

— Deve ser muito divertido — disse a Sra. Fields com um pequeno sorriso em seu rosto. — Você está pensando em levar alguém?

Emily sorriu sonhadoramente. Se ela pudesse levar Jordan. Elas se divertiriam tanto, dançando, comendo deliciosas sobremesas, escapando para namorar...

— Emily? — A Sra. Fields olhou para ela com curiosidade. — Você está bem?

Emily sorriu. Ela ficou tentada a dizer a mãe dela sobre Jordan, especialmente porque ela poderia ser solta em poucos meses. Mas talvez fosse melhor esperar um pouco mais, até que sua mãe se recuperasse mais um pouco de seu ataque cardíaco.

— Estou feliz porque é quarta-feira! — ela exclamou, olhando melancolicamente para o teto.

Seus pais trocaram um olhar nervoso. A Sra. Fields pigarreou. — Estamos preocupados com essas contusões. *Onde* você as conseguiu mesmo? Na piscina?

Emily tocou seu pescoço. Ela quase tinha se esquecido delas. — Não importa — disse ela baixinho. — Eu estou bem.

Em seguida, o Sr. Fields se deslocou para a frente em seu assento. — Ah, meu Deus — disse ele com um grunhido, franzindo a testa para algo na tela da TV.

Emily seguiu seu olhar. Uma foto da prisão de Nick apareceu. Era uma atualização sobre o caso de assassinato.

— Os advogados de Nicholas Maxwell nos informaram que Maxwell vai tentar alegar insanidade para todos os assassinatos — um repórter do sexo masculino em um suéter-colete feio anunciou. — Ele era um paciente de hospitais psiquiátricos no passado, e o seu advogado está confiante de que ele não era um membro mentalmente estável da sociedade quando cometeu estes crimes.

— O quê? — Emily gritou, frustrada. Não parecia justo que Nick pudesse alegar insanidade — que ele simplesmente pudesse ser jogado de volta na Reserva ou algo assim. Ela queria que ele apodrecesse na cadeia.

A Sra. Fields olhou ansiosamente para Emily. — Talvez devêssemos desligar isso.

— Está tudo bem — disse Emily rapidamente. Ela queria ver o resto.

Então apareceu uma foto da casa dos Maxwell, uma grande propriedade em Nova Jersey. Emily tinha na verdade visitado a casa com Iris apenas algumas semanas atrás. Iris tinha uma paixão não correspondida por Nick — ela tinha conhecido ele como Tripp — enquanto eles estavam na Reserva, e ela queria vasculhar as coisas dele para ver se ele se sentia da mesma maneira. Enquanto elas revistavam a casa, elas encontraram um celular antigo dele; e havia uma foto de Ali nele. Isso tinha sido o único indício de que Ali e Nick estavam secretamente ligados.

— Esta é a casa onde Maxwell cresceu — disse a voz do repórter, a casa grande ainda na tela. — Desde que a história veio à tona, vândalos quebraram janelas e tentaram danificar a propriedade de outras maneiras. Os manifestantes fizeram a mesma coisa com as outras casas dos Maxwell na área. A família tem uma longa história de fazer investimentos imobiliários e vender casas, tendo várias propriedades no mercado a todo momento.

A notícia mudou para uma história sobre um trator-reboque que capotou na I76, mas Emily não conseguia prestar atenção. Algo na história ficou preso em seu cérebro. De repente, ela percebeu o que era: Ela não tinha percebido que os Maxwell possuíam uma grande quantidade de imóveis na área. Havia um condomínio, no entanto: o que tinha a foto da câmera de vigilância de Ali saindo dele. O amigo de Spencer, Chase, que administrava um site sobre o caso Ali, encontrou essa foto, e ele e Spencer tinham ido até a casa da cidade, não que eles tivessem encontrado alguma evidência de Ali lá dentro. Mas havia pertencido a Joseph e Harriet Maxwell — os pais de Nick, não que elas soubessem na época.

Mas onde mais havia casas deles? Ali poderia estar escondida em uma?

Apertando os dentes, Emily lentamente se levantou da mesa e olhou a esmo em torno da cozinha, como se algo nela fosse lhe dar uma resposta.

Mas nada veio para ela. Ela correu para fora da cozinha. — Emily? — A mãe dela a chamou. — Você devia comer alguma coisa!

— Eu já volto — Emily gritou por cima do ombro.

Uma colher bateu em uma tigela. — Ela está agindo de forma tão estranha — Emily ouviu sua mãe sussurrar.

Emily continuou a subir as escadas e caminhou pelo corredor até seu quarto. Ela fechou e trancou a porta, atirou-se na cama e olhou para seu laptop. Um tempo atrás, Spencer tinha mostrado o link para o escritório do registo da cidade, que listava os nomes de cada transação imobiliária em toda a área da Filadélfia, todos no

registro público. Ela puxou-o e digitou *Maxwell*. Uma série de links apareceu, e ela rapidamente estreitou sua busca. Como previsto, a casa em Rosewood estava na lista — que agora estava à venda. Havia outra casa em Bryn Mawr, bem como um grupo de propriedades que já mudou de mãos. E então, na parte inferior da página, seu olhar fixou sobre um registro final. *Ashland*. Seu estado era: *À venda*.

Sua mente ficou imóvel. Os Maxwell tinham uma casa em Ashland. Em Ashland, onde elas estavam cinco dias atrás. Ela pensou novamente na descrição que a funcionária da loja de conveniência, Marcie, tinha feito sobre uma garota loira que comprou água. Talvez a caixa soubesse alguma coisa. Talvez Ali fosse uma cliente regular.

Ela clicou no link, na esperança de que fosse listar um endereço, mas não havia mais detalhes. Como ela poderia descobrir onde a casa era?

Uma por uma, ela ligou para Spencer, Aria e Hanna, mas nenhuma atendeu. Ela deixou cair o celular no colo, sentindo-se ansiosa. Ela precisava falar com alguém sobre isso. Alguma coisa tinha que ser feito, agora. Isto parecia uma pista vital. Mas ela se sentia muito dispersa para pensar claramente ou tomar uma decisão.

Jordan. Talvez ela tivesse algum conselho. Talvez ela pudesse ajudar Emily a pensar em maneiras de trabalhar em como elas poderiam encontrar Ali, sem ninguém se machucar.

O número da Penitenciária Ulster ainda estava na lista de chamadas em seu celular. Mas as presas podiam atender telefonemas? Não era como um acampamento de verão, onde os pais ou amigos podiam ligar no telefone do escritório e os campistas podiam chamá-los; prisioneiros provavelmente só podiam conversar com seus advogados.

Será que o advogado de Jordan ajudaria? Emily se lembrava de seu nome — Charlie Klose — e ela procurou informações sobre ele depois que ela saiu da prisão. Ele era tão famoso e respeitado como Jordan tinha suposto. Talvez ela pudesse ligar para Charlie e pedir que ele ligasse para a prisão. E então ele poderia passar para ela.

Apoiando-se contra vários travesseiros, ela entrou no site do escritório de advocacia de Charlie e encontrou o número do escritório. Emily bateu seus dedos nervosamente contra a parte de trás do celular, enquanto a linha tocava.

Finalmente, uma voz de homem atendeu. — Charlie Klose.

— Sr. Klose? — a voz de Emily guinchou. — Hum, meu nome é Emily Fields. Sou amiga de Jordan Richards.

— Emily Fields. — A voz de Charlie Klose elevou sobre o nome dela. — Sim. Jordan me falou muito sobre você. Você é a garota que passou por todo aquele absurdo em Rosewood.

— Isso mesmo. — O coração de Emily estava batendo forte. Parecia uma abertura, no entanto — ao menos ele sabia quem ela era. — Bem, de qualquer maneira, eu tenho um favor a pedir, se você não se importar. Existe alguma maneira de você ligar para Ulster e passar a ligação para mim? Eu sei que não é realmente permitido, mas eu realmente preciso falar com ela. Não é sobre o seu caso. E só vai levar alguns minutos, eu prometo.

Houve uma longa pausa. Um caroço cresceu na garganta de Emily. Ele iria dizer não. Ela podia sentir. Como ela podia ser tão estúpida? Aos seus olhos, ela era uma adolescente boba.

— Eu não sei como te dizer isso, Emily — disse Charlie, com a voz embargada. — Mas alguma coisa aconteceu na prisão. Jordan... se foi.

— Se foi? — Emily levantou-se. — O que você quer dizer? Ela *fugiu*? — Isso já havia acontecido antes: Jordan tinha saído da sua prisão em Nova Jersey e entrado no mesmo navio de cruzeiro que Emily estava. Foi assim que elas se conheceram. Mas por que Jordan fugiu agora? Ela parecia tão otimista em relação ao caso. E se ela tivesse deixado Emily para sempre?

— Não, ela não fugiu. — Klose soou embargado. — Eu-eu não sei os detalhes, então não posso dizer-lhe tudo, mas ela foi... *morta*. Na noite passada.

Emily piscou com força. Seus dedos soltaram seu celular, e ele escorregou de sua palma. — Como é? — ela perguntou fracamente, levantando-o de volta ao seu ouvido.

Suas palavras estavam apressadas. — Houve uma altercação com uma presa chamada Robin Cook.... Eu não sei quem ela é ou qual era o seu relacionamento. Mas Jordan se foi. Seus pais já identificaram seu corpo.

Bile subiu na garganta de Emily. — Por que alguém iria querer matá-la?

— Eu não sei. Mas Robin Cook não foi encontrada na sua cela de prisão nesta manhã. Ela foi a única que escapou.

— O quê? — Emily gritou.

— Estou muito triste de ser eu a lhe dizer isso, Emily — disse ele em voz baixa. Em seguida, ele desligou.

Pontos se formaram na frente dos olhos de Emily. *É uma mentira,* ela pensou.

Tinha que ser. Jordan não podia estar morta. Emily tinha acabado de vê-la.

Ela ficou no quarto silencioso e vazio, fitando sua cômoda, em seguida, sua escrivaninha, e então sua cama. Ela tinha essas mesmas coisas desde que ela era criança, mas, de repente, parecia tão estranho. *Tudo* parecia tão estranho, até mesmo suas mãos trêmulas, até mesmo a camiseta velha de Rosewood Day que ela usava.

Jordan está morta. Jordan está morta.

Como um zumbi, ela caminhou em direção ao guarda-roupa e abriu-o. Ela chutou de lado os sapatos espalhados na parte inferior e abaixou-se através de suas calças e vestidos pendurados. Ela sentou-se no chão, curvando os joelhos. E então ela fechou a porta atrás dela. O guarda-roupa estava escuro. Cheirava a borracha. Parecia uma sepultura. Seus pensamentos tentaram desviar para Jordan, mas ela não podia pensar nela. Sua mente realmente parou de se mover, como se uma parede física tivesse se elevado. Seu corpo não estava nem remotamente pronto para chorar, também. Na verdade não estava nem mesmo pronto para respirar.

Em seguida, a mensagem de Spencer da noite passada voltou para ela. *Ali está em Nova York*. Emily tinha recebido a mensagem cerca de nove horas. A Penitenciária Ulster era apenas uma hora ou menos de distância da cidade... e de acordo com o advogado, Jordan tinha morrido na noite passada. O coração de Emily começou a acelerar.

Nada disso parecia ser uma coincidência.

17

O COVIL

Hanna dirigiu o mais rápido que podia para Ashland, as estradas secundárias misericordiosamente iluminadas no trânsito. Muitas das curvas eram acentuadas, e o CD que ela estava ouvindo pulou quando ela passou por cima da frágil ponte coberta. Ela não conseguia pensar em uma única coisa durante a viagem, embora houvesse várias boas razões para isso. Uma delas, ela estava com uma ressaca descomunal — ela tinha tomado o último Amtrak de volta para Rosewood na noite passada e tinha tido apenas quatro horas de sono. No único sonho agitado, ela lembrou, ela tinha estado em um encontro com Mike e tinha se inclinado para beijá-lo, mas quando ela se afastou, ele era Jared sorrindo para ela em seu lugar. Por que ela deixou Jared beijá-la? E se Mike descobrisse?

Mas mais do que isso, ela estava distraída por causa da voz em lágrimas e quase ininteligível de Emily no correio de voz esta manhã: *Jordan morreu. Eu acho que foi Ali.*

Depois do que pareceu um zilhão de quilômetros de rodovia, o Turkey Hill apareceu à distância. Hanna acendeu seu sinal de virar para entrar no posto de gasolina. O minimercado estava vazio. Hanna procurou a área de registro, na esperança de ver a mesma mulher do outro dia atrás do balcão, mas havia um cara grande com um longo cavanhaque em seu lugar. Ela não tinha certeza por que Emily queria encontrar todas elas aqui para discutir a morte de Jordan, mas ela certamente não ia discutir com uma garota que tinha perdido seu verdadeiro amor.

Enquanto conduzia além das bombas de gasolina, o celular dela tocou. Era Hailey. *Ontem à noite foi tão divertido! Olha só!*

Ela enviou várias fotos delas na festa de estreia. A última era de Hanna e Jared se beijando. Hanna digitou em seu telefone com horror. *Por favor, apague isso!* Ela mandou uma mensagem de volta imediatamente.

Entendi. Seu segredo está seguro comigo. Hailey adicionou um emoticon piscando. E então: *Ei, você pode falar agora?*

Hanna estava prestes a responder Hailey, mas então ela notou o carro de Emily

no estacionamento. Estava na última vaga perto das lixeiras. Hanna podia distinguir a silhueta de Emily no banco do motorista através da janela. Ela estava olhando para frente, totalmente inexpressiva.

Desculpe, Hanna respondeu a Hailey, deixou cair o celular no assento, saiu do carro e correu para Emily, as tiras de seus chinelos Ugg batendo na calçada — ela tinha estado tão dispersa esta manhã que ela tinha esquecido de colocar sapatos adequados. O motor do Volvo ainda estava ligado, e o ar soprava no rosto de Emily. Mesmo assim, Emily estava tremendo. Lágrimas corriam pelo seu rosto. O coração de Hanna quebrou em mil pedaços.

Pneus guincharam atrás dela. Spencer e Aria, no carro de Spencer, derraparam no estacionamento, saíram e correram para Emily, também. Como Hanna, ambas pareciam exaustas. Aria ainda estava usando um monte de maquiagem, presumivelmente de sua exposição de abertura na noite anterior. Spencer usava shorts jeans e um suéter preto enorme; Havia círculos escuros sob seus olhos. Hanna queria perguntar-lhes como suas noites tinham sido — ambas haviam tido noites importantes e emocionantes. Mas parecia inadequado, considerando o que havia acontecido com Emily.

Hanna abriu a porta de Emily. Sua amiga nem sequer olhou para ela. — Em — disse Hanna, tomando a mão de Emily. Ela estava fria. — Eu sinto muito. O que aconteceu?

Mais lágrimas escorreram pelo rosto de Emily. — É tudo mentira — disse ela de modo vazio. — O advogado de Jordan está dizendo que foi a violência sem sentido das prisões. Um acidente. Mas eu sei a verdade. Foi Ali. Ela estava em Nova York, Spencer a viu no metrô. Ela deve ter ido para a prisão depois. Ela entrou, e ela matou Jordan.

Hanna piscou forte. Isso não faz nenhum sentido. — Então você está dizendo que ela, tipo, invadiu a prisão e matou Jordan? — ela perguntou suavemente.

— Sim — disse Emily, apertando a mandíbula. Ela parecia tão certa.

— Mas as prisões não são *realmente* seguras? — perguntou Aria, sentando no banco traseiro. — Você está dizendo que Ali não só entrou no lugar, como também fez isso nas próprias celas da prisão?

— Acho que sim — disse Emily teimosamente. — Ou talvez um Ali Cat fez isso. Spencer fungou. — Você acha que um deles está na prisão?

— Eu não sei! — Emily parecia exasperada. Ela fez uma pausa para enxugar as lágrimas do rosto com um lenço de papel de uma pequena embalagem impressa

com um boneco de neve. — Vocês não leram aquela postagem no site dos Ali Cat que eu mandei? Era sobre como alguns deles odiavam quem odeia Ali, e como eles estão dispostos a ferir qualquer um dos inimigos de Ali. Talvez eles sejam loucos o suficiente para matar por ela. Ali tem de estar por trás disso, gente. Ela viu que eu estava feliz, e ela precisava estragar isso. — Ela fez uma pausa e engoliu em seco. — Quando ela me encurralou na piscina, ela disse, *Diga que você ainda me ama.* Eu não podia dizer. Tudo o que eu conseguia pensar era em Jordan. E o olhar em seu rosto quando eu disse que não — bem, ela ficou furiosa. Foi por isso que ela me empurrou abaixo, mas também foi por isso que ela me soltou. Me matar não teria sido satisfatório. Ela tinha que matar a pessoa que eu era apaixonada agora. Ela queria que eu vivesse e sofresse.

— Oh meu Deus. — Hanna colocou a mão sobre sua boca. As outras pareciam tão aflitas quanto ela. Emily não tinha contado a elas sobre essa coisa de "Diga que você ainda me ama" antes.

Emily olhou em volta preocupantemente para as outras. Seu queixo tremia descontroladamente. — Ela vai estragar a felicidade de vocês também. Lembrem das minhas palavras.

Hanna estremeceu, seus pensamentos movendo instantaneamente para o beijo com Jared na noite passada. Ali não poderia saber sobre isso, poderia?

Emily puxou outro lenço de papel da embalagem. — Temos que pegá-la, pessoal. Antes que ela faça qualquer outra coisa.

— Como? — perguntou Spencer. — O moletom foi um beco sem saída, lembra? Nós não temos nenhuma ideia de onde ela está vivendo ou como ela está nos seguindo. Estamos empacadas até vermos ela novamente.

— Talvez pudéssemos descobrir na prisão se algum visitante entrou ou saiu na noite passada? — Aria sugeriu.

Spencer bufou. — De alguma forma eu não acho que Ali registrou-se com a sua verdadeira identidade.

— Ou talvez pudéssemos olhar isso. — Emily estendeu a mão para os pés e pegou uma revista imobiliária que Hanna frequentemente via exibida no supermercado orgânico em Rosewood. Ela virou uma página marcada com um Postit e apontou para uma foto de uma casa de aparência majestosa de pedra que parecia muito com a Casa da Cascata de Frank Lloyd Wright. ASHLAND, dizia o endereço. *Refúgio isolado de dez hectares,* lia-se na descrição do corretor de imóveis.

— A notícia menciona que os Maxwell têm um monte de propriedades na

Pensilvânia — explicou Emily sem emoção. — Eu fiz algumas pesquisas, e uma delas é uma propriedade arborizada em Ashland, que está à venda. Eu pesquisei na internet, e isso foi a única coisa que combinou. Tem de ser essa.

Spencer pegou a revista do banco traseiro. Ela estudou a imagem por um longo tempo, então disse, — E já que o recibo do Turkey Hill foi a partir daqui, você está pensando que Ali talvez esteja ficando lá?

Emily assentiu. — Ali provavelmente sabia sobre todas as casas da família de Nick. E se ela ficou desocupada por um tempo, talvez ela imaginou que seria um bom lugar para se esconder.

Aria apertou os olhos. — Mas os policiais não têm examinado as propriedades? Nick é, tipo, um assassino em massa. Eles poderiam querer ter certeza de que não havia mais corpos ou provas.

— Eles poderiam — disse Emily, — mas a publicação não diz nada sobre isso. E não é como se eles vigiassem os lugares vinte e quatro horas por dia. Ali poderia ter entrado após a busca.

Hanna apontou para a revista. — Isso parece tão óbvio, no entanto. Quero dizer, em primeiro lugar, encontramos um recibo que nos leva a Ashland, e *logo* descobrimos que Ali está hospedada numa casa dos Maxwell. Parece muito fácil.

— Ou talvez Ali esteja ficando desleixada — Emily sugeriu. — Ela não tem mais Nick para ajudá-la. Talvez ela não perceba que já fizemos a conexão. Acho que devemos dar uma olhada.

Aria torceu a boca. — Eu não sei, Em.

Hanna concordava, mas ela não disse isso. Parecia que Emily estava tentando forçar que peças de quebra-cabeça incompatíveis se encaixassem.

Mas, por outro lado, ela entendia. Hanna lembrou da voz alegre e animada de Emily quando ela disse a Hanna sobre Jordan ser libertada da prisão. Não era um exagero dizer que ela nunca, *jamais* ouviu Emily tão feliz. Um tapete tinha sido puxado de debaixo dela — uma vida inteira. Não é à toa que ela estava agindo desta forma.

Spencer enrolou uma mecha de cabelo em torno de seu dedo. — Nós estaríamos invadindo. E isso pode ser uma armadilha.

Os olhos de Emily brilharam. — Eu sabia que vocês agiriam assim. Ela arruinou a minha vida. Eu estou disposta a ir até o fim do mundo para encontrá-la. E se eu tiver que fazer isso sozinha, então é isso que eu vou fazer. — Ela agarrou o

volante propositadamente.

Hanna olhou para Spencer e Aria preocupada. Ambas tinham as mesmas expressões chocadas em seus rostos. — Ei — disse Hanna rapidamente, tocando no ombro de Emily. — Você não vai fazer isso sozinha. Todas nós vamos, ok?

— Nós não vamos deixar você se machucar — acrescentou Spencer.

— Mas nos prometa que, se algo parecer assustador, daremos o fora de lá — Aria acrescentou. — Certo?

— Uh-huh — disse Emily roboticamente, mas o olhar duro em seus olhos fez Hanna pensar que Emily estava pronta para todos os tipos de coisas assustadoras. E se Spencer estivesse certa? E se Ali soubesse que elas estavam indo? E se ela estivesse esperando por elas?

No que elas estavam se metendo?

Apesar de colocar o endereço do anúncio imobiliário no GPS do telefone de Spencer, Emily ainda tomou vários caminhos errados antes de encontrar o imóvel dos Maxwell. A única sinalização para a casa era uma pequena caixa de correio vermelha por entre as árvores, mas Emily finalmente fez a correta curva à esquerda. O caminho longo de cascalho levava quase em linha reta para cima, os pneus triturando ruidosamente as rochas. O carro foi cercado em ambos os lados por altos carvalhos e pinheiros camuflantes. À noite, o local ficava, provavelmente, um breu, as árvores obscureciam as estrelas e a lua.

Elas foram até a casa, que parecia exatamente como na foto da revista: muitos andares, superfícies de pedra, janelas longas e enormes. A varanda da frente estava limpa e varrida. Flores brotavam através de canteiros com terra e estrume no jardim da frente. Havia sinos de vento em forma de tubos pendurados nos beirais. Hanna sentiu um cheiro pantanoso parecido com algas; talvez houvesse um riacho na floresta. Havia uma placa do corretor de imóveis no jardim da frente e um cadeado na porta.

Emily saltou imediatamente para fora e começou a olhar ao redor. Hanna a seguiu, não querendo deixar Emily ir muito longe sozinha. — Não há ninguém aqui — Hanna falou rapidamente. — Eu acho que nós estávamos erradas.

— Sim, vamos — disse Aria, com a voz trêmula. — Eu já vi tudo que precisava ver.

Mas Emily não parecia ouvi-las. Ela tocou a casca branca descascando em uma árvore de vidoeiro no jardim da frente, em seguida, foi até uma das janelas e olhou

para dentro da casa.

— Em, há um cadeado na porta — Spencer, que também tinha saído do carro, gritou. — Ali não seria estúpida demais para ainda estar escondida aqui, se os potenciais compradores estiverem vendo este lugar?

— E eu aposto que esta casa tem um ótimo sistema de segurança — Aria acrescentou, os olhos lançando de um lado para o outro em torno da propriedade. — Um alarme iria soar se Ali tentasse entrar.

— Está vendo? Ela está certa — disse Hanna, voltando para o carro. — Vamos sair daqui.

Mas, então, Emily apontou para um caminho no pátio lateral. — O que é aquilo?

Ela correu em direção aos fundos da casa. Hanna e as outras trocaram outro olhar preocupado, depois a seguiram com relutância. Um longo alpendre envolvente se estendia por todo o caminho para o quintal. Projetando-se além dele havia um enorme pátio de ardósia, com mobiliário completo e um forno de granito. Havia também uma piscina oval no chão com sua cobertura de inverno.

— Este lugar é mais legal do que os Kahns — Aria murmurou, de olho em uma cachoeira de pedra maciça e três grandes estátuas gregas de mulheres nuas rechonchudas.

Algo rachou atrás de Hanna, e ela se virou e olhou para o céu. Galhos de árvores balançaram. Algo moveu na floresta. Seus cabelos subiram na parte de trás de seus braços. Mais uma vez, ela pensou naquela mensagem a giz na calçada do lado de fora do estúdio. *Quebre umA perna, Hanna.*

— Gente... — ela começou a dizer, nervosa.

Emily estava caminhando para além da piscina, aparentemente imune ao perigo. Hanna correu atrás dela, observando como Emily caminhava propositadamente para baixo de um pequeno caminho, empurrando ramos de lado e passando por cima de raízes grossas. Em instantes, elas estavam de frente para um edifício de dois andares quadrado escondido na floresta. Portas de estilo celeiro meio-apodrecidas isolavam a frente. Teias de aranha dominavam a varanda. A maioria das janelas estavam cobertas. Folhas mortas e galhos quebrados cobriam o telhado, e uma das persianas batia ruidosamente.

— Que lugar é esse? — disse Aria ofegante, olhando para o teto erodido.

— A casa da piscina, talvez — disse Spencer. — Ou talvez algum tipo de

galpão de trabalho.

— Você mal pode encontrá-lo — comentou Emily. Seus olhos estavam de repente brilhantes. — Ali não pode ser corajosa o suficiente para ficar na casa principal. Mas e quanto à *aqui*?

A sensação de picadas na pele de Hanna se intensificou. Este parecia com um lugar que Ali poderia se esconder. Ela se virou para o som que veio da floresta novamente. Alguém poderia estar lá, vendo-as enquanto elas descobriam isso.

Antes que alguém pudesse impedi-la, Emily subiu as escadas e olhou para uma pequena parte da janela que não estava coberta de papelão. — Eu não consigo ver nada — disse ela. Ela moveu-se para a porta e testou a maçaneta.

— Em, não! — Aria gritou, cobrindo os olhos. Hanna saltou para frente para pegar a mão dela.

Mas Emily empurrou Hanna e sacudiu a maçaneta com força. Ela girou, e a porta abriu-se para o lugar. Hanna estremeceu e se sacudiu para trás, com medo de acontecer uma explosão. Ou, pior ainda, de *Ali* aparecer.

Mas só havia silêncio.

Todo mundo esperou um momento. Spencer tossiu. Aria espiou entre os dedos.

Hanna olhou para o espaço escuro, incapaz de fazer qualquer coisa.

Emily endireitou os ombros. — Eu vou entrar.

Spencer gemeu e correu atrás dela. Aria foi logo em seguida. Hanna escalou os degraus da varanda, definitivamente não querendo ficar do lado de fora sozinha. Quando ela cruzou o limiar, o vento moveu, soprando um cheiro familiar em suas narinas. Seu coração parou. Aria se virou e olhou para ela. Seus olhos estavam arregalados, também.

— Baunilha — Aria sussurrou.

— Estão vendo? — Emily sibilou.

Emily puxou uma lanterna de sua mochila e a ligou. Hanna se encolheu novamente, apavorada com o que elas poderiam ver, mas o lugar estava quase vazio. Teias de aranha enormes se estendiam nos cantos, muitas delas recheadas com insetos presos e mortos. Na outra extremidade da sala havia um pequeno balcão, uma pia e uma geladeira enferrujada cujo cheiro Hanna já podia imaginar. Havia uma pequena mesa ao lado do balcão, a sua cadeira sem uma perna. Debaixo da

mesa havia uma pilha de folhas mortas. Havia outra sala à esquerda, e uma porta estreita à direita. Escadas levavam a um segundo andar.

Ninguém se moveu exceto Emily, que correu para o balcão e abriu o único armário e a gaveta. Ambos emperraram um pouco, provavelmente deformados. Então ela abriu a geladeira — vazia — olhou em torno dos peitoris das janelas e testou a água da torneira, que não funcionou. Hanna espiou no segundo cômodo, usando seu celular como lanterna. Dentro não havia nada além de uma velha escrivaninha. Ela sabia que deveria procurar nas gavetas, mas ela estava com muito medo. *Nós devíamos sair daqui,* uma voz se manteve martelando dentro dela. *Isso não é certo.*

Emily abriu uma porta estreita e desagastada; um banheiro imundo e uma pia enferrujada estava atrás dela. Depois de abrir o único armário, ela fechou a porta e correu até as escadas. Hanna ouviu seus passos; antes que alguém pudesse segui-la, ela estava de novo embaixo. Ela segurava algo entre os dedos. — *Olhem.*

Ela brilhou a lanterna em uma embalagem de plástico. Era um saco de pretzels Rold Gold. — Lembra que Ali comeu isso no dia da conferência de imprensa dos DiLaurentis? — perguntou Emily animadamente, quase histericamente. — Quando eles anunciaram que Ali tinha uma irmã gêmea?

Hanna nunca esqueceria aquele dia bizarro. Courtney — que na verdade era *Ali* — havia aparecido em um palco fora da nova casa dos DiLaurentis, e a família tinha explicado que eles tinham trazido Courtney do hospital para casa para ajudá-la a se curar. *Mentiras, tudo mentira.* Se ao menos eles não a tivessem libertado. Nada disso teria acontecido.

Depois de a imprensa fazer perguntas, Ali chamou-as para dentro — esse tinha sido o início de sua trama para conquistá-las, fazê-las pensar que ela era a sua velha amiga. Elas se sentaram em volta da mesa da cozinha, e Ali tinha comido pretzel após pretzel, e sua mastigação era o único som na cozinha. *Eu prometo que não vou morder,* ela disse com um sorriso assustador e astucioso no rosto.

Agora Aria inclinou a cabeça. — Um monte de gente come pretzels, no entanto. E Rold Gold é uma marca comum.

— Sim, eu não sei o que isso prova — disse Spencer baixinho. — Provavelmente não há impressões digitais nele.

Emily encarou todas elas. — Não me digam que ela não estava aqui. Eu *sei* que todas vocês sentiram o cheiro de baunilha.

— Nós sentimos — disse Hanna, surpresa com o tom agressivo de Emily. —

Mas não podemos ir à polícia com isso. Não é o suficiente.

— Então o que devemos fazer? — Emily gritou, seus olhos selvagens. — Esperar ela voltar? Porque eu vou. Vou dormir neste lugar para ter certeza de que eu vou pegá-la.

— Em. — Spencer colocou a mão no ombro de Emily. Emily começou subitamente a tremer. — Você não pode fazer isso. Você tem que se acalmar.

Aria apoiou as mãos nos quadris e olhou em volta. — Talvez possamos observar este lugar de alguma forma, sem a gente se machucar.

Hanna não gostava do som disso. — O que você quer dizer?

O rosto de Emily se iluminou. — E quanto a vídeos de vigilância?

— Isso poderia funcionar — disse Spencer com cautela. — Meu padrasto tem câmeras em todas as suas casas modelos. Você pode acessá-las remotamente, até mesmo de um iPad.

Emily assentiu rapidamente. — Nós poderíamos plantar algumas aqui. Hoje.

Spencer olhou para as outras. Hanna queria dizer não — isto significaria conseguir todo o equipamento e, em seguida, voltar aqui, mas ela temia o que Emily faria se ela não concordasse. Dormiria na floresta, talvez. Ficaria sentada na varanda a noite toda, esperando por Ali.

— Acho que sim — disse Spencer. Ela pegou o celular. — Eu acho que a Best Buy vende kits completos de material que é fácil de instalar.

— E, depois... o quê? Nós assistimos de longe? — perguntou Aria.

— É isso mesmo — disse Spencer. — Nós poderíamos ter turnos, cada uma de nós vigia a casa em tempos diferentes. Se vimos algo, vamos à polícia.

Hanna passou a língua sobre os dentes. Isso certamente parecia mais seguro do que enfrentar Ali diretamente. E um vídeo de Ali seria suficiente para provar à polícia que ela ainda estava viva.

— Vamos fazer isso — disse Emily. — Vamos *agora*.

Ela brilhou a lanterna na porta que dava para o quintal, e quando ela se abriu, Hanna se preparou novamente. Ela piscou para o pátio silencioso e vazio. Os galhos das árvores balançavam suavemente. O sol brilhava alto no céu. As sombras que Hanna pensava que tinha visto na floresta não estavam mais lá.

Talvez elas nunca estiveram. Talvez Ali realmente não soubesse que elas estavam aqui.

E talvez, desta vez, elas iriam realmente pegá-la.

18

A OPERAÇÃO SECRETA

Todas passaram os próximos minutos andando ao redor da antiga casa da piscina e decidindo onde colocar as câmeras de vigilância assim que elas as comprassem. A ideia era que elas viriam para aqui mais tarde, com todos os equipamentos e uma escada e montariam tudo, cuidadosamente ocultando com galhos de árvores. Esperançosamente, naquela noite, elas teriam toda a operação de sistema de vigilância em funcionamento.

Mas no meio da elaboração de estratégias, Aria voltou para o carro e entrou. Momentos depois, Hanna se juntou a ela. As duas silenciosamente passaram uma garrafa de água para trás e para a frente, os únicos sons eram da água balançando no seu recipiente e as duas engolindo ruidosamente.

— Nós vamos realmente fazer isso? — Hanna sussurrou.

Aria engoliu em seco. Hanna parecia tão assustada quanto ela. — Eu acho que sim.

— Você realmente acha que Ali está ficando lá?

Aria fechou os olhos. — Eu não sei. Eu quero acreditar que sim, pelo bem de Em. E havia aquele cheiro de baunilha, eu acho....

— Estou preocupada com ela — Hanna deixou escapar.

Aria abriu os olhos. Hanna parecia que estava prestes a chorar. — Eu não posso imaginar qual deve ser a sensação de que a pessoa que você mais ama no mundo morra — disse Hanna hesitantemente.

— Eu sei — disse Aria, devastada só de pensar nisso.

— Mas, quero dizer, eu tenho medo que Emily faça algo... *destrutivo*. E eu estou com medo de não sermos capazes de ajudá-la neste momento.

Aria engoliu em seco. Ela tinha a sensação de que Hanna estava falando sobre a tentativa de suicídio de Emily. Aria nunca seria capaz de esquecer aquele dia, ao ver Emily na beira da ponte. A expressão em seu rosto tinha sido assombrosa: Era como se ela tivesse apenas... desistido, ali de pé, pronta para mergulhar na água.

Felizmente, elas foram capazes de acalmá-la, e Emily prometeu que nunca faria algo assim novamente.

Mas isso foi há três semanas, e agora Emily parecia desequilibrada novamente. Exceto que em vez de jogar a toalha, ela estava agindo meio... *loucamente*.

— Vamos ficar de olho nela — disse ela, tocando a mão de Hanna. — E espero que isto acabe logo.

Ela estava prestes a dizer mais, mas, em seguida, Spencer e Emily apareceram ao redor do pátio lateral e entraram no carro. Spencer parecia exausta, mas a expressão de Emily ainda estava focada, carregada e alerta. — Tudo bem — disse Emily enquanto sentava no banco do motorista. — Vamos para a Best Buy.

Emily começou a descer a calçada longa e montanhosa em direção à rua. Aria olhou por cima do ombro, para a casa, sentindo um puxão estranho em seu estômago. E se Ali realmente usasse essa propriedade como seu esconderijo secreto? Ali havia matado Jordan? Ali viria atrás delas a seguir?

Ela deslizou o celular do bolso e verificou a tela. Sua nova agente, uma mulher chamada Patrícia, enviou uma mensagem sobre o sucesso da exposição da noite passada. *Quatro compradores interessados em peças*, ela tinha escrito. Ela tinha recebido uma mensagem de Harrison, também. *Eu recebi uma tonelada de acessos no meu site por causa da minha exclusiva com você!*

Seu estômago deu uma sacudidela animada com todas estas notícias, especialmente porque Harrison tinha assinado com uma dúzia de *Bjs* e *Abraços*. Mas ela não se sentia tão animada quanto ela devia. Elas realmente, realmente precisavam pegar Ali antes que ela arruinasse tudo em suas vidas.

De repente, Emily pisou no freio, fazendo Aria voar contra o cinto de segurança. A garrafa de água que ela e Hanna tinha estado compartilhando rolou para o chão, a tampa saindo e o líquido derramando em todo lugar.

— Que diabos foi isso? — Spencer gritou.

— Olha. — Emily apontou para uma mulher passeando pelo caminho paralelo à estrada. Ela tinha cabelos escuros, usava shorts jeans e uma camiseta azul desbotada. Um golden retriever com um lenço no pescoço caminhava ao lado dela, sua cauda abanando. — Eu aposto que ela mora aqui — acrescentou Emily.

— E? — Hanna sibilou. — Isso não é motivo para frear desse jeito!

Emily virou para o lado da estrada, desligou o motor e saiu do carro. Spencer deu a Aria um olhar nervoso. *O que ela está fazendo?* ela murmurou. Aria puxou o

lábio inferior em sua boca e saiu do carro.

Emily correu até a mulher. — Com licença, senhorita?

A mulher virou-se e olhou para elas. Ela era mais velha do que Aria tinha pensado inicialmente, com o rosto enrugado e envelhecido, com nervos grossos proeminentes em seu pescoço. Ela puxou a coleira para o cão parar. — Posso ajudar?

Emily projetou um dedo para a caixa de correio vermelha dos Maxwell. — Você já viu alguém entrando e saindo de lá? Uma menina, talvez?

A mulher olhou para a caixa de correio por um longo tempo. Uma rajada de vento soprou as pontas dos seus cabelos. Os dedos da sua mão esquerda alisavam o pêlo do cão em suas costas. — Eu acho que não.

— *Acha* — Emily insistiu. — É realmente importante.

Aria tocou o braço de sua amiga em advertência. Emily parecia meio agressiva... e ela nem conheciam essa mulher.

Uma luz se acendeu nos olhos da mulher. — Sim. Eu vi uma menina, na verdade. Uma loira, eu acho.

— Quando? — Emily gritou em voz alta, um pouco agressivamente.

A mulher se encolheu. — Eu-eu não sei. Ela não é a filha deles?

— Quando foi a última vez que você a viu? — Emily pressionou.

A mulher de repente parecia imobilizada. Aria agarrou o braço de Emily e puxou-a para longe. — Nós deveríamos ir. — Ela sorriu educadamente para a mulher. — Sinto muito.

A mulher puxou o seu cão mais próximo a ela. Dois parênteses profundos formaram nos cantos de sua boca, e então ela começou a descer a estrada. — Você devia sentir mesmo — Aria pensou ouvi-la murmurar.

Quando voltaram para o carro, Aria viu que o rosto de Spencer estava vermelho brilhante. — Em, o que deu em você? — gritou Spencer. — Você não pode agredir as pessoas!

— Ela sabia de alguma coisa — gritou Emily. — E se ela estiver escondendo Ali? E se ela estiver trazendo a sua comida? Ela poderia ser um Ali Cat!

Emily tentou libertar-se e correr atrás da mulher de novo, mas Spencer agarrou-a com mais força. — Em, vamos lá. Você tem que se acalmar.

A forma tensa de Emily abrandou. Ela deitou a cabeça no ombro de Spencer e

começou a soluçar. — Eu não posso aguentar isso — ela soluçava, mal sendo capaz de falar as palavras. — Eu só quero encontrá-la e acabar com isso.

Aria deu um passo adiante e acariciou as costas de Emily, tentando entender o quão terrível devia ser perder alguém tão importante. Claro que Emily estava fora de si. É claro que ela queria respostas. — Nós sabemos — disse Aria suavemente. — E nós estamos aqui por você.

— E nós vamos encontrar Ali — Spencer insistiu. — Vamos colocar essas câmeras, e vamos pegá-la. Ok?

— Ok — Emily soluçou.

Gentilmente, Spencer pegou as chaves da mão de Emily e a colocou no banco do passageiro. Em seguida, ela se mudou para o banco do motorista. Aria achou que era uma boa ideia — Emily estava muito distraída para dirigir. Spencer lentamente se afastou do meio-fio, passando pela mulher e seu cachorro na estrada. Aria virou a cabeça, com vergonha de fazer contato visual.

Em trinta minutos, elas tinham chegado na Best Buy fora de Rosewood. Elas entraram na loja, que cheirava a borracha e tinha Miley Cyrus explodindo em voz alta dos alto-falantes. — Então, nós vamos comprar quatro câmeras — Spencer estava dizendo enquanto caminhavam pelos corredores. — Elas vão estar em quatro quadrantes na tela. E nós vamos ter um servidor para que possamos assistir, mesmo quando estivermos no carro, ou na sala de aula — ou em qualquer lugar. Nós nem sequer teremos de encontrar um Wi-Fi.

— Isso soa bem — disse Aria, quase colidindo com uma prateleira de fones de ouvido ordenados a fim de acompanhá-las. — E eu acho... — ela pausou e parou. Uma figura familiar estava a poucos metros dela, olhando para uma seleção de mouses de computador. Uma menina magra, com cabelos loiros longos e sandálias de cunha de aparência cara estava ao lado dele, com o braço em volta da sua cintura.

O coração de Aria congelou no peito.

Era Noel.

Um pequeno som escapou da parte de trás da garganta de Aria. Noel se virou e a viu, suas feições enrijecendo, seu pomo de adão balançando.

— O-oi — Aria deixou escapar. Suas bochechas avermelharam. Ela olhou para o braço fino e bronzeado da menina em torno da cintura de Noel. Ela não pôde evitar. Noel olhou para a menina loura também. — Oh. Scarlett, esta é Aria.

A menina sorriu forçadamente com um olhar territorial em seu rosto. Depois de um momento, ela estendeu a mão. — Scarlett Lorie. Prazer em conhecê-la.

Aria balançou a cabeça, sua mente se espalhando em um zilhão de direções. Ela não reconhecia aquele nome ou aquela Scarlett de jeito nenhum. Ela era namorada de Noel? Por quanto tempo? Por que eles estavam comprando mouses de computador juntos? Por que Noel estava tão feliz?

Spencer passou por Aria com um carrinho cheio de caixas. — Nós pegamos tudo — ela disse em uma voz superficial, então notou Noel e Scarlett, ainda de pé, de braços entrelaçados. — Oh. Oi, Noel. — Ela agarrou a mão de Aria e puxou-a para longe. — Vamos. Vamos embora.

Aria se virou e deu um olhar de despedida a Noel, mas ele não acenou. Ele só... *olhou* para ela, e Scarlett passou o braço em volta dele com mais força, inclinando-se para sussurrar algo em seu ouvido. Aria mordeu o interior de sua bochecha, enquanto o caixa atendia Spencer e ela entregava uma pilha de cédulas de vinte dólares — era melhor pagar em dinheiro, elas tinham decidido, para que ninguém pudesse rastreá-las mais tarde.

Quando a transação foi concluída, ela espiou Noel mais uma vez. Agora os dois estavam rindo animadamente. Talvez dela.

Aria se afastou, encarando a frente da loja. Tanto faz. Não importava. Noel poderia namorar quem ele quisesse.

Até mesmo uma loira idiota e avoada que parecia, perturbadoramente, com

Ali.

19

SPENCER TEM UM FÃ...

— Mais café, senhorita?

Spencer pulou e escondeu o seu iPad com um guardanapo. Uma menina asiática pequena com um avental rosa que dizia SUE segurava uma garrafa de café.

Spencer balançou a cabeça. — Eu estou bem por agora, obrigada.

Ela esperou até a garçonete se afastar antes de olhar para o iPad novamente. Ela estava tão perdida em concentração no vídeo de vigilância que elas tinham armado ontem que ela tinha esquecido que ela estava assistindo deste pequeno café na Filadélfia e não em seu quarto.

Não que as câmeras de vigilância tivessem rendido alguma atividade. Tinha sido difícil esconder as câmaras nas árvores, em primeiro lugar, de modo que só uma vista realmente mostrava o interior da casa. Os outros três ângulos mostravam a varanda, o quintal do lado e um ângulo de frente para a casa grande — que poderia ser capaz de pegar alguém se aproximando. Não havia o menor movimento em nenhuma das câmeras, no entanto. Apenas alguns veados à deriva passavam, algumas folhas balançavam. Suas amigas não tinham visto nada durante seus turnos, também.

Nós só instalamos isso há um dia, ela disse a si mesma, nervosamente reorganizando o açúcar e os potes de adoçante no pequeno suporte de cerâmica no meio da mesa para que todos eles estivessem na mesma direção, algo que ela sempre fazia para se acalmar. Talvez Ali ainda estivesse em Nova York.

— O que é tudo isso?

Spencer pulou novamente. Greg estava sobre ela, sorrindo timidamente.

— Oh! — Spencer escondeu a tela do iPad com a mão. — Só uma coisa idiota no *Vine*. Então, como você está? — disse ela, tentando agir casualmente.

— Bem. — Greg puxou uma cadeira. — Você está aqui há muito tempo?

— Uh, o tráfego estava leve. — Spencer espiou a tela do iPad. Nada. Ela rapidamente desconectou do servidor e empurrou o aparelho em sua bolsa. — Eu

amo este lugar, por sinal.

Greg sorriu. — Que bom. É o único lugar que eu conheço na Filadélfia, na verdade. Eu não conheço muito a cidade.

Ele mandou uma mensagem ontem à noite querendo vê-la, e quando Spencer tinha dito sim, ele tinha mencionado o Sue e disse que tinha tempo às 10:00. O Sue tinha mesas incomuns que não combinavam, jogos de chá em miniatura em prateleiras altas ao longo das paredes e pilhas e pilhas de livros e jogos de tabuleiro que ocupavam um monte de espaço. Havia algo tão agradavelmente casual no café, como se você estivesse tomando café na sala de estar de um professor.

— Bem, obrigada por ter vindo esse caminho todo para a Filadélfia — disse Spencer após a mesma garçonete trazer um copo de café para Greg.

Greg sorriu. — Delaware é tão longe da Filadélfia quanto Rosewood. E de qualquer forma, obrigado. Eu não tinha certeza que você iria querer depois, você sabe, de Nova York.

Um gole de café muito quente deslizou pela garganta de Spencer. Ela achou que Greg não gostaria de *vê-la*. Depois do trem de Ali ir embora no túnel escuro, Greg tinha perguntado o que Spencer estava tentando lhe dizer. Mas a essa altura, Spencer sabia que ela ia soar insana se ela dissesse alguma coisa, então ela ficou em silêncio. Mas o rosto de Ali não tinha deixado seus pensamentos. Ela esteve distante o resto da noite, voltando para Rosewood mais cedo.

Agora Greg olhou para ela atentamente, talvez esperando. Spencer olhou para baixo. — Eu acho que lhe devo uma explicação, não é?

— Só se você quiser.

Ela olhou para os livros nas prateleiras. Ela queria? Ela não tinha certeza.

Quando ela tentou encontrar mais palavras, elas não quiseram vir. Os ombros de Greg levantaram e abaixaram. Ele tomou um longo gole de café. — Você provavelmente tem um monte de gente bisbilhotando a sua vida agora, querendo saber mais sobre você. Mas o que eu vi na outra noite na estação de metrô foi... pânico. Eu quero ajudar. Eu só quero ter certeza que você está bem.

— Eu sei. E isso é doce. — Ela tentou sorrir. Havia coisas piores na vida do que ter um cara lindo cuidando do seu bem-estar.

— Você parece realmente com medo de mim. Eu *vivi* isso, Spencer. Eu sei qual a sensação e como é. Então, você pode me dizer o que aconteceu?

Spencer enfiou uma colher em seu café e, lentamente, o mexeu. Ela pensou

novamente como Greg tinha estado tão disposto a ouvir. Ele parecia completamente inocente. Ela percebeu que, embora ela mal o conhecesse, ela confiava nele.

Ela se mexeu um pouco mais adiante. — Tudo bem. Eu não acho que a Alison está morta.

Os olhos de Greg se arregalaram. — Alison DiLaurentis. — Isso saiu como uma afirmação, não uma pergunta. — Tem *certeza*?

Spencer engoliu em seco, olhando em volta para se certificar de que ninguém estava ouvindo. Essa era a beleza sobre este lugar — ninguém estava *aqui*. — Sim — ela sussurrou. — Temos certeza.

Ela disse a Greg que Ali tinha assombrado ela, Hanna, e até Aria, de certa forma, e então como ela quase afogou Emily. — Eu tive uma sensação estranha que eu a veria em Nova York em algum lugar — ela explicou. — E então eu a vi — no metrô. Eu nunca pensei que ela estaria em um lugar tão público. Eu comecei a gritar daquele jeito porque eu queria que alguém a visse, também, para que pudéssemos provar isso para a polícia. Mas estava tão barulhento... e todo mundo em Nova York acha que todo mundo é louco, e ninguém estava prestando atenção em mim. E, em seguida, o trem partiu. E ela tinha ido embora.

Greg entrelaçou os dedos. — Então, ela estava apenas... andando de metrô? E você a viu aleatoriamente?

Spencer balançou a cabeça. Ela estava pensando bastante nisso. — Eu acho que ela foi no Rockefeller Center, como nós. Ela *queria* que eu a visse — ficar em outra estação e testar a sorte não faz muito sentido. Talvez ela estivesse à espreita em torno do edifício Time-Life, esperando que nós terminássemos. E então, quando fomos para o metrô, ela se escondeu na plataforma até que estava certa de que eu estava procurando ela.

— Mas por que ela não atacou você na estação de metrô? Por que apenas te assustou do outro lado da plataforma? Pelo que eu tenho ouvido, Alison parece mais cruel do que isso.

— Porque ela não quer chamar a atenção para si mesma. Os policiais acham que ela está morta — ela não quer que ninguém saiba que ela não está. Acho que ela não planejou que eu me assustaria e tentaria apontá-la. — Spencer tirou o cabelo dos olhos. — Ali vem fazendo isso para todas nós — aparecendo de forma aleatória, nos mostrando que ela ainda está por aí. Bem, exceto para Emily — Ali realmente a machucou. E ela matou a namorada de Emily.

A mandíbula de Greg caiu. — Ela *matou*?

— Quero dizer, não sabemos com certeza — Spencer voltou atrás. — Jordan estava na prisão. Mas é coincidência demais. — Ela baixou os olhos, percebendo que a última parte soou louca. Talvez ela não devesse ter mencionado isso.

Greg brincava com uma colher pequena. — Por que você não conta a polícia? — ele questionou.

Ela encolheu os ombros. — Os policiais acham que ela está morta. E eu fui a única que a vi em Nova York.

— Bem, talvez haja câmeras no metrô. Ou na estação.

Spencer pensou sobre isso. — Pode ser. Mas você precisa de autorização da polícia para obtê-las. E como eu disse, a polícia não acredita que Ali esteja viva. — Era por essa mesma razão que elas não poderiam ir para a prisão de Jordan elas mesmas e pedir as câmeras de vigilância. Além disso, Ali era esperta demais para deixar qualquer coisa ser capturada nas câmeras. Será que isso significava que ela era inteligente demais para se deixar ser vista nas câmeras que elas tinham colocado em torno da casa da piscina, também?

— Os policiais são idiotas. — Greg parecia com raiva.

— É. — Spencer fingiu pegar fiapos de sua camiseta.

— Bem, eu acredito em você.

Spencer olhou para cima quando Greg pegou a mão dela. Um nó se formou em sua garganta. Era tão bom ouvir alguém dizer essas palavras. — Obrigada — ela disse suavemente. — É bom ouvir isso.

Greg balançou a cabeça. — É uma coisa horrível se sentir como se você não tivesse ninguém a quem recorrer e ninguém que lhe ouça. Mas eu *sempre* vou escutar. Você sempre pode falar comigo. Qual é o seu plano?

— Não temos planos — disse Spencer automaticamente. De nenhuma maneira ela iria dizer a ele sobre a casa da piscina ou as câmeras de vigilância. Mas sua voz era tão suave que lágrimas vieram aos seus olhos. — Obrigada, no entanto. Por... estar aqui.

— De nada.

Eles olharam um para o outro de forma significativa. Em seguida, Greg se moveu para o assento ao lado de Spencer e tocou levemente seus lábios nos dela. O cheiro de café e a música francesa desapareceram, e tudo que Spencer sentia era a

sua boca macia. Sua cabeça latejava com prazer. Ela puxou Greg mais perto, seu peito firme e forte pressionado contra o dela. Ela podia sentir seu bíceps através de sua camisa, seus fortes músculos das costas, também. Até mesmo o seu corpo parecia seguro. Ele realmente *iria* protegê-la. E talvez, ao contrário dos outros meninos que ela tinha conhecido, ele não iria fugir quando as coisas ficassem assustadoras.

Eles se afastaram, sorrindo um para o outro. Spencer procurou por algo bonito e espirituoso para dizer, mas, em seguida, ela falou sem pensar, — Você iria a uma festa beneficente em Rosewood comigo?

Greg parecia divertido. — Eu ficaria honrado. Quando é que é?

— Amanhã. — Spencer fez uma careta de culpa. — Me desculpe, eu estou convidando você tão tarde. Mas eu adoraria se você pudesse fazer isso. É para jovens problemáticos e desfavorecidos em torno de Rosewood. Aparentemente, eu sou a convidada de honra deles — talvez porque eu seja problemática demais. — Ela fez uma careta.

— Ooh — disse Greg. — Bem, na minha agenda, você é *sempre* a convidada de honra.

Spencer ia socá-lo de brincadeira, mas seu celular zumbindo a impediu. Ela olhou para baixo em sua bolsa aberta. NOVO EMAIL DE DOMINICKPHILLY.

Ela gemeu. O que ele poderia querer? Ela sabia que deveria ignorá-lo, mas ela ainda estava pensando muito sobre a presença de Dominick em Nova York. Especialmente quando ele saiu da sala dizendo: *Eu espero que você esteja feliz, pequena mentirosa.*

— Desculpa — ela disse para Greg, pegando-o. Lentamente, ela apertou o botão para abrir a mensagem. Seu rosto murchou.

— O que foi? — perguntou Greg.

Spencer engoliu em seco. — Uma nova mensagem de Dominick.

— Aquele cara que está importunando você?

Ela assentiu com a cabeça, depois virou seu celular para mostrar a ele. A testa de Greg franziu enquanto ele inspecionava a tela. — *Você pode correr para a Filadélfia* — ele leu em voz alta, — *mas você não pode esconder o fato de que você é uma fraude.* — Ele apertou a mandíbula. — Como é que ele sabe que você está na Filadélfia?

Ela passou as mãos ao longo do comprimento do rosto. — Eu não sei — disse ela com a voz trêmula. Ela olhou pela janela, esperando vê-lo em um banco de

parque do outro lado da rua, observando-a. Mas os únicos visitantes do parque eram alguns pombos. — Talvez ele esteja me seguindo — ela disse suavemente.

— Mas... por quê?

De repente, Spencer teve um pensamento horrível. Ela se virou para Greg. — Você já ouviu falar dos Ali Cat?

Greg fez uma careta. — Aquele fã clube da Alison?

— É. Eu não queria pensar que eles são perigosos, mas quem sabe? Talvez Dominick seja um deles. — Spencer tinha descartado a teoria de Emily até que ela releu a postagem dos Ali Cat. A pessoa que havia dito que odiava todos os inimigos de Ali parecia muito veemente. Havia um monte de loucos lá fora, no mundo — e Dominick parecia estar no topo.

— Então, ele está seguindo você? — Greg parecia cético.

— Eu não sei. — Spencer sentiu como se fosse chorar. Ela piscou várias vezes, tentando limpar a imagem do rosto carrancudo de Dominick.

Greg colocou sua mão na dele. — Eu vou descobrir, Spencer. Eu vou, eu prometo. — Ele atirou o braço em volta dos seus ombros e puxou-a para perto. — Eu não vou deixar ninguém te machucar, Spencer — ele disse em uma voz quente e macia.

Spencer afundou o rosto em seu peito, segurando-o com força, desejando que ela nunca tivesse que ir embora.

20

FUNDO DO POÇO

O sono de Emily foi interrompido por uma batida em algum lugar abafado e distante. Ela abriu um olho, depois o outro, e, em seguida, olhou em volta. Roupas em cabides pairavam sobre sua cabeça. Uma sapatilha suja estava ao lado de seu nariz. Ela tinha adormecido em seu guarda-roupa. Mais uma vez.

Ela se desenrolou e chutou a porta para abri-la. O sol atravessava a janela para sua cama arrumada. Em seguida, ela ouviu a batida de novo. Alguém estava em sua porta. — Emily? — veio a voz da sua mãe. — Chegou algo para você.

Ela olhou ao redor do quarto, observando a pilha de cobertores no armário, a foto de Jordan em sua cama, e as telas do vídeo de vigilância em seu laptop — não era a sua vez de monitorar ainda, mas de alguma forma ela se sentia mais segura com elas o tempo todo, e por isso ela tinha deixado elas abertas durante a noite toda. Ela colocou a foto de Jordan sob o colchão e fechou a tampa do laptop, então caminhou através do quarto e abriu uma fresta da porta.

A Sra. Fields segurava uma caixa nas mãos com um olhar preocupado no rosto. — Você recebeu alguma coisa da Penitenciária Ulster.

Um calafrio percorreu o corpo de Emily. — Obrigada — ela disse rapidamente, agarrando-a e fechando a porta.

Sua mãe enfiou o pé na brecha antes que Emily pudesse fechar a porta completamente. — Você não recebeu uma carta de lá, também? — ela continuou, com a voz embargada. — Você... conhece alguém de lá?

Emily abraçou a caixa com força contra o peito. EMILY FIELDS, dizia em cima.

— Não — ela murmurou. Era a verdade, afinal.

— Então por que alguém de uma prisão está lhe enviando coisas?

Está vendo? Foi por isso que Emily não tinha contado nada a sua mãe. Claro, ela estava morrendo de vontade de explicar que o amor da sua vida se foi... e que Ali tinha feito isso... e que ela sentia como se estivesse caindo em um profundo

abismo escuro que ela nunca seria capaz de sair. Mas sua mãe não ouviria nada disso. Ela não ouviria nada além do fato de que Emily havia amado alguém da prisão. Ela não iria absorver nenhuma das boas qualidades de Jordan, ou que ela teria sido libertada em breve. Então por que se incomodar em entrar nesse assunto?

Emily virou-se bruscamente e voltou para sua cama. — Estou muito cansada.

Ela esperava que a mãe dela tomasse isso como uma dica para sair, mas a Sra. Fields permaneceu na porta. Um momento depois, Emily ouviu um suspiro e se virou. O rosto da Sra. Fields estava vermelho, com os olhos cheios de lágrimas. — O que há de errado com você, querida? — ela implorou a Emily. — Por favor, me diga.

— Nada — Emily gemeu. *Agora vá embora para que eu possa abrir esta caixa,* ela queria gritar.

A Sra. Fields ainda não se mexeu. Seu olhar se desviou para os hematomas no pescoço dela. — Você vai explicar isso agora — ela exigiu, agora parecendo irritada. Ela muitas vezes assumia um tom irritado, Emily sabia, quando ela ficava com muito medo. — Caso contrário, eu vou pensar que alguém te machucou.

Emily enrolou um punho. — Eu fiz isso em mim mesma — ela deixou escapar antes que ela pudesse pensar.

Os olhos de sua mãe se arregalaram. — Você deliberadamente se *machucou*? Por quê?

— Não importa! — Emily rugiu. Ela caminhou de volta para a porta e fechou-a com força. — Eu estou bem, mãe! Apenas me dê um pouco de espaço!

Ela girou a fechadura sobre a maçaneta e esperou. Ela podia ouvir sua mãe do lado de fora, fungando um pouco, suas roupas farfalhando. E então, sem dizer outra palavra, a Sra. Fields virou e caminhou pelo corredor. Emily ouviu enquanto ela descia as escadas. Ela ouviu um tilintar de chaves, em seguida, o estrondo do portão da garagem subindo. Onde sua mãe estava indo? Emily não tinha certeza se ela tinha saído desde o seu ataque cardíaco. Mas talvez fosse uma coisa boa. Ela pediu por espaço; agora ela estava conseguindo.

Ela olhou para a caixa, em seguida sentiu algo sob o colchão e tirou a imagem de Jordan que ela tinha escondido. Jordan sorriu feliz para ela, alegremente inconsciente de que o seu futuro iria ser interrompido. Emily olhou para a foto até que seus olhos ficaram borrados, tentando imaginar que Jordan ainda estava viva. Mas tudo o que ela viu quando ela fechou os olhos foi o corpo de Jordan em uma maca fria e dura no necrotério. Morto.

Lentamente, ela abriu a caixa. No topo de uma camada de plástico bolha havia uma pequena nota datilografada. Emily pegou-a e examinou-a de perto. *Posses de Jordan Richards*, lia-se. E, em seguida, *Entregue a: Emily Fields.*

Um nó se formou no peito de Emily, e ela fechou a caixa apertado. Estas deviam ser as coisas que Jordan estava quando ela foi presa. Por alguma razão, Jordan queria que ela ficasse com elas, não os seus pais. O que havia lá dentro? Um relógio, talvez. Alguns brincos. Itens pessoais, coisas que Emily não podia suportar ver agora. Ou talvez nunca.

Ela precisava de ruído, notícias, alguma coisa. Pegando seu celular e o laptop com a câmera de vigilância, ela desceu ao andar de baixo. A casa estava em silêncio, a TV na sala de estar estava desligada e a louça do café empilhada ordenadamente no escorredor. Emily ligou a TV na cozinha e olhou para um comercial de uma concessionária de carros local. Um prato cheio de bolo dinamarquês da padaria local estava na mesa da cozinha, provavelmente um sinal de que Emily devia comer alguma coisa. Mas ela não podia imaginar colocar comida em sua boca, engolir e sentir-se cheia. Ela não tinha certeza se seria capaz de comer alguma coisa novamente.

Os comerciais na TV acabaram e o noticiário voltou. — Temos novos desenvolvimentos no assassinato perturbador da jovem na prisão conhecida como a Ladra Patricinha — a âncora, uma mulher loira genérica com um lenço no pescoço, estava dizendo.

A cabeça de Emily levantou. Era como se a notícia estivesse mostrando isso apenas para atormentá-la. Na tela havia uma foto de Jordan em uma doca de barcos, com seus longos cabelos ao vento e um enorme sorriso brilhante no rosto. Era angustiante olhar. Jordan parecia tão viva. Tão vibrante. Emily se moveu como um zumbi em direção à TV e tocou o rosto de Jordan, a TV atingindo-a com estática.

— A agressora é Robin Cook, que havia sido presa por assalto e agressão. A senhorita Cook desapareceu de sua cela na prisão há poucos dias. Os cidadãos na área da cidade de Ulster estão em alerta para procurar por ela — ela pode ser violenta e perigosa.

Uma imagem da assassina apareceu, a primeira vez que Emily a via — ela tinha procurado no Google qualquer informação sobre Robin Cook, mas ela não encontrou nada. Emily a estudou duramente, então deu um passo para trás. Ela conhecia essa menina. Era a garota ruiva e corpulenta que ela tinha visto na sala de

visitas no dia que ela falou com Jordan. Aquela que tinha olhado Emily de cima a baixo, como se estivesse checando ela.

Essa era a assassina de Jordan? Ela e Jordan mal se olharam. Nenhuma animosidade se passara entre elas.

Então Emily pensou na visitante de Robin Cook naquele dia. Tinha sido uma menina em um moletom, certo? Emily não conseguia se lembrar dela; a menina tinha corrido tão rapidamente para fora da sala quando Emily chegou. Parecia como se Emily a tivesse assustado.

E se isso foi porque a visitante era Ali?

Os pensamentos de Emily começaram a girar. Seria possível? Talvez, de alguma forma, Ali conheceu esta garota. E talvez ela encontrou-se com ela naquela manhã para planejar como Robin ia matar Jordan. Talvez Hanna e as outras estivessem certas: Ali não tinha invadido a prisão e matado Jordan. Ela contratou alguém para fazer isso — e então, presumivelmente, ela tinha tirado esse alguém da cadeia.

Robin era uma Ali Cat.

Ela colocou as mãos sobre a mesa e soltou um grito. O som ecoou satisfatoriamente pela cozinha... mas não foi satisfatório o suficiente. De repente, ela sentiu-se impaciente, como se suas roupas fossem feitas de cabelo. Uma sensação dura e perigosa despertou dentro dela, algo que ela mal reconhecia, mas imediatamente abraçou. Era isso. Era a gota d'água. Ela se levantou e pegou suas chaves. Era hora de realmente fazer alguma coisa.

Ela ia para a casa. Ela ia encontrar Ali, não importava o que ela tivesse que fazer.

Uma hora mais tarde, Emily estava sentada no carro dela, seus dedos apertando o volante de couro como uma bola de estresse. Árvores, montanhas, espaço aberto e celeiros ocasionais passavam rápido, mas ela não parou para olhar a paisagem. E o seu celular, que estava no banco do passageiro, continuava tocando.

Era suas amigas, checando-a. Talvez elas tivessem visto a notícia de Jordan/Robin na TV, também. Mas Emily não poderia atender às suas chamadas, não havia nenhuma maneira que ela pudesse dizer-lhes que ela estava dirigindo para Ashland sozinha. Elas já estavam preocupadas com ela. Algo sobre ver o rosto de Robin — e saber que ela tinha estado ao lado de Emily no dia que Jordan morreu, e que Emily poderia ter impedido ela, talvez — mudou alguma coisa nela. Agora tudo em que ela podia pensar era em agarrar Ali e apertar com força ao redor do pescoço dela. Com mais força, em seguida com mais força ainda, até que ela não pudesse

respirar. Ela imaginou os olhos de Ali esbugalhando, a boca arfando por ar enquanto ela não conseguia respirar. Ali finalmente voltando-se para Emily e pedindo-lhe para parar.

E será que Emily pararia? *Não, ela não pararia.* Pelo menos, não em suas fantasias. Ela não tinha vergonha de se sentir assim, tampouco. Ela se sentia como se tivesse passado de algum ponto sem retorno, e ela não poderia voltar.

Ela virou-se para a caixa de correio vermelha marcada com *Maxwell* e subiu a colina íngreme até a calçada. A casa principal era alta e altiva, e havia uma placa de venda agora no jardim da frente. Emily estacionou o carro em uma das grandes bétulas, saiu e pegou o taco de beisebol de metal do banco de trás, o único item que parecia uma arma que ela conseguiu encontrar em sua casa. Então, ela olhou em volta. Folhas giravam alegremente nos galhos. Em algum lugar, um cão latiu. Era tão tranquilo aqui. Tão pacífico.

E tão horrível.

Emily correu em volta para a casa da piscina. Adrenalina corria vigorosamente em seu sangue enquanto ela caminhava até as janelas. Ela curvou as mãos e olhou para dentro. O lugar estava escuro. Mas Ali tinha que estar aqui. Emily não aceitaria nada menos.

O cérebro de Emily estalou e efervesceu. Quando ela chutou a porta aberta, parecia que não era o seu corpo fazendo isso, mas sim o de outra pessoa — alguém forte e corajoso. A porta se abriu para a sala vazia, e ela entrou, com as narinas dilatadas, o taco pronto. A sala ainda cheirava nauseantemente a sabonete de baunilha. Emily nunca mais queria sentir o cheiro de baunilha novamente.

— Ali? — Emily gritou, rondando ao redor da sala como um gato. Ela imaginou o som registrado nas câmeras de vigilância. Mas isso não importava: Era o seu turno agora. Ninguém mais estava olhando. — Ali? Onde você está? — ela rosnou.

Ela parou e escutou. Nada. Mas tudo o que ela podia imaginar era Ali escondida em um armário, segurando sua mão sobre a boca para abafar uma risadinha. Talvez Robin estivesse com ela, talvez elas estivessem rindo juntas. Emily colocou a cabeça no segundo cômodo no primeiro andar. Havia aquela mesma escrivaninha vazia, que estava toda empoeirada. Ela abriu a porta do armário, em seguida, bateu com força. *Nada, nada, nada.*

Ela subiu as escadas e olhou para os dois pequenos quartos. Escuros. Cheios de teias de aranha. Ela praticamente podia ouvir as gargalhadas de Ali.

— Ali! — Emily gritou, girando ao redor com um pulso pulsando forte e rápido em seu cérebro. — Eu sei que você está por perto! E eu sei o que você fez com Jordan! *Eu sei que foi você!*

Mas ela não recebeu nenhuma resposta. O mesmo de *sempre* — Ali sempre tirava algo delas, e nunca, *jamais* houve uma maneira de realmente obtê-lo de volta. Quanto Emily tinha perdido desde que este martírio começou? Quanto Ali tinha arruinado? Como uma pessoa podia continuar a se safar disso? Como uma alma doentia, obscura e desprezível podia continuar a perseverar?

Parecia que havia um grande acúmulo de pressão dentro dela. Ela soltou um gemido agudo e tropeçou descendo as escadas com sua visão embaçada. Primeiro, ela se lançou em direção a gaveta na cozinha improvisada, puxando-a para fora. Era gratificante jogá-la no chão e bater com o taco de beisebol. Ela puxou o armário ao lado, grunhindo enquanto ela arrancava as dobradiças frágeis.

Ela usou o taco para quebrar um vaso na cozinha. Então ela puxou a grade de madeira. Ela arrancou o único conjunto de cortinas nas paredes, jogou-o no chão, e pisou sobre ele.

Não havia muito para destruir, mas ela destruiu tudo o que podia. Quando ela terminou, ela estava no centro da sala, respirando com dificuldade. Suor escorria pelo seu rosto. Havia sujeira debaixo das unhas das suas mãos e sangue dos vidros quebrados em seus braços e pernas. Ela podia sentir farpas em suas mãos. Ela olhou ao redor, ainda sentindo que Ali estava por perto. — Como você fez isso? — ela sussurrou para o teto. — Por que você fez isso comigo?

Era uma pergunta estúpida para se perguntar, porque Emily já sabia a resposta. Soluços percorreram seu corpo. — Eu nunca vou te amar — ela gritou para a sala vazia. — Nunca, jamais! E eu vou te matar! Você vai pagar por isso!

As palavras soaram pela sala, muito verdadeiras, mas também muito cruas. O taco escorregou de seus dedos suados. De repente, Emily se sentiu horrorizada com o que ela disse. Era o que ela queria... e ela sabia que era capaz. Mas ela não podia acreditar que ela se transformou nessa pessoa.

Então ela olhou ao redor da sala dizimada com novos olhos. *O que ela fez?* Suas amigas veriam os restos disso durante seus turnos de vigilância. Elas pensariam que era uma pista... e Emily teria que dizer-lhes a verdade. E se os Maxwell ou um corretor de imóveis viessem checar o lugar? E se eles descobrissem isso?

Ela saltou de pé, limpou as mãos sangrentas em seu jeans, e rapidamente recolheu todos os armários e gavetas e os colocou de volta em suas dobradiças da

melhor maneira possível. Em seguida, ela usou as mãos para varrer o vidro em uma pilha. *Você é uma pessoa terrível, você é uma pessoa terrível,* ela pensou, as palavras como socos. Como ela poderia dizer que ela ia matar alguém? Como Ali a levara a isso? De repente, ela se perguntou se Ali tinha sucedido em seu plano mestre. Ela havia transformado Emily em uma lunática. Ela a havia transformado da menina doce, sensível e cautelosa que ela uma vez foi para alguém *exatamente como ela.*

No meio da tarde, ela tinha limpado completamente, e ela saiu da casa suada, sangrenta e exausta. Ela entrou em seu carro e se jogou no banco, mal percebendo todo o sangue que estava sujando o volante. Ela olhou fixamente através do para-brisa por um momento, não tendo nenhuma ideia de onde ela iria. Ela se sentia drenada, esgotada, perdida. Ela sentia-se pronta para acenar uma bandeira branca.

— Eu me rendo, Ali — disse ela, em um tom monótono, enquanto ela dirigia pela colina íngreme para a estrada principal. — Você ganhou.

E isso era uma coisa terrível de se dizer em voz alta, também.

21

EU SEREI SUA MELHOR AMIGA...

— E é por isso que nós não somos mais amigas, Hanna Marin — disse Hanna asperamente, olhando para Hailey sob o conjunto de luzes quentes. Sua peruca de Naomi Zeigler fazia cócegas em seu couro cabeludo, mas ela resistiu a coçá-la. — Porque você é *louca*. E mentirosa. E não há muita coisa que uma garota possa aguentar.

Em vez de Hailey parecer chocada, como o roteiro ditava, ela olhou vidradamente para a parede, quase dormindo. Bastante tempo depois, ela voltou sua atenção. — Mas, Naomi — ela lamentou. — Você não sabe toda a história.

— Corta! — Hank gritou. — A iluminação está toda errada.

O sino tocou. Todo mundo saiu do personagem, e Hailey caiu com gratidão em um sofá de ráfia. — Oh meu Deus — ela murmurou, atirando uma mão sobre os olhos. — Eu me sinto morta.

— Noite longa? — perguntou Hanna cautelosamente. Hailey parecia exausta. Apesar das horas no cabelo e maquiagem, o cabelo dela estava sem graça e seu rosto estava pálido e inchado. E mesmo quando ela sorriu, ela parecia irritada, como se estivesse pronta para perder o controle.

— Sim, mas foi super divertido. — Hailey retirou a mão de seus olhos e olhou para Hanna. — Eu ia convidá-la também, mas você não me mandou uma mensagem de volta.

Ela parecia ferida. Hanna se lembrou de repente da mensagem "você pode falar" que Hailey tinha mandado justo quando ela tinha chegado no Turkey Hill ontem. Ela tinha esquecido completamente de ligar para Hailey, embora talvez isso fosse uma coisa boa. Neste momento, a última coisa que ela precisava era de entrar em mais problemas. Toda vez que ela falava com Mike no telefone durante suas pausas no campo de futebol, aquela imagem horrível dela e Jared se beijando girava em sua cabeça.

Hank fez seus ajustes, então se escondeu atrás da parede novamente. — Eu preciso que você responda mais rapidamente neste momento, Hailey — ele gritou.

— Você perdeu sua deixa.

Hailey revirou os olhos. — O que *ele* sabe? — ela murmurou para Hanna baixinho. — Eu sou a única que esteve em doze grandes filmes e dois shows de TV de sucesso.

Hanna enfiou a língua em sua bochecha. Quanto tempo mais ela poderia assistir Hailey assassinando seu personagem? Ela não disse nada enquanto ela caminhava de volta para sua primeira marcação.

Hank gritou ação, e elas começaram a cena novamente. Desta vez, Hailey não só perdeu sua deixa, como também estragou completamente a maioria de suas falas ou as falou mais rápido e sem qualquer emoção. Hank gritou corta novamente. Hailey caiu sobre o sofá mais uma vez. — Quanto tempo isso vai *levar*?

Hank saiu correndo de trás da parede e caminhou até Hailey, elevando-se sobre ela. — O que você está fazendo? — ele exigiu.

Os olhos de Hailey se estreitaram. — Hã?

— Você perdeu o tempo da sua fala. — Hank colocou as mãos nos quadris. — *De novo*. E eu não consegui nem mesmo compreender a maior parte das suas falas. Você não tinha inflexão. E os seus olhos estavam completamente mortos.

Daniel, o assistente de Hank, correu atrás dele com o roteiro do cenário preso em uma prancheta. Hanna deu um pequeno passo para longe dele — ele ainda a assustava — mas ele não estava prestando atenção nela. Seu longo dedo percorreu a página, encontrando a fala. — No meio disso, você deveria dizer, "Naomi, há algo que você precisa saber", e não apenas "Hey, Naomi".

Hailey fez uma careta. — E?

Hank olhou para o cinegrafista. — Ok, nós vamos ter que retomar isso. *De novo*. — Ele revirou os olhos e começou a voltar para a sua cadeira, murmurando algo baixinho. Parecia, "E desta vez, Hailey, tente não mostrar ao mundo que você está de ressaca".

Hailey se endireitou. — Como é?

Hank virou-se, ainda resmungando.

— Ei! — Hailey chamou atrás dele. — Eu lhe fiz uma pergunta!

Hank ainda não respondeu. — Uh, eu devo lembrá-lo de que eu sou a estrela aqui? — Hailey berrou. — E você é apenas um diretor velho com excesso de peso!

Suas palavras soaram pela sala. Hanna arfou. Ela tinha certeza de que todo

mundo no set o fez, também.

Hank se virou, com os olhos brilhando. — Você está ultrapassando os limites, Hailey.

Hailey ergueu o queixo. — Isso é o que você ganha por falar nas minhas costas.

Hank rangeu os dentes. — Talvez você mereça. Sua cabeça não está nisso. Seu comportamento é inaceitável. Você está sempre atrasada, você está sempre de ressaca, e seu mau desempenho após mau desempenho está rebaixando a qualidade de toda essa produção.

Sua voz ecoou pela sala de teto alto, e depois que ele terminou de falar, houve um silêncio mortal. Hailey piscou com força, como se Hank tivesse acabado de lhe dar um soco no estômago. Ela abriu a boca para falar, mas, em seguida, a fechou rápido, com lágrimas em seus grandes olhos azuis.

O estômago de Hanna girou ao redor. Ela tinha rezado para Hank finalmente falar com Hailey, mas ela odiava que tivesse sido tão duro desse jeito. Isso foi tão público. Tão embaraçoso.

Hank suspirou profundamente, fechou os olhos, e pareceu centrar-se. — Ou você se endireita e realmente me ouve, ou você está fora — disse ele em uma voz mais calma. — Você entendeu?

Hailey se afastou um pouco. — Você não pode me demitir.

— Hailey... — Hank a alertou.

Hailey levantou a mão para interrompê-lo. — Porque eu *me demito*.

Então ela se virou, empurrou Daniel para fora do caminho, e saiu para seu camarim, batendo a porta com tanta força que algumas das luzes acima tremeram. Em segundos, Hanna podia ouvi-la ao telefone com alguém — seu agente, talvez. Hailey soava furiosa.

Hanna se atreveu a olhar ao redor do set. Cada ator estava imóvel, com olhares estranhos em seus rostos. O cinegrafista agarrava os lados da câmera com sua mandíbula oscilante. A boca do cabeleireiro estava um perfeito O. Os assistentes de produção cutucavam um ao outro, e um dos caras no serviço de bufê já estava teclando em seu celular.

De repente, pareceu tão quente dentro da sala. Hanna se virou e fugiu para a porta lateral, precisando de um pouco de ar. Ela saiu no mesmo beco que tinha assustado ela no outro dia, mas agora estava claro, arejado e totalmente inofensivo. Ela olhou para baixo, para o pavimento. A mensagem *Quebre umA perna, Hanna*

tinha desaparecido.

— Ei — disse uma voz. Hanna se virou. Jared tinha saído para a rampa ao lado dela.

Hanna acenou com a cabeça, apontando para o edifício. — Devo ir ao camarim de Hailey e ver se ela está bem?

Jared balançou a cabeça. — Deixe-a se acalmar. Ligue para ela amanhã. — Ele passou as mãos pelo cabelo grosso. — É chato, no entanto. Eles vão ter que substituí-la em tão pouco tempo.

Hanna revirou sua mandíbula. Ela não tinha pensado sobre isso. — Quem você acha que vai substituí-la?

— Eu não sei, mas espero que seja alguém melhor.

Os pensamentos de Hanna começaram a se agitar. Talvez fosse uma coisa boa. O personagem de Hanna seria resgatado. Ninguém iria tirar sarro dela quando o filme saísse. E Hailey acharia outra coisa, não é? Ela era uma grande estrela. Seu agente, provavelmente, já tinha algo em mente.

— Como Lucy Hale — ela sugeriu, de repente animada. — Ou talvez aquela menina bonita daquela série do Netflix?

— Na verdade, eu acho que deveria ser *você*.

Hanna piscou com força. Jared estava olhando para ela com uma expressão completamente séria. — Como é? — ela perguntou.

Jared aproximou-se. — Estou falando sério — ele murmurou. — Você é boa, realmente boa. Hank não consegue parar de falar sobre você. E nós dois já sabemos que você faria uma melhor Hanna Marin do que Hailey....

Ele sorriu sedutoramente, com uma sobrancelha levantada. Hanna baixou os olhos, sentindo-se culpada sobre o que ela disse para Jared sobre o desempenho de Hailey e sobre o beijo.

Mas era verdade. Hanna pensou em como Hank não tinha feito nada além de elogiá-la depois de cada cena. Claro, o papel de Hanna era mais exigente e demorado do que a parte de Naomi, mas Hanna poderia lidar com isso. De qualquer forma, por que contratar outra atriz quando a verdadeira Hanna estava bem aqui, pronta e esperando?

Hanna *estava* pronta e esperando? Ela poderia pedir o papel? Ela pensou em algo que Hailey tinha dito em Nova York: *Nunca deixe passar uma oportunidade. Você*

nunca sabe onde ela pode levá-la.

Jared mudou seu peso. Quando Hanna olhou para cima, ele estava estudando a de perto, com um pequeno sorriso no rosto, como se ele soubesse o que Hanna estava pensando. — Fale com Hank — ele insistiu. — Tudo o que ele pode dizer é não. — E, em seguida, dando um tapinha em seu braço, ele se virou e voltou para o estúdio.

22

UM TOUR E UM A

Quinta-feira, Aria estava na escadaria do Museu de Arte da Filadélfia enquanto o sol se punha. Embora o museu estivesse quase fechando, os visitantes ainda estavam prolongando, comendo pretzels do carrinho no pé da escada, correndo para cima e para baixo das escadas como Sylvester Stallone em *Rocky*, ou ouvindo um saxofonista tocando uma versão de "Let It Be".

Então um carro verde-néon com TÁXI RÁPIDO FILADÉLFIA impresso na lateral parou no meio-fio, e Harrison, vestido de jeans e uma camisa de botão, saiu. Quando ele avistou Aria, todo o seu rosto se iluminou. Aria acenou alegremente.

— Oi! — ele falou depois de saltar até as escadas para encontrá-la. Ele se inclinou para frente e deu um abraço em Aria. Aria suspirou feliz, inalando o cheiro de sândalo de seu casaco.

— Pronta para isso? — Harrison perguntou quando ele se afastou.

Aria abaixou a cabeça, de repente se sentindo tímida. — Um tour privado no museu? É claro que eu estou pronta.

— É o mínimo que eu poderia fazer — disse Harrison seriamente.

Harrison tinha enviado uma mensagem esta manhã dizendo-lhe quantos comentários o artigo já havia recebido, embora ela tivesse estado com muito medo de olhá-lo por si mesma. Ele também acrescentou que ele tinha conseguido vários novos anunciantes e tinha sido convidado para ser um "expert" em uma retrospectiva do cenário artístico que o *New York Times* estava escrevendo para sua edição de domingo. A este ritmo, ele disse, ele realmente poderia começar a ganhar dinheiro a partir do blog e deixar seu trabalho de meio expediente como garçom.

Quando ele pegou a mão dela, ele parecia estar intimamente em seus olhos, e Aria sustentou o olhar. Ela queria ir devagar com Harrison, mas sempre que ele olhava para ela daquele jeito, parecia que havia cascos de cavalo batendo no seu peito. O que era uma sensação bem-vinda, especialmente depois de ver Noel e Scarlett na Best Buy.

Não que ela estivesse realmente pensando sobre isso nem nada.

Eles começaram a subir as escadas em direção ao museu. Todo mundo estava correndo para fora em vez de ir para dentro. — Como você conseguiu marcar uma turnê após o expediente, de qualquer maneira? — perguntou Aria.

Harrison sorriu. — As vantagens de ter um pouco de conexões. Muitos críticos de arte gostam de ir após o expediente a todos os museus — dessa forma eles podem realmente ver as obras sem disputar com os turistas. Bastou um telefonema e uma menção do seu nome.

Aria engasgou. Seu nome teve influência?

Harrison manteve a porta aberta para ela. — Mas, na verdade, eu estava esperando que você me dessa uma turnê. O Museu de Arte da Filadélfia é o estilo de Aria Montgomery.

Aria inclinou a cabeça. — Eu ficaria honrada, Sr. Superblogueiro.

Eles entraram no lobby, que Aria conhecia com a palma da sua mão. Era estranho ver o lugar tão vazio, sem a agitação e o barulho das crianças nas salas das armaduras e armas ou na loja de presentes. Um eco veio do alto, em seguida, veio um barulho alto. Aria olhou em volta nervosamente. Ela não gostava da ideia de estar totalmente sozinha.

Mas, então, um guarda apareceu em torno da esquina. Uma menina saiu da sala de guardar casacos, encolhendo os ombros em um casaco. Aria suspirou.

Ela e Harrison passaram por uma mesa de panfletos sobre os próximos eventos e uma grande mesa sobre oportunidades de sociedade. Então Aria sentiu uma pequena pontada. Ela e Noel tinham vindo ao museu há alguns meses, e eles ficaram bem na frente da mesa da sociedade, discutindo sobre o que ver. Claro que Noel queria visitar os antigos machados e espadas, mas Aria tinha insistido em ver uma nova exposição de vestuário infantil do século XVIII primeiro. No final, ela tinha vencido.

Ela fez uma careta. Ela sempre foi tão controladora? Era por isso que Noel não queria mais vê-la? Talvez ele tivesse feito um balanço de todas as suas diferenças e percebeu o quão pouco eles realmente tinham em comum. Tinha que ser isso, porque ontem à noite, quando ela procurou Scarlett no Facebook — a menina tinha pedido por isso ao dar o seu sobrenome — ela tinha descoberto que ela frequentava uma escola particular em Devon, gostava muito de cavalgar, era a capitã de sua equipe de líderes de torcida, e quase certamente não tinha ideia da diferença entre um Kandinsky e um Rothko. Em outras palavras, o oposto completo de Aria.

Ela se conteve. *Você não se importa.* Ela estava aqui com um garoto, afinal de

contas. Ela seguiu em frente assim como Noel.

Uma docente correu para eles com um grande sorriso no rosto. — Sr. Miller! Srta. Montgomery! É um prazer ver vocês. Eu sou Amy, e eu estou tão emocionada por vocês terem vindo. — Ela fixou pequenos bótons que tinham imagens de um cavalo alado, o logotipo do museu, em sua blusa. — Vocês querem uma visita guiada?

— Não, nós vamos ficar bem por conta própria — Aria insistiu.

Amy foi embora, dizendo que iria checá-los mais tarde.

— Vamos lá — disse Aria para Harrison, pulando os degraus de mármore, de repente cheia de confiança. — Nosso tour começa agora.

Ela o levou a sua parte favorita do museu, a ala de arte contemporânea. As salas estavam vazias e apenas um guarda ficava na entrada principal, batendo em seu telefone. Primeiro, Aria e Harrison deram a volta pelos perímetros em silêncio, estudando a arte. Então Aria começou a escolher suas peças favoritas. Ela apontou para *Janelas Abertas Simultaneamente*, de Robert Delaunay, uma obra-prima de formas Cubistas expressando a Torre Eiffel vista por uma janela. — Eu gostaria de poder pintar algo assim — ela suspirou. — É tão evocativo.

Então ela mudou para outra obra cubista, *Nu Descendo uma Escada*, de Marcel Duchamp, em seguida, apontou para algumas das composições gráficas de Jean Hélion. — Por alguma razão, eu sempre sou atraída para estas — disse ela.

— Humm — disse Harrison, com o queixo na mão.

Aria engoliu em seco, repentinamente insegura. De repente, ela se lembrou do quão legal, opinativo e culto Harrison era. A escolhas dela eram inferiores?

Prosaicas? — Quero dizer, há provavelmente trabalhos aqui que são melhores exemplos de formas, ou período de tempo, ou um movimento particular — ela disse rapidamente. — Eu não sou nenhuma especialista na história da arte.

Harrison olhou para ela. — A arte é subjetiva. Você sabe disso. Você gosta do que você gosta. — Ele apertou a mão dela. — Sabe, é por isso que você é tão única. Você é tão... *humilde*. Eu estou perto de artistas auto obcecados durante todos os dias — e isso é muito refrescante. E você não é como uma garota do ensino médio, também. Você é tão madura.

Aria corou. — Bem, obrigada, eu acho. — Ela não estava acostumada a receber tantos elogios.

Então ela caminhou em direção a uma sala cheia de esculturas, seus calcanhares

batendo alto no chão de mármore. — Eu costumava vir aqui quando eu era mais jovem, tipo, na quarta e quinta séries, e ficava sentada aqui por horas — ela murmurou. — E quando eu era mais velha, a minha classe no fundamental veio como um grupo. Eu queria ver todas essas pinturas de novo — elas pareciam como minhas amigas. Mas a minha *verdadeira* amiga, a garota com quem eu estava, queria voltar para as escadas e flertar com alguns garotos da Penn. Eu fiquei meio que chateada.

Um sentimento de irritação a encheu. Ela contou toda essa história sem estar totalmente ciente de que a amiga tinha sido Ali. Não a *louca* Ali, mas Courtney também tinha sido louca — e controladora — em sua própria maneira.

Harrison estalou a língua. — Eu costumava pensar que as pinturas eram meus amigos, também. Eu nunca soube que ninguém pensava assim.

Aria piscou com força. — Parece que temos um monte de coisas engraçadas em comum.

— Um monte de coisas *legais*. — Harrison andou em direção a ela.

O coração de Aria acelerou enquanto ele olhava de forma significativa para ela. Está vendo, por *isso* ela estava atraída por ele. Porque eles se *entendiam*.

Ele moveu-se cada vez mais perto até que seus peitos estavam quase se tocando. Aria prendeu a respiração, sabendo o que estava por vir. Quando ele se inclinou para beijá-la, ela fechou os olhos.

— Está tudo bem para você? — ela o ouviu sussurrar baixinho, sua respiração com cheiro doce em suas bochechas. Ela assentiu com a cabeça e sentiu ele beijando-

a. Seus lábios eram firmes e tinham um sabor um pouco frutado. Sua mandíbula era angular, e havia um pouco de barba em seu queixo. Era uma sensação estranha: Noel sempre tinha estado bem barbeado. Ela explorou sua pele com cuidado, não tendo certeza se ela gostava ou não.

Em seguida, o guarda no canto tossiu alto. Aria deu uma risadinha e se afastou, e os olhos de Harrison se ampliaram com culpa. Mas então ele enfiou as mãos nas dela. Aria apertou de volta, um sentimento trêmulo crescendo dentro dela. Talvez fosse excitação. Talvez fosse incerteza. Era estranho que ela tivesse pensado em Noel durante o beijo? Por que ela não podia simplesmente *superá-lo*?

Ela se afastou e olhou para Harrison. — Você me acompanharia a uma festa amanhã em Rosewood? — ela soltou. — É chamada de Rosewood Rallies, e apoia

uma boa causa. Eu não posso prometer que vai ser divertida ou até mesmo remotamente legal, mas você e eu poderíamos fazer o melhor possível.

Ela precisava perguntar, ela percebeu. Quanto mais encontros ela tivesse com Harrison, era mais provável que ela gostasse dele — e ela pensaria menos em Noel.

Harrison sorriu. — Qualquer coisa que você está presente é mais do que remotamente legal, Aria. É claro que eu vou.

Aria estava prestes a atirar os braços ao redor dele, mas então ouviu passos. Ela virou-se justo quando uma sombra desapareceu de vista. Ela franziu a testa e olhou para Harrison. — Você ouviu isso?

Ele inclinou a cabeça. — O quê?

Aria caminhou em direção à porta. O guarda da porta não estava lá; e se tivesse sido ele? O silêncio batia em seus ouvidos, mais ruidoso do que qualquer som. Ela ouviu atentamente por quaisquer outros ruídos, e, em seguida, ouviu outra coisa. A mais leve risada. Arrepios subiram em seus braços.

Não havia ninguém no corredor. Aria cruzou para a próxima sala, um espaço comprido e estreito cheio de enormes telas. Em seguida, ela ouviu passos novamente e suspirou.

— Isso — Aria falou. — Esses passos.

Desta vez, eles estavam vindo do corredor principal. Aria virou-se e seguiu-os, com o coração batendo rápido.

— Aria? — Harrison chamou atrás dela quando ela virou a esquina para o corredor principal. Ele estava vazio. Ela olhou ao redor. Quando ela virou para a esquerda, ela quase colidiu com alguém saindo de outra ala. Ela saltou para trás e gritou. Mas era apenas Amy, carregando uma bandeja com copos de café.

— Desculpa! — Amy gritou, dando um passo para trás. — Eu estava procurando por você dois. Uma menina que ainda estava no café queria lhe entregar isso, Aria. Ela diz que é uma amiga e uma grande fã.

Ela fez um gesto para os cafés. Aria olhou para eles. As tampas estavam retiradas, revelando uma espuma branca. No da esquerda, uma letra havia sido entalhada no leite — um A desaparecendo rapidamente, mas muito óbvio.

Seu estômago revirou. Antes que pudesse pensar muito nisso, Aria desceu as escadas e correu pelo corredor em direção ao café, parando na porta. Trabalhadores estavam tirando as bandejas das mesas. Alguém estava colocando o saco de lixo na lata perto da porta. O ar ainda cheirava a café, mas não havia ninguém sentado em

nenhuma das mesas.

Então Aria viu um flash de loiro desaparecer por uma das portas traseiras. Ela correu até lá — somente para encontrar um trabalhador loiro da cafeteria, encharcando uma bandeja de metal grande em uma pia profunda de aço inoxidável. — O que você está fazendo? — perguntou Harrison.

Harrison e Amy estavam atrás dela. Ambos tinham olhares estranhos em seus rostos, especialmente Harrison. Os copos de café desapareceram.

Aria passou as mãos ao longo do comprimento do rosto. — Eu sinto muito — ela gaguejou. — Eu-eu só queria encontrar a pessoa que comprou aquilo para nós. E-e agradecê-la.

Era uma desculpa ridícula, e nenhum dos dois parecia que acreditava nela. Harrison deu um passo adiante, jogando o braço em volta dos seus ombros. — Vamos tirar você daqui — disse ele, conduzindo-a em direção à entrada principal.

— Um amigo me falou de um ótimo lugar italiano a poucos quarteirões de distância.

— Parece perfeito — disse Aria fracamente, grata por Harrison não estar ligando para a sua estranheza. *Não haverá mais surtos durante a noite*, ela repreendeu-se. O A em cima daquele café pode ter sido apenas um acidente, uma coincidência. *Ali. Não. Estava. Aqui.*

Ela teria acreditado nisso, também, se não fosse pelo leve toque de baunilha que de repente a agrediu quando eles saíram do museu, uma faixa pequena de perfume que seguiu Aria, assustadoramente, por todo o caminho até os longos degraus de pedra para a rua movimentada da cidade.

23

ALGUÉM ESTÁ LÁ FORA

Spencer entrou no estacionamento do TurKey Hill. Ela bateu o pé com uma música de Taylor Swift tocando no aparelho de som perto das bombas de gás. Ela olhou o interior, avistando uns meninos altos com idade de estarem no fundamental na calçada, perto da máquina de gelo de sua primeira visita.

— Com licença — ela disse a eles. Todos eles seguravam skates, e um tinha um maço de cigarros aparecendo no bolso do moletom com capuz. Eles olharam para ela preguiçosamente e, principalmente, desinteressados, apesar de que apenas uma rápida vez os seus olhares deslizaram para seus peitos. — Vocês já viram aqui uma menina loira da minha idade? Bonita, mas sem alguns dentes? Provavelmente não fala muito?

Os meninos balançaram a cabeça. Um deles, na verdade, riu. *Ok, tentativa um.* Spencer pegou o braço de outro cliente que parecia um executivo e perguntou-lhe a mesma coisa, mas ele disse que não tinha visto Ali, também. *Tentativa dois.*

Dentro do minimercado, ela abordou um homem perto das pilhas de refrigerante — não, ele disse — e uma mulher servindo-se de um copo de café. — Querida, eu sou de fora da cidade — a mulher disse-lhe com uma voz rouca. — Sinto muito.

Spencer baixou os ombros. *Tentativa três?* Finalmente, ela caminhou para o balcão. — Eu estou querendo saber se Marcie está aqui — ela perguntou ao trabalhador, que tinha a cabeça raspada e um olho vago.

Ele balançou a cabeça. — Marcie não trabalha mais aqui.

Ela franziu o cenho. — Por quê?

Ele parecia desconfortável. — Ela faleceu, na verdade. Ainda no outro dia. Foi um pouco inesperado.

Spencer piscou com força. — Ela estava doente?

Ele deu de ombros. — Ouvi dizer que foi um acidente de carro. — Então ele olhou para Spencer com expectativa. Ela pegou um pacote de chicletes e pagou por

ele, sabendo que ela tinha que ficar longe do balcão e parar de fazer perguntas. Seu coração bateu forte. Marcie tinha dito que uma garota loira tinha comprado água... e agora ela estava *morta*? De um *acidente de carro*? Isso não parecia ser uma coincidência.

Ela estava ligando o motor do carro quando seu celular tocou. ARIA, dizia o identificador de chamadas. — Eu sinto que eu estou enlouquecendo — Aria sussurrou após Spencer dizer alô. — Eu estava no Museu de Arte da Filadélfia, e eu juro que Ali — ou talvez um de seus seguidores? — me seguia. Me diga que não é possível.

Spencer olhou para o iPad no banco do passageiro. A câmera de vigilância estava aberta, mas como de costume, cada ângulo da câmera não mostrava nada. — Não é *im*possível — disse ela com cuidado.

Aria fez um pequeno chiado nervoso. — Eu não entendo por que Ali sairia em público. Quero dizer, e se alguém que não seja nós reconhecê-la e entregá-la? Ela está correndo uma série de riscos. E usar seus seguidores é loucura, também. Como é que ela pode confiar que essas pessoas não vão falar?

— Eu sei — disse Spencer. — Imagine se eles falassem e dissessem à polícia que ela estava viva. Mesmo que Nick assumisse a culpa por quase nos matar, a polícia ainda tem aquela carta que recebemos de Ali dizendo que ela matou sua irmã. *E* Ian e Jenna. Ela ainda é realmente culpada. — Ela fechou os olhos, se embebendo na possibilidade. Seria tão incrível se isso acontecesse. Que Dominick ou essa Robin Cook da prisão dissessem que *eram* realmente Ali Cats, mas que eles se cansaram do jogo de Ali e iriam contar tudo. Era possível, certo? Eles seriam heróis.

Aria soltou uma risada. — Talvez devêssemos esperar Ali fazer mais aparições públicas. Ela pode cometer algum erro. — Ela suspirou. — Eu tenho que ir. Meu acompanhante provavelmente está se perguntando onde eu estou.

Spencer deixou cair o celular em seu colo e esfregou os olhos, sentindo-se ainda mais desesperada do que antes. Ali não ia ser pega, e seus seguidores não iriam entregá-la. Ela iria até o fim do mundo para ficar escondida.

Então uma cintilação na tela de vigilância chamou sua atenção. O coração de Spencer deu uma guinada, e ela pegou o laptop do assento e trouxe-o mais perto de seu rosto, olhando fixamente para as imagens em preto e branco na tela. A câmera apontada para a varanda estava pegando um pouco de movimento. Algo grande se moveu no canto. Parecia uma pessoa.

Seu coração começou a bater forte. Ela verificou as outras telas; não havia ninguém dentro da casa, e não havia nada acontecendo no quintal. Em seguida, a figura moveu-se novamente para perto de uma janela, proporcionando Spencer com uma visão clara. *Era* uma pessoa, vestida com um casaco escuro com o capuz puxado apertado. Por sua altura e compleição, parecia um cara.

Dominick. Ele não estava vestindo uma jaqueta escura na entrevista do painel? Isso provaria com certeza que ele *estava* perseguindo ela.

Ela colocou a chave na ignição e ligou o carro em marcha à ré, quase atingindo uma caminhonete em seu caminho para as bombas de gasolina. Se Dominick era um Ali Cat, talvez ele pudesse levá-la direto para Ali.

Ela apagou as luzes do carro e entrou na garagem cinco minutos depois. Não havia carros estacionados pela casa; Dominick deve ter estacionado em outro lugar. Ela olhou para as telas de vigilância novamente. Ele ainda estava na janela. Ele estava à procura de algo? À espera de alguém?

Spencer saiu do carro o mais silenciosamente que pôde. A grama molhada infiltrou através de seus sapatos de lona enquanto ela se arrastava pela grama, mas ela ignorou isso. A casa da piscina veio à tona. Dominick estava parado perto da janela. Spencer parou, sem saber o que fazer a seguir. Dominick congelou, também, talvez sentindo que alguém estivesse por perto. Spencer deu um passo tão silenciosamente quanto pôde por trás de um grande arbusto de zimbro. Ela tentou não respirar.

Bip.

Era o seu celular. Ela se atrapalhou com ele em seu bolso para silenciá-lo, em seguida, olhou para a tela. Era um e-mail do seu site de bullying, de um contribuinte completamente alheio. Se ao menos ela tivesse lembrado de silenciar o toque.

Folhas rangeram. Galhos estalaram. Ela olhou para cima. De repente, Dominick estava indo para dentro da floresta, como se tivesse ouvido o celular.

Spencer correu atrás dele o mais silenciosamente que pôde, empurrando os ramos dispersos para fora do caminho. Estava quase escuro demais para ver onde ela estava indo. No momento em que ela chegou ao topo da colina para ver onde ele tinha ido, as matas estavam vazias.

Ela ficou parada em silêncio, para ouvir passos, mas não havia nenhum. O único som era do vento assobiando por entre os galhos. Spencer se virou, se perguntando se ela tinha chegado a contornar a mata, mas tudo o que ela viu foram árvores, tocos e arbustos. Nada mais. Ele tinha simplesmente... *desaparecido.*

Desapontada, ela vagou de volta para a casa da piscina, espinhos batendo nela por todo o caminho. O céu estava completamente escuro, as únicas luzes cintilavam turvamente além da estrada. Spencer se atrapalhou na escuridão até que encontrou a janela que Dominick estava parado, em seguida, enfiou a mão no bolso para o celular dela e o brilhou no peitoril. Ele estava imundo, com teias de aranha e sujeira. Havia um caco de vidro quebrado no peitoril, também; quando ela o pegou, uma bolha de sangue apareceu em seu polegar.

Ela brilhou a luz do celular ao longo do batente, mas ela ainda não viu nada. Ela apontou o feixe para o quarto, mas ele estava vazio, também. Talvez ela nunca soubesse o que Dominick estava fazendo lá.

Mas o grande negócio era que ele estava fazendo alguma coisa.

24

DEIXE-OS LIVRES, DEPOIS MATE-OS

Na manhã seguinte, Emily estava sentada em seu Volvo no estacionamento de Rosewood Day antes da aula de química, em uma teleconferência com Spencer e as outras. Mas principalmente Spencer estava comandando a conversa.

— Havia alguém na casa da piscina — disse Spencer às pressas depois de descrever seu desordeiro. — Eu corri atrás dele para tentar pegá-lo.

— Mas como você pôde segui-lo através da floresta? — Hanna gritou. — Você poderia ter sido realmente ferida, Spence! Você deveria ter chamado a polícia!

Emily murmurou em acordo, mas ela se sentia culpada — Spencer estava recebendo um sermão que ela também merecia. Suas amigas não sabiam sobre seu surto no outro dia na casa da piscina, e ela esperava que elas nunca soubessem. Mas elas poderiam, tecnicamente, voltar a gravação e ver tudo o que ela tinha feito. Só em pensar nisso Emily se sentiu irritadiça e envergonhada. Todas aquelas coisas que ela tinha destruído. Todas aquelas coisas horríveis que ela havia dito.

— Olha, eu sei que foi uma loucura, mas eu não estava pensando direito — disse Spencer. — E mesmo assim, eu estou bem. Mas o cara escapou. — Ela suspirou dramaticamente. — O que é uma merda, porque eu tenho quase certeza de que era Dominick. Eu não sei quem mais poderia ser.

— Então, quem é ele? — perguntou Aria.

Spencer descreveu brevemente o cara que tinha importunado ela online e em seu painel em Nova York. — Foi parte da razão pela qual eu corri até lá — eu achei que era ele, mas a imagem da câmera não estava clara, e ele saiu correndo rápido demais para eu dar uma olhada melhor. Eu até rebobinei a fita de vigilância, mas eu ainda não consegui ver seu rosto.

— Então, como podemos encontrar esse Dominick? — perguntou Hanna, sua voz alta e fina. — Você sabe onde ele mora?

— Tudo o que eu tenho é o nome da rede que ele usou para me atormentar no meu blog. Ele diz que é da Filadélfia, mas quem sabe se isso é verdade?

— O que você acha que ele estava procurando? — perguntou Aria.

— Bem, quando eu assisti a fita de vigilância de novo, ele parecia apenas estar lá de pé — disse Spencer. — Então, eu não sei. Talvez ele estivesse esperando por Ali. Por que mais ele estaria lá, a menos que ela estivesse lá?

— Então, onde é que isto nos deixa? — perguntou Aria. — Se os Ali Cat são reais, e Ali confia em alguns deles, isso significa que todos eles estão atrás de nós?

Emily fechou os olhos. Nos últimos dias, depois da sua destruição tola na casa da piscina, ela vivia com medo de que Ali e Robin Cook invadisse sua casa enquanto ela estava dormindo e ficasse de pé sobre ela, rindo, antes de sufocá-la até a morte. Ela quase não tinha dormido nada. — Como podemos lutar contra algo quando não sabemos nem mesmo o que é a coisa? — ela disse com a voz fraca.

— Não vamos entrar em pânico — disse Spencer com firmeza. — Talvez eu possa encontrar Dominick e fazer-lhe perguntas. Ou talvez a gente pudesse denunciá-lo à polícia, dizendo que ele estava invadindo uma propriedade dos Maxwell.

— E se a polícia nos perguntar como nós sabíamos que Dominick estava lá? — Hanna a lembrou. — Nós vamos ter que contar a eles sobre nossas câmeras. E então nós vamos ter problemas por invasão, também.

Todo mundo ficou em silêncio por um tempo. Então Aria suspirou profundamente. — Vamos todas nos encontrar no evento de caridade Rosewood Rallies esta noite?

Spencer gemeu. — Eu não quero ir.

— Eu não quero, também — disse Emily.

— Por favor, venha, Em — disse Aria rapidamente, tão rapidamente, de fato, que irritou Emily um pouco. Ela notou o quão cheias de artimanhas suas amigas tinham estado em torno dela recentemente. Elas provavelmente estavam preocupadas com ela — ela sabia que ela estava agindo um pouco desequilibradamente. Mas em algum nível, ela desejou que elas apenas a deixassem em paz.

Depois disso, não havia realmente muito mais a dizer, e todo mundo desligou. Emily agarrou o volante por um tempo, com uma sensação de calor no estômago. Várias meninas atravessaram o estacionamento no caminho para a aula, os seus rabos de cavalo saltando. Pelo que ela sabia, elas poderiam ser Ali Cats também. A escola inteira poderia ser.

Então ela olhou para a caixa que estava ao seu lado no banco do passageiro. Eram as posses de Jordan da prisão, ela ainda não tinha olhado dentro dela, mas ela também não gostava da ideia de deixá-la em casa, onde os pais dela poderiam bisbilhotar. Uma das abas desprendeu ligeiramente, desafiando-a a espreitar seu interior. Mas ela temia a dor que ela sentiria quando ela fizesse isso. Era provável que ela reconheceria alguns dos itens na caixa: um par de brincos de Jordan, sua carteira de motorista, os sapatos que ela estava usando quando a pegaram. Outras pessoas poderiam pensar que se reunir com esses itens poderia fazer ela se sentir mais perto de Jordan, mas Emily discordava. Eles só iriam fazê-la se sentir ainda mais desconectada, muito mais distante.

Quando seu celular tocou novamente, ela soltou um grito. Um número desconhecido apareceu na tela. Emily atendeu com um alô nervoso.

— Senhorita Fields — disse uma voz rouca. — Meu nome é Mark Rhodes, e eu sou um detetive da Delegacia de Polícia da Cidade de Ulster. A Agente Fuji da filial do FBI na Filadélfia me deu o seu número. Estou investigando a morte de Jordan Richards.

Emily sentou-se reta. — Investigando? — ela repetiu. — Robin Cook foi acusada disso, não foi?

O detetive limpou a garganta. — Bem, houve alguns rumores em torno da prisão de que a senhorita Cook foi paga para fazer isso de alguma forma, ou até mesmo foi incriminada. E esta manhã, seu corpo foi encontrado na mata fora de um shopping center em Nova Jersey.

Emily piscou com força. — Ela está morta?

— Nós suspeitamos que há mais em jogo aqui do que pensávamos antes. Você visitou a senhorita Richards na manhã que ela foi morta. Ela disse alguma coisa para você? Mencionou que ela não estava se dando bem com alguém?

— Nã... — A mente de Emily girou.

— E você não sabe de alguém do lado de fora que poderia ter, por exemplo, capturado a senhorita Cook por vingança pela morte de Jordan?

Emily se espantou. Ela odiava onde o detetive estava querendo chegar. — Absolutamente não — ela quase gritou. — Jordan — ou o seu *pessoal* — não tiveram nada a ver com a morte de Robin. Alison DiLaurentis a matou.

Houve uma longa pausa. — Como é? — o detetive finalmente disse.

Emily sabia que não podia parar agora. — Ali arranjou para que Robin matasse

Jordan — elas se encontraram na manhã da morte de Jordan. Então ela tirou Robin da cadeia e a matou por que ela era uma ponta solta. — Seu coração vibrava fortemente. Isso fazia muito sentido. Era assim que Ali impedia que os Ali Cats falassem. Ela os assassinava.

Houve estática na linha. — Eu sinto muito. Você está falando de Alison DiLaurentis, a garota que matou a irmã dela e morreu naquele incêndio?

— Sim, ela — Emily praticamente gritou. — Ela não está morta, está bem? Ela está por aí. Eu a vi.

— Jordan mencionou a Sra. DiLaurentis quando vocês duas conversaram? — o detetive perguntou. — Ela a tinha visto? E eu não entendo — você está dizendo que a Srta. DiLaurentis estava na prisão feminina Ulster? — Houve sons de papéis farfalhando.

Emily fez um punho. Ele não estava entendendo. — É claro que Jordan não mencionou ela — Jordan nunca a viu. E não, Alison não estava na prisão. Robin era o seu contato no interior, e Ali tirou-a de lá de alguma forma. Ela matou Cook quando ela estava do lado de fora e ela fez isso porque ela não poderia deixar ela dizer a ninguém o que aconteceu.

— Então a Srta. Cook foi a máquina de matar da Srta. DiLaurentis.

Agora o tom do detetive não estava curioso — estava zombeteiro. Emily sentiu uma pontada de frustração. — Eu sei o que parece — disse ela. — Mas investigue isso, ok? Investigue a agenda de visitantes da Srta. Cook — eu sei com certeza que Ali a viu na terça-feira. Verifique as câmeras de vigilância. As impressões digitais. Faça *alguma coisa*. Porque agora eu me sinto totalmente desprotegida. Assim como Jordan estava. Sabe que eu não vi a agente Fuji nem qualquer outra pessoa na escola onde eu fui atacada, tentando descobrir quem fez isso, se não foi Alison?

— É mesmo? — O agente parecia preocupado.

Emily não tinha sequer pensado nisso quando ela disse, mas agora ela olhou pelas portas duplas para o natatório, percebendo que era verdade. Ela tinha estado aqui todos os dias para a aula de química desde o seu ataque, e ela não tinha visto ninguém procurando impressões digitais ou fazendo perguntas.

E então ela entendeu. Talvez Fuji não acreditou nisso, também. Talvez ela pensava que Emily tinha forjado o ataque por atenção.

Um rugido subiu na parte de trás da garganta de Emily. Ela jogou o celular no banco de trás, mesmo que o detetive não tivesse desligado. *Eles não acreditavam nela.*

Ninguém acreditava. Enquanto isso, podia haver centenas de Ali Cats ao seu redor, assistindo, sabendo de *tudo*. E a polícia não se importava. Nem um pouco.

Ninguém se importava mais com ela — não da mesma forma que Jordan. E ela tinha certeza de que ninguém jamais o faria novamente.

25

FAMA FAZ COISAS ENGRAÇADAS COM UMA GAROTA...

Na sexta-feira à tarde, Hanna estava sentada em seu trailer no set do filme, tomando respirações profundas após respirações profundas. Seu celular tocou. MIKE, dizia o identificador de chamadas. Quando ela atendeu, Mike parecia feliz e relaxado.

— O trabalhador do café da Amtrak me deixou pedir uma cerveja! — ele sussurrou na linha de estática.

Hanna deu uma risadinha. — Então você vai estar bêbado na festa de hoje à noite, hã? — Ele embarcou em um trem do campo de futebol e chegaria em Rosewood pouco depois das quatro, o que lhe daria tempo suficiente para se preparar para a arrecadação de fundos Rosewood Ralis.

— Não, só tonto. — Mike suspirou melancolicamente. — Eu mal posso esperar para te ver, Han. O que você está fazendo agora? Se arrumando? Ficando linda?

Hanna olhou para seu vestido prata, que estava pendurado em um plástico de limpeza a seco em um gancho na porta do armário. Ela pegou-o pouco antes de vir para o set, mas ela não estava pronta para vesti-lo ainda. — Hum, eu estou prestes a começar a me arrumar — disse ela, sentindo-se muito nervosa e supersticiosa para dizer a Mike sobre o que ela estava *realmente* prestes a fazer. — Eu te ligo daqui a pouco, ok? — Ela fez um som de beijos e desligou.

Então, ela olhou-se no espelho, empurrando seu cabelo castanho atrás de seus ombros. — Você pode falar com Hank — Hanna sussurrou para seu reflexo. — Você *merece* ser a próxima Hanna.

Pouco depois de Jared colocar a ideia em seu ouvido sobre assumir o papel de Hailey, Hanna tinha subido as escadas para o camarim de Hailey e bateu de leve na porta. Hailey tinha deixado ela entrar, e ela imediatamente começou a xingar sobre o quão idiota o filme *Burn It Down* era. — O enredo é estúpido — disse ela, jogando seus pertences em um monte de caixas de papelão que ela tinha arrastado

para fora do armário pequeno. — Os personagens são estúpidos. Não vai chegar a lugar nenhum nas bilheterias. — Ela olhou para Hanna. — Sem ofensa.

Hanna deu de ombros, deixando o comentário para lá. — Bem, talvez seja uma coisa boa que isso aconteceu, então — ela testou. — Você parecia realmente infeliz.

Hailey assentiu com veemência. — É verdade — disse ela. — Eu estava muito infeliz. Este é o melhor passo na carreira neste momento. Estou tão feliz que acabou. — E você vai encontrar outra coisa — acrescentou Hanna.

— Naturalmente! — Hailey exclamou, levantando o punho no ar. — Só lamento que eu esteja deixando você para trás, querida. — Então ela disse a Hanna que ela ia falar ao telefone com seu gerente no dia seguinte e organizar para Hanna voar para Los Angeles para fazer uma visita logo que possível. — Nós vamos nos divertir muito — Hailey gritou, jogando um monte de vestidos em uma mala aberta. — Os clubes em LA são um zilhão de vezes melhor do que os chatos de Nova Iorque. E os shoppings? De morrer!

Hanna tinha saído do camarim de Hailey com um sentimento de dever cumprido. Hailey estava fora — e estava feliz por estar fora. As chances eram que ela teria uma nova oferta de cinema até amanhã.

E Hanna? Bem, talvez, apenas talvez, ela pudesse entrar. Ela só tinha que perguntar a Hank primeiro.

Mas antes que ela pudesse se mover, seu celular tocou novamente. Desta vez, Emily estava ligando. Hanna apertou o botão verde de ATENDER e limpou a garganta. — O que aconteceu?

Emily respirou fundo. — A assassina de Jordan está morta.

Hanna franziu o cenho. — Isso é bom?

— Claro que não é bom! — Emily gritou. — Hanna, *Ali* a matou! Ela recruta estes seguidores loucos para trabalhar para ela, e então ela os descarta como lenços de papel!

Hanna mordeu uma unha. Toda vez que ela ouvia o tom inquieto e desequilibrado de Emily ultimamente, seu estômago doía mais ainda. — Você tem *certeza* que Ali fez isso? — ela perguntou timidamente. — Há alguma evidência?

Emily suspirou. — Isso seria muito fácil. Você simplesmente não entende. — Com um gemido, ela desligou.

Hanna olhou para o celular. Em seguida, ela discou o número de Emily novamente, mas tocou, tocou e tocou. Emily estava realmente brava com ela?

Hanna devia apenas ter concordado sem fazer perguntas? Graças a Deus Emily já tinha concordado em ir para o Rosewood Ralis hoje à noite, pelo menos lá elas poderiam ficar de olho nela.

Então ela olhou para si mesma no espelho mais uma vez, tentando empurrar sua preocupação de lado. Revirando os ombros, ela saiu do trailer, oscilou para baixo dos degraus em suas altas sandálias de tiras, e caminhou para um trailer adjacente que servia como escritório de Hank — Hanna tinha escolhido visitá-lo naquela tarde, porque ela sabia que eles tinham uma pausa na gravação e ele não estaria ocupado.

Ela respirou fundo e bateu na porta. Houve uma tosse, e Hank a abriu, o cheiro de fumaça de cigarro rodando para fora do espaço pequeno e apertado. — Hanna — ele disse, levantando uma sobrancelha. — Entre, entre.

Hanna subiu os degraus e entrou em seu trailer, que tinha uma mesa, um sofá de couro caro, e um monte de prêmios e glorificações emolduradas nas paredes. O computador de Hank estava cantarolando, e o mais recente roteiro estava na tela. Papeis enchiam sua mesa, juntamente com o que parecia ser formas sindicais, uma coleção de copos de papel da Starbucks, e várias fotos de rostos em preto e branco de meninas bonitas com mais ou menos a idade de Hanna. Várias delas Hanna reconhecia de outros programas de TV e filmes. Ela sabia por que Hank estava olhando para elas: Ele estava tentando encontrar uma nova Hanna.

— E então. — Hank sentou-se na cadeira e colocou as mãos sobre as coxas. — O que eu posso fazer por você?

Hanna desviou o olhar das fotos de rostos, tentando não se sentir nervosa pela forma tão profissional que todas pareciam — ela não tinha sequer uma foto de rosto. — Eu gostaria de tomar o lugar de Hailey como Hanna. Eu quero interpretar eu mesma no filme.

Por um momento, o rosto de Hank ficou em branco, e Hanna se perguntou se ela tinha cometido um erro total. Ela era uma amadora, uma menina boba que eles provavelmente só trouxeram porque era um divertido golpe publicitário. Essas meninas das fotos de rosto eram as atrizes *verdadeiras*. Mas, então, Hank se recostou na cadeira. — Interessante.

Hanna se ouviu dizer as falas que ela tinha ensaiado durante toda a manhã. — Nós não fizemos muitas cenas de Naomi ainda, então se você reformular alguém para ser ela, você não perderia muito tempo. E eu sei que eu sou muito nova em tudo isso, mas eu vou trabalhar muito duro, e eu não vou dar-lhe o problema que

Hailey deu. Eu sei as falas por que eu ensaiei com Hailey, eu ouvi todos os seus avisos para ela, e eu acho que eu sei o tipo de personagem que você está procurando. Além disso, eu sou muito mais barata do que essas garotas. — Ela fez um gesto para as fotos de rostos, o que ela esperava que não fosse presumido. — Eu só quero uma chance.

Hank cruzou os braços sobre o peito, parecendo tanto incerto quanto impressionado. Ele não disse nada por alguns momentos, mordendo cuidadosamente sua unha. Por fim, ele concordou. — Tudo bem. Você me convenceu. Vamos dar-lhe uma chance.

A mandíbula de Hanna caiu. — Sério? — Ela realmente não esperava que seus apelos funcionassem.

Hank acenou com a cabeça. — Mas se não der certo, você voltará a interpretar a Naomi. — Ele se levantou e apertou a mão dela. — Parabéns. Eu vou pedir para a nossa equipe legal reunir a papelada.

— Você não vai se arrepender! — Hanna soluçou, apertando a mão dele para cima e para baixo. Ela saiu do trailer, tagarelando novamente sobre como esta era uma oportunidade incrível e como ela iria trabalhar muito, muito duro. Quando Hank fechou a porta para ela, um sorriso enorme espalhou pelo seu rosto, e ela soltou um grito feliz de alta-frequência. — Isso! — ela chorou. — Isso, isso, *isso*!

— Eu não posso *acreditar* em você.

Hanna se virou, quase tropeçando nos degraus do trailer. Hailey estava na frente dela com uma mochila cinza por cima do ombro. Ela estava olhando para Hanna com um olhar traído em seu rosto, como se tivesse acabado de ouvir toda a conversa entre Hanna e Hank.

Antes que Hanna pudesse dizer uma palavra, Hailey caminhou até ela. — Como você ousa passar por cima de mim assim? — ela rosnou.

Hanna piscou com força. — Você se demitiu! — ela grunhiu. — E você disse que estava infeliz!

As narinas de Hailey queimaram. — Você me convenceu de que eu estava fazendo a coisa certa.

A boca de Hanna abriu, depois fechou. — Mas...

Hailey levantou a mão para detê-la. — Mas *nada* — ela sussurrou. Seus olhos estavam duros e frios. — Você é uma vadia e uma mentirosa, Hanna. Eu lhe perguntei como eu estava atuando várias vezes, e você mentiu, mentiu e mentiu. —

"Você está ótima, Hailey." "Bom trabalho, Hailey." — Ela sacudiu o dedo no rosto de Hanna. — Eu vou te *machucar*. Marque minhas palavras.

E então ela se virou, voltando para seu SUV alugado, um enorme Escalade que muitas vezes ela se queixava sobre dirigir em torno das curvas ventosas de Rosewood. — Hailey! — Hanna chamou fracamente. Mas, para nenhuma surpresa, a menina a ignorou, atirando-se no banco da frente, ligando o motor e saindo do estacionamento o mais rápido que podia.

Algumas horas mais tarde, Hanna estava na estação Amtrak de Rosewood, olhando várias vezes para seu celular. Até agora, ela enviou doze mensagens para Hailey, mas Hailey não respondeu nenhuma delas. *Eu cometi um erro.* E, *Eu sinto muito.* E, *Eu desisto do papel, basta dizer uma palavra.* Ela recorreu a Jared, também, esperando que ele dissesse a ela que às vezes Hailey ficava assim e iria se acalmar em poucos dias, mas ele não respondeu, também. Não era justo: A coisa mais maravilhosa tinha acontecido. Ela devia estar completamente feliz. Em vez disso, ela se sentia impaciente e inquieta, com uma dor torturante em seu estômago.

Pelo menos Mike chegaria a qualquer minuto; ele comemoraria com ela. *Eu tenho uma surpresa para você,* Hanna havia lhe mandado em uma mensagem, embora ela não tivesse contado a ele o que era. Ela andava para cima e para baixo da plataforma, verificando o relógio repetidamente. Apesar de ser apenas um pouco depois das quatro, a luz do dia indo embora com as horas e a estação vazia e assustadora a deixou com um sentimento desconfortável. Algo de metal soou na escada fora de vista. Ela virou ao redor. *Ali?* Houve outro estrondo, seguido de um longo suspiro. Sua pele se arrepiou. Ela esperou, aterrorizada com o que pudesse aparecer ao virar da esquina. Mas ninguém apareceu.

Um apito estridente explodiu. O trem soprou na estação, e Hanna esperou animadamente enquanto todos os passageiros desembarcavam. Mike vinha na traseira, carregando a mala Jack Spade que ela tinha comprado para ele no Natal passado. Hanna deixou escapar um grito e acenou para ele, mas quando Mike olhou para ela, seus olhos estavam mortos. Ele caminhou em direção a ela, e, em seguida, passou por ela, indo até as escadas.

— Uh, olá? — disse Hanna, correndo atrás dele. — Quantas cervejas eles te deram no trem? Você está tão bêbado que você esqueceu como a sua namorada se parece?

Mike chegou ao topo da escada, mas em vez de ir para o carro de Hanna, ele caminhou em direção ao estacionamento auxiliar. — Onde você está indo? —

Hanna perguntou, de repente se sentindo nervosa.

— Meu pai vem me pegar — disse Mike em um tom monótono.

— Mike. — Hanna agarrou sua manga. — *Eu* tenho um carro aqui. O que está acontecendo?

Mike olhou para ela friamente. Seus olhos estavam vermelhos, como se ele tivesse chorado. O coração de Hanna começou a bater forte. Finalmente, ele mostrou o celular para ela. — *Essa* é a sua surpresa?

Hanna olhou para a tela. Era o site móvel do TMZ. COADJUVANTES DE BURN IT DOWN SE APROXIMANDO! dizia a manchete em letras vermelhas berrantes. E ali, logo abaixo, havia uma foto de Hanna e Jared se beijando na boate em Nova York.

Hanna podia sentir o sangue escorrendo de seu rosto. — E-ele me beijou por um segundo — ela desabafou. — E então Hailey tirou uma foto antes de eu me afastar.

Mike bufou. — Sim, certo. — Ele pegou o celular de volta. — Então, por que o artigo diz que *você* o beijou? Você faria qualquer coisa para chamar a atenção de uma grande estrela de cinema, até mesmo trair o seu namorado?

— Mike, não!

Ela estendeu a mão para ele, mas ele se esquivou. — Um cara do meu andar me enviou o link quando eu estava há apenas 15 minutos de distância daqui. *"Ei, sua namorada está ficando com outro cara.*" — Alguns dos comentários até mesmo dizia que *você* mesma se apresentou a ele.

— Claro que não! — Hanna rugiu.

— Então quem foi?

Hanna piscou com força. Na mesma hora, ela soube. *Eu vou te machucar,* Hailey tinha dito. Isso fazia todo o sentido.

Ela baixou os olhos. Se ela não tivesse sido tão ambiciosa, se ela não quisesse tanto ser uma estrela, nada disso teria acontecido. Ela não podia nem culpar Ali de nada disso. Ela trouxe tudo isso para si mesma.

— Mike, eu sinto muito — ela murmurou, sentindo as lágrimas rolarem pelo rosto. — Por favor, me deixe explicar.

Mike puxou sua bolsa mais alto em seu ombro. — Eu tenho que ir — ele murmurou, indo em direção ao estacionamento auxiliar. Pela segunda vez naquele

dia, Hanna assistiu alguém que ela gostava se afastar dela num silêncio furioso.

26

INVESTIDOR ANJO – OU DEMÔNIO – DE ARIA

O decote do vestido sem alças verde-esmeralda que Aria estava usando para o Rosewood Rallies pressionava seus peitos, e ela estava usando saltos desconfortáveis, mas quando ela olhou para si mesma no espelho longo no hall de entrada do country club, ela teve que admitir que ela parecia ótima. Assim como o seu pai, que estava com um terno escuro, e Meredith, que usava um vestido vermelho estruturado com uma gardênia escondida atrás de sua orelha.

Mas era Harrison que parecia verdadeiramente surpreendente. Ele tinha aparecido em Rosewood mais cedo naquele dia vestindo um terno preto bem ajustado com um enorme buquê de flores para Aria. Agora, enquanto ele observava os dois no espelho, ele atirou o braço em volta da cintura dela. — Eu estou, sem dúvida, com a garota mais bonita do salão.

Aria abaixou a cabeça timidamente e disse algo que saiu tipo, — Oh, para. — Ela queria sentir algo por Harrison — ela realmente queria. Ele era *perfeito* para ela: Ele dizia coisas doces, ele a bajulava, e eles tinham os mesmos interesses. Mas uma sensação incômoda dizia que ela devia se sentir mais lisonjeada do que ela se sentia, *mais* palpitante, *mais* ligada no quão lindo ele estava naquele terno. Agora era difícil reunir qualquer sentimento além do nervosismo generalizado por estar de volta no Country Club de Rosewood entre todos os seus colegas.

Ela olhou ao redor. Mesmo que ela não tivesse ido lá desde a festa que Mona Vanderwaal tinha feito para Hanna depois que ela foi atropelada por um carro — nessa mesma noite, na realidade, elas descobriram que Mona era A — o lugar não havia mudado muito. O mesmo papel de parede xadrez e pesados painéis de mogno cobriam as paredes, o mesmo carpete ornamentado forrava o chão, e ainda cheirava a uma mistura de charutos, vinho tinto e molho de nata. Já havia toneladas de pessoas zanzando no salão principal, parecendo perfeitos em seus vestidos e ternos com bebidas na mão. Um bando de crianças estava correndo até a dramática escadaria dupla depois do lobby. Uma grande placa com ROSEWOOD RALLIES estava apoiada sobre uma mesa, cheia de fotos e uma descrição da caridade que eles estavam apoiando. As pessoas mal olhavam para ela, porém, mais interessadas em

encontrar seus cartões de lugar para ver em qual sala sua família iria sentar. Aria não pôde deixar de notar que ninguém aqui particularmente parecia um jovem problemático ou carente, também.

— A garota do momento! — falou uma mulher com cabelos loiros muito pulverizados e em um conjunto de tweed Chanel. Ela agarrou seu braço com força e disse, — Meu nome é Sharon Winters, e eu sou a chefe do comitê que organizou esta festa. É tão *maravilhoso* você ter vindo, Aria. Agora, venha comigo! Eu coloquei você sentada na frente!

Aria agarrou a mão de Harrison, e Sharon direcionou-os através de uma multidão de pessoas, além de uma grande sala, onde um buffet tinha sido organizado, e entrou em uma sala de jantar que contava com um enorme bar e pelo menos vinte bancos. No final da sala havia um palco, e na frente dele havia uma longa mesa com quatro lugares. Hanna, vestida com um vestido brilhante que Aria não reconheceu, já estava sentada em uma das extremidades, mordendo as unhas pintadas de vermelho.

Aria se deixou cair ao lado de Hanna, e sua amiga revirou os olhos para Sharon, que havia cruzado a sala para falar com mais convidados. — Sharon me disse que eu deveria fazer um discurso esta noite. Sim, *certo*.

— Bem, você é a estrela de cinema — Aria não podia deixar de provocar. Em seguida, ela fez um gesto para Harrison. — Este é Harrison. Ele escreve na *Fire and Funnel*, o blog de arte.

— Você é uma estrela de cinema? — perguntou Harrison, apertando a mão de Hanna.

— Não exatamente. — O olhar de Hanna se virou para Aria. — Você sabe se Mike vem hoje à noite?

Aria balançou a cabeça com pesar. Ela sabia que Mike estava tomando o trem para casa para ver Hanna, mas, em seguida, seu pai lhe dissera que ele mudou de ideia e estava saindo com alguns amigos do lacrosse esta noite. Ela não queria se intrometer, mas pela expressão no rosto de Hanna, ela se perguntou se eles tinham tido algum tipo de briga.

— Seja o que for, vai passar. Eu sei como Mike se sente sobre você — disse ela em voz baixa. Hanna apenas olhou para longe, não parecendo convencida.

Eles se instalaram em seus assentos, Harrison sentado à esquerda de Aria. A multidão na sala de jantar era abundante; quase todas as mesas estavam cheias. — Muitas pessoas da escola estão aqui — ela murmurou. Estavam James Freed e Lanie

Iler, rindo sobre um prato de ravioli. Kirsten Cullen e Scott Chin estavam na fila para o caricaturista. Então ela viu Mason Byers, parecendo desportivo com uma camisa e gravata, e um monte de outras crianças da equipe de lacrosse em uma mesa perto da saída de emergência à esquerda.

— Não é porque eles querem apoiar jovens problemáticos — disse Hanna amargamente. — É provavelmente porque eles podem roubar aperitivos de graça. — Então seu rosto empalideceu com algo do outro lado da sala.

Aria tentou seguir o seu olhar, mas Hanna deu um salto e ficou na sua frente. — Hum, devíamos nos misturar. Apresentar Harrison ao redor, você não acha?

Aria franziu o cenho. A voz de Hanna estava tão estridente de repente. Ela esticou o pescoço em torno do corpo magro da sua amiga e olhou para a mesa de lacrosse. Então ela viu o que Hanna estava tentando bloquear. Noel estava sentado na mesa de lacrosse, também. Com Scarlett.

Você não deveria estar aqui! Aria queria gritar. Noel não tinha lhe dito que ele estava ocupado esta noite? Mas talvez o *ocupado* poderia ter significado "Eu já tenho uma acompanhante".

Ela espiou Scarlett. A loirinha estava usando um vestido preto que se encaixava perfeitamente em sua estrutura magra, e seu cabelo estava torcido em um coque complicado. Noel se inclinou para frente e sussurrou algo em seu ouvido. Scarlett inclinou a cabeça para trás e riu, tocando a mão de Noel.

Então Noel olhou para cima. Seu olhar encontrou Aria instantaneamente, e seus olhos se estreitaram. Seus lábios se separaram. Ele não soltou a mão de Scarlett. Aria se virou rapidamente para Harrison, que estava folheando o programa que descrevia a instituição beneficente Rosewood Ralis. Ela agarrou sua mão, apertando com força, então deslizou ainda mais perto dele e fingiu ouvir cada palavra da história que ele estava dizendo a Hanna sobre a escola particular que ele frequentava no Condado de Montgomery.

Depois de uma quantidade razoável de tempo, ela espiou na mesa de lacrosse de novo; para sua frustração, a atenção de Noel estava em Scarlett e na massa que ela conseguiu do buffet. De repente, Aria se sentiu superaquecida. Não havia como ela poder ficar mais um momento neste salão. Ela levantou e começou a caminhar cambaleante para o corredor. — Eu tenho que... — ela murmurou para Harrison e Hanna, mas, em seguida, correu em direção à porta sem terminar a frase.

Não havia fila para o banheiro das mulheres, e a pequena zona de vestiário na frente estava vazia, também. Aria se jogou no sofá com tecido paislei e esfregou as

têmporas com força. *Não fique maluca por causa dessa estúpida Scarlett,* ela disse a si mesma com firmeza. Mas era além de doloroso ver Noel com outra pessoa. Alguém tão diferente. Alguém muito mais bonita.

A porta se abriu, e Aria levantou a cabeça. No começo, ela pensou que ela estava vendo coisas.

Noel estava em pé na porta.

Ele ficou de boca aberta para ela com os braços ao lado do corpo. Ele parecia sem fôlego, seu rosto corado.

Aria atirou-se do sofá. — Você não pode entrar aqui!

Antes que Aria soubesse o que estava acontecendo, Noel tinha caminhado adiante e pegado ela pelos ombros, pressionando seus lábios nos dela. Aria fechou os olhos, a sensação familiar tomando conta dela enquanto ela o beijava de volta.

Em seguida, ela o empurrou, com os olhos arregalados. — O que você está *fazendo*? — ela retrucou.

Noel estava sem fôlego demais para responder. Ele ficou olhando para seus lábios.

— Nós *terminamos* — acrescentou Aria. — Você mesmo disse. E quanto a aquela garota?

Noel parecia atormentado. — Eu não sei o que eu quero — ele deixou escapar, e correu para a porta. E então, simples assim, ele se foi.

Aria afundou no sofá, seu pulso martelando em sua garganta. Ela ainda podia sentir os lábios de Noel nos dela. Todo o seu corpo parecia revigorado e corado. Parte dela queria correr atrás dele, mas outra parte dela se segurou. Noel já estava, provavelmente, com Scarlett, lamentando o beijo. E de alguma forma, isso a fez se sentir ainda pior.

A porta se abriu novamente, e Aria meio que se levantou, esperando que fosse Noel... e odiando-se por esperar. Mas Spencer entrou, vestida em um estilo anos vinte com um vestido preto de franjas, olhando para baixo em sua bolsa envelope enorme. Ela parou quando viu Aria, e sua expressão tornou-se preocupada. — Você está bem?

Aria piscou. Não havia nenhuma maneira que ela pudesse explicar o que havia acontecido. — Onde você estava? — ela perguntou.

Spencer esguichou um pouco de loção sobre as palmas das mãos. — Eu passei

a manhã inteira tentando descobrir quem é Dominick. Eu liguei para cerca de cinquenta investigadores particulares para ver se eles ajudavam, mas eles realmente precisam de um nome completo antes que possam fazer qualquer coisa. Eu até mesmo liguei para a organização de anti-bullying que fez aquele vídeo para ver se eles tinham o nome de todos da plateia. Mas ninguém retornou para mim ainda.

— Isso é péssimo — disse Aria fracamente. Mas sua mente ainda estava em Noel. Ele seguiu-a até aqui e a beijou. Ele estava pensando nela todo esse tempo? Ou vê-la através do salão, em um vestido que ela tinha usado uma vez em um encontro com ele, trouxe de volta memórias e anseios?

— Aria?

Ela voltou sua atenção. Spencer apontou para a bolsa de Aria. — Seu celular está tocando.

A tela estava iluminada; ela estava tão perdida em seus pensamentos que ela estava completamente fora de sintonia. Um número 212 estava na tela. Aria engoliu em seco, em seguida, atendeu.

— Aria Montgomery? — falou uma voz desconhecida. — Meu nome é Frank Brenner. Eu estou ligando do *New York Post*.

Aria passou a mão por cima de sua cabeça. — Sinto muito, eu não estou realmente em posição de fazer uma entrevista no momento.

— Oh, eu não estou ligando para uma entrevista, por si só. — Houve um tom bajulador na voz grave do Sr. Brenner. — Eu estou ligando por causa de uma citação sobre a farsa que o Sr. John Carruthers está alegando que você inventou.

Aria piscou. Por um momento, ela se esqueceu quem era o Sr. Carruthers. Depois ela lembrou-se: *o retrato de Ali*. — Eu sinto muito — ela disse. — Que farsa?

— Ele está dizendo que ele não comprou a sua pintura. — O Sr. Brenner soou divertido.

— O quê?

— Ele estava na África quando essa pintura foi vendida. Aparentemente, alguém posando como seu assistente a comprou. Mas não era o seu verdadeiro assistente.

Aria passeou ao redor do pequeno banheiro. — Mas eu fui paga. Presumivelmente a partir da conta de Carruthers.

— Não. Carruthers verificou seus registros. Não há nenhuma transação disso.

Ele alega que alguém pagou por ela e apenas usou o nome dele. Ele disse que nunca iria comprar um retrato desse — eu acredito que suas palavras exatas foram "berrante e perturbador".

O estômago de Aria revirou. — Ele disse isso?

— Na verdade, ele disse!

Incomodava Aria o quão alegre o repórter soou. Ela se esforçou para juntar todas as peças, sua mente ainda confusa com tudo o que tinha acontecido com Noel, e agora isso. O que estava acontecendo? — Mas... por que alguém pagaria todo esse dinheiro por aquela pintura e alegaria que o Sr. Carruthers tinha comprado? — ela perguntou lentamente. — Por que não deram o seu próprio nome?

A risada do Sr. Brenner soou afiada e um pouco desagradável. — Eu estava esperando que você pudesse me dizer, Aria. É verdade que você fez a ligação e comprou você mesma, fingindo ser o assistente do Sr. Carruthers? E você pagou por ela a partir de uma conta particular?

Claro que não — gritou Aria. — Eu não tenho esse tipo de dinheiro. E de qualquer maneira, minha mãe atendeu essa chamada do assistente. Eu não fazia ideia até que ela me falou sobre isso mais tarde.

O repórter riu. — Eu acho que é por isso que eles lhe chamam de pequena mentirosa. Então eu posso colocar aqui que você orquestrou a coisa toda?

— Não! — Aria agarrou o telefone com força. Sua mente estava fazendo cambalhotas. — Espere. Comece desde o início. Qual era o nome do assistente que ordenou a transação? Que conta foi supostamente usada para pagar a pintura?

O Sr. Brenner estalou a língua. — Eu acho que eu devia estar lhe fazendo essas perguntas, e não o contrário.

— Por favor, me diga! — Aria gritou, uma sensação quente e efervescente borbulhando dentro dela. — Vamos apenas dizer que eu não sei sobre essa conta. Qual é o nome dele? Você sabe? — Ela tinha uma sensação de que ela sabia onde isso ia dar. Mas ela precisava saber com certeza, agora.

O repórter suspirou. Em seguida, veio o som de papéis mexendo. — É Maxine Preptwill — ele leu, tropeçando nas sílabas. — Isso lhe diz alguma coisa?

Os joelhos de Aria ficaram fracos. — Repita de novo?

O Sr. Brenner repetiu. Um zumbido fino e baixo assumiu os pensamentos de Aria, e ela desligou o celular sem dizer mais nada. Ela caiu no chão, olhando

atordoada para as enormes rosas ligeiramente psicodélicas no tapete.

Spencer caiu ao lado dela. — Aria — ela sussurrou. — O que diabos está acontecendo?

— Maxine Preptwill — Aria repetiu em um sussurro quando o banheiro começou a girar. Ela conhecia aquele nome. Era o nome do código secreto que Noel e Ali tinham usado para se comunicar quando Ali estava na Reserva.

Ali tinha estado por trás de todo o sucesso de Aria. E agora ela estava por trás de sua queda.

27

MIAU, MIAU, MIAU!

Spencer levantou Aria do chão e ajudou-a a sair do banheiro. Por alguns minutos, Aria ficou incapaz de falar, então elas se sentaram em um banco, longe do barulho, enquanto Spencer esfregava suas costas. Finalmente, Aria contou-lhe tudo.

— Foi Ali — ela sussurrou com os olhos arregalados. — Ela era o assistente na linha com a minha mãe naquele dia na galeria — bem, ela ou um Ali Cat, no caso de ela pensar que Ella reconheceria sua voz. E o dinheiro veio da conta *dela*. Nick tem muito dinheiro. Ele deve ter deixado algum.

Spencer engoliu em seco. Não parecia justo que Ali tivesse cem mil dólares para desperdiçar à toa. — Talvez pudéssemos rastrear a conta bancária — disse ela. — Isso pode nos levar de volta para ela, não é?

— Ou ela vai nos levar a outro Ali Cat, que não vai falar nada — Aria resmungou.

Spencer pensou em Dominick novamente. Talvez tivesse sido ele o assistente na linha.

— Oi.

Greg estava acima delas, vestido com uma camisa azul clara e calças cáqui escuras. — Oi! — Spencer gritou, pulando para cima. — V-você está aqui!

Seu olhar caiu em Aria, que agora estava curvada com a cabeça entre as mãos. — Estou interrompendo? — ele perguntou em voz baixa.

Spencer alisou sua saia. — Greg, esta é minha amiga Aria. Aria, Greg. Nós nos conhecemos na gravação do vídeo anti-bullying.

Aria levantou a cabeça e apertou sua mão fracamente. Em seguida, ela afundou de volta no assento, sem dizer nada. Alguns segundos embaraçosos se passaram, e, em seguida, Spencer disse, — Aria, por que não vamos pegar comida.

— Não — Aria respondeu em um tom monótono, olhando para a frente. — Vá. Divirta-se. Aproveite a vida enquanto pode.

Spencer puxou o lábio inferior em sua boca. Depois de um momento, ela se

virou para Greg. — Eu já volto.

Ela pegou Aria pelo braço e caminhou com ela no meio da multidão em direção à mesa em honra das meninas na frente — Hanna ainda estava lá, conversando com um cara alto em um blazer de aparência cara que devia ser o acompanhante blogueiro de Aria. Mas Aria balançou a cabeça. — Você sabe onde meu pai está? — ela perguntou em voz baixa.

— É claro — disse Spencer, colocando um braço em torno do ombro de Aria e guiando-a para a mesa de Byron e Meredith na parte de trás. Meredith parecia preocupada quando ela viu o rosto abatido de Aria. — Você está bem? — ela perguntou.

Problemas com garotos — disse Spencer, dando tapinhas no ombro de Aria e gentilmente sentando-a. Era a desculpa perfeita.

Uma vez que Aria estava cercada em segurança por sua família, Spencer voltou para Greg, que ainda estava esperando no corredor. — Vamos pegar algo para comer — disse ela, levando-o para a sala de bufê. A fila para a comida tinha cerca de vinte pessoas. Na frente, uma mulher cheia de diamantes colocou negligentemente molho de macarrão no prato. Uma das amigas de sua mãe, cheia de Botox e parecendo rígida em um conjunto Chanel, pegou um canapé de uma bandeja de prata com os dedos. Às vezes, Spencer pensou, as pessoas ricas podiam ser terrivelmente incivilizadas.

Greg tomou seu lugar atrás de Spencer, mas seu olhar rapidamente encontrou Aria na mesa de seu pai. — Ela está realmente bem?

— Claro — respondeu Spencer apressadamente, pegando um prato e talheres da pilha. Ela não queria entrar em mais coisas sobre Ali agora. — Então, como estava o tráfego? Você teve alguma dificuldade em encontrar o lugar?

— Eu tinha um GPS. — Greg esticou o pescoço, aparentemente ainda em busca de Aria no corredor. — Ela acha que Ali está atrás de vocês também?

Spencer se encolheu com a menção do nome de Ali. Ela apontou para uma grande sopeira, desesperada para mudar de assunto. — Ooh, a sopa de cebola francesa deles é incrível. Você tem que provar um pouco.

Ela entregou uma tigela a Greg, mas ele manteve os braços ao lado do corpo. — Eu não sou um idiota, Spencer. Alguma coisa aconteceu, não é? — ele se aproximou. — O que foi? Eu quero ajudar.

Spencer fechou os olhos. Era tão bom ouvir alguém oferecer ajuda, mas ela não

queria envolver Greg mais do que ela tinha envolvido. E se Ali viesse atrás dele? — Não é nada — ela sussurrou.

— Não é nada? É algo com Ali, certo?

Spencer olhou em volta com cuidado, mas todas as mães glamorosas e pais golfistas estavam muito ocupados carregando seus pratos com presunto com mel e salmão para notar a conversa que ela estava tendo. Tudo o que ela queria eram algumas horas livres de Ali. Mas ela podia dizer pelo jeito que Greg estava olhando para ela que ele não ia deixar isso para lá.

Ela colocou a tigela de sopa vazia de volta na pilha e pegou sua mão. — Eu não posso falar aqui.

Ela levou Greg por um labirinto de corredores para um bar tranquilo, com uma lareira, onde ela e Ali costumavam vir depois de longos dias de verão na piscina. Havia um velho barman chamado Bert que deixava seu posto por longos períodos de tempo para usar o banheiro do outro lado da sala; elas pegavam vodca ou vinho branco secretamente para elas enquanto ele estava ausente. Hoje, nem uma única alma estava lá dentro, exceto por um bartender desconhecido e mais jovem enxugando alguns copos de martini. Ele acenou para Spencer e Greg, depois voltou ao olhar para o jogo de beisebol na tela da TV.

Ela sentou-se no sofá de couro na frente de uma lareira vibrante — um pouco desnecessário, dado o quão quente estava do lado de fora — e Greg se sentou, também. Spencer olhou para ele por um longo tempo. — Ali está se aproximando de nós — ela finalmente admitiu, em voz baixa. Greg piscou. — O que você quer dizer?

Ela disse a ele sobre o assassinato na prisão e o escândalo da pintura de Aria. — Maxine Preptwill era um nome secreto que Ali costumava usar — disse ela. — Ela sabia que iríamos reconhecê-lo, mas ninguém mais o faria. É, tipo, um código.

Greg balançou a cabeça, os vincos de preocupação na sua testa ficando mais profundos. — Talvez vocês possam rastrear a conta?

— Foi isso que eu sugeri. — Spencer deu de ombros. — Acho que podemos tentar.

Greg pegou a mão dela e segurou-a firmemente. — Mas isso não é tudo. Não é?

Fora da sala, um grupo de garotos passou trovejando com balões que diziam ROSEWOOD RALLIES! se arrastando atrás deles. O cheiro de cloro da piscina

coberta no final do prédio de repente soprou em suas narinas. Spencer suspirou profundamente. — É sobre Dominick — ela sussurrou. — Ele é um Ali Cat. Eu tenho certeza disso.

— Como você sabe?

— Por que... eu apenas sei.

Ele apertou a mandíbula e olhou para o fogo. — Isso não vai funcionar a menos que você realmente fale comigo, Spencer.

Ela olhou para as palmas das mãos. — Nós rastreamos Ali até uma propriedade a cerca de uma hora daqui. Ela estava definitivamente lá — o interior cheirava a sabonete de baunilha, que é absolutamente *dela*. Havia mais do que isso, também.

Nós também sentimos... uma presença.

Os olhos de Greg se arregalaram. — Ela está vivendo em uma casa?

— Em uma casa de piscina na parte de trás da propriedade da família de Nick em Ashland. Nós entramos nela, mas Ali não estava lá. Então decidimos monitorar o local com câmeras conectadas a um sinal sem fio. Tivemos a certeza de escondê-las com muito cuidado, para que ela não soubesse.

A cabeça de Greg disparou para cima.

— Há... *câmeras*?

Spencer não tinha certeza do que fazer com a sua reação horrorizada — colocar as câmeras não parecia tão perigoso. — Eu as camuflei com folhas. Você não pode vê-las do chão de jeito nenhum. E não há fios — elas funcionam com baterias solares. Não há realmente nenhuma maneira de alguém dizer que elas estão lá, a menos que realmente estejam procurando.

Greg passou a mão por cima de sua cabeça. — Eu não acredito que você está um passo à frente dela.

Ela abraçou os braços contra o peito. — Bem, eu acho que nós estamos. Nós as assistimos dia e noite, e até agora, Ali não as achou ou voltou. Mas... *alguém* estava lá. — Havia um nó na sua garganta. — Dominick. Tenho quase certeza.

Ela disse a ele sobre a perseguição a Dominick na outra noite. Greg se encostou. Seus olhos estavam meio vidrados. — E o que você acha que Dominick estava fazendo lá?

— Eu assisti a fita de novo. Parecia que ele estava esperando por alguém. —

Sua boca se contorceu. — Talvez Ali.

Greg assentiu levemente, em seguida, olhou para o seu celular em seu colo. Ele apitou, e ele clicou nele, respondendo uma mensagem casualmente, como se eles tivessem estado falando sobre o tempo. Mas um músculo se contraiu em sua mandíbula. Spencer se perguntou se ele estava realmente chateado. Talvez ele estivesse com muita raiva por ela ter corrido esses riscos loucos. Ou talvez ele estivesse chateado por ela não ter contado a ele antes.

Olha, eu sei que você não quer que eu lide com isso sozinha, mas eu não tenho escolha — disse ela. — Ninguém está nos ouvindo. Ninguém quer ajudar. Temos que pegá-la. — Ela balançou a cabeça. — Mas agora, com todos esses Ali Cats, eu estou começando a me perguntar. E se os Ali Cats são as pessoas que precisamos nos preocupar? E se eles estão por trás de tudo, e Ali está realmente morta?

— Oh, ela não está morta.

Spencer se encolheu. O rosto de Greg estava de perfil, iluminado de laranja pelo fogo. — Como é? — ela perguntou.

Ele virou-se para encará-la. Sua expressão estava estranhamente calma, não mais assustada ou preocupada. — Eu disse, ela não está morta — ele repetiu, dando um sorriso. — E ela está definitivamente se aproximando de vocês.

O coração de Spencer pulou. Ela soltou a mão de Greg e virou no sofá. — O quê?

Greg sorriu suavemente. — Eu tenho que agradecer a você, Spencer. Eu me perguntei se havia câmeras. Eu estava pensando sobre isso quando eu estava lá ontem.

Spencer piscou com força. Sua mente embaralhou para um ponto de apoio. — O que você quer dizer com *ontem*?

Ele passou o braço sobre o encosto do sofá. — Não foi Dominick que você viu na casa da piscina. Dominick nem existe.

Spencer ficou em pé, sentindo-se mal. — C-claro que Dominick existe. Ele está me enviando e-mails. Eu o vi, no painel de discussão em Nova York.

Greg apenas sorriu. — Aquele era um amigo que eu pedi para me ajudar naquela noite. E os e-mails? Eu os escrevi. — Ele lançou seu olhar para o céu. — *Você se acha tão incrível, mas você não é. Você não passa de uma impostora, e muito em breve, as pessoas vão saber quem você é.*

Seu coração estava batendo rápido. Ela deu um passo para longe dele. — Você

é Dominick? Por quê?

— Porque eu precisava que você confiasse em mim, para criar uma ameaça para que você me deixasse se aproximar. — Ele cruzou os braços sobre o peito com orgulho. — E funcionou totalmente. Você me disse o que eu precisava saber.

Spencer sentiu seu estômago revirar, assim como ele tinha feito quando seu carro se descontrolou durante uma tempestade e ela quase bateu em uma grade de proteção. — Você é um Ali Cat — ela sussurrou.

Ele sorriu. — Ela vai me amar tanto por isso.

Ela. Spencer sabia que chegaria nisso, mas ela bateu a mão sobre a boca do mesmo jeito.

Greg se levantou do sofá e deu um passo em sua direção com o mesmo sorriso estranho no rosto. Spencer correu para trás, quase batendo na lareira. Ela moveu-se para a direita, evitando por pouco um aparador de madeira. Greg a seguiu, seus ombros ajustados e seus olhos frios. Com uma estocada, ele poderia derrubá-la no chão. O que ele era capaz de fazer? O que Ali tinha ordenado que ele fizesse?

— Você *conhece* Ali — ela sussurrou, sua voz tremendo. — Você realmente *falou* com ela.

Greg balançou a cabeça. — Nunca diretamente. Mas sim. E eu a amo.

— *Por quê?* — Spencer quase gritou.

— Porque ela é fascinante. E indescritível. E bonita.

Era a coisa mais louca que Spencer já tinha ouvido. — E todo esse tempo... foi *por isso* que você queria me conhecer? — Lágrimas encheram seus olhos. — Porque ela pediu para você?

Greg bufou. — Ela me disse que você se apega assim. Ela disse que você era emocional.

Ela me disse. Ela disse. Como se Ali realmente soubesse o que Spencer era. Mas doeu — porque Ali estava certa. Ela tinha conseguido pegá-la. Todas as suas promessas de não confiar em ninguém novamente, todos os seus votos para ter cuidado, e ela deu um passo justo para as mandíbulas abertas de Ali. Ali sabia que Spencer estava solitária. Ela sabia que ela estava procurando alguém para reforçar seu ego. Era como se ela tivesse projetado Greg, programado ele para que ele atingisse Spencer em todos os seus pontos fracos.

Em seguida, ela percebeu outra coisa. Finalmente, ali estava alguém que

realmente sabia alguma coisa. Aos poucos, com cuidado, ela tateou no bolso o celular dela. Ela tinha que ligar para a polícia. Seus dedos se atrapalharam. Ela tentou duramente discar 911.

O celular tocou. Então, ela ouviu alguém dizer, — Qual é a sua emergência?

Spencer olhou para Greg. — Me diga como você contatou Alison DiLaurentis. E me diga onde ela está agora.

Greg soltou uma gargalhada. — Spencer, eu não sou um idiota. — Com reflexos-relâmpago, ele agarrou seu celular do bolso, correu para o corredor, e o jogou em uma grande fonte. Houve um alto *splash*, e então ele desceu para o fundo.

— Ei! — Spencer gritou, mergulhando suas mãos na água fria. A água pingava do celular quando ela puxou-o para a superfície. A tela estava apagada, a chamada para o 911 desconectada.

Alguém suspirou atrás dela, e ela se virou. Um menino com um balão azul que dizia ROSEWOOD RALLIES! estava no corredor com os olhos arregalados. — É o seu celular que está morto?

Spencer olhou para o corredor, seu coração acelerado. Greg tinha ido embora.

— Para onde foi o cara que eu estava conversando? — ela perguntou ao menino. Ele só olhou para ela sem expressão, depois voltou a balançar o seu balão no ar.

Aquilo não podia estar acontecendo. Spencer correu pelo corredor descontroladamente, tropeçando em seus calcanhares. — Greg — ela gritou. Ela correu para as longas janelas que davam para o campo de golfe, achando que ela iria vê-lo desaparecer sobre uma colina.

Mas ele havia desaparecido completamente. E levou seus segredos com ele.

28

CICLO DE REPETIÇÃO

— Não é a nossa última garota do momento! — disse uma mulher em um conjunto de tweed, pegando a mão de Emily e levando-a mais para dentro do átrio do country club. — Emily Fields, eu sou Sharon Winters! Que prazer! Entre, minha querida! Pegue um pouco de ponche!

Emily olhou nervosamente por cima do ombro para seus pais, que tinham acabado de entrar, mas eles já estavam falando com alguém do comitê de boas-vindas da sua mãe. Que apoio eles eram.

Ela espiou sorrateiramente o seu celular em sua bolsa. A câmera de vigilância estava em sua tela, as mesmas quatro tomadas da casa inalteradas, exceto por uma ocasional folha pressionando-se contra as janelas. Seria apenas sorte sua, no entanto, que algo acontecesse lá no segundo que ela desviasse o olhar. Spencer tinha visto alguém nas câmeras. Essa mesma pessoa, ou outra pessoa, poderia voltar.

Sharon continuou a arrastá-la para o salão de baile. Emily olhou em volta. Uma mesa de DJ tinha sido colocada no extremo, e música de dança bombeava dos alto-falantes gigantes. Toneladas de crianças que Emily reconhecia do ensino médio estavam agitando os braços no ar e conversando umas com as outras. Só de olhar para os seus rostos despreocupados fez Emily querer dar a volta e nunca mais voltar.

Mas o aperto de Sharon era muito forte. — Aqui está Hanna — ela cantarolou, apontando para uma longa mesa no outro lado do salão. Hanna era a única sentada nela, socando desesperadamente o teclado do seu celular.

Emily se separou da mulher e foi até a amiga. Hanna olhou para ela miseravelmente, em seguida, empurrou um prato de biscoitos para ela. — Sharon trouxe isso para nós. Mas de jeito nenhum eu posso comer. — Ela olhou tristemente ao redor do salão, depois para as mãos. — Mike não está falando comigo. Tudo está uma bagunça.

Emily não conseguia pensar em comer, tampouco. — Há quanto tempo você está aqui? — ela perguntou a Hanna.

— Cerca de uma hora. Eu não sei onde Aria foi — o acompanhante dela foi procurar ela. — Ela suspirou. — Eu mandei mensagens de texto para Spencer, mas eu não tive notícias dela, também.

Emily verificou as imagens de vigilância mais uma vez — nada. Então ela olhou ao redor do salão. Ela não viu quaisquer sinais das outras duas meninas em nenhum lugar. Seu olhar fixou em uma grande faixa perto do DJ que dizia NÓS AMAMOS TUDO E TODOS EM ROSEWOOD! Havia fotos de lugares ao redor da cidade: as lojas da Avenida Lancaster, a ponte coberta, a folhagem de outono, a Torre Hollis. Enquanto Emily olhava para as imagens, ela percebeu que tinha uma associação negativa com cada uma delas. Ela tinha recebido mensagens de A na Torre Hollis e do lado de fora das lojas. Ela lembrou-se de chutar uma pilha de folhas caídas no outono passado, ainda tentando processar que Ali, sua velha amiga, tinha tentado matá-las. E ela tentou se matar pulando da ponte coberta.

— Eu *odeio* tudo e todos em Rosewood — ela sussurrou, percebendo que praticamente falava a sério. Além de suas amizades com Spencer, Aria e Hanna, ela só teria memórias perigosas e distorcidas para levar com ela quando ela fosse embora. Viver aqui, experimentando o que ela teve com A, tinha arrancado anos de sua vida.

Ela olhou ao redor para todas as crianças dançando em seus vestidos Marc Jacobs e saltos Jimmy Choo. Eles não entendiam o que Emily tinha passado — de jeito nenhum. E eles provavelmente nunca entenderiam. Por que eles conseguiam ter uma vida feliz? Por que eles se amavam, riam e se divertiam, quando tudo que ela enfrentava era experiência dolorosa após experiência dolorosa?

Ali merecia pagar por isso.

— Emily! — A Sra. Fields estava correndo em direção a ela, com as bochechas coradas. Ela segurava uma menina de cabelos curtos pelo pulso. — Esta é Melodie. Melodie, Emily! Eu conheço a mãe dela! E Melodie trabalhou no country club neste verão como treinadora do golfe feminino júnior e assistente de jardineiro! — A mãe de Emily virou-se para Melodie e sorriu esperançosamente. — Eu acho que vocês têm alguns, hum, interesses comuns.

— O-oi? — disse Emily, hesitante, irritada que sua mãe estivesse forçando-a a fazer uma amiga agora. Por que diabos sua mãe achava que ela gostaria de conhecer essa garota? Mas então ela percebeu como Melodie estava olhando para ela, com os olhos pastoreando o decote de seu vestido. Todo o corpo de Emily ficou quente.

Interesses comuns. Sua mãe realmente estava *tentando juntá-las*?

Emily não conseguia pensar em nada que preferia fazer menos. Ela levantou-se desajeitadamente e se afastou. — É muito bom conhecê-la, Melodie, mas eu tenho que fazer uma coisa agora.

O rosto de Melodie murchou. — Emily — a Sra. Fields chamou. Mas Emily não voltou atrás. Ela caminhou cegamente passando pelas crianças da sua classe, procurando por uma saída. Do outro lado do salão, ela notou Spencer na porta, com um olhar de pânico e nervosismo no rosto. Mas Emily não poderia ir direto até ela. Ela precisava de alguns minutos a sós.

Ela encontrou um corredor escuro na parte de trás do country club e caminhou até ele. Então ela se inclinou contra a parede e tomou longas respirações. *Controlese*, ela disse a si mesma, mas sua mente parecia que estava cambaleando por uma colina longa e íngreme em um barranco profundo. Até mesmo olhar para a expressão de expectativa de Melodie tinha feito ela pensar: *Por que se dar ao trabalho? Ali iria estragar isso também.*

Então o rosto furioso e vermelho de Ali acima dela no natatório correu para seus pensamentos, bombeando-a com tanta raiva que ela virou e bateu na parede com força. Por que elas não conseguiam encontrá-la? Por que ela simplesmente não morria?

Picos de risos flutuaram pelo corredor, junto com as notas iniciais de "Royals" de Lorde. Emily deslizou para o chão e olhou fixamente para a câmera de vigilância. Tinha que haver alguma coisa lá. Mas os mesmos pássaros estavam aterrissando nos mesmos ramos através da janela. A mesma imagem no quarto quadrante chiou e estalou, o que apresentava a única visão da sala principal. As mesmas folhas vibraram.

Até que ela se deu conta.

As folhas continuavam vibrando contra a janela, *exatamente* da mesma maneira. Era estranho: Uma folha de bordo iria achatar completamente contra a janela por um segundo, em seguida, cair. Estava tão ventoso assim lá em cima? Será que o vento com rajadas se mantinha na mesma direção?

Então ela notou o mesmo chiado e estalado a partir desse mesmo ângulo da câmera. Parecia haver um padrão: chiado e estalado, então rajada de vento, depois folha achatada, em seguida, um longo trecho de nada. Emily olhou para o relógio. Cinco minutos se passaram, mas a sequência se repetia. Ela contou mais cinco minutos novamente. Houve a chiadeira, o estalado e a folha achatada novamente.

Suas mãos começaram a tremer. Parecia que o vídeo estava em uma repetição.

Ela tinha visto isso em filmes: Os assaltantes usavam repetições para enganar os guardas de segurança para que pudessem esgueirar-se sem serem vistos e roubar as joias. Ali tinha feito a mesma coisa? Essa câmera mostrava o ângulo do interior da casa, ao contrário das outras. Quando isso tinha começado?

— Emily — Spencer correu pelo corredor, com os cabelos fluindo atrás dela e sua respiração forçada. — Eu nem sei como dizer isso. Sabe o cara que eu tenho saído? Ele é um *Ali Cat*. E eu disse tudo a ele. Sobre as câmeras. Sobre como nós sabemos onde Ali está. — Ela fez uma careta. — Então, agora ele sabe. O que significa que Ali sabe, também.

Emily levantou o celular. — Eu sei — disse ela com a voz trêmula. — E eu acho que Ali já fez algo a respeito.

29

UMA LUZ NO SÓTÃO

Dez minutos depois, Hanna havia sentado no banco do motorista do Prius e ligado o motor. Suas amigas se juntaram ao lado dela, parecendo nuas em seus vestidos de festa reduzidos. Seus rostos brilhavam nas luzes turvas e esverdeadas do interior.

— Ok, o que significa tudo isso? — Hanna exigiu.

— Não é óbvio? — perguntou Spencer com seus olhos selvagens. — Quando eu disse a Greg sobre as câmeras, ele ficou totalmente surpreso. Ele deve ter dito a Ali, e ela deve ter feito a repetição *apenas* para nos distrair. O que significa que ela tinha que estar na casa da piscina para acessar a câmera para gravar a repetição. E a única razão pela qual ela pode querer fazer a repetição é que ela está lá, agora, fazendo algo na casa da piscina. Nós temos que pegá-la antes que ela saia de novo!

Hanna olhou por cima do ombro para o grupo dos balões e dos banners do ROSEWOOD RALLIES na entrada da frente. Ela sentiu uma pontada de culpa. Parecia estranho sair da festa, mesmo que tivesse uma droga. E se Mike aparecesse? Ela mandou mensagens para ele mil vezes, desculpando-se várias vezes e implorando-lhe para vir para a festa, para que eles pudessem se reconciliar. Mike não respondeu, mas Hanna odiava pensar que ele poderia mudar de ideia e ela nem estaria aqui.

— E se for uma armadilha? — ela disse em voz baixa. — E se Ali não estiver lá? Talvez ela só fez essa repetição para nos levar até lá.

A testa de Spencer franziu. Ela olhou para Aria, preocupada. Mas Emily balançou a cabeça. — Nós não saberemos até que nós realmente dermos uma olhada. Nós vamos pegá-la hoje à noite, pessoal. Eu posso sentir isso.

— Mas só há uma câmera em repetição, certo? — perguntou Hanna. — As outras câmeras não mostrariam Ali na varanda? Passando pela porta?

— Ela poderia ter vindo de uma janela de traz — disse Emily. — Pelo que sabemos, ela poderia ter escalado um muro e subido até o segundo andar.

— Não deveríamos chamar a polícia? — perguntou Hanna, com um último

esforço.

Todo mundo ficou em silêncio por um momento. Spencer lambeu os lábios. — E dizer-lhes... o quê?

— Nós poderíamos mandá-los ir para a casa da piscina — Hanna sugeriu, sentindo-se desesperada. — Ou nós poderíamos dizer-lhes sobre Greg, que ele conhece Ali.

Aria girou um anel de prata ao redor do dedo. — Se eles se dirigirem para a propriedade, Ali verá os carros da polícia e fugirá. Ela provavelmente nunca mais irá para aquele lugar novamente. E a polícia vai ficar furiosa por nós termos invadido e colocado câmeras.

— E eu não sei o que poderíamos dizer sobre Greg — disse Spencer. — Mesmo que o encontrassem e fizessem perguntas, ele mentiria. Ele diria que nunca tinha falado com Ali. Duvido que ele mantenha qualquer evidência de que ele esteve em contato com ela.

— É por isso que nós temos que ir por conta própria — disse Emily com determinação.

Hanna passou os dedos sobre a superfície de sua bolsa. — Eu odeio que estejamos fazendo isso sozinhas — disse ela em voz baixa.

Spencer agarrou a mão dela. — Nós não estamos sozinhas — nós estamos juntas. E, desta vez, vamos realmente acabar com isso.

Hanna não sabia mais o que fazer, exceto dirigir para Ashland. Ninguém falou enquanto ela dirigia pelas ruas suburbanas silenciosas. Casas enormes em campos de golfe passavam rapidamente, brilhando majestosamente no sol poente. Então ela virou para o estúdio onde *Burn It Down* estava sendo filmado. Ela sentiu outra pontada de arrependimento. Ela deveria estar eufórica hoje, ela tinha conseguido um grande papel em um filme. Mas sem Mike para comemorar com ela, a coisa toda parecia... oca.

O céu escureceu quando ela virou na estrada para Ashland. A estrada parecia estranhamente calma e tranquila, como um céu sem nuvens antes de uma tempestade. Em pouco tempo, o familiar minimercado Turkey Hill apareceu à vista. Hanna pegou a esquerda, que levava a uma estrada sinuosa menor. O crepúsculo lançava longas sombras do outro lado da calçada. Ela viu a caixa de correio vermelha e sinalizou.

— Espera! — Emily gritou, agarrando o volante. — Talvez devêssemos

estacionar na rua. Vamos atrair menos atenção.

— Boa ideia. — Hanna parou cerca de um quarto de um quilômetro abaixo da estrada em um grande ponto no acostamento. Quando ela desligou o motor, a escuridão as envolveu. Era lua nova, também; Hanna mal conseguia ver alguns centímetros na frente de seu rosto. Ela pegou o celular e ligou o aplicativo da lanterna. Aria fez o mesmo. Emily ainda estava usando o dela para olhar para as câmeras.

— Ok — Hanna sussurrou, respirando fundo. — Vamos.

Os únicos sons eram seus calcanhares esmagando vacilantemente o cascalho e uma coruja piando ocasionalmente nos bosques. Elas chegaram à caixa de correio vermelha e fizeram a volta até a colina íngreme. Hanna xingou baixinho quando o tornozelo dela torceu em um buraco. A propriedade dos Maxwell apareceu acima delas e a luz da varanda estava acesa.

— Vamos lá — disse Spencer, avançando.

O celular de Hanna lançou um feixe em ziguezague pelo pátio lateral. A luz refletiu na cobertura da piscina de plástico, e então refletiu contra as paredes da casa da piscina. Emily segurou seu braço sobre o corpo de Hanna para pará-la. — Essa luz não estava acesa antes, não é?

De fato, havia uma única lâmpada acesa no segundo andar. O coração de Hanna bateu mais rápido. Ali poderia estar aqui. Esse poderia realmente ser o fim de tudo.

De mãos dadas, elas caminharam lentamente em direção à casa da piscina. Quando estavam a cerca de três metros de distância, todas hesitaram. Spencer engoliu em seco. — Então, vamos entrar, ou não?

Aria mudou seu peso. Hanna estava com muito medo de se mover. Então Emily se soltou e foi na ponta dos pés para a varanda. Ela trocou seu peso e uma tábua do piso chiou. Hanna estremeceu, com medo de que o som alto pudesse atrair a atenção.

Os olhos de Emily estavam arregalados quando ela olhou pela janela. O coração de Hanna bateu forte. — O que você está vendo? — ela sussurrou. — Tem alguém aí?

Emily olhou para as outras com uma expressão assombrada no rosto. — Não é Ali — disse ela em uma voz vacilante que aterrorizou Hanna. — Mas é *alguma coisa.*

30

TRABALHO DE LIMPEZA

Aria correu para a janela e olhou através dela. No início, tudo o que ela viu foram longas sombras escuras em uma sala vazia. Mas à medida que seus olhos se adaptaram, ela percebeu que a sala estava muito diferente de quando ela tinha visto pela última vez — e não parecia com o que estava na câmera de vigilância. Havia outra mesa lá dentro. E uma segunda cadeira, virada para cima. Jornais espalhados no chão. Um esfregão estava encostado contra a parede, e havia um balde ao lado dele. Também havia algo sobre o assoalho. Algo espesso e viscoso, penetrando na madeira.

— Eu vou entrar — Emily insistiu.

— Não! — Hanna agarrou sua manga. — E se ela ainda estiver aí?

— Eu estou pronta para ela — disse Emily, afastando-se. — E se ela não estiver, ainda pode haver evidências lá dentro. Algo que a polícia poderia realmente usar. Tudo o que precisamos fazer é encontrar um fio de cabelo ou uma impressão digital. Então nós ligamos para eles.

Aria soltou uma nota de protesto. Isso parecia *muito* errado. Tudo o que ela queria, de repente, era voltar para a festa do Rosewood Ralis. Ela ainda não tinha dito ao pai dela que ela tinha saído. E Harrison? Depois de seu beijo com Noel, ela não tinha sido capaz de encontrá-lo na sala de banquete. Ela até perguntou a Hanna, mas Hanna tinha dito que ela não tinha notado que ele tinha saído. Será que Harrison de alguma forma sabia sobre Noel? E se ele ouviu a notícia sobre a sua venda fraudulenta da pintura e foi embora?

Spencer tocou em seu braço. — Em está certa — disse ela. — Nós estamos aqui. Nós temos que entrar.

Emily virou a maçaneta. Ela cedeu facilmente, e a porta abriu-se com um gemido alto. O mesmo aroma de baunilha pungente encheu suas narinas, revirando o estômago de Aria. Será que Ali se banhava no material?

Elas entraram. Spencer tateou em torno da parede e encontrou um interruptor de luz, mas nenhuma das lâmpadas acendeu. Aria balançou em direção à mesa e

olhou para a sua superfície de madeira. Estava coberta com a mesma substância espessa do chão. Seu nariz se contraiu, enchendo com o cheiro de algo azedo e familiar. Na mesma hora, ela soube o que era. Ela olhou para as outras, vendo o horror do entendimento refletido em seus rostos.

— Isso é *sangue*? — gritou Aria.

— Oh meu Deus. — Emily enrolou as mãos em seu peito como se tivesse medo de tocá-lo.

Hanna foi na ponta dos pés para a pequena área da cozinha. — Há mais sangue aqui.

— E aqui — Spencer falou de um cômodo nos fundos.

— De quem é o sangue? — gritou Emily.

Um silêncio sinistro se seguiu. Estava claro que todas estavam pensando a mesma coisa. Talvez aconteceu um assassinato aqui.

Talvez Ali tenha matado alguém.

Aria olhou acima das escadas para o segundo andar, em seguida, respirou fundo e começou a subir. Ela agarrou o corrimão com força, sentindo-se instável. Quando ela chegou ao topo da escada, ela notou uma outra luz brilhante no quarto dos fundos. Seu coração parou. Ali ainda estava aqui, se escondendo?

Ela se empurrou para a frente, ignorando o medo frenético pulsando através dela. Mais assoalho rangeu quando ela espiou ao virar da esquina. Quando ela viu formas irregulares no meio do quarto, ela soltou um pequeno grito, mas quando ela se aproximou, ela percebeu que era apenas um rato morto... e um vestido amassado.

Ela correu para o vestido e pegou-o, segurando-o para longe de seu corpo. O tecido cheirava fortemente a baunilha e também estava coberto de sangue. Partes dele ainda estavam úmidas, talvez com sangue.

— Gente — ela chamou, segurando o vestido por dois dedos. — Venham aqui.

Todas subiram os degraus correndo e se reuniram no quarto. — Olha — Aria sussurrou, balançando o vestido de um lado para o outro.

Emily colocou a mão sobre sua boca. — Isso era de Ali?

— É isso que eu estou pensando — disse Aria. — Talvez ela estava com ele enquanto ela... vocês sabem... fez tudo o que ela fez lá embaixo. — Ela apontou para o chão. — Isso pode ter todos os tipos de DNA. De cabelo, de células da pele, talvez até mesmo do sangue de Ali. É tudo o que os policiais precisam, certo?

— Ótimo — Hanna sussurrou animadamente. — Vamos levá-lo para a polícia e dar o fora daqui.

Creak.

O coração de Aria pulou em sua garganta, e ela pegou a mão de Emily. Parecia uma janela sendo aberta. *Por favor, deixe ser o vento,* ela implorou. Mas, em seguida, ela ouviu passos no chão.

Todo mundo deslizou para o fundo do quarto e se reuniu. Aria se atrapalhou para pegar seu celular no bolso. As câmeras de vigilância estavam na tela, mas as imagens não mostravam nada na varanda e no quintal. O último ponto de vista, o que iria mostrar quem estava lá embaixo, ainda exibia aquela repetição enlouquecedora.

Um som borbulhante se seguiu. Aria olhou para as outras. *Gasolina?* ela murmurou. Ali ia incendiar este lugar com elas nele, como se ela quis fazer em Poconos? Mas, então, um cheiro encheu suas narinas. Não cheirava nada como gasolina.

Cheirava a *água sanitária*.

Outro rangido soou, então um pequeno *puft* de uma janela se fechando. Todas se mantiveram muito quietas pelo que pareceram horas. Finalmente, Aria foi na ponta dos pés até a porta e olhou por cima do corrimão. A sala estava vazia, mas o cheiro de água sanitária era avassalador.

Alguém tinha se movido em torno do mobiliário na sala. O sangue no chão e na mesa tinha desaparecido. O esfregão e o balde desapareceram também. Parecia que alguém tinha entrado, despejado um monte de água sanitária em todos os lugares e tentado limpar.

Mas limpar o quê?

Ela voltou-se para suas amigas, seus instintos pedindo a ela para correr, *agora*. — Nós temos que sair daqui.

Todo mundo entrou em ação. Aria pegou o vestido encharcado, evitou o rato, e desceu as escadas o mais rápido que pôde. Emily se lançou para a porta da frente, puxando-a e saindo. Quando Aria e as outras a seguiram, não houve explosões atrás delas. Ninguém se atirou para fora das árvores para atacá-las.

Elas correram para a estrada o mais rápido que podiam. Aria nunca tinha estado tão grata por ver o carro de Hanna. Elas correram para dentro, Hanna trancou as portas e ligou o motor. Quando Aria respirou, tudo o que ela podia

sentir era o cheiro de água sanitária. Estava embebido em sua pele e roupas. Ela podia sentir o gosto até mesmo na sua língua.

À medida que se afastavam, Aria girou e olhou para fora da janela de trás. A estrada estava escura e deserta. Mesmo se alguém estivesse lá, ela não seria capaz de ver quem poderia ser.

Bip. Aria olhou para o celular. Byron estava ligando, mas ela iria deixar ir para o correio de voz. Como ela poderia atender e não soar completamente assustada?

Então ela olhou para suas mensagens. Havia quatro de Byron. Várias de Harrison, também, respondendo que ele iria embora da festa já que ele não conseguiu encontrá-la em lugar nenhum. E então uma de Ella, que não tinha sequer participado da festa: *Seu pai me ligou. Onde você está? Me ligue assim que você receber isso.*

Quando ela olhou em volta, as outras meninas estavam olhando para seus celulares, também. — Merda — Spencer sussurrou. — Minha mãe está brava. — Hanna mordeu o lábio inferior, olhando para a tela enquanto dirigia. Só Emily olhava para a frente com as mãos cruzadas no colo. Lágrimas rolavam silenciosamente por suas bochechas.

— O que acabou de acontecer? — ela sussurrou. — Será que era Ali? Por que nós não emboscamos ela? Eu deveria ter *feito* alguma coisa.

Aria afagou-lhe a mão. — Não, você não deveria. Não tínhamos ideia do que ela estava fazendo ali. E ela poderia ter uma arma, Em. Fizemos a coisa certa ao ficarmos quietas.

— Mas o que ela estava fazendo? — gritou Emily. — O que foi toda aquela água sanitária? — Ela olhou em volta para as outras. — Será que ela matou alguém nessa casa?

— *Alguém* matou alguém — disse Aria lentamente. Ela olhou para o vestido nas suas mãos. Talvez ela estivesse imaginando coisas, mas ainda parecia meio quente, como se o calor do corpo de Ali não tivesse saído ainda.

Ela engoliu em seco, de repente percebendo o que elas precisavam fazer. Ela pegou o celular e desbloqueou a tela. Emily observou-a com cuidado, em seguida, respirou fundo. — O que você está fazendo?

— Eu acho que nós precisamos chamar a polícia — disse Aria.

Emily segurou o olhar de Aria, mas ela não protestou. Era a coisa certa a fazer. O que quer que elas tivessem testemunhado estava além de seu controle. E mesmo se não fosse Ali que tinha matado alguém lá — o que Aria duvidava muito — *alguém*

tinha.

31

O JOGO DE ESPERA

Emily sugeriu que as meninas dormissem juntas na casa dela, já que ninguém queria ir para casa sozinha. Elas correram em sua garagem quando Emily abriu a porta da casa. A sala estava em silêncio e escura, as luzes e a televisão apagadas. O cheiro fraco de uma vela apagada pairava no ar.

— Vocês têm algumas explicações a dar.

Todo mundo gritou. Uma luz se acendeu. Os pais de Emily estavam sentados no sofá do canto. Seu pai ainda estava em um terno, sua mãe ainda em seu vestido florido e saltos da festa de Rosewood Ralis. O nariz e os olhos da Sra. Fields estavam vermelhos, como se ela tivesse chorado.

Emily baixou os olhos. Suas amigas tinham tratado as suas situações com as suas famílias no caminho de casa. Emily sabia que ligar para seus pais teria sido a coisa certa a fazer, também, mas de alguma forma ela não conseguiu fazer os músculos dos seus dedos discarem o número deles. Sua mente estava muito distraída, seus pensamentos ainda em Ali, na casa da piscina e em tudo o que tinha acontecido.

A Sra. Fields correu para ela e pegou Emily pelos ombros. — Onde você estava?

— Nós... — Emily encolheu os ombros e balançou a cabeça. Ela não tinha ideia do que dizer. — Eu sinto muito. Eu não deveria ter saído da festa sem dizer a você.

— Sente muito? — Os olhos da Sra. Fields estavam arregalados. — Você desaparece, e tudo o que você diz é que você sente muito? Você não atendeu o seu celular, você não estava aqui... Tememos o pior.

O pai de Emily franziu o cenho profundamente. — Nós estávamos pensando em chamar a polícia.

— É minha culpa — Spencer saltou, com a voz embargada. — Eu juntei todas elas e pedi para nos afastarmos por alguns momentos. Todas nós nos sentimos meio traumatizadas naquela mesa da frente, todo mundo olhando para nós — isso

trouxe de volta algumas lembranças difíceis. Nós saímos para comer. Foi isso.

Emily olhou para Spencer, agradecida. Foi a mesma história que as outras meninas tinham contado aos seus pais, mas ela ficou surpresa com a forma como Spencer podia mentir tão habilmente na cara da sua mãe. Era meio que verdade, exceto a parte de comer. Elas haviam estado traumatizadas. Só que por razões diferentes.

O Sr. e a Sra. Fields trocaram um olhar. Parecia que a Sra. Fields ia começar a chorar de novo. — Nós estávamos tão preocupados — ela repreendeu Emily. — Você tem estado tão... *perturbada* recentemente. Todas aquelas coisas que você disse sobre você mesma ter feito essas contusões em seu pescoço. E você tem passado tanto tempo em seu quarto. Eu sei que você está dormindo em seu guarda-roupa, em vez da sua cama. E eu *ouvi* você chorar...

Emily podia sentir suas amigas se mexendo desconfortavelmente. Ela manteve os olhos no chão. Talvez ela devesse ter dito a sua mãe sobre Jordan há muito tempo. Talvez agora a mãe dela entendesse... e parasse de pegar no pé dela.

— Se você não queria ir para a festa, você deveria ter dito alguma coisa — o Sr. Fields acrescentou rispidamente.

— Eu não sabia que eu tinha escolha — Emily murmurou, as palavras saindo um pouco mais duras do que ela pretendia.

A Sra. Fields suspirou. Emily não sabia se era um sinal de confusão ou decepção — talvez ambos. Ela estava dormente demais para realmente se importar. — Nós vamos ter que deixar você de castigo — disse a Sra. Fields. — Duas semanas. Sem saídas. Toda vez que você sair de casa, um de nós vai com você.

Emily mal podia reagir. Por que ela se importaria por estar de castigo? Não havia mais nada para ela do lado de fora.

Ela olhou para sua mãe. — Minha punição pode começar amanhã? Será que elas podem pelo menos ficar aqui esta noite? — Ela fez um gesto para suas amigas. De nenhuma maneira qualquer uma delas iria dormir sozinha.

A Sra. Fields apertou seus lábios, em seguida, olhou para as outras. — Vocês ligaram para seus pais? Eles sabem onde vocês estão? — Todo mundo concordou, e a mãe de Emily fechou os olhos. — Tudo bem. Está tarde, então vocês podem dormir aqui. Mas sem TV. E se eu ouvir vocês até muito tarde, eu vou enviar todas de volta para casa.

Em seguida, ela e o pai de Emily saíram da sala. As escadas rangeram quando

eles se retiraram para seus quartos.

Spencer olhou para Emily com uma sobrancelha levantada. — Dormindo em seu guarda-roupa?

— É uma longa história — Emily murmurou.

— Por que você disse aos seus pais que você fez em si mesma essas contusões?

— perguntou Hanna.

Emily olhou para ela exasperadamente. — O que eu *deveria* dizer a eles?

Suas amigas trocaram um olhar. Era aquele olhar de novo de *Emily está perdida*. Mas ela estava cansada demais para se importar. Então elas estavam preocupadas com ela. Então seus pais estavam preocupados com ela. Por que todos eles não poderiam simplesmente deixá-la em paz?

Aria se jogou no sofá e abraçou uma almofada bordada no peito. — O que vocês acham que a polícia está fazendo agora? Vocês acham que eles estão na casa?

Era uma pergunta que elas não se atreveram a perguntar. Quando Aria tinha ligado para a delegacia, ela disse a um oficial de Ashland que elas estavam caminhando pela floresta, então tinha ficado escuro rapidamente, e elas tropeçaram em uma casa de piscina, cujo chão estava coberto de sangue. O policial disse que iria enviar alguém para o endereço imediatamente, mas quando ele perguntou o nome de Aria, ela desligou. A polícia não precisava saber que eram elas. Eles iriam lá e encontrariam as impressões digitais de Ali — por que *tinha* que haver alguma. E quando Fuji estivesse envolvida, ela formaria essa conclusão por conta própria.

Emily foi até o armário perto da sala de estar e tirou cobertores e travesseiros que a família mantinha lá para festas do pijama. — Espero que eles estejam em torno da casa da piscina neste momento. Talvez eles até peguem Ali na floresta.

Aria ajudou a espalhar os cobertores no chão. — Você realmente acha que será fácil assim?

Hanna pegou seu celular em sua bolsa. — Vamos verificar as câmeras de vigilância. — Elas periodicamente tinham olhado para as câmeras no caminho de volta; a repetição ainda estava rodando na câmera quatro, e os outros ângulos não mostravam nenhum movimento. Elas ainda rebobinaram as gravações para ver se havia algum flash de alguém entrando na casa, mas não havia. Ali deve ter entrado na casa de uma maneira que as câmeras não mostravam.

Mas agora, com certeza, as câmeras iriam mostrar algo diferente. A polícia estava investigando o espaço. Equipes forenses estavam testando os vestígios de

sangue.

Hanna clicou na tela e entrou no site. Sua boca se abriu. — Uh-oh.

— O que foi? — Emily correu e olhou para a tela. Cada uma das câmeras dizia *Sem sinal.* As imagens de vídeo desapareceram.

Os olhos de Spencer se arregalaram. — Ali as desligou?

— Talvez isso seja bom — disse Emily. — Talvez ela estivesse desativando as câmeras quando a polícia chegou.

Aria torceu a boca. — Ou talvez ela fugiu.

Um nó se formou na garganta de Emily. Se Ali fugiu, isso significava que ela poderia estar vindo para elas. Ela olhou para os cobertores e travesseiros espalhados no chão. Elas estavam bem na frente de uma enorme janela. A fechadura da porta da garagem era frágil, na melhor das hipóteses.

Endireitando-se, ela empurrou uma poltrona na frente da porta. Em seguida, moveu o sofá para bloquear as janelas. Suas amigas pareceram entender o que ela estava fazendo, porque Aria correu para a cozinha e colocou cadeiras como barricadas contra as portas de correr. Hanna verificou e reverificou os ferrolhos da porta da frente, também.

Não havia nada a fazer depois disso, exceto se trocar para as camisetas e calças de pijama que Emily emprestou para todas e se amontoar juntas sob as cobertas. Por um longo tempo, elas ficaram muito tranquilas, escutando os sons das respirações das outras. Emily considerou ligar a TV, mas ela sabia que nenhuma delas iria assistir. Ela nem sabia o que falar. Ela continuou atualizando o celular dela, pensando que algo seria publicado sobre um assassinato na propriedade de Ashland. Mas não havia nenhuma notícia. Hanna entrou no site de vigilância várias vezes. Os sinais ainda estavam cortados, as imagens da casa desaparecidas.

Toc.

Emily levantou. O cabelo na parte de trás do pescoço dela levantou-se.

Toc.

— O que foi isso? — Hanna sussurrou.

Emily pensou que iria vomitar. Parecia que estava vindo da cozinha. Ela tentou ouviu melhor. Em seguida, uma enxurrada de sons batendo se seguiu, e as meninas gritaram e seguraram umas às outras ainda mais apertado. Mas, então, Emily percebeu o que os sons eram.

— É a máquina de fazer gelo — ela sussurrou, levantando-se e apontando para a geladeira pela porta da cozinha. O eletrodoméstico era mais velho; às vezes o gelo batia no balde com um som grande e alto. Sentindo-se corajosa, ela olhou para a sala escura. As cadeiras da cozinha ainda estavam contra as portas de correr. A bolsa que a sua mãe tinha levado para a festa estava na ilha, seu fecho prata cintilando em um único feixe de luz de cima da pia.

— Ali não está aqui — disse Emily quando ela se virou de volta para suas amigas.

Aria se contraiu. — Ainda não.

Elas voltaram para os cobertores. Emily olhou para a escuridão, sua mente frenética e alerta. As horas se passaram arrastando. Cada ruído, cada pequeno clique, a deixava em pânico. Ela sentiu-se cochilando de vez em quando, e saltando de volta à consciência depois de apenas alguns minutos de sono. Na última vez, quando ela acordou, o cheiro de baunilha pesava na sala. Uma figura estava sobre ela. Emily piscou com força. O cabelo loiro de Ali caía em cachos cheios de nós para baixo do seu peito. Seus olhos estavam ocos e sua postura curvada.

Emily sentou-se apressadamente, seu coração pulando em sua garganta. Ela estava antecipando isso, mas ainda assim era horrível. — Por favor — disse ela, recuando. Ela olhou para suas amigas. Surpreendentemente, todas elas ainda estavam dormindo. — Por favor, não nos machuque.

Ali inclinou a cabeça e ofereceu a Emily um sorriso. — Oh, Em. Eu não vou te machucar. Você *me* machucou.

— O quê? — Emily sussurrou. Ela olhou para suas amigas, mas nenhuma delas se mexeu ainda. — O que você quer dizer?

O sorriso de Ali não vacilou. — Você vai ver. — Então ela tirou a cadeira que Emily tinha empurrado na frente da porta da garagem e passou através dela. Um risinho fraco se arrastou atrás dela. Ela bateu a porta com força com um estrondo.

Emily levantou e olhou em volta. Uma luz pálida era transmitida através das janelas. A sala já não cheirava a baunilha. Ela passou as mãos ao longo das costas de seu pescoço suado. E se ela tivesse sonhado isso?

Houve outro estrondo, mas desta vez foi seu pai abrindo e fechando os armários da cozinha. Hanna se agitou ao lado de Emily. Aria rolou para o lado dela. Spencer levantou com os olhos arregalados. — Que horas são? — ela sussurrou. — O que aconteceu?

— Já é de manhã — disse Emily groguemente, olhando para a sala vazia novamente. Ali parecia tão real. — E não aconteceu nada.

Todas se entreolharam, piscando com força. *Não aconteceu nada*. Isso na verdade era mais chocante do que Ali invadir.

— Talvez eles a pegaram — Spencer sussurrou.

A boca de Aria caiu aberta. — Talvez tenha acabado.

— Talvez — disse Emily, trêmula. Mas ela não conseguia parar de pensar no que Ali — ou a Ali do sonho — disse. *Eu não vou te machucar. Você me machucou.* Isso significava alguma coisa. Emily só não sabia o quê.

32

TUDO FICA BEM QUANDO ACABA BEM

Hanna nunca tinha estado tão cansada em sua vida. Ficar acordada a noite passada, de olho na porta, certa de que Ali ia aparecer a qualquer momento, era mais cansativo do que qualquer noite em claro que ela já tinha passado. Pior do que a noite que elas pensaram que tinham acidentalmente cegado Jenna Cavanaugh com fogos de artifício. Pior do que a noite da morte de Mona, quando ela tinha ficado acordada toda a noite, se perguntando como a melhor amiga dela poderia ter sido A. Pior do que a noite em que ela tinha visto o corpo morto de Ian Thomas — Hanna não conseguia tirar a visão ou o cheiro da sua mente. Hoje, seus membros pareciam como se tivessem corrido sucessivas maratonas. Ela fez um enorme esforço para ir para casa, trocar de roupa e estar pronta a tempo de chegar cedo para seu novo papel como Hanna Marin.

Havia nós em seu estômago enquanto ela dirigia para o set. Por que ela estava fazendo isso mesmo? Ela conseguiu o papel de Hanna, mas a vitória veio com um custo demasiado elevado — ela tinha perdido Hailey e Mike, e quem sabia se muitas outras pessoas no set iriam odiá-la, também, vendo-a apenas como uma vadia traidora e excessivamente ambiciosa? Além disso, ela parecia horrível hoje, e certamente ela não estava preparada para sua performance — Hank provavelmente iria demiti-la no local. Ela deveria se demitir e livrá-lo desse problema?

Ela parou em um semáforo vermelho e olhou para o celular. Um feed de notícias local de Ashland estava em sua tela, mas ainda não havia nada sobre a investigação policial na casa da piscina. Mas isso tinha que ser uma coisa boa, certo? Ela e as outras tinham falado sobre isso antes de elas saírem da casa de Emily esta manhã. A notícia de que Alison DiLaurentis ainda estava viva — e que tinha matado mais alguém — era uma coisa enorme. Uma incompetência do FBI, na verdade. Claro que a polícia iria manter a imprensa à distância durante o tempo que eles poderiam até que seu pessoal das relações públicas descobrisse como girar positivamente as coisas.

O sinal ficou verde, ela passou por ele e fez a volta para o set. O estacionamento estava quase vazio, e enquanto ela dirigia passando pelos estúdios,

ela espiou o beco onde *Quebre umA perna, Hanna* tinha sido escrito no chão com giz.

Ela encontrou um lugar bem na frente de seu trailer. Suspirando, ela saiu do carro e dirigiu-se para as escadas, tentando descobrir como ela iria dizer a Hank que não queria o trabalho, afinal. Então ela notou alguém de pé sobre os degraus, bloqueando seu caminho para dentro.

Hailey.

O coração de Hanna caiu. Hailey parecia cansada e esgotada, seu cabelo escuro como um nó confuso na cabeça e sua maquiagem um pouco borrada. Quando ela notou Hanna, seus olhos se estreitaram e seus lábios ficaram tensos. Hanna desejou que ela pudesse girar ao redor e fingir que não a tinha visto. Ela não poderia ter um confronto agora.

Mas Hailey estava bem ali, olhando para ela. Depois de um momento, ela acenou para Hanna em saudação. — Então, meu agente me enviou gravações do filme ontem — ela começou. — Eu tinha que ver o meu desempenho como Hanna Marin de perto e particularmente.

— Oh — disse Hanna incertamente, se perguntando onde esta conversa iria dar.

— E eu era *horrível*.

A cabeça de Hanna levantou. Os olhos de Hailey estavam arregalados e ela parecia perturbada, mas não para Hanna. — Eu era *terrível*, Hanna. Eu usei aquela voz estúpida, e eu estava mascando chiclete o tempo todo — eu nem mesmo sei por que fiz isso. Meus movimentos estavam por todo o lugar. Meu agente falou, tipo, *Graças a Deus você saiu daquela coisa. Você foi um desastre.*

— Não, você não foi! — Hanna falou automaticamente.

Hailey baixou o queixo. — Não minta para mim *de novo*, Hanna. Eu era terrível. Hank estava certo ao se livrar de mim. E você sabe de uma coisa? Eu meio que sabia que eu era terrível, no fundo. Eu nunca me senti bem interpretando você.

Hanna torceu desajeitadamente suas mãos. — Bem, eu sinto muito em ouvir isso. — Foi tudo o que ela conseguia pensar para dizer.

— Oh, tanto faz. — Hailey acenou com a mão. — Você sabe quem eu acho que seria boa interpretando Hanna Marin? *Você*.

Hanna riu nervosamente. Hailey não parecia estar brincando, no entanto. Na verdade, ela estava meio que... sorrindo.

— Na verdade, eu acho que eu não quero o papel — disse Hanna. — Não mais.

— Você está brincando? — Hailey explodiu. — Você vai ser *incrível* no filme, Hanna — de uma forma que eu não era. Então faça isso por mim. *Por favor.*

Hanna piscou forte, surpresa por isso estar acontecendo. — Me desculpe por eu ter perguntado a Hank por trás das suas costas. Mas eu realmente pensava que você não queria mais esse papel. Eu não estava tentando ser má, ou...

— Eu sei. — Hailey encostou no trailer de Hanna. — Está tudo bem. — Ela olhou contemplativamente por um momento, em seguida, acrescentou, — E eu sinto muito por enviar aquela foto ao TMZ. Isso foi muito mal-intencionado da minha parte. Espero que Mike não esteja muito chateado.

Hanna olhou para o lado, lágrimas formigando nos cantos dos seus olhos. — Na verdade... eu acho que isso arruinou a minha relação com Mike para sempre.

Um canto da boca de Hailey levantou ligeiramente. — Não tenha tanta certeza disso.

Então ela se virou. A porta do trailer se abriu. Mike estava na porta, vestido com uma camiseta de lacrosse e calça jeans e com um olhar tímido no rosto. A boca de Hanna caiu aberta.

— Oi — ele disse timidamente para Hanna.

— O-oi — ela também gaguejou timidamente de volta.

Hailey sorriu para os dois. — Eu liguei para Mike esta manhã e expliquei tudo, especialmente sobre como aquele beijo com Jared foi completamente iniciado por ele e totalmente inofensivo. — Ela abriu um largo sorriso. — Você tem um protetor, Hanna. Eu gostaria de ter a mesma sorte.

— Obrigada — disse Hanna hesitantemente. Em seguida, ela olhou para Mike.

Ele ainda estava sorrindo. — Me desculpe por eu não ter contado sobre o beijo.

— Me desculpe por eu não ter lhe dado a chance de explicar — disse Mike. Então ele sorriu maliciosamente. — Embora, agora que você é uma estrela de cinema importante, você acha que você poderia talvez fazer com que esse Jared seja demitido? Quero dizer, eu só não quero que ele pense que ele pode sair por aí beijando você, mas também porque ele realmente não tem a minha *vibe* de jeito nenhum.

Hanna deu uma gargalhada. — Só se você se prontificar a interpretar você mesmo.

— De acordo — disse Mike. — Agora, venha aqui e me abrace para que possamos compensar as poucas horas que eu tenho até que eu tenha que pegar um trem de volta para o acampamento de futebol.

Hanna correu até ele e caiu em seus braços, apertando-o tão firmemente quanto pôde. Era incrível. De uma só vez, tudo estava bem de novo. Não seria maravilhoso se as coisas apenas... *ficassem* desse jeito?

Uma nova sensação floresceu dentro dela. Hanna se deleitou com a sensação estranha. Era tão desconhecida que no início ela não poderia nem mesmo nomeá-la. Mas então ela percebeu o que era. *Esperança.*

33

NENHUMA IMPRENSA É MÁ IMPRENSA

Aria estacionou em uma rua lateral em Old Hollis e olhou em volta. O mesmo Mercedes surrado, o Jaguar vintage e o VW Bus laranja brilhante a cercava no meio fio. Havia os mesmos vasos de plantas na varanda da frente da grande casa vitoriana em frente à galeria, e o mesmo arco-íris da bandeira do orgulho gay acenava da varanda da frente da casa ao lado de estilo Tudor. O bairro não foi alterado... Era só Aria que estava diferente.

Um casal mais velho saiu da galeria de mãos dadas. Aria se abaixou atrás de um arbusto, não exatamente querendo que ninguém lá dentro a visse ainda. Ela não estava pronta para fazer isso.

Ela olhou para o celular de novo. PEQUENA FRAUDULENTA, lia-se na primeira página do *New York Post*. Frank Brenner, o repórter que tinha ligado para ela ontem, havia escrito sobre a transação falsa usando o nome de John Carruthers como um golpe publicitário de Aria. "A minha mãe atendeu a chamada, então eu tive que disfarçar minha voz", Brenner citou Aria dizendo. Ele também havia dito que Aria parecia muito "perturbada" no telefone quando ele ligou para ela, claramente, porque "ela ficou horrorizada por ter realmente sido pega".

A história também dizia que uma instituição bancária estava rastreando a origem desses recursos, implicando que Aria tinha usado aleatoriamente a conta de alguém. Em um mundo normal, isso seria uma coisa boa, a conta levaria de volta para Maxine Preptwill. Mas Aria sabia que Ali era inteligente demais para ser desleixada; ela provavelmente usou o nome e o número da Segurança Social de Aria no banco. Porque ela era *desonesta a este ponto*.

Tudo estava uma bagunça. Patricia, a agente de Aria, tinha ligado um zilhão de vezes, mas Aria não tinha atendido, muito envergonhada de ter a conversa inevitável. Ela não podia nem mesmo ouvir as mensagens de Patricia. Havia outras ramificações, também. Como isso afetaria Ella? A mãe dela tinha facilitado a venda; e se a imprensa pensasse que ela estava envolvida no esquema fique-famosa-rápido de Aria? E se Carruthers a processasse? Será que o chefe de Ella demitiria a mãe dela? E se ela estivesse na lista negra do mundo da arte? E se toda a galeria fechasse

devido a este estúpido — e falso — escândalo?

E depois havia as mensagens de Harrison. Na última noite estavam cheias de preocupação; ele perguntou para onde Aria tinha desaparecido. As desta manhã estavam um pouco mais cautelosas: *Eu vi a notícia. Foi por isso que você fugiu na noite passada? Podemos conversar? Eu gosto de você, não importa qual seja a verdade.*

Ela olhou a mais recente dele. Era doce Harrison dizer que ficaria com ela, mas a coisa era, Aria não queria que ele fosse seu namorado. Bem-lá-no-fundo, Aria sabia que ela não sentia nada por ele. Ela desejou que ela sentisse. Seria muito mais fácil.

Mas seus sentimentos eram seus sentimentos.

Suspirando, ela escreveu uma resposta. "*Não é verdade, mas eu não posso entrar nisso agora. Para ser honesta, eu meio que preciso do meu espaço. Sinto muito. Boa sorte com tudo.*" Então ela clicou em ENVIAR. Era irônico, ela percebeu, o quanto sua mensagem soava como o que Noel tinha dito a ela apenas duas semanas atrás. Mas ela enviou-a de qualquer maneira, necessitando apenas que estivesse acabado.

Respirando fundo, Aria começou a subir a calçada. Cada passo para a galeria era doloroso. Ela abriu a porta, estremecendo com as badaladas dos sinos alegres. Sua mãe estava em pé no balcão, olhando para alguns papéis. Ela olhou para cima, diretamente nos olhos de Aria. Calor encheu as bochechas de Aria. *Aqui vai.*

Ella arrastou-se para ela. — Adivinha quem teve mais duas vendas hoje? — ela falou alegremente. Ela acenou para alguns documentos enviados por fax no rosto de Aria. — Um comprador de Maine e alguém da Califórnia. Não por tanto quanto a pintura de Ali foi vendida, mas ainda assim — parabéns!

Aria piscou. O comportamento animado da sua mãe era desolador. Isso era ainda pior: Ela não *sabia* ainda.

Sem dizer nada, Aria pegou o celular e clicou no ícone do Safari. O artigo do *Post* ainda estava aberto. — Você deveria ver isso.

Ella olhou para ele, depois deu de ombros. — Eu já vi. — Ela ajeitou o cabelo de Aria atrás de seus ombros. — Sua agente me contou. Espero que esteja tudo bem, ela estava tentando falar com você, mas você não estava atendendo, e seu correio de voz estava cheio. É este o verdadeiro motivo para você ter fugido na noite passada? Você deveria ter me dito, Aria.

Aria piscou, então assentiu. Ela havia descoberto ontem à noite. Parecia uma boa desculpa para explicar sua misteriosa ausência.

Ella olhou para o celular de novo. — Seu primeiro artigo no *Post* — e na primeira página, também! Estou muito orgulhosa.

— Mãe — gritou Aria. Ela não podia acreditar o quão oblíqua sua mãe estava sendo. — A história é horrível. E falsa. Eu não fingi ser o assistente de Carruthers ou mandei qualquer outra pessoa fingir. Eu não tive nada a ver com essa venda de jeito nenhum — para ser honesta, eu fiquei horrorizada quando a pintura de Ali foi vendida. Eu já ia queimá-la.

Ella olhou para ela atentamente. — Aria, é claro que eu sei que você não tem nada a ver com isso. — Ela colocou os papéis de volta na mesa. — Você está realmente preocupada com esse artigo? Se você realmente quer ser uma artista, você vai ter todos os tipos de coisas loucas escritas sobre você, um monte de críticas negativas, muitas delas serão mentiras. Meu palpite? Alguém usou o nome de Carruthers, porque ele ou ela não queria admitir quem era. Talvez seja alguém conhecido. Ou talvez seja uma celebridade!

Aria olhou para sua mãe. Bem, Ali era as duas coisas. — E-então você não está com raiva? — ela finalmente perguntou.

Ella caminhou até o canto da galeria e ajeitou uma paisagem torta do rio Brandywine. — A transação não tem nada a ver com você, querida. Todos nós sabemos disso. Além disso, a sua agente me disse que esse escândalo na verdade aumentou até mais o interesse em seus quadros. O comprador em Maine comprou especificamente depois que o artigo do *Post* saiu. Sasha estava lá quando ele chegou — ela disse que ele era um cara bastante jovem, de trinta e poucos anos, superartístico. Seu nome era Gerald French.

Aria piscou com força. Então, os planos de Ali para arruiná-la realmente *não* deram certo? Ela quase não conseguia engolir isso. Ela olhou ao redor, à espera da galeria explodir ou Ella cair de joelhos, gravemente intoxicada por alguma comida. *Alguma coisa*. Mas Ella apenas sorriu calorosamente, em seguida, foi para a sala dos fundos, onde se mantinha o inventário.

Os sinos na porta soaram novamente, e Aria se virou. — Oh meu Deus — ela deixou escapar, sua boca movendo-se antes de seu cérebro. De pé na porta, com as mãos enfiadas nos bolsos, estava Noel.

Uma expressão nervosa passou pelo rosto de Noel. Aria sentiu o sangue subir-lhe ao rosto mais uma vez. A lembrança de seu beijo no banheiro pulsava em sua mente. Com toda a coisa de Ali e da fraude, ela o empurrou para segundo plano.

— Uh, oi — disse Noel. Ele lambeu os lábios. — Eu queria ver se você estava,

hã, bem. Estavam procurando você na festa ontem à noite. Ninguém conseguiu encontrá-la.

— Eu estou bem — disse Aria. Ela olhou para o chão. — Obrigada por vir verificar.

— É claro que eu viria verificar.

Aria elevou a cabeça, cheia de confusão súbita — e raiva. — O que você quer dizer com *é claro*? Eu estava praticamente morta para você.

— Sim, bem, eu acho que foi um erro. — Seus olhos estavam enrugados e cheios de remorso. Ele parecia sério. Uma rachadura se abriu em seu interior. Será que ele a queria de volta?

Aria queria que isso fosse o suficiente, mas de repente ela se sentia tão exausta. — Noel, você me colocou em uma montanha-russa nas últimas semanas — disse ela. — Eu estive para cima, depois para baixo, e em seguida *miserável*. Eu estava apenas começando a me sentir melhor sobre as coisas quando a noite passada aconteceu.

— Eu sei.

— Quero dizer, primeiro você quer que fiquemos separados, depois você está com Scarlett, depois você me *beija*, então você foge, e...

— Eu sei — interrompeu Noel. Ele deu um passo hesitante para frente. — Sem contar o que eu fiz para você *antes* de tudo isso.

— Você basicamente... me largou — disse Aria, sentindo-se sufocada.

— Eu *na verdade* nunca larguei você — disse Noel suavemente. — E eu sinto muito, por tudo.

— Mas e quanto a Scarlett?

— Nós terminamos. Ela simplesmente... não é você. — Ele passou a mão pelo cabelo. — Olha, eu pensei que colocar alguma distância entre nós nos daria tempo para... pensar, talvez. Processar. Mas eu não consigo parar de pensar em você. Eu segui o seu sucesso na arte, sabe. É tão incrível. E então aquela história que saiu hoje — eu sei do que se trata, também.

Aria olhou para ele bruscamente. — O que você quer dizer com você *sabe*?

A boca de Noel contraiu. — Eu acho que eu sei quem está por trás disso. Estou certo?

Aria olhou por cima do ombro, mas Ella ainda estava na parte de trás.

Ela deu a Noel um aceno ínfimo. — Ela tem um monte de fãs — foi tudo que ela disse.

Noel acenou de volta. — Bem, eu espero que você saiba que eu não sou um deles.

Aria respirou. Isso ainda não tinha ocorrido a ela... mas talvez deveria ter. Ele havia sido manipulado por Ali antes. Então ela suspirou. — Bem, só porque você sabe sobre isso não significa que você vai ser envolver.

— Eu espero que você não se envolva, também.

Aria deu de ombros. Não valia a pena explicar-lhe agora. Ela esperava que tudo estivesse acabado.

Noel arrastou os pés. — Mas, além disso, eu sinto sua falta. Eu não consigo parar de pensar em você.

Aria sentiu um nó na garganta. — Eu não consigo parar de pensar em você, também. Mas, quero dizer...

Noel a cortou. Com a ponta de seu dedo, ele inclinou seu queixo para que ela estivesse olhando para ele. — Isso não é o suficiente para nós tentarmos de novo? — ele perguntou.

Aria puxou o lábio inferior para sua boca. A pele de Noel cheirava a sabão de aveia que sua mãe sempre colocava no quarto da família. E, quando ela olhou para seus dedos, ainda em seu queixo, ela percebeu que ela conhecia cada centímetro de suas mãos de cor — a cicatriz no lado do polegar de quando ele se cortou esculpindo uma abóbora de Halloween, como as palmas das suas mãos ficavam rachadas no inverno, o inchaço na parte de trás de sua mão de uma queimadura antiga que ele não se lembrava de ter tido. Ela achou que o conhecia de cor, também — mas ele a tinha surpreendido ultimamente. E não eram boas surpresas, tampouco. Como ele iria surpreendê-la no futuro?

Se ao menos ela vivesse em um mundo sem surpresas — sem Ali voltando à vida, sem mensagens maldosas de A, sem segredos horríveis que um namorado escondia dela há anos. Mas será que também significaria que ela perderia boas surpresas? Como o Rosewood Típico Noel Kahn se transformando em um Rosewood atípico. Como o mundo da arte aceitando-a de qualquer maneira, apesar dos melhores esforços de Ali.

Como Noel voltando atrás e querendo aproximá-los de novo.

Aria levantou os dedos de seu queixo. Depois de um suspiro, ela se inclinou

para frente, como fizera tantas vezes antes.

É isso aí, sua mente disse enquanto eles se beijavam. Isso era o certo. Este era o seu lar.

34

SPENCER ESCRITORA

Ping. Ping. Ping.

A caixa de entrada do e-mail de Spencer estava apitando sem parar. Ela pegou seu celular pela sexta vez naquele minuto e olhou para a tela, ansiosa de que pudesse ter algo a ver com o que a polícia encontrou na casa da piscina. Ela configurou as Alertas do Google para "Alison DiLaurentis", "Nicholas Maxwell", e até mesmo o endereço do imóvel. Mas repetidamente, era outro e-mail de pessoas que tinham contribuído para o site de bullying, parabenizando-a por fazer parte do vídeo do grupo anti-bullying. Ontem à noite, a organização enviou um comunicado à imprensa falando sobre o filme. O nome e as credenciais de Spencer tinham sido mencionados.

Ela clicou no comunicado da imprensa, que estava ligado a um vídeo do YouTube. *Posicione-se: Prévia de Jovens Falam Abertamente*, dizia o título. Spencer pressionou PLAY, assistindo clipes de si mesma e dos outros respondendo perguntas. A câmera mostrou a plateia, fazendo uma pausa em Greg. Seu coração saltou no peito. Imagina o que os organizadores fariam se soubessem que ele era um valentão, um Ali Cat.

Ela digitou o seu nome, *Greg Messner*, no Google. A página do Facebook que ela olhou muitas vezes apareceu; ela dizia que ele morava em Delaware, mas não listava uma escola e, certamente, não mencionava um endereço. Spencer passou através dos seus amigos; ele tinha conhecido pessoas de Nova York, Massachusetts, Maine, Indiana, Califórnia e Novo México. Nem uma única pessoa na sua lista de amigos era de Delaware — será que ele morou lá mesmo? Então Spencer pensou em sua história sobre sua madrasta o repreendendo e intimidando. E se isso tinha sido uma mentira, também?

Era possível que toda a sua persona fosse uma mentira, assim como ele tinha inventado Dominick. Ela podia imaginar Greg e Ali tramando a coisa toda juntos, rindo sobre como Spencer definitivamente iria se apaixonar por ele. Mas aqui estava a pergunta de um milhão de dólares: Por que Greg voltou-se para Ali, em primeiro lugar? Por causa de algum desgosto retorcido e psicótico? Ali havia lhe prometido

alguma coisa?

O sino de igreja que ela tinha definido como seu toque começou a retumbar, e ela se lançou para o celular dela, ansiosa por respostas. O identificador de chamadas mostrava um número 212. Spencer atendeu.

— Spencer — uma voz familiar soou através do receptor. — É Alyssa Bloom! Como você está?

Spencer piscou. Levou um momento para ela lembrar que Alyssa era a editora da HarperCollins. — Eu estou bem — disse ela, sentando-se reta. — Como você está? — Eu estou muito bem. — A Sra. Bloom parecia que estava sorrindo. — E parece que você também. Eu vi que você fez parte de um vídeo anti-bullying. E seu blog está indo incrivelmente bem.

— Obrigada — disse Spencer, trêmula. — Estou muito feliz que você pense assim.

— Isso não é tudo que eu penso — disse Bloom. — Escute, eu falei com algumas outras pessoas no escritório, e nós realmente achamos que o conceito que você criou no seu blog poderia ser transformado em um livro. Se você estiver interessada, eu gostaria de oferecer-lhe um contrato de dois livros.

— O quê? — As pernas de Spencer ficaram trêmulas. — Você está falando sério?

— Eu não sou de brincar com esse tipo de coisa. É o momento certo para publicar algo como isso, Spencer. E você é a pessoa certa para contar essas histórias. Agora, quanto ao pagamento...

Ela recitou uma quantia surpreendente de dinheiro, tão surpreendente que Spencer se sentou na bunda dela e olhou fixamente através do quarto. Isso estava acontecendo. *Realmente* acontecendo. Ela ia começar a escrever um livro — *dois* livros, na verdade. Ela esperava que eles fossem significativos e úteis, e que algo de bom pudesse sair de todo o abuso de A.

Mas, de repente, as imagens das outras crianças no palco do vídeo anti-bullying nadaram em sua mente. E então ela pensou nas crianças que tinham enviado por e-mail as suas histórias. Algumas delas estavam em situações de vida horríveis. Muitas delas eram de classe baixa. Muitas delas queriam as roupas certas, os sapatos ou os acessórios que coubessem, mas não podia comprá-los — e esse era o motivo estúpido para valentões ter eles como alvo.

A confiança que eles tinham depositado nela. O apoio honesto, sério que eles

tinham dado a ela quando descobriram que ela estava naquele vídeo. Eles não tinham que fazer isso. Eles poderiam ter sentido ciúmes por que *eles* não tinham conseguido essa atenção em seu lugar. Isso a fez pensar nas palavras de Dominick — ou, na verdade, de Greg — *Você está fazendo isso apenas para tirar proveito do que aconteceu com você.*

Será que ela estava?

— Spencer? Você está aí?

Spencer limpou a garganta e apertou o celular no ouvido. — Isso tudo parece maravilhoso — disse ela. — M-mas eu estou querendo saber. Talvez todos que contribuíram pudessem ser coautores, também. Eu não posso aceitar todo esse dinheiro para mim.

Alyssa Bloom riu. — Você pode dividir o dinheiro da maneira que quiser.

Ela deu a Spencer mais alguns detalhes, principalmente sobre prazos e datas para venda e possíveis reservas de tours. Spencer mal ouviu, seu coração estava batendo forte demais. Ela provavelmente disse "obrigada" uma centena de vezes antes de ela desligar. Então, ela sentou-se calmamente em sua cama, tomando algumas respirações. Ela já estava pensando nas histórias que ela queria incluir nas páginas. Ela mal podia esperar para contar aos contribuintes que eles lucrariam com isso, também. Depois do que eles tinham passado, eles mereciam.

Tome isso, Ali, ela pensou com satisfação. Ela achava que era tão inteligente com seus seguidores, suas repetições na câmera de vigilância e seus truques de fuga rápida. Mas aqui estava algo maravilhoso que tinha acontecido que Ali não tinha reprimido. Talvez ela estivesse perdendo o jeito.

Ping.

Ela olhou para o celular de novo, se perguntando se era da Sra. Bloom — ela tinha dito que ia mandar um e-mail. Mas era um Alerta do Google de "Ashland, PA."

Ela abriu e olhou mais de perto. O Google não abriu a história da casa da piscina. Em vez disso, a manchete dizia HOMEM JOVEM ENCONTRADO MORTO POR TRÁS DO MINIMERCADO TURKEY HILL EM ASHLAND.

Com as mãos trêmulas, Spencer abriu o link para um site chamado *Ashland Herald:* FUNCIONÁRIOS ENCONTRARAM O CORPO DE UM HOMEM DE BRUÇOS NO RIACHO ATRÁS DO MINIMERCADO TURKEY HILL NO SUDOESTE DE ASHLAND ESTA MANHÃ DEPOIS DE RECEBER UMA

CHAMADA DO 911 DE UM HOMEM PASSEANDO COM SEU CACHORRO. A POLÍCIA DESCREVEU O HOMEM COMO DE

CABELO ESCURO, VESTIDO COM UMA JAQUETA, UMA CAMISA E GRAVATA,

SAPATOS DE AMARRAR, E COM A TATUAGEM DE UM PÁSSARO NA COSTAS DA MÃO. UMA CARTEIRA DE MOTORISTA FOI ENCONTRADA COM ELE, MAS OS FAMILIARES NÃO FORAM ENCONTRADOS PARA IDENTIFICAR O CORPO. A CAUSA DA MORTE É INCERTA.

Spencer estava tão horrorizada que ela jogou o celular do outro lado do quarto. Uma camisa e gravata. Sapatos de amarrar. Uma tatuagem de um pássaro nas costas de sua mão. Era Greg.

Ela se levantou e andou ao redor do quarto.

O que aconteceu depois que ele deixou Spencer? Talvez ele quisesse ver Ali em pessoa, finalmente — e ele sabia onde ela estaria. Afinal de contas, ele disse que estava apaixonado por ela.

Spencer parou de andar, percebendo algo enorme. Talvez fosse o sangue *de Greg* por toda a casa da piscina. Isso fazia sentido total. Ali o matara porque Greg tinha quebrado uma regra básica dos Ali Cat.

Nunca beijar e contar.

35

O PLANO MESTRE

Naquela manhã, Emily estava sentada em seu quarto com a caixa de posses de Jordan na frente dela no colchão. Ela passou as mãos sobre os seus lados de papelão liso, então pensou sobre o que ela estava prestes a fazer. Depois que ela olhasse o que havia dentro, ela ia fechar a caixa de novo e enterrá-la no quintal. Assim como ela e suas amigas tinham enterrado coisas que lhes recordavam da Sua Ali.

Não que Emily quisesse esquecer Jordan — de jeito algum. Haveria um funeral de verdade para Jordan na próxima semana, em Nova Jersey, e Emily planejava participar. Mas o funeral seria estranho e impessoal: Outras pessoas estariam no púlpito, fazendo discursos sobre quem eles achavam que Jordan era. Ninguém da família de Jordan conhecia Emily; nenhum deles tinha alguma ideia do que Emily e Jordan significavam uma para a outra. Emily seria apenas mais uma enlutada, uma estranha. Ela precisava de alguma forma homenagear Jordan a sua própria maneira, aqui, sozinha, apenas ela. Enterrar a caixa parecia certo.

Respirando fundo, ela levantou a tampa e tirou o plástico bolha. Uma camiseta cuidadosamente dobrada estava no topo, seguido por um par de jeans. Emily puxou os para fora e sentiu uma lufada de dor, pois ainda cheiravam a Jordan, apesar de estar claro que tinham sido lavados. Ela os apertou no nariz, inalando várias vezes. O tecido era tão macio contra sua pele, tão suave como Jordan tinha sido. Ela correu os dedos ao longo da bainha do jeans, do botão na cintura. Era quase demais para suportar.

Mas ela continuou. Sob o jeans, ela encontrou os brincos que ela temia que ela veria, os pequenos pingentes de diamantes que Jordan tinha usado desde o primeiro dia que Emily a conheceu. Eles estavam em um saco plástico, e Emily estava emocionada demais até mesmo para pegá-los. Abaixo disso havia uma pequena bolsa contendo dinheiro, um cartão-chave para um hotel Marriott e um recibo do McDonald de um lanche com nuggets de frango e uma pequena Coca Diet.

Mas foi o que estava na parte inferior da caixa que fez seu coração parar. Lá, dobrado várias vezes, enrugado e desgastado, o papel amassado como se tivesse

passado por uma máquina de lavar algumas vezes, estava um desenho que Emily tinha dado para Jordan quando elas estavam no cruzeiro. Ela tinha feito em um papel timbrado do navio de cruzeiro, desenhando uma imagem de si mesma e Jordan como bonecos de palito, de pé sobre um barco e de mãos dadas. *Nossa viagem*, ela tinha escrito, e então ela tinha descrito, em palavras e imagens, as suas aventuras na tirolesa, a longa caminhada que tinham feito na praia isolada, e o momento em que tinham roubado o barco em Porto Rico para dar um passeio em torno do porto. Emily tinha desenhado ela e Jordan se beijando — o primeiro beijo delas — adicionando um *Maravilhoso!* e desenhou um pequeno coração em torno delas duas em caneta vermelha.

Os olhos de Emily arregalaram. O pequeno desenho tinha sobrevivido ao mergulho no porto. Ele havia sobrevivido às viagens de Jordan ao sul e todos os seus esconderijos. E havia outra coisa, também: um segundo coração em torno do vermelho, um mais recente desenhado em azul. Jordan deve ter desenhado ele depois que ela fugiu do barco — a tinta não parecia tão desbotada. O que significava que, mesmo depois de Jordan pensar que Emily a tinha traído, ela tinha desenhado o coração e levado o desenho com ela de qualquer maneira, sem jogá-lo fora. Talvez ela, como Emily, sabia que algum dia elas resolveriam tudo.

Lágrimas quentes correram pelo rosto de Emily, ofuscando sua visão. Ela chorou por um longo tempo, com soluços convulsivos, mas também catárticos. Finalmente, quando ela se sentiu drenada, ela colocou tudo de volta na caixa, exceto o desenho que Jordan tinha guardado. Ela fechou a parte de cima, em seguida, levantou-a em seus braços e começou a descer ao andar de baixo.

Uma pontada bateu nela no meio do caminho. *Como* ela poderia dizer adeus? Como se deixava alguém partir desse jeito? Ela odiava que Ali tivesse feito isso. Mas ela esperava de todo o coração que os policiais tivessem realmente encontrado alguma evidência ou a própria Ali. E que em breve, Ali estivesse atrás das grades. Em algum lugar escuro. E miserável. E totalmente sem esperança.

Algo fora da janela chamou sua atenção. Aria parou no meio-fio. O carro de Spencer estava atrás do dela, e Hanna dirigia o seu Prius e estacionou na garagem. Aos poucos, as meninas saíram e andaram em direção a porta da frente de Emily com toda a sobriedade que os oficiais do governo vinham na porta de uma família para dizer-lhes que o seu filho tinha morrido em uma batalha no exterior.

Emily engoliu em seco. Nenhuma delas havia anunciado que estavam vindo. E se tivessem descoberto algo que ela não tinha? Houve notícias de *Ali*?

Ela colocou a caixa de Jordan nos degraus e abriu a porta da frente antes que elas pudessem tocar a campainha. — O que está acontecendo? — ela sussurrou, dando um passo para a varanda e fechando a porta atrás dela. Seus pais estavam na sala de estar; a última coisa que ela precisava era que eles ouvissem. Eles já fizeram a ela uma tonelada de perguntas sobre todas as coisas barricando as portas esta manhã. — O que aconteceu? É a casa da piscina, não é? Eles encontraram Ali?

— Devagar. — Spencer segurou o braço de Emily. — Nós não ouvimos nada.

Nós pensamos que você poderia ter ouvido.

Emily parou e olhou para elas. — *Nada?*

— Além de Greg aparecer morto em um riacho — disse Spencer. — O que foi, provavelmente, obra de Ali. Ele me disse que a conhecia, e isso foi um grande erro.

Então, ela o matou.

O estômago de Emily revirou. — Você acha que era o sangue dele na casa?

— Eu não sei. Talvez. — Spencer olhou para a rua. Os vizinhos do lado de Emily, um casal mais velho chamado Gauls, estavam trabalhando duro ajeitando os pulverizadores em seu gramado da frente. Quando eles viram as garotas, eles acenaram. Todo mundo acenou de volta, embora não tão entusiasticamente.

— Mas não ouvimos nada sobre a investigação na casa da piscina — continuou Aria. — Eu até tentei ligar para a delegacia de polícia local, mas quando alguém perguntou meu nome, eu desliguei. — Então ela olhou para o saco plástico em suas mãos. — Eu não sei o que fazer com isso. — Ela abriu um pouco; Emily podia ver o vestido amassado que elas encontraram na casa na noite anterior. — Largar anonimamente na delegacia? Queimá-lo?

— Vocês acham que devemos ir até lá? — perguntou Emily. — E se eles tiverem prendido Ali? E se ela foi pega e eles nem sequer nos disseram? — *Isso seria a cara de Fuji,* ela pensou amargamente.

Spencer balançou a cabeça. — O local está, provavelmente, cheio de policiais — nos estarmos lá iria complicar as coisas. Saberemos em breve. Mas estou me sentindo muito positiva, sabe? Eu sinto que isso poderia acabar. E agora poderemos continuar com nossas vidas de verdade.

Emily mordeu o lábio. Lágrimas correram para seus olhos. Ela estava prestes a *enterrar* sua vida. Ela não podia se imaginar seguindo em frente alegremente.

Uma sirene bradou na rua, e todo mundo olhou para cima. Segundos depois,

um carro da polícia apareceu na esquina e começou a rolar em direção a elas. Ele foi seguido por um segundo carro de polícia, em seguida, um terceiro. Emily deu um passo trêmulo para trás, momentaneamente congelada com os faróis. Então ela percebeu quem estava no banco da frente do primeiro carro.

Fuji.

Os carros de polícia deslizaram no meio-fio em frente da casa de Emily e pararam. A Agente Fuji, vestida em um terno preto e óculos de sol, saiu do veículo e caminhou em direção a elas. O rosto da Agente estava severo e duro quando ela se aproximou das meninas. Ela parou e olhou para todas elas. Alguns momentos passaram. Atrás dela, Emily ouviu a porta da frente se abrir. Ela sabia sem olhar que a mãe dela estava ali, olhando.

— Precisamos falar com vocês — disse Fuji com uma voz rouca.

— É claro — disse Spencer rapidamente. — Faremos tudo o que pudermos para ajudar.

— É sobre a casa da piscina, certo? — Hanna perguntou animadamente. — O que vocês acharam?

Fuji fez uma careta. Ela enfiou a mão no bolso e pegou um saco fechado marcado com PROVAS e empurrou nos rostos das meninas. — Nós encontramos isso.

O saco balançou diante dos olhos de Emily. Aos poucos, sua visão se ajustou. Algo perolado, branco e escorrendo sangue estava espremido no canto do saco.

Emily franziu a testa, em seguida recuou. Um *dente.*

— De quem é isso? — Aria gritou.

Fuji tirou os óculos e olhou para elas duramente. Não havia bondade em seus olhos, o que surpreendeu Emily. Fuji deveria estar grata, não deveria? — Eu acho que vocês sabem de quem é, meninas. O que eu quero saber é: Onde está o resto do corpo?

Todo mundo se encolheu. O coração de Emily começou a bater forte. — O resto de *que* corpo? — perguntou Hanna.

— Não era o corpo de Greg no leito do riacho? — Spencer saltou.

Fuji apertou a mão à testa. — Nós sabemos o que vocês estavam fazendo em Ashland, meninas. Temos testemunhas atestando que vocês estavam rondando por lá. Testemunhos sobre as perguntas que vocês estavam fazendo aos vizinhos e

pessoas no minimercado. E, então, encontramos o seu equipamento de vigilância. Vimos o seu trabalho de limpeza de má qualidade por nós mesmos. Encontramos suas impressões digitais por toda a casa.

As palavras de Fuji fizeram sentido para Emily individualmente, mas não como um todo. Ela não podia sequer compreender o que a agente estava dizendo. — Espera — ela desabafou. — Nosso *trabalho de limpeza*? O que você quer dizer?

— Vocês obviamente fizeram algo na noite passada, e, em seguida, tentaram limpar. Mal, eu poderia acrescentar. — Fuji fez uma careta. — Jogar água sanitária a esmo no chão não erradica sangue, senhoritas.

Água sanitária? O coração de Emily parou.

— Nós não limpamos aquilo! — Spencer gritou, entendendo também. — Alguém fez isso! Nós estávamos lá, na casa, no segundo andar. Ouvimos tudo, mas estávamos com muito medo de olhar e ver quem era.

— É verdade — disse Emily. — Foi o nosso equipamento de vigilância que estava espionando, mas foi na esperança de apanhar Ali. Mas não fizemos nada naquela casa. Nós não fizemos mal a ninguém; nós não limpamos nada. Nós só estávamos lá.

— Você tem certeza sobre isso, Emily? — O olhar de Fuji estava sem piscar. — Então você não foi lá e destruiu o lugar alguns dias antes, e em seguida, fez uma ameaça de que você ia *matar* alguém se ela voltasse?

Emily podia sentir suas amigas olhando para ela. Suas bochechas começaram a queimar.

— Do que ela está falando? — Spencer exigiu.

— Quando você disse isso? — Aria sibilou.

— Emily, o que está acontecendo? — disse a mãe de Emily atrás dela.

— As câmeras de vigilância armazenaram gravações dos últimos sete dias — disse Fuji, um pequeno sorriso em seu rosto. — Três delas que encontramos foram quebradas, mas a quarta — a que mostrava o interior da casa — ainda estava intacta, apesar de não estar mais gravando. Vimos você na gravação, Emily. Assistimos você destruindo as coisas, quebrando tudo à vista. Suas digitais estavam por todas as câmeras também. Sabíamos que elas eram suas antes de vocês nos dizerem.

— Eu... — Emily parou. Ela não tinha ideia do que dizer. Ela destruiu a casa. Naquele dia terrível, depois que Jordan morreu, quando ela tinha ido até lá — ela

tinha dito todos os *tipos* de coisas. Mas...

Ela balançou a cabeça. — Tudo bem. Ok. Mas nós não... *matamos* ninguém. Foi *Alison*. Eu juro.

— Isso é impossível! — Fuji esbravejou. Seu rosto estava vermelho brilhante. — Os vizinhos dizem que ouviram gritos. Depois veio uma ligação — de *vocês*. E quanto a esse menino no leito do riacho? — Ela estreitou os olhos. — Como você sabe disso?

O queixo de Spencer balançou. — Eu-eu vi no site de notícias.

Mas Fuji parecia furiosa. A mente de Emily continuou a se desenrolar. Que diabos estava acontecendo? Por que ela de repente parecia tão... acusadora?

— E então, meninas, encontramos o diário — Fuji continuou. — De todas as coisas que vocês fizeram com ela. Toda a *tortura*. Encontramos tudo listado lá. As facas. As cadeias. As cordas. Os alicates e outras ferramentas. — Ela balançou a cabeça com desgostoso. — E vocês pensaram que iam se safar dessa?

— Do que você está falando? — gritou Hanna.

Fuji rangeu os dentes. — Sim, vocês estavam certas sobre uma coisa — Alison *estava* viva. Ela deve ter sobrevivido ao incêndio em Poconos, como vocês disseram. Mas não se façam de idiotas sobre todo o resto. Estou cansada disso, ok?

— O que você quer dizer com *estava* viva? — perguntou Aria, com a voz trêmula e lágrimas escorrendo pelo rosto. E então, lentamente, ela olhou para o saco plástico que ela estava segurando. Fuji seguiu seu olhar. O saco estava apenas um pouco aberto com manchas de sangue no plástico. Os olhos de Fuji arregalaram.

Aria fechou o saco apertado, mas já era tarde demais. Fuji tinha visto. E agora, Emily sabia, a agente iria assumir todos os tipos de coisas. Coisas que não eram verdadeiras.

Veias pularam no pescoço de Fuji. Ela olhou por cima do ombro, indicando que os outros agentes à espera se aproximassem. — Porque era o sangue *dela* por toda a casa da piscina. E este é o seu dente. E nós sabemos que vocês são as responsáveis. — Nós? — O queixo de Emily tremeu. — P-pelo quê?

Ela já sabia a resposta uma fração de segundo antes de ela chegar. Os métodos eram claros, a estratégia tão precisa, astuciosa e sutil que a deixou sem fôlego. A casa da piscina. A câmera em repetição. Levar todas até Ashland naquele exato momento, esperando que elas estivessem no andar de cima e aterrorizadas. Limpar

desordenadamente com a água sanitária, o balde e o esfregão. E, em seguida, o *dente*.

Ali tinha armado para elas. *Espetacularmente.*

Fuji revirou os olhos e disse justo o que Emily temia. — Você *sabe*, senhorita Fields. Pelo assassinato de Alison.

A Autora



Sara Shepard já sonhou em ser estrela de novela, designer de Lego, cineasta, geneticista e editora de moda, mas quando cresceu virou escritora mesmo. Ela se formou na Universidade de Nova York e é mestre em escrita criativa pela Brooklyn College. Atualmente, vive em Tucson, Arizona, com o marido e três cães indisciplinados. A série Pretty Little Liars, inspirada em sua infância e adolescência passadas em uma das cidades mais abastadas da Filadélfia, foi vendida para vários países e também adaptada com sucesso para a televisão.

Star Books Digital



[11] *Valley Girl:* Adolescente feminina idiota e mimada da parte do sudoeste dos Estados Unidos, geralmente rica e branca, cuja língua é um insulto à inteligência humana.